

Sedução

Volume 23 | Nº 1 | Ano 2025



Calibán

Revista Latino-Americana
de Psicanálise



Gihan Tubbeh



Joan Fontcuberta



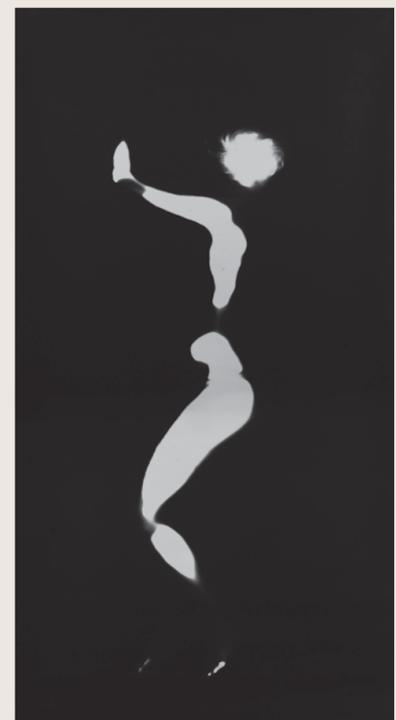
Juan Travnik



Graciela Iturbide



Tatiana Parcero



Florencia Giordana



Guadalupe Miles



Jackie Parisier

Roberto Huarcaya

Cuerpos develados [Corpos desvelados] (2017 - em processo). Série de retratos de fotógrafos, curadores e colecionadores que contribuíram para a visibilidade da produção visual na América Latina. Esses retratos investigam a identidade do sujeito na sombra de seus gestos e de sua postura corporal. Os retratados se deitaram diretamente no papel fotossensível. A série tem atualmente cerca de 100 retratados. Fotogramas de aproximadamente 2,20 m x 1,10 m.



Calibán

Revista Latino-Americana
de Psicanálise

Sedução

Volume 23, Nº 1, Ano 2025

ISSN 2311-3642 - Semestral

Publicação oficial da Fepal (Federação Psicanalítica da América Latina)

Luis B. Cavia 2640, apto. 603
Montevideo, 11300, Uruguay
revistacaliban.rlp@gmail.com

www.facebook.com/RevistaLatinoamericanadePsicoanalisis
www.instagram.com/caliban.rlp

Staff

Editores

- María Luisa Silva (Peru, SPP), Editora-chefe
- Silvana Rea (Brasil, SBPSP), Editora-chefe suplente
- Gabriela Levy (Uruguai, APU), Editora associada
- Adriana Pontelli (Argentina, APC), Editora associada suplente
- Alicia Briseño (México, SPM), Editora associada
- Griselda Sánchez Zago (México, APG), Editora associada suplente

Comissão Executiva

Argumentos: Soledad Sosa (Uruguai, APU, Editora), Daniel Castillo (Uruguai, APU), Silvia Gadea (Uruguai, APU), Miriam Grinberg (México, SFCM), Esteban Jijón (Equador, GPQ), Marina Meyer (México, SPM), Samantha Nigri (Brasil, SBPRJ), Felipe Pardo (Peru, SPP). **Vórtice:** Gabriela Levy (Uruguai, APU, Editora), Adriana Pontelli (Argentina, APC, Editora), María Nilza Campos (Brasil, SPBSb), Ana María Córdoba (Venezuela, SPC), Camila Gastelumendi (Peru, SPP), Ximena Méndez (Uruguai, APU). **Dossiê:** Silvana Rea (Brasil, SBPSP, Editora), Claudia K. Halperin (Brasil, SBPdePA), Judith Harders (México, APM), Paula Ramalho (Brasil, SBPSP), Suzanne Robell Gallo (Brasil, SBPSP). **De Memória:** Alicia Briseño (México, SPM, Editora). **Extramuros:** Griselda Sánchez Zago (México, APG, Editora), Paula Escribens (Peru, SPP, Editora). **Clássica e Moderna:** Claudio Danza (Uruguai, APU, Editor). **El Extranjero:** Marina Meyer (México, SPM, Editora). **Incidente:** Abigail Betbedé (Brasil, SBPSP, Editora), José Galeano (Paraguai, APdeA). **Cidades Invisíveis:** Cláudia Carneiro (Brasil, SPBSb, Editora). **Arte e Comunicação:** Mariana Mantiñán (Uruguai, APU, Editora), Juan Nicolás Cardona (Colômbia, Socolpsi)

Editores de Revisão

Versão em espanhol: Soledad Sosa (Uruguai, APU, Editora), Paula Escribens (Peru, SPP)

Versão em português: Danielle Grynszpan (Brasil, SBPRJ), André Luis Vale (Brasil, SBPRJ), Daniel Senos (Brasil, SBPRJ)

Versão em inglês: Analia Wald (Argentina, APA, Editora), Carolina García Maggi (Uruguai, APU), Ananya Kushwaha (Índia, IPS), Ilse Rehder (Peru, SPP), Adriana Ponzoni (Uruguai, APU), Susana Muszkat (Brasil, SBPSP), Stefan Reich (Peru, SPP), Silvia Acosta (Portugal, SPP; Argentina, APC), Alicia Killner (Argentina, APA)

Delegados Regionais

Fernanda Borges (Brasil, SBPRJ), Abigail Betbedé (Brasil, SBPSP), José Galeano (Paraguai, APdeA), Juan Nicolás Cardona (Colômbia, Socolpsi), Paula Escribens (Peru, SPP), Raquel Plut Ajzenberg (SBPSP), Sandra Selem Ferreira Adami (SPMS), Jacó Zaslavsky (SPPA), Daniela Morábito (SPM), Ramón Florenzano (APCh), Rosa Martínez (APCh), Eduardo Kopelman (APC), Rómulo Lander (SPC), María Arleide da Silva (SPR), Cristina Bisson (APdeBA), Ana María Paganí (APR), Julia Braun (SAP), Paolo Polito (AsoVeP), Julia Casamadrid (APM), Carlos Frausino (SPBSb), Cristina Curiel (SPM)

Conselho de Editores Regionais

Mariano Horenstein (Argentina, APC), Raya Zonana (Brasil, SBPSP), Carolina García Maggi (Uruguai, APU), Abel Fainstein (Argentina, APA), Bernardo Tanis (Brasil, SBPSP), Dominique Scarfone (Canadá, CPS), Elias Mallet da Rocha Barros (Brasil, SBPSP), Laura Veríssimo de Posadas (Uruguai, APU), Leopoldo Bleger (França, APF), Leopold Nosek (Brasil, SBPSP), Marcelo Viñar (Uruguai, APU), Marta Labraga de Mirza (Uruguai, APU), Moisés Lemlij (Peru, SPP), Olgária Cháin Feres Matos (Brasil, FFLCH-USP, EFLCH-Unifesp), Stefano Bolognini (Itália, SPI)

Comissão Diretiva

Presidente

Lilian Hitelman J. (Chile, APCh)

Suplente: Rolando Rebolledo (Chile, APCh)

Secretária-Geral

Nicole Ropert (Chile, APCh)

Suplente: Angela Farrán (Chile, APCh)

Coordenador Científico

Renato Moraes Lucas (Brasil, SPPA)

Suplente: Igor Alcântara (Brasil, SPPA)

Diretora de Comunidade e Cultura

Vera Regina Fonseca (Brasil, SBPSP)

Suplente: Miriam Altman (Brasil, SBPSP)

Diretora de Sede

Julia Ojeda (Uruguai, APU)

Suplente: Gustavo Sogliano (Uruguai, APU)

Diretor de Publicações

Alejandro Beltrán (México, SPM)

Suplente: Ana Laura Huitzil (México, SPM)

Diretora de Conselho Profissional

Alejandra García Tejera (Argentina, SAP)

Suplente: Ileana Gothelf (Argentina, APdeBA)

Coordenadora de Crianças e Adolescentes

Cecilia de Rosas (Argentina, SPM)

Suplente: María José Etienot (Argentina, APC)

Tesoureiro

Oscar Rey de Castro (Peru, SPP)

Suplente: Maricarmen Bello (Peru, SPP)

Revista indexada em Latindex

• *As opiniões dos autores dos artigos são de sua exclusiva responsabilidade e não refletem necessariamente as dos editores da publicação. Autoriza-se a reprodução citando a fonte e apenas com autorização expressa por escrito dos editores.*

• *Se você é responsável por alguma das imagens e não entramos em contato, por favor, comunique-se conosco por email.*

Créditos das imagens

Capas e interiores

Roberto Huarcaya

www.roberthuarcaya.com

Ilustrações de abertura das seções

Lucas Di Pascuale (pp. 14, 98, 110, 118, 148, 204, 226, 240 e 250)

Tradução, correção e normatização de textos

Alejandro Turell, Gastón Sironi, Laura Rodríguez

Robasto, Maríné Fernández Gianni,

Denise Mota, Ricardo Duarte,

Luisa Marques Berrutti

Assistente editorial

Arena Hernández

Direção de arte e diagramação

Di Pascuale Estudio

Índice

- 6** Editoriais
- 6** Os múltiplos territórios da sedução
Lilian Hitelman J.
- 10** De encantos e penumbras
María Luisa Silva Checa
- 14** Argumentos: Sedução
- 16** A sedução como causa ou a causa como sedução?
Jaime Szpilka
- 28** Sedução: laços com o Real?
Susana García Vázquez
- 41** Paradoxos do ódio e da sedução: uma reflexão inspirada em 1984, de George Orwell
Jennifer Levy
- 50** Seduções perigosas: mitos e personagens
Alicia Killner
- 60** A sedução na autoficção
Tiago Mussi
- 72** O que é preciso para ser seduzido?
David Antolínez Uribe
- 82** Sedução e a metáfora de *xenos*
Jonathan Sklar
- 98** Fora de Campo
- 100** Identidade/identidades: questões a partir de um caso clínico
Viviane Sprinz Mondrzak
- 110** O Estrangeiro
- 112** Como Don Giovanni seduz?
Rubén Gallo

118	Vórtice: Infâncias roubadas	178	As palavras, essa incrível invenção: uma pequena revisão sobre censura de palavras, oscilações, terremotos, disputas, ressignificações e refúgios <i>Gabriela Pescevi</i>
120	O que não se pode falar <i>Adriana Pontelli e Gabriela Levy</i>	182	No anseio pela palavra certa: notas sobre a denominação <i>realismo</i> em Stendhal, Balzac, Baudelaire, Flaubert, Proust <i>Alma Bolón</i>
124	Olhos nos olhos, quero ver o que você diz <i>Cassandra Pereira França</i>	190	A palavra precisa <i>Socorro Soberón</i>
127	Subjetividade subjugada: começando a levantar alguns véus <i>Mónica Santolalla</i>	196	Uma <i>pá lavra</i>: buracos e mundos <i>Elida Tessler</i>
131	Mente abusada <i>Adela Escardó</i>	199	Dois caminhos para um mesmo ofício <i>Augusto Wong Campos</i>
134	Algumas contribuições sobre as dinâmicas abusivas em cenários forenses <i>Constance Keuroglián Gómez</i>	204	Extramuros
137	O pesadelo da violência militar vivido pelas crianças moçambicanas <i>Boia Efraime Júnior</i>	206	Os paradoxos espectrais do desaparecimento forçado: o ressentimento como <i>haunting</i> criativo <i>J. Nicolás Cardona-Santofimio</i>
140	Reflexões sobre a experiência de renascer em meninos e meninas com infâncias roubadas <i>Adriana Villarreal</i>	226	Clássica e Moderna
144	<i>Kiwethesagwex Luuç</i>: aprendendo a cuidar da semente da vida. De infâncias roubadas a infâncias nutridas <i>María Alejandra Arango R.</i>	228	Validade e desafios da teoria da sedução generalizada de Laplanche na atualidade <i>Paulo de Carvalho Ribeiro</i>
148	Incidente	240	De Memória
150	A potência da sedução <i>Abigail Betbedé e José Galeano</i>	242	Sobre Joyce Goldstein <i>Wania Maria Coelho Ferreira Cidade</i>
152	Teoria do sedutor <i>Laurent de Sutter</i>	246	Quando roubamos a humanidade do outro: branquitude e psicanálise <i>Joyce Goldstein</i>
157	A sedução do saber e o desejo do psicanalista <i>Jorge N. Reitter</i>	250	Bitácula
162	Dossiê: A palavra	252	Artista neste número A sombra dos objetos <i>Mariana Mantiñán</i>
164	A palavra <i>Silvana Rea</i>	255	Orientações aos autores
166	Novos discursos e propósitos no crime e na religião <i>Bruno Paes Manso</i>	258	Autores neste número
174	O inexplicável: limites da explicação psicológica, mutação do ambiente tecnocomunicativo <i>Franco Berardi</i>	260	Agradecimentos

Os múltiplos territórios da sedução

A *sedução* é um conceito que pode ser pensado a partir de várias perspectivas. Em seu uso popular, é entendido como o poder que certos sujeitos têm, um poder de natureza singular, a capacidade de influenciar e persuadir o outro a realizar a vontade do sedutor. A sedução pode acontecer em todos os campos do humano, da política à sexualidade. É interessante ressaltar que o uso popular do termo o restringe ao encontro de duas pessoas e o afasta dos fenômenos de massa, dos quais o século XX nos proporcionou exemplos marcantes. Acredito que, em diferentes regiões, inclusive em diferentes países da América Latina, essa palavra tenha diferentes nuances em seu significado. Em meu país, o Chile, ela comporta implicitamente uma alusão ao uso da sensualidade do carnal e dos desejos sexuais como ferramentas para atingir objetivos próprios.

Foi a psicanálise que conseguiu abordar com rigor os mecanismos ocultos nas diferentes acepções, tanto populares quanto disciplinares, desse processo que denominamos sedução. É natural, então, começar com o próprio Freud e sua teoria da sedução.

Para Freud (1896/1986a), a sedução foi uma descoberta clínica, uma estrutura que descrevia o processo pelo qual suas pacientes histéricas tinham sofrido, de forma passiva, uma experiência sexual na infância. Em geral, essas situações eram causadas por um adulto e podiam incluir desde insinuações até ataques explícitos de natureza sexual. De acordo com Freud, o trauma seria produzido em dois tempos, separados pela puberdade: o primeiro, a sedução propriamente dita, real e concreta, mas que não é objeto de recalque; só num segundo tempo – já na puberdade – um novo acontecimento, não necessariamente de natureza sexual, evoca a lembrança do primeiro, de modo que a lembrança é recalçada. Vemos então como a lembrança produz um efeito maior que o fato em si da sedução, pois é esse segundo momento que tem a capacidade de transformar o acontecimento em realidade interna do indivíduo. Ou seja, o sujeito experimenta o fluxo de sua vida como um *continuum*, incluindo a violência sexual, até que, no segundo tempo, o eu a experimenta como uma agressão, mas agora como excitação endógena. Na primeira teoria da sedução, o sujeito experimenta como traumatizante a lembrança, e não o acontecimento em si. Por isso, nesse período, Freud atribui à sedução grande importância na gênese do recalque.

No entanto, diante das evidências clínicas que apontavam o papel central das fantasias, em 1897 há uma reviravolta na teoria freudiana, e ele propõe o predomínio da realidade interna sobre a realidade externa. Nessa nova teoria, a “lembrança” assume o valor de “realidade psíquica”, de “corpo estranho”, que mais tarde será considerado inerente



Roberto Huarcaya
El retorno del olvido [O retorno do esquecimento] (1997). Bienal de Havana, Cuba. Instalação de uma escada de ferro em espiral, com 5 m de altura, com 9 imagens (voltadas para o exterior) de olhares de minha família, incluindo meu cachorro, e 9 imagens (voltadas para o interior) vinculadas a momentos do ciclo vital. Cibachrome, 1,20 m x 1,80 m.

à fantasia. Contudo, Freud não abandona completamente sua primeira teoria e segue conferindo importância, como valor patogênico, às situações de sedução em crianças pequenas. Compreendida agora como registro do mundo interno, a sedução lhe oferece os primeiros *insights* sobre o complexo de Édipo: esse processo é, então, a espinha dorsal das fantasias originárias. Durante a transição de uma teoria para a outra, Freud descobre que muitas vezes essas situações sexuais não são fatos históricos, mas produto de reconstruções fantasmáticas, revelando assim a sexualidade infantil como estruturante da realidade mental.

Desse modo, na relação pré-ediariana do infante com a mãe, com os cuidados corporais próprios da função materna, seriam despertadas as primeiras sensações prazerosas, de maneira que se poderia falar em sedução. Freud logo descobriu que essas fantasias serviam para dissimular a atividade autoerótica dos primeiros anos da infância e que, por trás desses fantasmas, estava toda a extensão da vida sexual da criança. No pensamento freudiano, isso se tornou o princípio de uma tentativa de explicar em sua origem o mecanismo do recalque. Freud atribui tanta importância à sedução na gênese do recalque

que tenta sistematicamente encontrar cenas de sedução passiva, sejam elas vividas com adultos ou com outras crianças mais velhas.

O problema teórico-clínico consiste em elucidar se o fantasma de sedução é uma deformação defensiva e projetiva do componente do complexo de Édipo ou se é preciso ver nele a tradução de um dado fundamental: o fato de que a sexualidade do infante é estruturada por algo que vem do exterior, o desejo dos pais, que preexiste ao desejo do sujeito e o conforma. Desse dilema se conclui que a sedução não seria forçosamente um fato real, localizável na história do sujeito, mas um dado estrutural, cuja transposição histórica só poderia ser feita sob a forma de um mito. De acordo com Freud, a pulsão sexual é dada filogeneticamente, e a estimulação erótica é ativada pela sedução. A consequência disso em seu pensamento é conferir ao ambiente apenas um papel de desencadeador do que está dado.

É esclarecedora a discriminação proposta por Paul Schilder (1935/1958), segundo o qual há uma diferença entre trazer à memória (*recall*) e lembrança (*memory*). Lembrar consiste num processo de reconstrução. Não entender a diferença entre essas duas funções faz incorrer no erro de considerar que recuperar as lembranças é a memória. A confusão entre trazer algo do passado (*recall*) e a lembrança (*memory*) é o fundamento de uma convicção muito popular atualmente: a de que as lembranças de abusos sexuais na infância são registros históricos precisos. As lembranças não são histórias inventadas; são histórias elaboradas posteriormente acerca dos acontecimentos, histórias que também seriam confeccionadas a partir de fantasias originárias. Schilder afirma que não é suficiente trazer algo do passado para começar o tratamento, como na primeira teoria da sedução de Freud; em vez disso, o tratamento envolve lembrar (*memory*), reconstruir a partir da realidade interna e externa.

Laplanche (1987/1989) retoma a teoria da sedução de Freud e a torna um fenômeno extensivo ao ressaltar o impacto inevitável do encontro entre a criança e o adulto numa relação originária de passividade e assimetria; esse ato é tão transcendental que o autor o considera a situação antropológica fundamental. O adulto propõe (impõe) ao infante significantes não verbais e verbais, comportamentais, impregnados de significados sexuais inconscientes, os quais são significantes enigmáticos para o infante. Em sua teoria da sedução generalizada, Laplanche (1998) afirma que no infante, como em muitos outros animais superiores, existe uma capacidade de tradução. É nesse ponto que aparece a noção de sedução como correlativa da sexualidade infantil perverso-polimorfa do adulto, mas uma perversão necessária, inerente à sexualidade humana. Para Laplanche (2003/2009), um dos “erros” de Freud em sua teoria da sedução foi não levar em conta a sexualidade do adulto como enigma para o infante.

As mensagens enigmáticas da sexualidade adulta são aquelas cujas chaves nem mesmo o emissor conhece. A tradução é uma tentativa de simbolizar, mas essa tradução vai ser necessariamente incompleta, com um resto intraduzível, motivo pelo qual a mensagem cria um circuito imperfeito. Entre essas inúmeras tentativas de tradução, está o que Freud (1908/1986b) denomina *teorias sexuais infantis*. O resíduo do intraduzível das mensagens enigmáticas do adulto seria “o sexual” polimorfo. A mensagem do adulto é “o sexual”, e por isso é enigmática e traumática.

As mensagens adultas são gestos, comportamentos, às vezes mensagens verbais, mas necessariamente infiltradas pelo inconsciente sexual do adulto, que está comprometido pelo despertar de sua própria sexualidade fantasmática. A relação adulto-bebê é particularmente excitante para a fantasmática do adulto. O pai, o adulto que cuida da criança, sofre um despertar de sua sexualidade mais primitiva. (Laplanche, 1998, p. 26)

A teoria da sedução afirma o primado do outro concreto na constituição do ser humano e de sua sexualidade: o encontro entre o adulto e o infante. Um adulto perverso? Sim, mas perverso pelo fato de que suas mensagens estão comprometidas por seu próprio inconsciente (Laplanche, 1992/1996).

Seria possível pensar numa tendência universal de sedução (pedofilia) que é despertada no adulto ao entrar em contato com o infante, a qual seria preciso recalcar assim como os impulsos agressivos, criminosos, canibais, entre outros. Desse modo, de acordo com Laplanche, todos nós teríamos sido incestuosamente seduzidos.

Enquanto psicanalistas, devemos conhecer a importância do conceito de sedução, não apenas como agente patogênico e traumático (como no caso do abuso infantil), mas como parte estruturante do psiquismo. Freud e Laplanche também põem em jogo a discutida dualidade “biologia *versus* ambiente”. É extremamente interessante a proposta de Laplanche sobre como a cultura, através dos *socius* – todos que têm contato próximo com o infante, como irmãos e avós –, transmite a mensagem enigmática d’“o sexual”, o que ativa o pulsional na criança. Então, o não dado pela natureza/cultura seria o que determina a sexualidade no ser humano, sendo “o sexual”, a meu ver, um aspecto central e específico do estudo da psicanálise.

Agradeço a oportunidade de refletir sobre os temas propostos pela revista *Calibán*, como a sedução, a intolerância e o fanatismo. São conceitos que podem ser estudados a partir de várias disciplinas. Meu interesse é destacar a identidade e a especificidade da psicanálise, não com a ideia de certa superioridade ou de estabelecer o que é e o que não é psicanálise, mas antes com a responsabilidade de contribuir e abrir um diálogo com outras disciplinas. Em minha opinião, é importante e nutritiva a contribuição de outras disciplinas para a psicanálise, mas nós, como psicanalistas, também podemos contribuir para outros campos do conhecimento. Se todos olharmos a partir da mesma janela, veremos a paisagem em grau reduzido. É preciso olhar o objeto de estudo a partir de diferentes ângulos para alcançar perspectiva. A abordagem psicanalítica é só mais um dos olhares, mas é muito importante preservá-la, pois muitas vezes ela faz alusão ao que não se vê num primeiro olhar.

Lilian Hitelman J.

Presidenta da Federação Psicanalítica da América Latina

Referências

- Freud, S. (1986a). La etiología de la histeria. Em S. Freud, *Obras completas* (J. L. Etcheverry, trad., vol. 3, pp. 185-218). Amorrortu. (Trabalho original publicado em 1896)
- Freud, S. (1986b). Sobre las teorías sexuales infantiles. Em S. Freud, *Obras completas* (J. L. Etcheverry, trad., vol. 9, pp. 183-201). Amorrortu. (Trabalho original publicado em 1908)
- Laplanche, J. (1989). *Nuevos fundamentos para el psicoanálisis: la seducción originaria*. Amorrortu. (Trabalho original publicado em 1987)
- Laplanche, J. (1996). Masoquismo y teoría de la seducción generalizada. Em J. Laplanche, *La prioridad del otro en psicoanálisis* (pp. 189-206). Amorrortu. (Trabalho original publicado em 1992)
- Laplanche, J. (1998). La teoría de la seducción generalizada y la metapsicología. *Revista Uruguaya de Psicoanálisis*, 87, 21-31.
- Laplanche, J. (2009). Tres acepciones de la palabra “inconsciente” en el marco de la teoría de la seducción generalizada. *Alter*, 4. <https://tinyurl.com/4xmrtmf6> (Trabalho original publicado em 2003)
- Schilder, P. (1958). *La imagen y apariencia del cuerpo humano*. Paidós. (Trabalho original publicado em 1935)

Tradução do espanhol: Ricardo Duarte

De encantos e penumbras

É uma anomalia maravilhosa, um verdadeiro conto de fadas às avessas: ter dedicado a vida a penetrar no segredo dos seres e das coisas, idolatrando seu aspecto inquietante e seus defeitos sem par.

Emil Michel Cioran, 2004

Ele rejuvenescia desse modo, e as pobres folhas murchavam no solo!

Søren Kierkegaard, 1844

Um certo aroma épico, que envolve a sedução, me convida a começar estas linhas recorrendo a uma lenda e a uma fábula. A primeira é de Pascal Quignard (1983/2016). O escritor conta que,

de acordo com a lenda, a fênix só canta quando percebe seu reflexo numa superfície de cobre, porque acredita que vai ver um congênera. Ela não é contemporânea de ninguém. Isso é o que se chama de estar só. É cantar a duas vozes quando se está só. (p. 349)

A segunda apresenta a seguinte anedota: diante de convidados deslumbrados com suas histórias, Oscar Wilde contou a fábula de umas limalhas de aço que tiveram o súbito desejo de visitar um ímã próximo; pouco a pouco, foram se aproximando dele, sem saber como nem por quê, até ficarem amontoadas em um de seus lados; então, o ímã sorriu, porque as limalhas tinham certeza de que haviam feito isso por vontade própria (Greene, 2001/2020).

Além de ecoar as habilidades sedutoras do próprio Wilde, essa anedota, assim como a de Quignard, esboça alguns traços da complexa e enigmática figura da sedução. Ao evocá-la, seus artifícios surgem quase que poeticamente, mais da emoção ou da intuição do que de definições claras ou pensamentos acabados. Também é possível imaginá-la como um prisma de cristais heterogêneos refletindo sua força dual, atrair e ser atraído, numa dança ora fulgurante, ora opaca, e até maligna. Ainda, ao tentar compreender as motivações inconscientes de sua tenaz imantação, permanece um resto enigmático que jamais compreenderemos. Será o sedutor como a fênix, que busca contornar sua solidão? Procurará o seduzido existir ilusoriamente por vontade própria, enquanto é arrastado por forças que desconhece?

Se, como diz Octavio Paz (1956/1992), “cada palavra [...] é uma metáfora” (p. 34), a sedução seria metáfora do quê? Eu diria, tateando, que do próprio humano, de seu aspecto luminoso e de sua penumbra. Como tudo muda, o que gravita em torno do sujeito humano,

o motor da sedução, sua narrativa e os atores que a cristalizam vão se transformar ao longo da história, impregnando-se das servidões e das emoções que inflamam cada época.

Não acredito haver criação tão reveladora para capturar o impensado dessas mudanças, e até a iminência do que virá, quanto a literatura ou o cinema. Werner Herzog (1978/2016) dizia: “Eu só acreditaria que tudo isso é real se fosse um filme” (p. 11). Assim, por exemplo, à estética da sedução erótica de Casanova ou de Dom Juan, impecável em refletir sua destreza amatória, se seguiu uma estética tenebrosa de terror gótico, com um magnetismo colorido de sangue, como a de *Drácula* (1897), de Bram Stoker, e dos sucessivos Nosferatus. Aqui, o erotismo se confunde com o fascínio do mundo inferior, como se brincasse de derrotar a morte. Faces mais recentes da sedução inquietam em filmes como *Titane* (Ducournau, 2021), *Crimes of the future* (Cronenberg, 2022) e *The substance* (Fargeat, 2024), ao mostrar uma estranha inclinação à adulteração obscena do corpo, à violência e ao horror.

Hoje a sedução diversificou sua ação rumo a expressões menos romanceadas e mais ligadas a um impacto no coletivo, relançando a figura do prisma, com seu efeito multiplicador. Assim, o encanto do erotismo *tête-à-tête* se estendeu para a esfera social, expressando-se num poder hipnótico sobre o comportamento das massas. Segundo o documentário *The century of the self* (Curtis, 2002), devemos essa transformação a Edward Bernays, sobrinho de Sigmund Freud, que concebeu o plano de usar as descobertas sobre os desejos inconscientes para o benefício das corporações e para o controle político da população, produzindo cidadãos mais dóceis. Sem querer, todos teriam assinado um pacto fáustico com um sistema impessoal que tomou posse de seus desejos mais recônditos. Essa apropriação, em toda a sua polissemia, está no âmago da sedução, seja ela individual, coletiva, erótica ou maligna.

Embora não haja certeza de que as coisas tenham se dado assim, parece uma história verossímil. É exatamente disso que trata a proposta de Baudrillard (1979/1981) sobre a sedução no mundo contemporâneo, onde a verdade dos fatos não importa e onde tudo é simulação. Esse impulso cultural se desviaria para a exaltação de emoções artificiais que passam por verdadeiras, assim como para a experiência anestésica, mais próxima da atração do nirvana. Essa vida inautêntica estaria enraizada na sedução de uma indústria que vende experiências, sem a menor consciência do elemento manipulador. *The Truman Show* (Weiss, 1998) é uma encenação reveladora dessa sociedade do espetáculo.

O campo da sedução é vasto. Não é novidade o fascínio da luz cálida, da aurora boreal, da lua cheia ou do crepúsculo. O mesmo acontece com a música, o canto dos pássaros e o som do mar. Sentir-se seduzido por alguém ou por algo, indistintamente, não é estranho à psicanálise. A própria noção de catexia¹ e suas derivas rumo à complexa criação de objetos em Winnicott (1971/1996) ou à função objetizante em Green (1995/1996), para citar alguns exemplos, revelam a extraordinária habilidade humana de atribuir um significado poderoso a pessoas, objetos, mitos, ideias etc. É provável que nunca se tenha experimentado como agora o grande poder sedutor da tecnologia, cuja potência se relaciona com a *hybris* do humano, deslumbrado demais diante do espelho de suas próprias criações para perceber o risco de brincar com fogo. Baudrillard (1995/2016) dizia: “Talvez seja o mundo que ria de nós, o objeto que nos seduz com a ilusão do poder que temos sobre ele” (p. 16).

1. Termo proposto por Freud em *Estudos sobre a histeria* (1893-1895) para se referir à energia psíquica ligada a representações, corpos, objetos etc. (Laplanche & Pontalis, 1967/2007).

Assim, a sedução parece se intrometer em tudo ou desaparecer do radar – pelo menos, do discurso. Parafraseando André Green (2000), cabe até perguntar se a sedução ainda tem algo a ver com a sexualidade e se a psicanálise ainda tem algo a dizer sobre a sedução. Obviamente, a resposta a essas inquietações está em nossas mãos. A obra que ilustra a capa deste número, *Objetos París* (1997), do sensível fotógrafo peruano Roberto Huarcaya, insinua a decadência de um sugestivo fulgor que irrompe ao mesmo tempo que parece deslizar para outro lugar.

É retomando a sedução a partir dessa ubiquidade enigmática que *Calibán* se propôs abordá-la como tema deste número, e assim adentrar nas formas camaleônicas que assume, ora opacas ao olhar, ora capazes de cegar de tanta presença. A importância de prestar atenção a seus efeitos atinge o próprio psicanalista, não só para esclarecer os encantamentos de seus pacientes e analisar as consequências de sua própria sedução sobre eles, mas também pelo risco de ficar preso em suas teorias.

Este número começa com o **Editorial** de Lilian Hitelman, atual presidente da Fepal, que traça um breve mas substancioso percurso conceitual da sedução na psicanálise, desde suas origens freudianas.

Os textos de **Argumentos** retomam o lugar que a sedução sempre teve na psicanálise, a partir de seu próprio desejo de saber. As diferentes abordagens do tema propostas pelos autores põem em tensão a inclinação a saber sobre seu funcionamento e a impossibilidade de chegar a compreender seu mistério.

Em **O Estrangeiro**, a força pulsional da sedução que tudo transforma nos vem de *Don Giovanni*, de Mozart, preciosa ópera que brinca com a luz e a sombra como nenhuma outra.

Dossiê mostra com muita beleza a travessia d'A *palavra* por distintos cenários e geografias, formando discursos e libertando-se de sua captura.

Incidente apresenta *A potência da sedução* através de textos que sugestivamente questionam tanto o saber do analista, suas posturas e imposturas, quanto a própria sedução, necessária para atrair o ser humano à vida.

Considerando menos o encanto e mais a penumbra da sedução, os textos de **Vórtice** parecem mais estocadas que pinceladas da clínica. Com tema próprio, *Infâncias roubadas*, levantam véus para atender, por sua urgência, o que ninguém quer ver devido a sua cruzeza. Situações de transgressão e abuso da existência infantil, cujos rastros engendram projetos adultos impossíveis, igualmente roubados.

Continuando com os aspectos mais cruamente malignos da sedução, **Extramuros** discute a estranha experiência de viver num ambiente delinquencial onde os familiares próximos se tornam os maiores inimigos. O texto aqui apresentado é o Prêmio Psicanálise e Liberdade, Fepal 2024. E em **Fora de Campo** incluímos o Prêmio Fepal 2024, que trata de importantes desafios para a clínica contemporânea relacionados às questões identitárias.

Clássica e Moderna elucida a vigência da teoria da sedução generalizada de Laplanche, à luz das contribuições posteriores de Silvia Bleichmar e do pensamento singular do autor. Desse modo, ressalta-se a inevitabilidade da sedução na configuração psíquica do humano desde o início da vida.

Merece menção especial a seção **De Memória**, dedicada à recordação de Joyce Goldstein, uma engajada psicanalista de Porto Alegre, muito ativa na comunidade latino-americana. É Wania Cidade quem carinhosamente oferece essas linhas a sua querida amiga e companheira na Comissão Diretiva da Fepal (2022-2024). Na sequência, vem o último texto apresentado por Joyce pouco antes de partir. Nós o deixamos assim como ela o apresentou, para que sua voz imaginativamente nos acompanhe durante a leitura.

Em **Bitácula**, temos um inspirado texto que analisa a complexidade da obra de Roberto Huarcaya, o artista deste número. Suas fotografias confirmam, acompanhando a *Sedução*, o papel inestimável das imagens em nos aproximar do impensado.

Eu os convido a mergulhar neste número, em sua leitura e no prazer de suas imagens. Que o poema “Strip tease” (2001), de Blanca Varela, ecoe enquanto estiverem fazendo isso, estimulando-os a se livrar das amarras e a se aventurar a desmontar o conhecido e receber o novo.

*Tire o chapéu
se tiver um
tire o cabelo
que te abandona
tire a pele
as tripas os olhos
e vista uma alma
se a encontrar²*

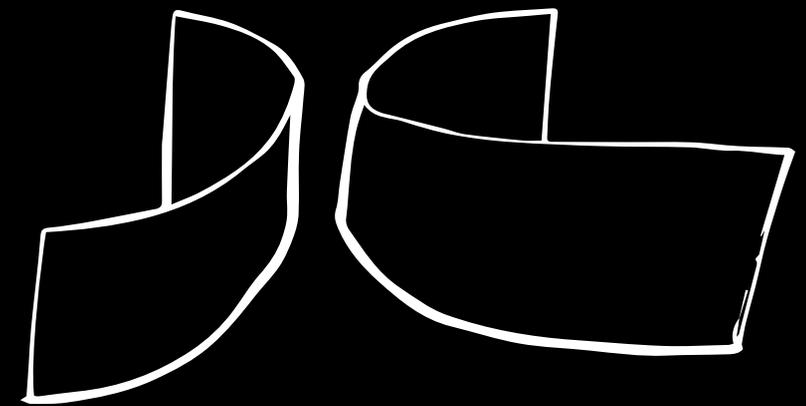
María Luisa Silva Checa
Editora, *Calibán* - RLP

Referências

- Baudrillard, J. (1981). *De la seducción*. Cátedra. (Trabalho original publicado em 1979)
- Baudrillard, J. (2016). *El crimen perfecto*. Anagrama. (Trabalho original publicado em 1995)
- Cioran, E. M. (2004). *Cartier-Bresson: des images et des mots*. Delpire.
- Cronenberg, D. (diretor). (2022). *Crimes of the future* [filme]. Serendipity Point Films; Telefilm Canada; Ingenious Media; Argonauts Productions; Crave; CBC Films; ERT; Rocket Science.
- Curtis, A. (diretor). (2002). *The century of the self* [documentário]. RDF Television; BBC.
- Ducournau, J. (diretora). (2021). *Titane* [filme]. Kazak Productions.
- Fargeat, C. (diretora). (2024). *The substance* [filme]. Working Title Films; Blacksmith.
- Green, A. (1996). *La metapsicología revisitada*. Eudeba. (Trabalho original publicado em 1995)
- Green, A. (2000). ¿Tiene la sexualidad algo que ver con el psicoanálisis? *Psicoanálisis*, 22(3), 673-697.
- Greene, R. (2020). *El arte de la seducción*. Océano. (Trabalho original publicado em 2001)
- Herzog, W. (2016). *Del caminar sobre hielo*. Entropía. (Trabalho original publicado em 1978)
- Huarcaya, R. (1997). *Objetos París* [série de fotos]. <https://tinyurl.com/2xvdaaj6>
- Kierkegaard, S. (2022). *Diario de un seductor*. Alianza. (Trabalho original publicado em 1844)
- Laplanche, J. & Pontalis, J.-B. (2007). *Diccionario de psicoanálisis*. Paidós. (Trabalho original publicado em 1967)
- Paz, O. (1992). *El arco y la lira: el poema, la revelación poética, poesía e historia*. Fondo de Cultura Económica. (Trabalho original publicado em 1956)
- Quignard, P. (2016). *Pequeños tratados 2. Sexto Piso*. (Trabalho original publicado em 1983)
- Stoker, B. (1897). *Dracula*. Archibald Constable & Co.
- Varela, B. (2001). Strip tease. Em B. Varela, *Donde todo termina abre las alas*. Galaxia Gutenberg; Círculo de Lectores.
- Weiss, P. (diretor). (1998). *The Truman Show* [filme]. Scott Rudin Productions.
- Winnicott, D. W. (1996). *Realidad y juego*. Gedisa. (Trabalho original publicado em 1971)

Tradução do espanhol: Ricardo Duarte

2. N. do T.: no original: “Quítate el sombrero/ si lo tienes/ quítate el pelo/ que te abandona/ quítate la piel/ las tripas los ojos/ y ponte un alma/ si la encuentras”.



Argumentos:
Sedução

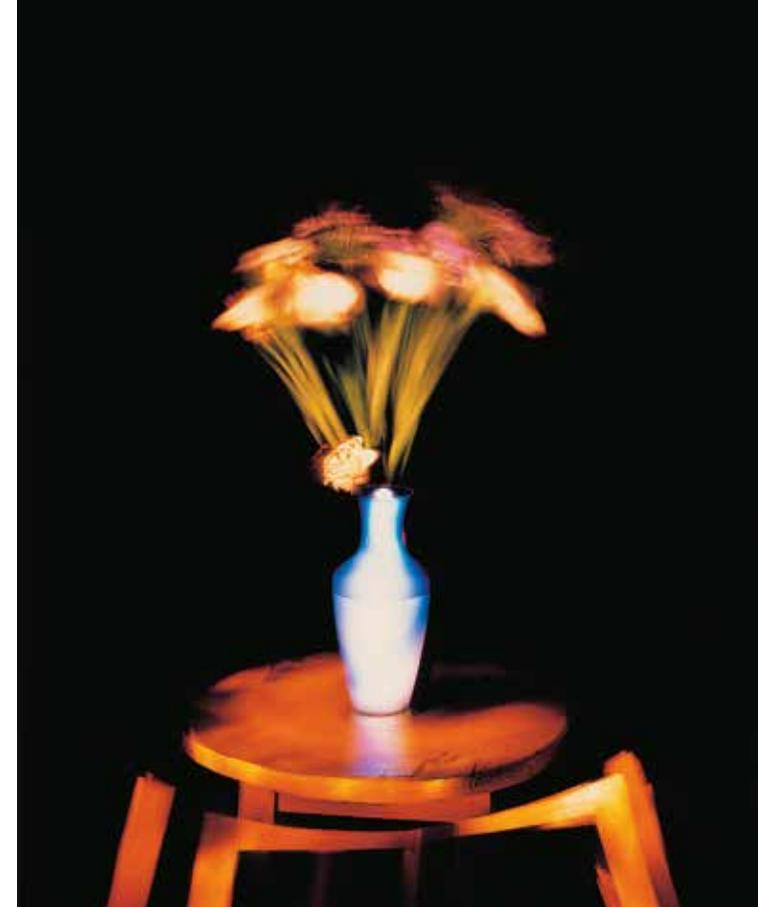
A sedução como causa ou a causa como sedução?

I. Todos sabemos que, em sua etimologia, a palavra *sedução* vem do latim *seducere*, que alude a um afastar do bom caminho, desviar do bem ou impelir ao erro. E é nesse sentido que a Carta 69, escrita por Freud (1950[1892-1899]/1986d) a Fliess no dia 21 de setembro de 1897, em Viena, descrita como uma das heroicas, implica uma transição fundamental na teoria e na prática da psicanálise. Vamos lembrá-la em parte:

E agora quero confiar-lhe, de imediato, o grande segredo que foi despontando lentamente em mim nestes últimos meses. Não acredito mais em minha neurótica. Provavelmente, isso não será inteligível sem uma explicação [...]. De modo que começarei historicamente a lhe dizer de onde vieram as razões da descrença. O desapontamento contínuo em minhas tentativas de levar uma única análise a uma conclusão real, a debandada de pessoas que, por algum tempo, tinham estado aferradíssimas [à análise], a falta dos sucessos absolutos com que eu havia contado [...]. Depois, a surpresa de que, na totalidade dos casos, o pai, sem excluir o meu, tinha que ser acusado de pervertido [...]. Em terceiro lugar, o conhecimento seguro de que não há indicações de realidade no inconsciente, de modo que não se pode distinguir entre a verdade e a ficção que foram catexizadas pelo afeto. (Por conseguinte, restaria a solução de que a fantasia sexual se prende invariavelmente ao tema dos pais.) Quarto, a consideração de que, na psicose mais profunda, a lembrança inconsciente não vem à tona, de modo que o segredo das experiências da infância não é revelado nem mesmo no mais confuso delírio. [...] Eu estava a tal ponto influenciado [por isso] que estava pronto a desistir de duas coisas: da resolução completa de uma neurose e do conhecimento seguro de sua etiologia na infância. [...] Será que essa dúvida representa apenas um episódio no avanço em direção a novos conhecimentos? [...] É claro que não direi isso em Dan [deveria ser Gat], nem falarei sobre o assunto em Ascalon, na terra dos filisteus, mas, diante de você e de mim mesmo, tenho antes um sentimento de vitória do que de derrota (o que não está certo, é claro).¹ (pp. 301-302)

Curiosamente, o que Freud não queria contar era o mencionado em 2 Samuel 1, onde Davi recebe a notícia da morte de Saul e de seu filho Jônatas.

* Asociación Psicoanalítica Argentina e Asociación Psicoanalítica de Madrid.
1. N. do T.: tradução de V. Ribeiro. A citação está nas pp. 265-266 de: Masson, J. M. (Ed.). (1986). *A correspondência completa de Sigmund Freud para Wilhelm Fliess*. Imago.



Roberto Huarcaya
Naturaleza viva [Natureza viva] (1997). Série que surge intuitivamente depois de trabalhar pouco mais de um ano no hospital psiquiátrico e um mês no necrotério. Foto 1. Cibachrome, 1 m x 1,40 m.

Acho muito interessante destacar o sentimento freudiano de triunfo. Como se a queda de uma verdade anterior, o momento transicional que isso implica rumo a um novo desenvolvimento, fosse paradoxalmente tudo o que se pode esperar da verdade. Como se a verdade fosse salva com a queda da verdade anterior. A verdade e a causa não são patrimônio do inconsciente. Poderíamos antes começar a suspeitar que a descoberta do inconsciente envolve pôr em questão tanto o conceito de verdade quanto o conceito de causa. Sobretudo no que diz respeito à relação da verdade e da causa com a origem, com o primeiro. E não se trata apenas do que o tema da verdade e da causa implicava no método freudiano, mas também do que implicava nos pacientes quanto à verdade e à causa que recebiam como solução. Os pacientes queriam e não queriam receber uma “verdade”, e sim trilhar um caminho, e queriam e não queriam receber uma causa, e sim produzi-la. Não era somente resistência, mas também ineficácia do método, como o próprio Freud reconhece, e caberia nos perguntarmos se toda resistência não aparece diante do analista que quer definir uma verdade não porque a verdade não seja suportada pelo que positivamente mostra, mas porque a verdade não coincide jamais com o que o desejo inconsciente espera, motivo pelo qual a verdade recebida é sempre uma decepção. Que exista uma verdade, mas que nunca acabe de ser, porque, quando acaba de ser, acaba de ser e perde

todo o seu sentido. Que exista uma causa, mas produzida só depois, quando já não for mais causa. Não esqueçamos nunca a importância que Freud atribuiu, em *Além do princípio do prazer* (1920/1992a), à eterna diferença entre o esperado e o encontrado, que repetidamente desencadeia o fator pulsionante. Diferença que seria interessante inscrever dentro do conceito heideggeriano de diferença ontológica, por tudo o que manifesta: o modo como o desejo inconsciente é essencialmente desejo de ser, e que nunca acaba de conciliar o ser com o ente, o que fundamenta a radicalidade da pulsão de morte. O ser nunca acaba de ser ente e está sempre na fuga do tempo, e nenhuma marca pode acabar de significá-lo, porque apenas o ente tem representação. Em toda sedução está em jogo, justamente, a tentativa de anular a diferença ontológica e a fuga do ser no tempo.

2. Se se trata de não esquecer o inconsciente, e o inconsciente tem as características descritas por Freud já na Carta 69 (1950[1892-1899]/1986d), o que é então que se deve lembrar, e o que é lembrar o inconsciente? Não podemos passar por alto o magnífico trabalho de Freud (1901/1991) sobre o esquecimento de nomes próprios. O que Freud lembra quando lembra Signorelli depois de um longo caminho associativo por Botticelli, Boltraffio, Trafoi, Bósnia-Herzegovina etc.? E o que dizer de Signorelli? Por acaso é algo mais que o nome cuja lembrança lhe permite esquecer o Signor de Elli, o mestre da finitude, a morte como castigo edípiano? Será que a finitude e a morte são sempre vividas com terror por serem um castigo, ainda que, se forem um castigo, também possa haver a esperança da eternidade como perdão? E quanto do sentimento de culpa sustentado abriga essa esperança? Porque os quadros do Juízo Final ainda estavam ali presentes, mas o esquecimento era a própria falta que tinha de ser esquecida e metaforizada no esquecimento, que uma vez lembrado, paradoxalmente, lhe permitia esquecer, esquecer o pai como significante-mestre, causa da verdade da finitude. Quando Signorelli foi lembrado, a finitude não acabou, mas sim a finitude como sintoma. E a propósito disso é interessante ressaltar que, na mesma carta em que renuncia a sua teoria do pai sedutor, Freud alude a 2 Samuel 1, onde a notícia que não devia ser dada em Gat e Ascalon era a da morte de um pai, Saul, e seu filho, amigo e rival, Jônatas. Era também a da morte do pai sedutor como causa da “neurótica”, e ao mesmo tempo sua instalação como causa edípiana.

A associação livre, à qual Freud concede um lugar central no tratamento, adquire toda a sua significação. Manter-se na pergunta visando à promessa é tornar a pôr em questão os conceitos fundamentais do desenvolvimento freudiano, evitando a diluição de seus mistérios e fazendo-os florescer nas bordas do enigma, o que envolve de algum modo suspeitar de qualquer pós-freudismo que conduza paradoxalmente ao *statu quo ante*, e da resistência diante do que a descoberta do inconsciente implica em relação ao dizer. A fala nos abre apenas uma fenda para a interrogação sobre o ser e nos põe perante a imensidão do paradoxo socrático “Conhece-te a ti mesmo”, junto com “Só sei que nada sei”, em que a distância da verdade que o aumento do saber representa – visto que aumenta a ignorância – se volta para o imperativo do conhecimento como uma interrogação sintomática da própria subjetividade. Assim, instaura-se uma curiosa dialética, em que o saber implica o saber ignorar, e em que a verdade adquire todo o valor da própria ignorância (Szpilka, 1989). Em termos edípicos, poder dizer *não* ao *sim* da mãe, e poder dizer *sim* ao *não* do pai.

Sócrates caminha por Atenas e, no diálogo com um homem muito piedoso, pergunta sobre a piedade; e outros, como a Hípias, pergunta sobre a beleza; a Laques, sobre a coragem, a *andreaia*; a Íon, sobre a amizade. As pessoas só oferecem exemplos do piedoso, do belo, da coragem, da amizade, mas não conceitos, precisamente porque estes levam a um total desamparo. Desse modo, Sócrates constitui sua ironia: conhece-te a ti mesmo, como em Delfos, conhece teus limites para saber que não sabes nada. Como se dissesse que ele é o único que não sabe nada, enquanto os outros acreditam fatuamente que sabem, mas quando interrogados de maneira conceitual, não sabem responder (Freud, 1901/1991). Aqui

penso que devemos situar o sentimento de triunfo de Freud na Carta 69 (1950[1892-1899]/1986d) no regozijo de seu momento socrático de transição, em que descobre o valor de seu não saber, da ignorância que lhe permite manter a diferença ontológica sem que ele mesmo caia na sedução. E a associação livre manifesta sua verdadeira significação, porque a promessa da verdade, da causa, só pode se referir a um depois no qual coincidem o cumprimento e a nova interrogação. Desse modo, ganha um valor singular o defeito metodológico que há muito tempo denominei de inversão e empirização dos tempos de determinação (Szpilka, 2002), em que os fatos empíricos mais antigos se confundem com os mais decisivos. Freud anunciou isso de maneira muito simples, parafraseando ironicamente o criado de uma das farsas de Nestroy, que driblava qualquer pergunta ou objeção com a promessa de que tudo se esclareceria no curso dos acontecimentos futuros.

Se o ser vai ser sempre depois, em diferido, não deveria nos surpreender que o passado vá ser sempre no futuro da associação livre. Freud oferece preciosas referências num trabalho bastante inicial, “Lembranças encobridoras” (1899/1989), onde afirma que as lembranças da infância não emergem, mas são fabricadas em períodos ulteriores da vida. O conceito de emergência se refere a algo que estava ali, pronto para fazer sua aparição em determinado momento. Por outro lado, falar em lembranças que se formam diz respeito a um momento posterior, em que a formação e a emergência coincidem.

Se o passado é criado no futuro, e aí reside a originalidade da historização subjetiva durante o tratamento, se o que foi é na realidade o que vai ser, podemos apreciar plenamente a significação freudiana do conceito de *Nachträglichkeit*. Antes vai ser somente depois, no futuro da palavra por vir. E aqui não podemos resistir à tentação de nos aventurarmos numa compreensão particular do eterno retorno nietzschiano, fundamentando-o na necessidade de que o passado seja somente no futuro, e que o que então retorna é na realidade o que começa a advir ao ser a partir do depois. Com isso, o vivido se impõe necessariamente como retorno. O sujeito histórico fica assim colocado entre parênteses num terceiro espaço virtual, que não coincide nem com o referente nem com a palavra que o refere. Sujeito que está sempre em impedimento, fora do lugar, mal posicionado. E não é que não haja uma exterioridade referencial, que por outro lado jamais seria um acontecimento nu, mas sim que a complicação que a fala implica dissocia o sujeito do dizer, tanto da referência quanto da palavra dita. Penso que essa questão tem muito a ver com o conceito psicanalítico de trauma, o trauma essencial do sujeito do inconsciente sempre diferido, como se um jogador oculto mentisse vez após vez sobre seu lugar. E se cada dizer cria um novo sujeito do acontecimento, o original estará sempre na ordem mítica. Daí a vaidade da discussão se, no processo do tratamento, é preciso insistir no aqui e agora ou no lá e então, já que em nenhum desses lugares se faz referência mais que a um sujeito empírico de uma cronologia linear simples. Porque o sujeito não está nem aqui e agora, nem lá e então; antes, sendo um recorte em fuga do tempo do próprio discurso, aparece como o que falta no dizer, o que cabe apenas no tempo da

Nachträglichkeit. Do que se fala na associação livre? Do sujeito que, por falar, falta ao dizer, do sujeito que está sempre em impedimento, esperando seu lugar no desejo que nunca se realiza pela mencionada diferença ontológica. Por isso, a associação livre tende sobretudo a evitar o estabelecimento de um saber supostamente reduzido que por fim se realiza, e em vez disso a produzir o próprio inconsciente, uma promessa, uma destituição, uma interrogação, um instante em que o furo se cria, o espaço se abre e a máscara cai, a encontrar o sujeito em impedimento na pura brecha, no puro momento de transição entre duas mentiras do ser, a anterior que se desfaz e a nova que vai ocupar seu lugar (Szpilka, 1989). E então o que o saber constituído implica como solução se contrapõe a um saber destituído que só constitui uma solução de continuidade. A ênfase entre duas mentiras é o que só pode apontar para a coisa inconsciente, para a representação inconsciente de coisa como aquilo de que se pode falar sem acabar de dizer. Quem não é sujeito da fala não ignora nem tem nada a saber, nem tampouco se propõe o problema da verdade. Apenas quando a coisa a saber se apresenta, a busca pela verdade começa. Não porque antes houvesse uma verdade a saber, mas porque, quando a coisa a saber se apresenta na palavra, algo que se apresenta retrospectivamente como verdade se torna um problema. A palavra que institui a promessa ao mesmo tempo institui a decepção. Paradoxo insolúvel, porque o que não foi antes não pode ser depois. Como encontrar uma perda que nunca foi?

Num trabalho anterior (Szpilka, 2024), afirmei que somos seres inacabados. Para ser precisamos deixar de ser ente, para ser verbo precisamos deixar de ser substantivo. Se fôssemos seres acabados, estaríamos “acabados”, em toda a ambiguidade do termo. Seríamos o que seríamos, como uma pedra, que é o que é, e ninguém pode seduzir, não pode torcer seu ser. A fala nos permite ser verbo por essa *différance* constante, parafraseando Jacques Derrida, com o ser substantivo, mas graças a isso – ou apesar disso – somos sempre seres em diferido, em falta. Somos o que não somos, e não somos o que somos. Alexandre Kojève (1933-1939/2013) explicita isso muito bem em sua introdução à *Fenomenologia do espírito*, de Hegel. Esse inacabamento, como diria Martin Heidegger, faz de nós os únicos seres cujo ser é o próprio ser, impedindo-nos de ser fora do tempo. Mas tendo o ser como verbo, paradoxalmente não temos nada, ele sempre nos escapa, e quando queremos pegá-lo, ele se torna ente. O ser como verbo é irrepresentável e é o que sustenta nossa infinita situação desejante. O inconsciente é essencialmente desejante. Desejo de ser. Desejo de retrair, ou melhor, de anular o tempo, repetindo uma mítica e impossível primeira experiência de satisfação. Como se o ser verbo não nos permitisse ser de “verdade”, embora por isso mesmo sejamos os únicos que podem testemunhá-lo. O fato de Freud (1921/1992b) relacionar a forma primordial da identificação ao ideal paterno e à pré-história do complexo de Édipo mostra que, no sujeito da identificação, trata-se de uma carência não ligada ao campo da necessidade, ou ao campo da sexualidade anaclítica, que toma a mãe por objeto primordial, mas de uma carência marcada pelo ideal cultural, obrigando-o a ser no próprio momento em que imprime no sujeito sua falta em ser, visto que, a partir do biológico ou do ontológico, seu ser não tem outra carência que a dos objetos da necessidade. Nesse sentido, o pai seria o primeiro sedutor, o que afasta do bom caminho, desvia do bem e impele ao erro, já que imprime no sujeito o não ser o que é, graças ao qual nunca será uma pedra nem um deus (sou o que sou), mas que ao mesmo tempo não lhe permitirá deixar acabar de ser. Por isso gosto de insistir tanto na ideia de que, no caminho do tratamento psicanalítico, deixa-se de ser o que nunca se foi para chegar a ser o que nunca se poderá acabar de ser. Não esqueçamos o singular lema do supereu: como eu você deve ser, como eu você não deve ser.

Somos como verbo porque estamos sujeitos à perda, somos como verbo porque sabemos de nossa falta de ser substantivo, somos como verbo porque padecemos da diferença ontológica, assim como padecemos do inconsciente. E isso nos deixa obcecados pela verdade, a verdade como o que está e permanece fora do tempo, como o sempre furtado, como o ser substantivo eterno. É no fundo a razão

fundamental de nossa louca paixão pela verdade. Mas não a verdade fácil, a da adequação *rei et intellectus*, a tautológica, a pouco interessante, mas a verdade do ser fora do tempo, a que não foi, não é e nunca poderá ser, a do ser verbo fora do tempo e da finitude, já que somente sendo como verbo e finitos podemos testemunhar o ser das coisas substantivas. Assim, a louca paixão pela verdade tem sempre a ver com a impossibilidade de ser fora do tempo, fora da finitude, precisamente porque o ser não pode ser ente, e ao ente a verdade não lhe interessa. E se o sintoma é uma realização de desejos que consiste na realização de uma identidade impossível, não podemos deixar de nos perguntar se a paixão pela verdade não constitui nosso sintoma fundamental, na busca do saber absoluto ou da ignorância absoluta, em vez da dialética socrática do saber ignorar.

3. Se, como diz Freud, no inconsciente não há signos de realidade e não é possível distinguir a verdade da ficção, como pensar no inconsciente como causa? Ou será que a verdade como falta é causa (o que equivaleria a dizer que o que é causa é a própria falta)?

O problema da causa tem uma longuíssima história na filosofia. Aristóteles em sua *Física* foi quem mais tentou formalizar as causas, dizendo que eram quatro: a material, a formal, a eficiente e a final, mas buscou desligá-las da origem, do começo, justamente para evitar uma regressão infinita à causa da própria causa. E curiosamente a causa final era a única que permitiria reconhecer a necessária existência do limite (Oñate y Zubía, 2022). Um importante paradoxo se apresenta, por exemplo, em relação a se o pai é a causa do filho ou se o filho é a causa do pai. Interessante paradoxo circular, em que o que causa é ao mesmo tempo o causado por aquilo que causou. Produzir o inconsciente como causa não deixa de ser, de certo modo, uma subversão do conceito clássico de causalidade, dificultando além disso a inscrição do sintoma em qualquer justificação da razão. A partir da hipótese do inconsciente, as palavras, o dizer em geral, mais do que nos reenviar aos objetos mundanos, nos reenviam a um significado que reluz por sua ausência, a um objeto para sempre perdido, representação inconsciente de coisa que, como vimos, é aquilo de que só podemos falar sem acabar de dizer; apenas marcas, cicatrizes, vestígios de uma ausência perene, sem qualquer Um de significação presente. E isso é muito importante para não confundir o pensamento inconsciente com o significado implícito no pensamento consciente. O implícito é o pré-consciente, o significado ignorado dentro da significação, que se pode saber porque está ao alcance da mão. Daí a importância de diferenciar a produção do inconsciente como causa de qualquer causa da razão, que em geral apresenta mais uma das várias ideologias do mundo. Produzir o inconsciente como causa implica o trabalho de produção da causa, porque paradoxalmente a causa precisa ser produzida no trabalho de associação livre, em que se perde a causa da razão como puro semblante, delatando sua mentira e extinguindo-a na nova realização. A causa do inconsciente nunca se ajusta às razões ou às motivações ocultas do sujeito, as quais a astúcia do psicanalista vai descobrir. São astúcias do sujeito da razão

que oculta o que já sabe, disfarçando-o de ignorância. Se isso fosse tudo, a crítica sartriana de que o inconsciente implica a má-fé do sujeito seria razoável. Mas evidentemente não se trata disso. Portanto, quando se fala de produzir a causa, se fala de produzir ao infinito o sujeito diferido da causa, o sujeito do próprio inconsciente, que padece da verdade como causa e como falta. A causa do inconsciente é a do desejo infinito de verdade, que nunca acabará de se realizar pela diferença ontológica, em que o ser verbo nunca poderá se acoplar ao ser substantivo porque, se o fizesse, deixaria de ser. Isso permite entender melhor a afirmação de Freud (1920/1992a) de que todas as formações substitutivas e reativas e todas as sublimações não bastam para cancelar a tensão da pulsão, por ser precisamente da diferença entre o prazer encontrado e o aspirado que se engendra o fator pulsionante, o *Triebhaft*, como fundamento da compulsão à repetição além do princípio do prazer, que não admite nenhum apego ao estabelecido, mas em vez disso incita sempre para frente, sem nenhuma domesticação. Porque o caminho para trás, para a plena satisfação (o zero da morte, o incesto?), está obstruído pelas resistências do recalque, avança-se adiante às cegas, sem perspectiva de nenhum fechamento nem de nenhuma meta.

Então, se na causa da razão se insiste no “por isso”, na produção do inconsciente como causa se insiste no “isso”. O “por” multiplica o saber da razão pelo desconhecimento e separa ainda mais o sujeito de sua impossível verdade. Quando se fala de produzir a causa, se fala do sujeito da causa, do sujeito do próprio inconsciente, que está sempre em impedimento (qual é a causa do impedimento: o avanço do zagueiro ou o do atacante, ou os dois se causam reciprocamente?) e que tanto é o causado quanto a própria causa, como no paradoxo circular do pai e do filho. E o próprio sintoma poderia ser considerado o efeito de uma causa ainda não causada, que tanto mais insiste como razão quanto mais adoece de uma razão falida. Como um sem-sentido que ainda não acabou de ser produzido por estar demasiado sujeito às significações do mundo da razão. Não se trata então de não ter encontrado o significado adequado, mas do sem-sentido avassalador. E, finalmente, produzir o sujeito da causa implica produzi-lo como sujeito de uma causa perdida. Daí a urgência de sermos seduzidos por uma causa positiva empírica ou por uma verdade da razão. A causa seria sempre a da verdade de que se padece. Essa é a causa da produção do inconsciente. E a causa se desfaz quando, através da fala, o sujeito se encarrega dela, assume sua causa, assume a causa de sua causa, e perde no momento de transição, por um instante, sua posição de impedimento para entrar novamente no jogo, recuperando-se de sua inércia temporal. Por isso é verdadeira a crítica de certa cientificidade de que a psicanálise pode explicar os fatos retrospectivamente sem poder predizê-los. E isso acontece justamente porque a produção do próprio inconsciente atenta contra o conceito de causa que poderia emanar de qualquer sistema lógico preditivo. Por conseguinte, não deveria haver nenhuma justificação diante das ciências preditivas, precisamente porque a produção do inconsciente não está preocupada com isso. Há um limite inevitável que só denuncia o atrito produzido na clássica problemática da correspondência do logos com o ser, entre a verdade que implica o significante unido por uma falta ao outro significante e a verdade que implica o signo articulado a uma coisa significada do mundo (Szpilka, 1989). A partir da hipótese da razão, o que se diz é; a partir da hipótese do inconsciente, o que se diz não é. Na produção do inconsciente, a articulação do logos com o ser é sempre mediada pelo falo como significante da falta. Por isso Serge Leclair dizia com tanta veemência, em sua visita a Buenos Aires em 1975, que o falo era a soma dos representantes inconscientes. Por isso a hipótese do inconsciente como produção põe em jogo algo além da causa, da lógica da verdade na razão, da liberdade, do acaso ou da necessidade, uma vez que se trata da maldição gestada no ser pelo ato da fala, o que implica que, porque se diz, não se pode acabar de dizer. Antes de falar, não havia nada para dizer o ser, mas depois não se pode acabar de dizê-lo. A maldição e a benção andam de mãos dadas: por dizer o ser, já não se pode acabar de dizê-lo; por buscar a verdade, já não se pode encontrá-la. Então, finalmente, a causa do inconsciente é a verdade como falta? Por acaso Freud não diz em seu maravilhoso trabalho *Inibição,*

sintoma e angústia (1926[1925]/1996) que o fundamental do recalcado é a castração? É esse enfim o verdadeiro saber ignorar socrático de que Freud padece e que celebra na Carta 69 (1950[1892-1899]/1986d) a Fliess? “Tratar-se” é então assumir-se como causa da causa, desfazendo-a no próprio movimento de assunção? Será esse o sentido da impressionante nota de rodapé freudiana (1923/1993, p. 51, nota 2) onde ele insiste na ideia de que, em última instância, o fundamental do tratamento é dar ao paciente a liberdade para escolher se decide pela doença ou pela saúde?

4. Voltando a lembrar o inconsciente, evidentemente se complica a questão vulgar da lembrança como acontecimento empírico vivido. A isso se referem frases como as de que os históricos sofrem de reminiscências, ou que é preciso lembrar para não repetir, ou que se deve levantar o recalque da amnésia infantil. Mas no trabalho “Bate-se numa criança” (1919/1990) Freud não apenas confirma que os acontecimentos iniciais falam pela boca do psicanalista, mas também que mesmo os aspectos mais importantes da fantasia são construções do próprio analista. E em *Além do princípio do prazer* (1920/1992a) ele é taxativo quanto ao fato de que o essencial do recalcado não pode ser lembrado, mas faz parte da repetição transferencial.

As primeiras cartas de Freud a Fliess são pérolas maravilhosas, que mostram o fino e complexo trabalho freudiano sobre esse tema. Na Carta 52 (1950[1892-1899]/1986a) a Fliess, ele já propõe para a memória uma retranscrição, *Umschrift*, segundo novos nexos. Na Carta 59 (1950[1892-1899]/1986b), fala de uma nova fonte na compreensão da histeria, atribuível à eficácia de uma fantasia construída com base em coisas ouvidas precocemente, mas compreendidas muito mais tarde. E a fantasia estende uma ponte entre um sem-sentido precoce e um sentido tardio mas deformado. Na Carta 61 (1950[1892-1899]/1986c), ele destaca o matiz estético defensivo da fantasia diante da crueza real de um fato. No Manuscrito M (1950[1892-1899]/1986f) a sofisticação é maior. As fantasias são constituídas por um amálgama e uma distorção análogos à decomposição de um corpo químico combinado com outro. A memória é falsificada por processos de fragmentação que desfazem as relações cronológicas, e ficções inconscientes não sujeitas a nenhuma defesa tomam o lugar dos sintomas mnêmicos. Mas se a fantasia se intensifica e reivindica sua entrada na consciência, o sintoma volta a ser produzido por ímpeto regressivo da própria fantasia em direção à lembrança original constitutiva. E se estabelece uma curiosa dialética, na qual a fantasia estabiliza e cura, mas ao mesmo tempo, a partir dela, são produzidos regressivamente o sintoma e a doença. Assim, dois lugares são instituídos: o da lembrança patógena ligada a uma cena do mundo e o da lembrança deformada e distorcida pela ficção. O primordial fica marcado por sua heterogeneidade em relação à própria fantasia, primordial que deve ser revelado e que só retorna a partir dela em função de seu fracasso. Já nos referimos à Carta 69 (Freud, 1950[1892-1899]/1986d) e ao que significou para o desenvolvimento posterior da psicanálise, em que as fronteiras entre fatos e fantasias começaram a se diluir, assim como na ciência a fronteira

entre fatos e teorias começou a se apagar. E isso evidentemente reitera a pergunta sobre o que é que deve ser lembrado. A fantasia perde cada vez mais o sentido deformador de um acontecimento primordial. Em face do real impossível, lugar de um acontecimento mítico errante e que perdeu seu direito de ser um incondicionado da verdade – no sentido kantiano –, aparece a invariável estruturante do complexo de Édipo. A fantasia preenche a lacuna entre o incondicionado faltante e a condição absoluta estruturante. Entre o real impossível e a estrutura que ocupa seu lugar, Freud acaba privilegiando a realidade psíquica e a verdade histórica em detrimento da material. No entanto, a renúncia freudiana ao fato material positivo não é absoluta, porque a fantasia e a realidade psíquica continuam sendo um sub-rogado, algo desvalorizado pelo causalismo científico da época. Como se adoecer da fantasia fosse adoecer de suas próprias invenções, e uma verdadeira causa devesse ser o núcleo duro fora do próprio sujeito. Mas o fato enfim é que a fantasia não é invenção do sujeito, organização caprichosa de sua mente. Pelo contrário, é ela que inventa um sujeito instalado em determinado mundo. O sujeito é seu efeito, seu produto, resultado do que não se pode dizer porque se diz. O que quer que invente, ele é o resultado de sua própria invenção. Paradoxalmente, causa e efeito do causado. E a partir daí o sujeito não pode viver pela vida mesma, mas pelo significativo, que sempre implica desejo e castração; não pode viver sem uma causa para viver, para morrer, para adoecer, para se tratar, como se a causa fosse a única possibilidade de ser verbo e ao mesmo tempo substantivo para um outro aparentemente absoluto. Causa de sua causa, causa do que o causa, a fantasia como causa; finalmente, o grande Outro (Lacan, 1966/2009) como causa. É claro que o sofrimento externo produz efeitos, mas não exatamente o tipo de efeito atribuído ao sintoma neurótico; são antes os efeitos da miséria da vida cotidiana, enfrentados essencialmente com os meios da vida cotidiana, a política, a economia, a sociologia e as demais instituições do Estado. Às vezes, os psicanalistas confundem a miséria neurótica com a miséria da vida cotidiana, e acreditam também poder se ocupar dessa última, apesar do critério taxativo de Freud de que nosso tratamento é direcionado à miséria neurótica, para que se instale na miséria da vida cotidiana. E quando Freud fala em dar ao sujeito liberdade para escolher, parece que também se refere a dar liberdade para escolher qual das duas misérias prefere.

Mas é difícil resistir à tentação de seguir as magníficas reflexões do primeiro Freud. Em suas cartas seguintes a Fliess, ele insiste em dizer que as fantasias são produtos posteriores projetados para trás a partir do presente, ou seja, que a lembrança, tenha sido ela real ou não, na realidade aparece como produto da própria fantasia. E enfim, na Carta 101 (1950[1892-1899]/1986e), Freud acrescenta que, à pergunta sobre o que acontece na primeira infância, a resposta deve ser “Nada”, apenas o germe de um impulso sexual. Por isso, a lembrança implica poder percorrer o fantasmal, fazer circular o desejo em sua desmontagem, acompanhando o Freud de “Bate-se numa criança” (1919/1990), em que a segunda fase da lembrança é algo que nunca foi. Insistir na lembrança como positividade, buscar a *arché* no fato, e não no fantasma, só favorece sua fixação na inércia temporal. Por isso, a transferência deve ser fundamentalmente orientada a produzir o desejo inconsciente entre a lembrança e a fantasia, a fim de inverter o processo de temporalização. Porque, se a partir da fantasia, como Freud aponta em “Lembranças encobridoras” (1899/1989), se projetava retroativamente, conformando uma lembrança, realizando o futuro no passado, suspendendo-se numa inércia temporal, a partir da transferência, se oferece a inversão dessa determinação, buscando produzir o passado no futuro, portanto assintótico e impossível. E a regra da abstinência não se refere somente ao psicanalista em sua atuação, mas também a sua doação de significados e causas, em vez de sustentar a falta, o que não se pode dizer porque se diz. Nesse sentido, a transferência é essencialmente o lugar onde se dialetiza a pergunta pelo ser.

5. Se fosse possível gozar da finitude real, da morte, a pulsão de morte seria a ganga da vida. Mas o retorno ao inorgânico que Freud postula não pode ser gozado. Não se pode gozar estando “acabado”, e

só se pode gozar do acabamento do outro e no outro. Freud (1920/1992a) diz que a diferença entre o esperado e o encontrado é a chama que acende nosso fator pulsionante, diferença que só pode se realizar na pulsão de morte. Mas acrescenta que o caminho para trás, o retorno ao inorgânico, ao ser como substantivo, como ente, não pode ser realizado devido às resistências do recalque, sendo possível somente avançar para frente às cegas e sem meta nenhuma. Por isso, não há objeto do desejo, mas apenas causa interminável, pela reiteração da diferença que não acaba de acontecer. Mas se o caminho para trás, para o inorgânico, para o ser substantivo, está obstruído pelas resistências do recalque, a realização da pulsão de morte tem os mesmos obstáculos que o incesto? É então, como pulsão, algo destinado a não se realizar, como expressão da mortificação imposta ao corpo sexual “natural” pelo imperativo categórico paterno: “Há um gozo com a mãe que não pode ser”. Seria o gozo incestuoso uma das figuras essenciais da pulsão de morte? Se afirmarmos isso, o que não foi, o que não é e o que não pode ser, o ser fora do tempo e da finitude, que diz respeito somente ao ser como verbo – já que, para o ser substantivo “a pedra”, a questão da verdade é indiferente –, só poderá ser normalizado na lei do Édipo: que o que não pode ser ontologicamente não possa ser legalmente. Daí o interesse do fundamento ontológico do complexo de Édipo, que ao mesmo tempo implica a verdade como falta. Não aceitar essa lei implica a tentativa de anular o tempo, rompendo a distribuição geracional e instituindo o massacre parricida, filicida, fraticida de todas as guerras.

O risco é que, se o ser do ente não pode ser verbo, e o ser do verbo não pode ser ente, o ser do ente desapareça!!! A criança quebra o brinquedo para poder dominá-lo e possuí-lo melhor, embora fique com o nada do vazio. O cientista quebra o mundo e o átomo sacudindo-os para poder dominá-los melhor, e como bem diz Freud em *O mal-estar na cultura* (1930[1929]/1998), nesse domínio também está a conquista da destruição da civilização. E o psicanalista? Terá, como Édipo, que decifrar o enigma da Esfinge? E para que “felicidade”? Édipo não teria sido mais “feliz” sem resolvê-lo, vivendo dentro do princípio do prazer articulado ao da realidade? Ou será que viver no bem é sentir-se não acabado e não promovendo o gozo trágico incestuoso e a peste em Tebas, do além do princípio do prazer? Porque, ao fim e ao cabo, resolver o enigma da Esfinge é nada mais nada menos que descobrir o tempo como finitude, e querer anular isso implica sempre a realização incestuosa e o gozo da tragédia. Mas será a verdade o gozo interdito do incesto? Viver no mal além do princípio do prazer? Como se o gozo incestuoso fosse enfim realizar o fantasma de estar acabado e gozar da finitude? Por isso, nosso tratamento implica suportar que só podemos ser verbo renunciando a nossa substantividade, que só podemos ser verbo sob a sombra do desaparecimento da temporalidade que nos atravessa e arrasa, mas que graças a isso nos permite ser. Em síntese freudiana, só é possível ser na castração e suportando não resolver o enigma da Esfinge até as últimas consequências, suportando a verdade como falta, porque não suportá-la conduz ao parricídio, ao fraticídio e ao incesto. Para o psicanalista, isso

implica não buscar a causa com a qual seduzir o mundo, como Arquimedes buscava a alavanca para movê-lo, porque *se-ducere* é sempre levar para o mau caminho, desviar do bem ou impelir ao erro. O contrário é assumir a enigmática mensagem socrática de saber/ignorar e o mistério infinito do perene desejo inconsciente.

Resumo

Partindo da Carta 69 de Freud a Fliess, em que o primeiro desacredita de sua “neurótica”, o autor tenta fazer uma crítica do conceito de sedução, apontando o risco de que o psicanalista seja seduzido pela questão da causa e da verdade, em vez de seguir o sentido “triumfal” da mencionada carta freudiana, onde descobrir a transição de uma verdade como mentira implica uma nova abertura ao saber/ignorar. Se no inconsciente, como Freud afirma, não há signos de realidade e a verdade é confundida com a ficção, o inconsciente não é o lugar da verdade nem da causa, e sim o lugar onde toda verdade e toda causa se desvanecem, e há apenas uma infinita posição desejante. O tratamento psicanalítico envolve então aceitar e sustentar como causa a impossível verdade, que só o complexo de Édipo em sua legalidade produz. A linguagem e a ordem simbólica em geral produzem um ser em diferido, que tem sempre por limite a lei edípiana, e conduzem portanto a um paradoxo, o que não se pode dizer porque se diz. Forçá-las buscando uma causa e uma verdade é romper o limite e manter o sujeito na sedução incestuosa parricida, fratricida e filicida. O enigma da Esfinge não deve ser jamais desvelado, porque conduz à tragédia de Édipo, conservando o sujeito na fixação da inércia temporal, que constitui a própria essência da miséria neurótica. As grandes violências reais correspondem à miséria da vida cotidiana, e sua resolução passa pelo político, pelo econômico, pelo pedagógico e pelas diferentes instituições do Estado. O psicanalista não deve confundir a miséria neurótica, aquela que Freud pretende tratar, com a miséria da vida cotidiana, porque a miséria neurótica representa o trauma da diferença ontológica.

Candidatas a palavras-chave: *Ser substantivo, Ser verbo, Sujeito em impedimento, Causa, Saber/Ignorar.*

Abstract

Starting from Freud's Letter 69 to Fliess where he disbelieves his “Neurotica”, an attempt is made to make a critique of the concept of seduction, posing the risk of the psychoanalyst being seduced by the question of cause and truth, instead of following the “triumphal” sense of the alluded Freudian letter, where discovering the transition of a truth as a lie implies a new opening to knowing/ignorance. If in the unconscious, as Freud states, there are no signs of reality and truth is confused with fiction, the unconscious is neither the place of truth nor of cause, but rather the place where all truth and all cause vanish and there is only an infinite desiring position. The psychoanalytic cure then implies accepting and sustaining as cause the impossible truth, which only the Oedipus complex in its legality produces. Language and the symbolic order in general produce a deferred being whose limit is always the Oedipal law, and thus leads to a paradox, what cannot be said because it is said. To force it in search of a cause and a truth is to break the limit and keep the subject in the incestuous parricidal, fratricidal and filicidal seduction. The enigma of the sphinx must never be unveiled because it leads to the Oedipal tragedy sustaining the subject in the fixation of temporal inertia, which constitutes the essence of neurotic misery. The great real violences correspond to the misery of daily life and their resolution goes through the political, the economic, the pedagogical, and the different institutions of the state. The psychoanalyst should not confuse neurotic misery, which is what Freud seeks to cure, with the misery of everyday life, because neurotic misery represents the trauma of ontological difference.

Candidates to keywords: *To be a noun, To be a verb, Subject in offside, Cause, To know/To ignore.*

Referências

- Freud, S. (1986a). Carta 52 (6 de diciembre de 1896). Em S. Freud, *Obras completas* (J. L. Etcheverry, trad., vol. 1, pp. 274-279). Amorrortu. (Trabalho original publicado em 1950[1892-1899])
- Freud, S. (1986b). Carta 59 (6 de abril de 1897). Em S. Freud, *Obras completas* (J. L. Etcheverry, trad., vol. 1, p. 285). Amorrortu. (Trabalho original publicado em 1950[1892-1899])
- Freud, S. (1986c). Carta 61 (2 de mayo de 1897). Em S. Freud, *Obras completas* (J. L. Etcheverry, trad., vol. 1, p. 288). Amorrortu. (Trabalho original publicado em 1950[1892-1899])
- Freud, S. (1986d). Carta 69 (21 de septiembre de 1897). Em S. Freud, *Obras completas* (J. L. Etcheverry, trad., vol. 1, pp. 301-302). Amorrortu. (Trabalho original publicado em 1950[1892-1899])
- Freud, S. (1986e). Carta 101 (3 y 4 de enero de 1899). Em S. Freud, *Obras completas* (J. L. Etcheverry, trad., vol. 1, p. 318). Amorrortu. (Trabalho original publicado em 1950[1892-1899])
- Freud, S. (1986f). Manuscrito M [Anotaciones II] (25 de mayo de 1897). Em S. Freud, *Obras completas* (J. L. Etcheverry, trad., vol. 1, pp. 292-294). Amorrortu. (Trabalho original publicado em 1950[1892-1899])
- Freud, S. (1989). Sobre los recuerdos encubridores. Em S. Freud, *Obras completas* (J. L. Etcheverry, trad., vol. 3, pp. 291-316). Amorrortu. (Trabalho original publicado em 1899)
- Freud, S. (1990). Pegan a un niño. Em S. Freud, *Obras completas* (J. L. Etcheverry, trad., vol. 17, pp. 173-200). Amorrortu. (Trabalho original publicado em 1919)
- Freud, S. (1991). El olvido de los nombres propios. Em S. Freud, *Obras completas* (J. L. Etcheverry, trad., vol. 6, pp. 9-15). Amorrortu. (Trabalho original publicado em 1901)
- Freud, S. (1992a). Más allá del principio de placer. Em S. Freud, *Obras completas* (J. L. Etcheverry, trad., vol. 18, pp. 1-62). Amorrortu. (Trabalho original publicado em 1920)
- Freud, S. (1992b). Psicología de las masas y análisis del yo. Em S. Freud, *Obras completas* (J. L. Etcheverry, trad., vol. 18, pp. 63-136). Amorrortu. (Trabalho original publicado em 1921)
- Freud, S. (1993). El yo y el ello. Em S. Freud, *Obras completas* (J. L. Etcheverry, trad., vol. 19, pp. 1-66). Amorrortu. (Trabalho original publicado em 1923)
- Freud, S. (1996). Inhibición, síntoma y angustia. Em S. Freud, *Obras completas* (J. L. Etcheverry, trad., vol. 20, pp. 71-164). Amorrortu. (Trabalho original publicado em 1926[1925])
- Freud, S. (1998). El malestar en la cultura. Em S. Freud, *Obras completas* (J. L. Etcheverry, trad., vol. 21, pp. 57-140). Amorrortu. (Trabalho original publicado em 1930[1929])
- Kojève, A. (2013). *Introducción a la lectura de Hegel*. Gallimard. (Trabalho original publicado em 1933-1939)
- Lacan, J. (2009). Función y campo de la palabra y del lenguaje en psicoanálisis. Em J. Lacan, *Escritos 1* (pp. 231-310). Siglo XXI. (Trabalho original publicado em 1966)
- Oñate y Zubía, T. (2022). *Lecciones actuales de ontología griega arcaica y clásica*. Dykinson.
- Szpilka, J. (1989). *La cura psicoanalítica: una palabra de amor*. Tecnipublicaciones.
- Szpilka, J. (2002). *Creer en el inconsciente*. Síntesis.
- Szpilka, J. (2024, 24 de maio). *Violencia en el escenario contemporáneo: desafíos para el psicoanálisis* [apresentação de trabalho]. 18º Congreso Argentino de Psicanálisis, Mendoza, Argentina.

Recebido: 25/8/2024 – Aprovado: 10/10/2024

Tradução do espanhol: Ricardo Duarte

Sedução: laços com o Real?

*Contudo, será preciso ir mais longe, ou a psicanálise se tornará um peso morto.
É preciso restaurar urgentemente o debate entre os que querem debater.
Está na hora de os textos e as teses replicarem umas às outras,
em um rigor que não exclui, contudo, a tolerância.
Rigor nas ideias, tolerância com os outros.
Não vemos, com frequência, justamente o contrário?
Laxismo no pensamento, mas polêmica agressiva e narcísica em relação às pessoas.¹*
Jean Laplanche, 2007

Minha trajetória e minha preocupação psicanalíticas sempre estiveram relacionadas com a clínica e as diferentes teorias que a sustentam. Nunca me senti representando nenhuma “escola”. Antes, me sinto parte de uma atitude de abertura, deixada por muitos que estiveram envolvidos em minha formação: analistas pessoais, docentes, supervisores, dos quais recebi uma abertura teórica e uma preocupação com o sofrimento humano.

Essa abertura a opiniões e debates se deu em diferentes contextos e instituições: em nível hospitalar; em grupos de estudo, de supervisão; em escolas – enfim, trabalho e estudo estavam voltados para ampliar a perspectiva, tolerando o fato de que os problemas, que às vezes só multiplicavam as questões, nos obrigavam e nos obrigam a recorrer a outras disciplinas, humanísticas, biológicas. Aceitemos nossos limites e trabalhemos com a modéstia de nossos recursos, sem verdades inquestionáveis nem idealizações que prejudicam nossa disciplina e a clínica.

A proposta de escrever um trabalho para *Calibán* sobre sedução me deu a oportunidade de retomar Laplanche, com sua teoria da sedução originária, e meu particular interesse por sua concepção da sexualidade ampliada no sentido freudiano, que abre perspectivas para certos impasses do próprio Freud e de muitos de seus continuadores. Quem diz sexualidade ampliada e estendida diz também – ou tenta se aproximar de – uma psicanálise menos rígida e sobretudo menos normativizante, sem pretender “reatar com a subversão”, segundo o convite de Laurie Laufer (2023).

A intenção, portanto, é procurar uma psicanálise mais “livre” de muitos modelos contextuais e históricos que entorpecem a clínica contemporânea móvel, cambiante e altamente complexa.

* Asociación Psicoanalítica del Uruguay.

1. N. do T.: tradução de V. Dresch e M. Marques. A citação está em: Laplanche, J. (2015). *Sexual: a sexualidade ampliada no sentido freudiano: 2000-2006*. Dublinense. <https://a.co/d/0AA7odW> (Trabalho original publicado em 2007)

Faz muitos anos que Laplanche se dedicou a essas preocupações, e me parece importante refletir sobre elas. Para ele, a análise está em crise, e a prática, desvirtuada, produzindo um reforço do eu ou trabalhando com um jogo de palavras incessante. Ele se pergunta se sua teoria da sedução generalizada pode ajudar a ressituar a prática e procura fazer isso.

Já ouvi dizer que os analistas trabalham com o Real. Eu respondo: infelizmente não! Porque, se fosse assim, seríamos mais bem-sucedidos. Nós trabalhamos com a linguagem, mas acho importante – com diz Badiou (2015/2016) – procurar o real perdido; com isso, talvez possamos desconstruir algumas de suas máscaras e afirmar, com esse autor, “que o impossível existe”¹ (p. 50).

Com que linguagem trabalhamos? Sem dúvida, com a verbal, quando o discurso flui numa associação livre, enriquecedora, abrindo novos e velhos mundos, cometendo equívocos, esquecimentos, repetições. Mas isso nem sempre acontece, e além disso, mesmo que aconteça, é insuficiente, porque ao discurso é preciso acrescentar o afeto, que está sempre ligado, mas de maneiras muito diversas. É preciso integrar o espaço transferencial em que esse discurso se dá e prestar atenção a outras formas de linguagem: a gestualidade; os sinais de angústia; a preocupação; o medo; os indícios de recalque extremo, de vergonha; a sedução; a raiva; a dor... Será que o próprio afeto, como diz Laplanche, não pode se tornar significativo e assumir o valor de representação? E também os sinais e indícios em nós mesmos, como analistas.

Muitas vezes nos deparamos com uma linguagem que não comunica, um texto frio, “objetivo”, fechado, ou então um falatório que ressalta o que os outros fazem ou dizem, uma palavra vazia.

Podemos nos perguntar: isso é analisável? Penso que Laplanche, apesar das grandes contribuições teóricas que sua releitura freudiana proporcionou e sua formação com Lacan, diria: “Não!”. Porque a análise implica desligamento, ou seja, método psicanalítico e tina; de certa forma, um retorno à transferência originária.

Lacan (1952/s.d.), por outro lado, quando trabalha o caso do Homem dos Lobos, também diz que Freud era um pai supremo demais para ser eficaz – ao que eu acrescentaria: interessado demais em sua teorização, preocupado demais em investigar a representatividade e o mistério dos sonhos. Busca apaixonada, detalhada dos eventos traumáticos. É um risco permanente para nós, analistas: “distrair-nos” num lugar idealizado demais e ficarmos presos em nossas teorias. Podemos pensar que Freud também procurava com Sergei algo do “real”, sem necessariamente se propor isso?

Gostaria de destacar alguns aspectos significativos apontados por Lacan: Ruth Mack Brunswick, que assume o caso de Sergei diante da

1. N. do T.: tradução de F. Scheibe. Esta citação e a próxima dessa obra estão, respectivamente, nas pp. 38 e 61 de: Badiou, A. (2017). *Em busca do real perdido*. Autêntica. (Trabalho original publicado em 2015)



Roberto Huarcaya
Recreaciones pictóricas [Recriações pictóricas] (2010-2011). Mary e Mauro, empregada doméstica e mototaxista. Impressão digital, 40 cm x 60 cm.

crise posterior ao término da análise com Freud, “força bastante”² o paciente em seus “entrenchamentos” para tirá-lo de sua posição de “filho favorito” (p. 17). A analista participa de

certa dureza própria da personagem paterna [...]. Ela sabe mostrar a ele que não adere a Freud, ou seja, que não está identificada com o pai e que “não é forte demais”. O sujeito é novamente dado à luz por ela e, dessa vez, da melhor maneira. (p. 20)

Apesar dessas mudanças, Lacan afirma que o que acontece não é da ordem da análise; é mais uma psicopedagogia, em que se discute a respeito da realidade, é verdade; em dado momento, Brunswick diz a Sergei que Freud não está preocupado com ele, e o paciente enlouquece. No que a analista tocou?

Não era uma análise?! Mas “a saída foi favorável”? Além disso, Lacan ressalta: “Uma coisa é clara na observação de Ruth Mack Brunswick: o que resta é mais que um resíduo mórbido, o que está no centro do tratamento com R. M. Brunswick é a transferência” (p. 15), enquanto com Freud, durante meses e anos, as sessões não apresentam nada. O paciente fala, fala e fala.

Nota-se que Brunswick, além da mencionada psicopedagogia, o que certamente fez, também fez mais algumas coisas. Ela se pôs em jogo com Sergei, e juntos, mas não misturados, eles conseguiram desidealizar a imponente figura de Freud, o que permitiu alguma ressignificação;

2. Todos os grifos neste artigo são meus.

suas palavras puderam nomear o que não tinha nome e tiveram outra ressonância no paciente. Não seria a análise um desprender-se do pai onipotente, podendo ver e aceitar que “na realidade não o ama tanto assim” (p. 20)?

Lembremos que Freud configura seu paciente como uma neurose infantil, e Lacan ressalta que uma “identificação narcísica [...] frágil e sempre ameaçada” (p. 14)³ marca sua passividade, que sua organização edípica está fragmentada e isso o desorganiza, que ele não acedeu à terceira idade, e chega a dizer que ressurge um estado anterior ao eu, aspectos com os quais concordo. Para além de um debate sobre a psicopatologia, a respeito do qual houve posições muito diferentes, penso que Sergei padecia de conflitos muito importantes e desestabilizadores, e a analista fez muito bem em “forçar bastante”, e também precisou situá-lo na “realidade”, em “sua” realidade, a de Sergei, não a da analista.

A meu ver, essa neurose infantil fala de marcas originárias prévias à castração e ao Édipo, que alguns teóricos tentaram resolver (incluindo

3. Também na p. 3 Lacan fala de cisão entre a vida intelectual e a vida instintiva do sujeito. Uma sexualidade compulsiva.

Freud), procurando modos de conceituar os “fenômenos residuais”, o “arcaico”, ou propondo uma etapa pré-edípica, ou pré-castrativa, também como Winnicott e outros, conceituando o *self* como primário e uma teorização do objeto como transicional, que contempla esse tempo-ponte entre a indiferenciação e a alteridade. Distintos recursos para, a partir da perspectiva teórica, tentar dar conta dessas marcas primeiras, prévias à linguagem falada e à angústia de castração.

Ouso dizer que pensar teoricamente esse período inicial – quer o designemos como *primário*, *originário*, *arcaico* ou *pré-edípico*, todos termos questionáveis, com argumentos de peso – nos obriga a reconhecer que estamos diante de um problema importante em nossa disciplina, com consequências na clínica, problema que é preciso seguir trabalhando e investigando. “O Édipo”, diz Lacan referindo-se a Sergei, “ficou inacabado; *permaneceu numa relação dual e não chegou à relação triangular*. O paciente fica apenas com fragmentos do Édipo” (p. 2).

Penso que Laplanche oferece uma contribuição para abordar problemas como esse. Em primeiro lugar, o Édipo é visto por ele como algo cultural, que permanece em nosso psiquismo porque pertencemos a uma geração patriarcal e a transmitimos, mas pode haver outras formas de estruturação, com o que concordo. Isso não significa que o Édipo vivido e marcado no sujeito não esteja recalcado, porém apenas pelo recalque secundário; ele não faz parte do inconsciente originário. Mas além disso os lugares dos pais podem ser outros, sem que isso prenuncie catástrofes psíquicas, como às vezes se ouve entre nós, numa visão causalista que, essa sim, está distante de nossa disciplina.

Outro aspecto a ser questionado diz respeito aos pacientes com relações duais. Isso significa que eles não alcançaram a relação triangular? Há então uma deficiência simbólica? Na clínica, encontramos pacientes com cisões significativas, que apresentam ao mesmo tempo altos níveis simbólicos e um mundo caótico e indiscriminado no nível das relações afetivas. Lacan também diz que Sergei “fracassou em simbolizar de maneira humana *certas* relações simbólicas” (p. 8).

Laplanche procura libertar a psicanálise freudiana de sua dependência da biologia e da filogênese, o que Lacan também tentou, mas por outra perspectiva. Para ele, o central na estruturação do *infans* é a situação antropológica fundamental, determinante para criar a pulsão, a sexualidade e o inconsciente, sempre fundados pela ação do outro (semelhante). Isso não significa negar que, a toda excitação sexual, corresponda um aspecto somático junto com a fantasmática, mas a questão é: como o fantasma se produz? É a participação do adulto que implanta mensagens principalmente somáticas, “*inseparáveis dos significantes gestuais, mímicos ou sonoros, que as transportam*”⁴ (Laplanche, 1993/1998, pp. 19-20).

Para o autor, o inconsciente “*é como-uma-linguagem, não-estruturado*”⁵ (Laplanche, 1987/1989, p. 61). Ele não compartilha então nem a primazia nem a hegemonia do significante no tratamento, destacando a possibilidade de ser um significante desdesignificado, tanto verbal quanto não verbal. No inconsciente não há textos, nem ideias, nem relações de sentido. Há marcas, representações-coisa, objetos parciais desligados uns dos outros. Para Laplanche (1987/1989), é um equívoco situar o estrutural no âmago do inconsciente. No inconsciente as palavras estão como coisas ou como as imagens do sonho, e não como palavras (Laplanche, 1981/1987a), sendo ele caracterizado pela pulsão sexual parcial, pelos objetos parciais e pelo recalque originário e secundário.

Para todas essas mudanças perturbadoras, o autor se vale da ideia de sedução originária.

4. N. do T.: tradução de L. Magalhães. A citação está na p. 15 de: Laplanche, J. (1997). *Freud e a sexualidade: o desvio biologizante*. Jorge Zahar. (Trabalho original publicado em 1993)

5. N. do T.: tradução de C. Berliner. Esta citação e as próximas dessa obra estão, respectivamente, nas pp. 58, 100, 111, 128-129, 160, 171 e 168 de: Laplanche, J. (1992). *Novos fundamentos para a psicanálise*. Martins Fontes. (Trabalho original publicado em 1987)

A sedução originária generalizada

A criança nasce com suas montagens reguladoras biológicas, que procuram a homeostase. Laplanche (1987/1989) fala de um indivíduo somato-bio-psíquico, que desde o início apresenta comportamentos comunicativos. O lactante não está fechado nem é uma tábula rasa, mas é profundamente desadaptado, e embora já tenha capacidades desde o nascimento, essas montagens são precárias, ele precisa se confrontar “com tarefas de nível demasiado alto relativamente ao grau de maturação psicofisiológica” (p. 60). Quando começam os desequilíbrios homeostáticos, não consegue pedir ajuda, seus gritos são de transbordamento, agitação desesperada que a mãe aprende e vai decodificando como chamado. Também não sabe o que é o perigo nem registra o que é o vazio. Isso mostra que não há nele nenhum conhecimento inato, nenhuma intuição instintual diante do perigo. O originário é, então, uma criança cujos comportamentos adaptativos existem, mas são imperfeitos, frágeis, sempre prontos a se deixar desviar, e um adulto desviante, em relação a qualquer norma a respeito da sexualidade e também em relação a si mesmo, a sua clivagem. Freud trata disso nos *Três ensaios sobre a teoria sexual* (1905/1992) e em outras obras.

Tomemos fragmentos capitais de Freud, onde a sedução aparece com clareza:

A meta sexual da pulsão infantil consiste em gerar a satisfação por meio da estimulação apropriada da zona erógena escolhida de uma forma ou de outra. Tal satisfação *deve ter sido vivenciada anteriormente*, deixando assim a necessidade de ser repetida.⁶ (p. 167)

As pulsões parciais, sob o primado de uma única zona erógena, *formaram uma organização sólida* para alcançar a meta sexual num objeto sexual externo. (p. 179)

Não é sem boas razões que a criança a mamar no seio da mãe se tornou o modelo de toda relação amorosa. *A descoberta do objeto é, na verdade, uma redescoberta*. (p. 203)

Para a criança, o trato com a pessoa que dela cuida é uma fonte contínua de excitação sexual e satisfação das zonas erógenas. [...] beija e embala a criança, *claramente* a toma como substituto de *um objeto sexual completo*. Provavelmente a mãe se horrorizaria se lhe explicassem que todos os seus carinhos despertam a pulsão sexual do filho e prepararam a posterior intensidade dessa pulsão. (p. 203)

6. N. do T.: tradução de P. C. Souza (adaptada). Esta citação e as próximas dessa obra estão, respectivamente, nas pp. 89, 107, 143, 144 e 39 de: Freud, S. (2016). *Três ensaios sobre a teoria da sexualidade*. Em S. Freud, *Obras completas* (vol. 6, pp. 13-172). Companhia das Letras. (Trabalho original publicado em 1905)

Aqui Laplanche censura aos analistas e também a Freud – embora a meu ver este esteja mais justificado – por não termos trabalhado mais e teorizado sobre o que acontece com a mãe. A mãe “se horrorizaria” se soubesse que desperta a sexualidade no filho, mas sem dúvida se horrorizaria mais se ficasse consciente do que foi despertado nela em relação à criança; aqui também está em jogo a sexualidade infantil da mãe, reativada e justificada culturalmente, dada a importância da amamentação para o filho, o que favorece o afrouxamento da proibição fruto do recalque.

Freud discorre ainda sobre os desvios e as aberrações sexuais, trabalhados e reformulados por muitos teóricos, mas quero destacar o abuso infantil. Ele se refere a pessoas com um excelente funcionamento no âmbito social e profissional, mas com uma prática aberrante, indicando que “os impulsos da vida sexual estão entre aqueles que mesmo normalmente são os menos controlados pelas atividades psíquicas superiores” (p. 135).

“A sedução sempre é, no pensamento freudiano e no pensamento contemporâneo, o vínculo entre uma factualidade, fatos, uma realidade efetiva, e, por outro lado, uma certa teorização ligada a esses fatos” (Laplanche, 1987/1989, p. 107).

Freud conceitua uma sedução precoce, quando o adulto expõe a criança a uma experiência sexual prematura, o que produz o trauma, porque a criança ainda não tem os recursos para significar e substituir (trauma em dois tempos). Nas *Novas conferências* (Freud, 1933[1932]/1989), ele diz: “Mas nisso a fantasia toca no chão da realidade, pois foi realmente a mãe que, cuidando da higiene corporal do bebê, suscitou-lhe (ou talvez despertou mesmo) sensações prazerosas nos genitais”⁷ (p. 112). A mãe distraída ou a que desconhece seu desejo e a pressão pulsional inconsciente com seu filho?

Laplanche (1987/1989) responde: “A mãe teve de despertar, esse despertar pela mãe é inelutável, está inscrito na própria situação e não depende de qualquer contingência” (p. 123).

Isto é central em sua proposta: traços indelévels de impressões precoces, que têm a ver com as mensagens adultas fundantes da pulsão, da sexualidade e do inconsciente, cenas *inscritas* e não compreendidas – o que significa que, ao mesmo tempo, estão prontas para serem reativadas.

O que falta, diz Laplanche (1992/1996),

é o signo que “faz signo”. Um signo proposto pelo adulto à criança [...]. É o adulto que põe em primeiro plano o seio – e não o leite – e o faz em função de seu próprio desejo, consciente e inconsciente, o originário é esse encontro desigual e necessário entre uma criança e um adulto com um psiquismo muito diferente, onde o outro que dispõe, que conduz uma criança indefesa, é prioritário. (p. 37)

Em diálogo com Marta Labraga,⁸ eu me perguntei se o proposto por Laplanche com a sedução originária *não configuraria um campo ampliado da sedução que acontece em toda intimidade, que para ela tem sempre um ponto de estranheza, de alheidade inquietante do estranho em jogo*. Eu penso que sim, que sempre beira o fantasma do estranho. Foi o outro, o “alheio” com sua “estranheza familiar”, que marcou com seus fantasmas enigmáticos o corpo da criança.

Para Laplanche, a relação originária tem então um duplo registro, a possibilidade ou não de um encontro vital, mútuo, em interação prazerosa, e outro registro, que é o envelope sexual, mui-

7. N. do T.: tradução de P. C. Souza. A citação está na p. 274 de: Freud, S. (2010). *Novas conferências introdutórias à psicanálise*. Em S. Freud, *Obras completas* (vol. 18, pp. 123-354). Companhia das Letras. (Trabalho original publicado em 1933[1932])

8. Diálogos pessoais sobre a sedução, acontecidos em 2004.

to desigual porque há um sedutor e um seduzido, um desviante e um desviado, o que implica receber excessos de excitação num *infans* que não tem capacidade para significar.

Há um aspecto que precisamos enfatizar aqui: Laplanche considera haver só uma energia, a libido. Então, onde está a violência, onde estão a destrutividade, o dano, o gozo, que fizeram Freud postular a pulsão de morte? Laplanche também a postula, mas como pulsão *sexual* de morte. Destaca vários textos de Freud em que a agressividade, o ódio e a destrutividade estão muito presentes. Para ele, a ideia fundamental da proposta freudiana de 1920 é que a agressividade é primeiro recebida do semelhante, se estanca e depois é deflexionada como agressividade para o exterior (Laplanche, 1970/1987b). Assim, torna a insistir na noção de que “os processos nos quais o indivíduo manifesta sua atividade são todos secundários” (Laplanche, 1992/1996, p. 105). O próprio Freud não encontra a destrutividade isolada, em estado puro; é muda. Além disso, Laplanche (1999/2001) acrescenta, “o essencial do ruído da vida vem de Eros” (p. 233), libido que pode ser dirigida a atividades de ligação ou de desligamento, ou seja, pulsão sexual de vida ou pulsão sexual de morte. Essa última representa o aspecto mais demoníaco, destrutivo e irredutível da libido.

Esses aspectos constituintes ou característicos da realidade psíquica humana invertem o que Freud disse sobre tudo o que é consciente ter sido primeiro inconsciente. Em vez disso, a criança escuta, capta, vê, gestos, atitudes, proximidades ou distâncias do outro significativo, não tem instrumentos para decodificar e dar sentido, e de alguma forma precisa ir traduzindo essa “linguagem”, e dessa tradução fica sempre um resto de “imagens”, de “coisa”, de fragmentos, alguns dos quais podem ser traduzidos para outros registros, enquanto outros permanecem como restos. A partir dessa situação originária (sedução e recalque), “se desemboca na formação de um resto [...], o não simbolizado, ou seja, significante dessignificado” (Laplanche, 1987/1989, p. 151), “(não primordialmente verbais), que foram excluídos e isolados, pelo recalque-tradução” (Laplanche, 1999/2001, p. 233). Cada inconsciente se estrutura de acordo com as modalidades tradutórias que o receptor das mensagens adultas alcança. Primado do outro e primado do sexual na constituição psíquica.

Cabe perguntar agora como as mensagens do outro conseguem ser traduzidas na criança. Laplanche diz que as primeiras mensagens são implantadas como enigma no eu-corpo (significante *a*), inscrições no corpo que mais tarde vão se tornar ou não zonas erógenas. É quando se forma o “eu-instância”, quando acontece a primeira tentativa de tradução e domínio desses significantes, mas simultaneamente se cria um resto, fruto do recalque primário.

De qualquer modo, não podemos esquecer que o tradutor está sob o domínio do outro – e eu acrescento: também dos sistemas culturais em meio aos quais ele vem ao mundo. Portanto, aceitando que o ser

humano tem capacidade tradutória, sua tradução fica por tempo demais em estado de submissão, com a possibilidade de rebelião, sem dúvida, mas muitas vezes repetindo a cultura familiar ou se opondo ferozmente a ela, o que pode ser a mesma coisa.

Isso está relacionado ao realismo do inconsciente. Os traços que ficam das mensagens do outro se convertem em significantes dessignificados ou signos de percepção sobre os quais se exerce o recalque primário, obrigando à cisão e à formação do eu, e podem ou não estar abertos a novas traduções, mas, ainda que isso seja possível, sempre ficará um resto, que constituirá o núcleo do inconsciente.

Há um risco nessa proposta: a possibilidade de produzir um excesso de determinismo. Sabemos que há restos intraduzíveis, mas existe a possibilidade de nos entusiasmos com a “descoberta” do real. Acho interessante a ideia de um inconsciente transformável, mesmo que tenha elementos indestrutíveis, porque isso não significa “necessariamente” que sejam inalteráveis – embora às vezes sejam.

A teoria da sedução generalizada e a prática analítica

*O fato de que tudo o que é analisável é sexual não implica que tudo o que é sexual seja acessível à análise.*⁹

Jacques Lacan, 1960

A teoria de Laplanche procura se desvencilhar de algumas propostas já insustentáveis de Freud e principalmente apresentar uma teoria menos especulativa que a freudiana, com um lado mais racional e menos heterogêneo. Devemos nos perguntar se isso é uma virtude para a psicanálise.

Em minha perspectiva, o primado do outro oferece uma compreensão do encontro assimétrico adulto-criança que propicia uma base para seguir investigando na clínica, com os pacientes, sejam eles neuróticos ou não, e problematiza aspectos teóricos.

A aparição da sexualidade no bebê talvez seja excessivamente separada do autoconservativo, por ser uma palavra que o desagrada, visto que nas origens do sujeito não há nada “auto”. É o outro que investe, excita, deseja; a mãe (o adulto cuidador), seu tom de voz, sua maneira de falar, totalmente distinta da cotidiana, as coisas que a encantam em seu filho permitem pensar que se torna um *objeto sexual completo*. E também a resposta do *infans*, com sua excitação, seu riso, sua irritação ou seu desespero diante da ausência ou do excesso.

Quanto a sua concepção da análise, Laplanche diferencia a psicoterapia da análise, e valoriza a ambas. Embora seja importante assinalar que o autor *não ignora o fato de que grande parte da análise (ainda mais a clássica) implica intervenções psicoterapêuticas* (Laplanche, 1987/1989), ele propõe a ideia de uma tina, não concorda com a expressão “contrato” – por considerá-la insuficiente –, o tratamento é um gesto instaurador que deve ser incessantemente restaurado, é instaurado um lugar pulsional ou “sexual” puro, ou seja, a sedução originária. Os interesses adaptativos não estão excluídos, mas é importante que o analista se recuse a dar lugar a eles; a presença de um recinto constante é necessária para favorecer o desligamento, e a transferência se

9. N. do T.: tradução de V. Ribeiro. A citação está na p. 739 de: Lacan, J. (1998). Diretrizes para um congresso sobre a sexualidade feminina. Em J. Lacan, *Escritos* (pp. 734-745). Jorge Zahar. (Trabalho original publicado em 1960)

instala a princípio pela análise e pela proposta do analista, não pela neurose do paciente. Instauração do suposto saber do analista, que o recusa. “Resolver, analisar, dissolver, é fazer passar em algum lugar uma faca, e uma faca só se insinuará onde houver a indicação de fissuras, linhas de clivagem” (p. 161).

Essa proposta, baseada na sedução originária, que o obriga a aprofundar a teoria freudiana da primeira tópica com uma reformulação que faz pensar, me parece abrir boas perspectivas para o trabalho analítico, particularmente no que diz respeito às compulsões à repetição de origem traumática e infantil. No entanto, alguns aspectos levantam questões.

Essa perspectiva de instaurar um *lugar pulsional puro* não seria também uma idealização?

Concordo com Laplanche que os momentos mais ricos e de maior transformação se dão quando a estrutura psíquica do paciente permite desconstruir, cortar, quando ambos se deparam com algo novo, que possibilitará ao paciente estruturar novas visões sobre si, ampliando sua história através de uma simbolização mais aberta. Mas isso também implica repetições e resistências, assim como precisamos admitir que não é simples estruturar uma tina com as mudanças culturais de nosso tempo.

Teremos que renunciar ao “ouro puro da análise” e ficar com o sugestivo e o adaptativo?

Creio que não. E nesse sentido me inclino a pensar que o importante é o posicionamento do analista. É um tema que requer mais investigação, mas em princípio não compartilho da ideia de uma diferença taxativa entre análise e psicoterapia analítica.

Em primeiro lugar, digo que não acredito que um encontro analítico esteja de alguma forma a salvo do poder sugestivo da palavra do analista, mesmo que ele não fale, porque o silêncio pode ser mais sugestivo que a palavra. Não digo que sempre o seja, mas às vezes é. Algo da sedução também estará presente, às vezes consciente, às vezes inconsciente, mas o que importa é nosso posicionamento, a capacidade de rever em nós mesmos esses aspectos e aceitar que nos atribuam um “suposto saber”, que é transferencial e essencial para as mudanças que podem ser produzidas. Suposto saber em que às vezes nos agrada acreditar e retirar dele o “suposto”, mas é preciso sempre lutar com essas crenças e recusá-las.

Por outro lado, há vários autores que diferenciam radicalmente a análise da psicoterapia. Admito que com muitos pacientes não alcançamos a possibilidade de análise, e ainda que melhorem determinados traços, encontrem certos sentidos em relação a sua forma de funcionamento que os beneficiem, eles não são analiticamente tocados.

Há pacientes muito disfuncionais, que atacam o *setting* com irritações, faltas, ligações, mensagens, expressando grande intolerância a qualquer limite, e se o analista é capaz de tolerar isso, sem entrar no jogo da agressão ou da demanda imperiosa, bem lentamente podem ir se constituindo diques que comecem a permitir o pensamento do paciente e do analista. Creio que podemos ver isso como traumas da primeira infância, relacio-

nados com o ódio, a rejeição, a humilhação, o abuso, o fato de não ser visto como outro diferente, mensagens iniciais que se intrometem no psiquismo do *infans* e impedem a alteridade. É como se o paciente, a princípio, não estivesse ali, constituindo-se como repetição do outro, ele “é” o outro, e o caminho é procurar que consiga se diferenciar, caminho esse com interpretações que fracassam e produzem ódio, construções rejeitadas ou não, sendo preciso suportar muita desvalorização de sua parte e uma demanda voraz.

Estabelecer limites e não entrar no jogo, ou entrar o mínimo possível, acaba às vezes – a meu ver – sendo uma análise, porque há transformações na possibilidade de deslocamentos, rumo à lenta e fatigante estruturação de um romance com uma história menos amputada e mais aberta, com possibilidades de se repensar fazendo parte e sendo protagonista dessa história, antes apenas projetada para fora, com capacidades criativas na escrita, na arte ou no trabalho, e novas formas de identificação.

Para alcançar isso, houve respostas ao paciente, houve silêncios, houve construções, interpretações que talvez o tenham levado à zombaria ou à fúria, houve ausências, mas isso lentamente pôde se converter em instrumento.

Lacan (1952/s.d.) observa: “As coisas são abordadas no plano da realidade atual do analista: até que ponto Freud está realmente ali presente? R. M. Brunswick lhe mostra que Freud não está interessado em seu caso” (p. 17). Sergei enlouquece. Devemos reconhecer que é uma intervenção bastante direta, não aceita pelo paciente, mas as características de Sergei, com sua passividade, sua repetição dramática, não justificam forçá-lo o suficiente para movimentar esses traumas coagulados? Não há dúvida de que são sínteses; além disso, é uma afirmação feita pela analista, situação que almejamos superar, mas não terá se iniciado ali a possibilidade de pensar e começar a derrubar esse “pai” idealizado?

As construções também são estruturadas pelo analista. Não sei se o outro paciente de Freud (1937/1991) sofria porque, quando o irmão nasceu, ele se sentiu deslocado, ao perder a exclusividade materna; é possível. Mas talvez outra coisa mais confusa e perturbadora estivesse lhe acontecendo; eu quase diria *certamente*. Contudo, creio que a intervenção do analista lhe apresentou algo que ele tentava negar, desmentir ou ignorar, e o preparou para se aprofundar em seu mundo interno e seus conflitos. Trabalho de síntese, mas com certeza oportuno. Temos de aceitar que há pacientes que necessitam de alívio para pensar por si mesmos. E basta que não acreditemos em nosso saber, mas aceitemos que o paciente precisa acreditar nele, na busca de um momento de confiança e aceitação do outro/Outro; ganhamos terreno para que ele possa integrar outra perspectiva de si, que sem dúvida tem algo do outro, mas pode se tornar transformável, porque não é um outro que detém a verdade, é um outro que propõe, que produz hipóteses, que “atende”.

Laplanche (1987/1989) destaca: “Continência e regularidade no tempo da sessão, constância no ambiente, mas, sobretudo, *o essencial da continência é a atenção*” (p. 159). Concordo com sua proposta, mas ressalto sua reflexão sobre a atenção: me parece fundamental não só a atenção flutuante do analista como também o interesse. Para a relação transferencial, é muito importante um analista atento e interessado, embora tenhamos de nos recusar.

Às vezes, para ironizar um pouco tanto saber e tanta minuciosidade, penso que Laplanche odeia as maiúsculas. Com frequência, ele protesta contra a concepção da Lei, do Outro, do Imaginário, que considera excessivamente estruturado, inamovível e formal. Não acompanha a ideia freudiana de só diferenciar realidade externa (material) e interna (psicológica). Herdeiro da tríade lacaniana – Real, Simbólico e Imaginário –, discorda da concepção do simbólico, que considera extremamente linguístico, supraindividual, estrutural e até metafísico (!) (Laplanche, 1999/2001). Propõe outra tríade a partir das formulações freudianas: Realidade externa – Realidade psicológica – Realidade

psíquica inconsciente. Essa última, configurada pelos significantes des-significados, que lhe parecem mais precisos que representação-coisa. Realidade inconsciente que passa por essa estranha transformação em que o recalque opera. O rastro inconsciente é um tipo de resíduo. Ou seja, perde o caráter de representação e se transforma numa coisa que não representa (não significa) mais que a si mesma; *significante a*.

Eu me pergunto: o ser humano não precisaria tanto do semelhante quanto do Outro para ligar o inconsciente recalcado com a palavra? E como conceituar o Outro? Ele se configura apenas pelo Nome do Pai, pelo falo e pela castração? Ou, como acredita Laplanche, esses aspectos se originam na cultura e podem mudar? A proposta de Laufer (2023) me parece plausível: a necessidade de abrir vozes e vias de emancipação “diante dos dogmas psicanalíticos repetidos até o cansaço” (p. 14). A autora também assinala que a psicanálise silenciou a respeito de suas condições de produção, o que a empobrece e a torna alvo de muitas críticas.

Também vale considerar o que diz Leticia Glocer Fiorini (2015) sobre a necessidade de “desarticular os encadeamentos aparentemente inexpugnáveis entre complexo de Édipo, função paterna, castração simbólica e diferença sexual” (p. 68).

Em relação ao caso do Homem dos Lobos, Lacan (1952/s.d.) observa que curiosamente são mulheres que exercem a castração em Sergei, e a partir daí se inicia toda uma série de referências ao fálico feminino ou à função paterna nas mãos das mulheres, como o já mencionado: “R. M. Brunswick soube [...] participar de certa dureza [...] paterna” (p. 20). Aceito que se diga “de certa dureza”. Ponto. Não seria materna? Em minha opinião, isso é ideologia. Mas aceitemos também que nenhum de nós está livre dela. Penso que isso merece ser questionado e investigado melhor.

Precisamos igualmente revisitar o tema da terceiridade. Hoje eu ainda a considero imprescindível para alcançar a alteridade. Ela pode ou não estar vinculada ao Édipo, à castração e ao Nome do Pai? Será o único limite possível? A única diferença em jogo na estruturação psíquica?

Como diz Badiou a Žižek (Badiou & Žižek, 2011/2019), “é preciso continuar debatendo o conceito de acontecimento e o conceito do real” (p. 89), e é isso que eu gostaria de estimular com este trabalho.

“Porém, hoje, devemos estar convencidos de que, apesar dos lutos que o pensamento nos impõe, buscar o que há de real no real pode ser, é, uma paixão alegre” (Badiou, 2015/2016, p. 89).

Resumo

Com a proposta de *Calibán* sobre a sedução, a autora quis transmitir sua preocupação com a clínica psicanalítica e a imbricação desta com as teorias que a sustentam. Para isso, lhe pareceu oportuno evocar Laplanche e sua contribuição sobre a sedução originária generalizada, tornada fundamento de uma concepção de inconsciente, sexualidade e pulsão

fundada no encontro com o semelhante (adulto cuidador do *infans*). A abordagem de Laplanche interessa à autora por liberar a psicanálise de sua perspectiva biológica e filogenética, e ao mesmo tempo por ressaltar a importância fundadora da relação originária criança-mãe, ou melhor, criança-adulto. Com isso, ela também libera a realidade psíquica da normatização estruturante no nível do inconsciente, do Édipo e da castração, permitindo considerar a perspectiva de uma sexualidade mais ampliada ou estendida, valorizando os primeiros conceitos freudianos a esse respeito.

Palavras-chave: *Sedução, Metapsicologia, Clínica.*

Abstract

With *Calibán's* proposal on seduction, I wanted to convey my concern for psychoanalytic clinic and its entanglement with the theories that sustain it. It seemed appropriate to evoke Laplanche with his contribution of generalized original seduction, which turns it into the foundation of a conception of the unconscious, sexuality, and drive based on the encounter with the other (adults in charge of the infant). His approach is of interest to me as it liberates psychoanalysis from its biological and phylogenetic perspective, and at the same time emphasizes the foundational importance of the original child-mother or, better yet, child-adult relationship. Because in this way, it also frees psychic reality from structuring normativity at the level of the unconscious, of the Oedipus, and castration, allowing for a more expanded or extended perspective of sexuality, valuing the early Freudian concepts in this regard.

Keywords: *Seduction, Metapsychology, Clinic.*

Referências

- Badiou, A. (2016). *En busca de lo real perdido*. Amorrortu. (Trabalho original publicado em 2015)
- Badiou, A. & Žižek, S. (2019). *Filosofía y actualidad*. Amorrortu. (Trabalho original publicado em 2011)
- Freud, S. (1989). Nuevas conferencias de introducción al psicoanálisis. Em S. Freud, *Obras completas* (J. L. Etcheverry, trad., vol. 22, pp. 1-168). Amorrortu. (Trabalho original publicado em 1933[1932])
- Freud, S. (1991). Construcciones en análisis. Em S. Freud, *Obras completas* (J. L. Etcheverry, trad., vol. 23, pp. 255-270). Amorrortu. (Trabalho original publicado em 1937)
- Freud, S. (1992). Tres ensayos de teoría sexual. Em S. Freud, *Obras completas* (J. L. Etcheverry, trad., vol. 7, pp. 109-242). Amorrortu. (Trabalho original publicado em 1905)
- Glozier Fiorini, L. (2015). *La diferencia sexual en debate*. Lugar.
- Lacan, J. (s.d.). *El Hombre de los Lobos*. <https://tinyurl.com/2p9hmktv> (Trabalho original publicado em 1952)
- Lacan, J. (1984). Ideas directrices para un congreso de sexualidad femenina. Em J. Lacan, *Escritos 2*. Siglo XXI. (Trabalho original publicado em 1960)
- Laplanche, J. (1987a). *Problemáticas 4: el inconsciente y el ello*. Amorrortu. (Trabalho original publicado em 1981)
- Laplanche, J. (1987b). *Vida y muerte en psicoanálisis*. Amorrortu. (Trabalho original publicado em 1970)
- Laplanche, J. (1989). *Nuevos fundamentos para el psicoanálisis*. Amorrortu. (Trabalho original publicado em 1987)
- Laplanche, J. (1996). *La prioridad del otro en psicoanálisis*. Amorrortu. (Trabalho original publicado em 1992)
- Laplanche, J. (1998). *El extravió biologizante de la sexualidad en Freud*. Amorrortu. (Trabalho original publicado em 1993)
- Laplanche, J. (2001). *Entre seducción e inspiración: el hombre*. Amorrortu. (Trabalho original publicado em 1999)
- Laplanche, J. (2007). *Sexual: la sexualité élargie au sens freudien*. PUF.
- Laufer, L. (2023). *Por un psicoanálisis emancipado: reanudar la subversión*. Escolios.

Recebido: 1/11/2024 – Aprovado: 3/12/2024

Tradução do espanhol: Ricardo Duarte

Calibán -
RLP, 23(1),
41-49
2025

Jennifer Levy*

Paradoxos do ódio e da sedução: uma reflexão inspirada em *1984*, de George Orwell

A Terra gira do oeste para o leste, passa e torna a passar do dia para a noite, mas nós vivemos segundo nosso próprio horizonte, como se Oriente e Ocidente estivessem fixos e habitássemos lugares imóveis.

Pierre Legendre, 2004

Costumo buscar na literatura metáforas que me permitam entender e digerir os tempos turbulentos em que vivemos. Os confrontos ideológicos, os fanatismos que nos dividem e a fragmentação de nossa sociedade constituem, como na ficção orwelliana, nosso dia a dia. Tomando como referência o ritual dos Dois Minutos de Ódio e o uso da novafala, vou tentar refletir sobre alguns aspectos de nosso funcionamento psíquico-social atual que me chamam a atenção.

De fato, não foi por acaso que as vendas de *1984* (1949/2016), de George Orwell, aumentaram vertiginosamente no dia em que Donald Trump assumiu o poder em seu primeiro mandato, em 2017, e que durante a pandemia ele tenha sido o livro clássico mais vendido no mercado editorial. *1984* é um dos grandes romances que melhor captam o caráter distópico de nosso mundo atual.

Mas por que falar de *1984* num número de *Calibán* dedicado ao tema da sedução?

Pensemos por que os cidadãos russos aprovam de forma esmagadora Vladimir Putin, apesar de ter invadido e entrado em guerra com a Ucrânia; por que Trump triunfou de novo nos Estados Unidos, apesar de ter sido acusado de atos de corrupção e de ser uma pessoa com ideias radicais; ou em meu país, o Peru, onde, apesar de ter estado na prisão por crime de lesa-humanidade, se aceitou e se normalizou que Alberto Fujimori pudesse concorrer novamente à presidência.¹

O que nos seduz nesses estranhos personagens, os quais estamos dispostos a escolher, vez após vez, embora sejam claramente nocivos para o bem-estar de nossa sociedade? Parece que o autoritarismo, a prepotência e o uso do terror como forma de governo, mecanismos distópicos por excelência, têm muitos seguidores entre nós.

* Sociedad Peruana de Psicoanálisis.

1. Alberto Fujimori faleceu em 11 de setembro de 2024.



Roberto Huarcaya
El retorno del olvido [O retorno do esquecimento] (1997). Bienal de Havana, Cuba. Na foto, Santiago (sobrinho). Cibachrome, 1,20 m x 1,18 m.

Desde que nascemos, somos objeto dos desejos inconscientes que nossos pais projetam em nós. Crescemos na esteira do que se espera que sejamos.

Em sua proposta sobre a situação antropológica fundamental, Laplanche (1970/1976) considera que todo ser humano que nasce se insere, pelo simples fato de ter nascido, num mundo saturado de significados enigmáticos e saberes inconscientes que os pais transmitem aos filhos e que fazem parte de nossa constituição psíquica. Não podemos devir sem a intervenção dos adultos que cuidam de nós e “moldam” nossos desejos.

Aulagnier (1975/1977) fala de uma violência primária exercida pelos pais, indispensável para a constituição de um eu no começo da vida. Ou seja, ela é estruturante. Assim, nossa subjetividade se constrói em relação ao olhar de nossos cuidadores e, numa escala mais ampla, às narrativas oficiais provenientes da cultura e das instituições de poder, que, de forma silenciosa, vão moldando nossa percepção da realidade ao longo de nossa vida. Essas narrativas “oficiais”, que poderíamos denominar hegemônicas, são verdades parciais repletas de preconceitos e estereótipos sobre os outros, que às vezes limitam e dificultam nossa maneira de criar vínculos, de vivenciar experiências novas e desconhecidas.

Segundo Blanck-Cerejido (2014), os preconceitos “são formas de pensamento emocional próximas do processo primário” (p. 29), que se fixam na mente do sujeito desde muito cedo e cuja

influência distorce o modo de captar os outros. De acordo com a autora, “uma vez que alguém acredita que os negros ou os judeus são maus, perversos ou perigosos, essa crença tende a ser refratária às evidências da percepção” (p. 22).

Chimamanda Ngozi Adichie, escritora nigeriana, escreveu um texto intitulado *O perigo de uma história única* (2018), onde relata que, ao chegar aos Estados Unidos, seus colegas se surpreendiam com o fato de que, sendo africana, ela falasse inglês tão bem. Esse desencontro cultural fez com que se perguntasse como as histórias sobre os outros são construídas, o que torna algumas histórias oficiais e outras não, que tipos de história consumimos e quais histórias preferimos ignorar e por quê. Segundo Ruggero Levy (2024), nós, seres humanos, somos seres simbólicos, que precisamos construir narrativas que nos sejam familiares e apaziguadoras sobre a realidade. Muitas vezes, diz o autor, podemos até adotar narrativas falsas e destrutivas para lidar com nossa impotência e nosso desamparo.

Nós, psicanalistas, não somos imunes ao desenvolvimento de ideias preconceituosas sobre os outros diferentes ou sobre fenômenos que desconhecemos, porque também estamos imersos em determinada cultura. Consumimos certos discursos com os quais nos identificamos e certas teorias que orientam nosso trabalho clínico. Embora os tempos estejam mudando, muitos de nós continuamos a agir sob a influência de mecanismos de discriminação fortemente instalados em nosso inconsciente, e às vezes tomamos o dispositivo edípico freudiano² como Verdade absoluta, excluindo e patologizando outras formas de ser e de viver, que não se encaixam no parâmetro da heterossexualidade (Glocer Fiorini, 2015; Magallanes, 2020; Preciado, 2020; Reitter, 2019).

Numa perspectiva foucaultiana, o que consideramos saúde ou doença mental se constrói com base em discursos oficiais, os quais, a partir de um lugar hegemônico, ditam o que é “certo” e o que é “errado”. Esse *modus operandi*, típico de viver na cultura, é necessário para organizar a vida em comum, mas também dá lugar a fenômenos de segregação, divisão e muito sofrimento social.

Nos últimos anos, tenho percebido, por um lado, uma intolerância generalizada à diferença e, por outro, um esforço de reivindicação de muitas minorias, as quais, embora nos incitem a refletir sobre fenômenos como discriminação, racismo e fanatismo, por continuarem esquecidas por nossas instituições oficiais, se veem obrigadas a protestar seus direitos com ódio, um ódio que, visto da posição privilegiada do *establishment*, é qualificado como intolerável, inadmissível e destrutivo. De acordo com Kiffer (Kiffer & Gabriel, 2020), seria preciso diferenciar o ódio político

2. Com “dispositivo edípico freudiano”, eu me refiro a tomar como modelo de saúde mental a heterossexualidade e construir uma teoria da diferença sexual com base na primazia do pênis.

– o ódio como afeto construtivo, ainda que momentaneamente desorganizador – da política do ódio – a prática sistemática de silenciar e eliminar certos grupos sociais que ameaçam o desejo de alguns governantes de se perpetuar no poder. Vejamos como essas dinâmicas têm um correlato no ritual distópico dos Dois Minutos de Ódio descrito por Orwell (1949/2006).

A sociedade orwelliana está organizada de forma piramidal. No topo da hierarquia está o Grande Irmão, figura onisciente e poderosa que governa até a mais mínima ação de seus súditos e que nunca foi vista por ninguém. No degrau de baixo estão os funcionários do Núcleo do Partido e do Partido Exterior, que pertencem às classes sociais dirigentes; e, por último, está o proletariado, denominado “os proletas”. Nessa sociedade são proibidos os vínculos amorosos e qualquer tipo de atividade subjetiva que denote uma vida interior particular, que não corresponda a servir o Estado. Todas as manhãs, antes do início da jornada de trabalho e como um ritual, os funcionários do Partido se reúnem diante de uma tela gigante, onde é projetada a imagem do maior inimigo do Partido, Emmanuel Goldstein. É como se os Dois Minutos de Ódio fomentassem a produtividade, o desempenho e um fascínio especial pelo uso da violência. Funcionam como um motor de vida ou como a cola que os mantém unidos e lhes dá um sentido de existência, mesmo que seja se submetendo a um ideário perverso. Winston Smith, o único personagem que se rebela contra o sistema e que conseguiu preservar certa autonomia psíquica escrevendo um diário, também é seduzido pela fúria coletiva.

Sobre o ritual do ódio, Smith diz:

O mais horrível dos Dois Minutos de Ódio não era o fato de a pessoa ser obrigada a desempenhar um papel, mas de ser impossível manter-se à margem. Depois de trinta segundos, já não era preciso fingir. Um êxtase horrendo de medo e sentimento de vingança, um desejo de matar, de torturar, de afundar rostos com uma marreta, parecia circular pela plateia inteira como uma corrente elétrica, transformando as pessoas, mesmo contra sua vontade, em malucos a berrar, rostos deformados pela fúria.³ (p. 22)

Esse fragmento aponta claramente a atração que o ritual do ódio exerce nos membros do Partido. O que desconcerta Smith é a facilidade para despertar os desejos de destruir uns aos outros. O ódio é uma força sedutora? Sabemos que o ódio pode oferecer uma forma poderosa e rápida de canalizar frustrações, medos e inseguranças, e que proporciona uma ilusão de controle e poder em situações em que nos sentimos impotentes ou ameaçados. Primo Levi (1947/2003) descreve esse mecanismo em seu testemunho de sobrevivente dos campos de concentração, ao qual me refiro mais adiante.

Em 1915, Freud descreveu um mecanismo muito primitivo através do qual o bebê projeta no exterior seus objetos maus para preservar sua vida; isso lhe permite sobreviver e conservar um estado mínimo de equilíbrio. Ao cindir ou pôr nos objetos externos “o mau”, o bebê pode se sentir a salvo. É isso que o pai da psicanálise chamou de eu-prazer purificado.

Por sua vez, Lemlij (Sociedad Peruana de Psicoanálisis, 2022) argumenta que o ódio pode ter a função de reafirmar nossa identidade e consolidar quem somos. Ou seja, o ódio pode ser um mecanismo de defesa muito primitivo que nos dá a ilusão, embora falsa, de preservar nossa integridade. Isso me faz pensar em Bion (1979/1992), que utiliza uma imagem de guerra para se

3. N. do T.: tradução de A. Hubner e H. Jahn. Esta citação e as próximas dessa obra estão, respectivamente, nas pp. 55, 302, 309 e 357 de: Orwell, G. (2019). 1984. Companhia das Letras. (Trabalho original publicado em 1949)

referir ao que acontece na dinâmica transferencial com alguns pacientes difíceis: “Na guerra, o objetivo do inimigo é nos aterrorizar tanto que não possamos pensar com clareza” (p. 246). Essa observação explica por que, às vezes, quando nos vemos invadidos pelas projeções hostis de nossos pacientes, não conseguimos exercer nossa função analítica. Não nos acontece algo semelhante como cidadãos? Por estarmos constantemente envolvidos em sistemas de pensamento ideologizados, não perdemos a capacidade de pensar e nos pôr no lugar do outro? As guerras e os conflitos não são o resultado extremo de narrativas que despojam o “outro” de sua humanidade, transformando-o num inimigo que não merece existir?

Parece então que ter um inimigo, real ou imaginário, funciona como um baluarte ao qual nos aferramos para sentir que pertencemos e temos uma identidade. Ou seja, precisamos desprezar um outro, especialmente em momentos de insegurança e ameaça. Os altos índices de violência contra a mulher não são uma manifestação de que alguns homens, sentindo-se indefesos e vulneráveis, recorrem à violência extrema, inclusive ao assassinato, como forma de se proteger e reafirmar seu domínio?

“Tudo o que o Partido reconhece como verdade é a verdade. É impossível ver a realidade se não for pelos olhos do Partido” (Orwell, 1949/2016, p. 264), diz O’Brien, chefe da Polícia das Ideias, a Winston Smith.

Depois do fatídico 7 de outubro de 2023, quando eclodiu a guerra entre Israel e o Hamas, não só o mundo inteiro ardeu em chamas, como também as redes sociais exigiram de nós tomar o partido de um dos lados, como se o planeta se dividisse em aliados e inimigos, em bons e maus. Esse fenômeno de polarização, potencializado pelas *fake news*, nos envolveu numa atmosfera em que parecia ser proibido pensar além dessa lógica dualista. Se tentávamos mostrar empatia ou conhecer a “outra história”, éramos tachados de traidores. Em meu caso, só havia uma forma de ser judia: estar de acordo com a política do governo de Israel. Exatamente como na sociedade orwelliana, éramos obrigados a pensar de uma só maneira para poder pertencer. Acredito que sustentar a complexidade humana pode ser muito doloroso e, para eliminar o desconcerto, o mal-estar e a dúvida, adotamos um pensamento rígido que torna nossa existência mais “simples”. Este é o cerne do que Orwell nos mostra: como os seres humanos tendem a adotar uma ideia de modo cego e fanático quando se sentem ameaçados e frágeis.

O Partido precisa despojar os cidadãos de toda subjetividade para poder implantar facilmente sua ideologia totalitária. O’Brien detém Smith e lhe diz:

Nunca mais lhe será possível ter sentimentos humanos comuns. Tudo estará morto dentro de você. Nunca mais lhe será possível experimentar o amor, a amizade, a alegria de

viver, o riso, a curiosidade, a coragem ou a integridade. Ficará oco. Vamos espreme-lo até deixá-lo vazio, e depois o preencheremos com nós mesmos. (p. 271)

Essa fala tremenda me faz pensar na experiência de desumanização das vítimas dos campos de concentração nazistas. Levi (1947/2003), em seu testemunho devastador como sobrevivente, escreve sobre os *Muselmänner* [muçulmanos], os judeus mais fracos, os mortos em vida, os que perderam qualquer traço de humanidade:

São eles, os “muçulmanos”, os submersos, são eles a força do campo: a multidão anônima, continuamente renovada e sempre igual, dos não homens que marcham e se esforçam em silêncio [...]. Hesita-se em chamá-los vivos. [...] Se eu pudesse concentrar numa imagem todo o mal do nosso tempo, escolheria essa imagem que me é familiar: um homem macilento, cabisbaixo, de ombros curvados, em cujo rosto, em cujo olhar, não se possa ler o menor pensamento.⁴ (pp. 98-99)

Parece que, nesse ponto, a distopia de Orwell e o testemunho de Levi andam de mãos dadas e coincidem ao descrever uma realidade carente de humanidade.

O manifesto partidário de Oceânia decreta que “todas as ambiguidades e nuances de sentido [devem ser] expurgadas” (Orwell, 1949/2016, p. 327). Esse é o objetivo da novafala, o idioma que o governo do Grande Irmão obriga a usar. Por não haver palavras que aludem a conceitos abstratos, como liberdade, política, bem, mal, moral, democracia, religião ou justiça, se constrói uma massa de seres não pensantes. Com o desaparecimento desses vocábulos, se elimina a possibilidade de pensar nesses conceitos e, portanto, de questionar o sistema ditatorial. Se consideramos a linguagem um instrumento para a reflexão, a novafala seria expressão de um funcionamento concreto, em que não haveria espaço para a simbolização, a curiosidade e o aprendizado através da experiência. Esse modo operatório de funcionamento proíbe o raciocínio crítico e promove um pensamento binário e simples. Isso me leva mais uma vez a ver a distopia orwelliana como uma metáfora que nos permite elucidar certo clima de dessubjetivação que imprime sua marca em nossa contemporaneidade. Eu me pergunto se as injunções da cultura narcisista em que vivemos, junto com os desenvolvimentos da inteligência artificial e o tempo que passamos diante das telas, não estariam prejudicando nossa capacidade de imaginar, de ter empatia com os outros e de ser receptivos à diferença.

Tudo isso me faz pensar no que Bolla (2018) descreve como “um estado fascista da mente”, que se caracteriza por sustentar uma certeza indiscutível e funcionar sob mecanismos que procuram eliminar qualquer oposição. Haveria um divórcio entre a experiência, em que nada de novo se poderia aprender, e uma verdade única, que explicaria todos os fenômenos. Desse modo, a mente deixa de ser complexa e se torna primitiva. Essa rigidez é um estado mental interno que não permitiria manter diferentes pontos de vista ao mesmo tempo, considerar os matizes da experiência e sustentar a complexidade da vida.

Pensemos nas incontáveis propostas de “cura” e “redenção” que circulam em nossos dispositivos telefônicos, fomentando a busca por explicações simples para problemas complexos (nada

4. N. do T.: tradução de L. Del Re. A citação está na p. 91 de: Levi, P. (1988). *É isto um homem?* Rocco. (Trabalho original publicado em 1947)



Roberto Huarcaya
Lima de ayer, la de mañana [Lima, a de ontem, a de amanhã] (1991). Série de 36 retratos de pessoas que trabalham na rua – ambulantes, como são conhecidos em meu país. Na foto, Lizardo Díaz Flores, afiador. Cópia analógica, 40 cm x 50 cm.

mais distante da orientação psicanalítica); ou na linguagem usada no ciberespaço, repleta de imagens, sinais e siglas crípticas que compõem um código de comunicação austero; ou no ChatGPT, quando o empregamos como substituto de um pensamento próprio e original. Quanto mais o sistema nos oferece “soluções” rápidas, mais rígido se torna nosso pensamento e mais nos encerramos em ideias monolíticas e estáticas do mundo, fechando a possibilidade de estabelecer diálogos.

Alguns chamam isso de “modernidade líquida” (Bauman, 2003/2008); outros, de “pós-experiência” (Baricco, 2018/2019). O fato é que vivemos num mundo que valoriza o imediatismo, a aceleração, a gratificação sem espera, o *multitasking* e o consumo voraz. Há uma demanda permanente

de obtermos *likes* e nos exibirmos publicamente nas redes para reafirmar nossa existência. Como personagens da série *Black mirror*, nosso valor se relaciona a uma “pontuação” atribuída por nossos seguidores, e se não atingimos uma nota que nos assegure certo *status*, nos convertemos em cidadãos de segunda. Ou, na linguagem orwelliana, em proletas.

Essa forma de funcionamento operacional nos leva facilmente a nos aferrarmos a ideias fechadas e a ideologias que eliminam a possibilidade de entrar em contato com a dor, a incerteza e a dúvida, inerentes a nossa existência. Parece que adotamos um modo algorítmico de nos relacionarmos, ou seja, reduzido e “endogâmico”, em que “o outro” e “o desconhecido” ficam de fora de meu registro mental, porque são difíceis de digerir e assimilar. Essas dinâmicas relacionais produziram um mal-estar social muito bem descrito por Sadin (2022):

A sociedade tensionada e exigente em que vivemos provoca um mal-estar permanente. As dificuldades enfrentadas por um grande número de pessoas, a situação de estar expostas a repetidos fracassos ou de assistir ao agravamento incessante das desigualdades, de se mover em meios familiares em crise, ou de se ver tomadas pelo cansaço e pela vontade de desistir, tudo isso, provavelmente, é o combustível de um foco contínuo de animosidade contra o mundo... Essa espécie de raiva encontrou na língua sua própria expressão: ter ódio. (p. 214)

Nesse contexto de desalento generalizado, é fácil sermos seduzidos por ideologias e sistemas de pensamento herméticos que nos oferecem formas simples e binárias de ver o mundo. É compreensível nos deixarmos cativar por discursos que demonizam e estigmatizam o outro, porque é mais difícil olhar para nós mesmos e entrar em contato com o doloroso da experiência humana, o desconhecido e o incontrolável. O conflito psíquico, como sabemos, não tem solução imediata e não é “curado” com receitas práticas. Será que, à medida que nos tornamos cada vez mais eficientes e digitalizados, não estamos perdendo certas qualidades de introspecção, imaginação, solidariedade com os outros e possibilidade de pensar num futuro melhor em comum? Será que o mundo neoliberal e capitalista em que vivemos não está nos distanciando de ver o outro como um igual, como alguém indispensável para nosso desenvolvimento e nosso bem-estar comunitário?

Resumo

“Tudo o que o Partido reconhece como verdade é a verdade. É impossível ver a realidade se não for pelos olhos do Partido”, diz O’Brien a Winston Smith. Essa afirmação, que resume a ideologia totalitária do governo despótico do Grande Irmão, me parece uma imagem muito pertinente para pensar certos fenômenos de polarização que caracterizam nosso tempo. Neste trabalho, tomo como ponto de partida o romance distópico *1984*, de George Orwell, para analisar como certos discursos hegemônicos totalizadores podem ser, paradoxalmente, extremamente sedutores. Os seres humanos tendem a consumir sistemas de pensamento fechados e dicotômicos para escapar da complexidade e do não saber inerentes a nossa natureza humana. Examinamos os fenômenos dos Dois Minutos de Ódio e do uso da novafala para pensar em nosso funcionamento psicótico.

Palavras-chave: *Sedução, Ódio. Candidatas a palavras-chave:* *Distopia, Grande Irmão, Polarização, Discursos totalizadores.*

Abstract

“It is impossible to see reality except through the eyes of the Party. Whatever the Party says is true, is true,” O’Brien tells Winston Smith. This phrase, that summarizes the totalitarian ideology

of the despotic government of Big Brother, seems to me to be a very pertinent image to think about certain phenomena of polarization that characterize our time. This paper takes George Orwell’s dystopian novel *1984* as a starting point to analyze how certain totalizing hegemonic discourses can be, paradoxically, extremely seductive. Human beings tend to consume closed, dichotomous systems of thought in order to escape the complexity and unknowing inherent in our human nature. The phenomena of the Two Minutes of Hate and the use of the *Newspeak* are examined to think about our own psychotic functioning.

Keywords: *Seduction, Hate. Candidates to keywords:* *Dystopia, Big Brother, Polarization, Totalizing discourses.*

Referências

- Adichie, C. N. (2018). *El peligro de la historia única*. Random House.
- Aulagnier, P. (1977). *La violencia de la interpretación*. Amorrortu. (Trabalho original publicado em 1975)
- Baricco, A. (2019). *The game*. Anagrama. (Trabalho original publicado em 2018)
- Bauman, Z. (2008). *Amor líquido: acerca de la fragilidad de los vínculos humanos*. Fondo de Cultura Económica. (Trabalho original publicado em 2003)
- Bion, W. (1992). Hay que pasar el mal trago. Em W. Bion, *Seminarios clínicos y cuatro textos*. Lugar. (Trabalho original publicado em 1979)
- Blanck-Cerejido, F. (2014). *El siglo del prejuicio confrontado*. Paradiso.
- Bollas, C. (2018). *Meaning and melancholia*. Routledge.
- Freud, S. (1992). Pulsiones y destinos de pulsión. Em S. Freud, *Obras completas* (J. L. Etcheverry, trad., vol. 14, pp. 105-134). Amorrortu. (Trabalho original publicado em 1915)
- Gloer Fiorini, L. (2015). *La diferencia sexual en debate*. Lugar.
- Kiffer, A. & Gabriel, G. (2020). *Las vueltas del odio*. Eterna Cadencia.
- Laplanche, J. (1976). *Life and death in psychoanalysis*. Johns Hopkins University. (Trabalho original publicado em 1970)
- Legendre, P. (2008). *Lo que Occidente no ve de Occidente*. Amorrortu. (Trabalho original publicado em 2004)
- Levi, P. (2003). *Si esto es un hombre* (P. Gómez, trad.). El Aleph. (Trabalho original publicado em 1947)
- Levy, R. (2024). La esencia simbólica del ser humano: su fuerza y su fragilidad. Fanatismo y polarización en el siglo XXI. *Calibán*, 22(2), 19-29.
- Magallanes, F. (2020). Reimaginarizar Edipo: deconstruyendo el binarismo sexual y la heteronormatividad. *Revista Peruana de Psicoanálisis*, 25, 110-119.
- Orwell, G. (2016). *1984*. Alianza. (Trabalho original publicado em 1949)
- Preciado, P. (2020). *Yo soy el monstruo que os habla*. Anagrama.
- Reitter, J. (2019). *Edipo gay*. Letra Viva.
- Sadin, E. (2022). *La era del individuo tirano: el fin de un mundo común*. Caja Negra. Sociedad Peruana de Psicoanálisis. (2022, 15 de dezembro). *Conversatorio: masa y odio. Invitados: Mariano Horenstein y Moisés Lemlij* [vídeo]. YouTube. <https://tinyurl.com/ycx3axnm>

Recebido: 11/9/2024 – Aprovado: 19/11/2024

Tradução do espanhol: Ricardo Duarte

Seduções perigosas: mitos e personagens

*O verbo ler não suporta o imperativo. Aversão que compartilha
com alguns outros: o verbo “amar”... o verbo “sonhar”...¹
Daniel Pennac, 1992²*

Eros é um verbo

Estamos em tempos indigentes, digamos assim. “Os vínculos”, indeterminação do nome que não é mais amor, nem namorado, nem noivo, são escolhidos à moda de um *casting* em aplicativos,³ o que reduz o acaso⁴ ao mero intervalo do algoritmo, que é simplesmente uma repetição de sequências.

A sedução não está na moda, ao menos não como foi pensada ou ainda é por autores como Baudrillard (1979/1994), que opõe a sedução à produção (no sentido que lhe dá o capitalista). Talvez o *playboy* tenha sido o último *Zeitgeist* de uma época que morreu com o século XX, mas herdado pelo metrossexual, também ele caído em desgraça, mais preocupado em se olhar no espelho do que correr atrás das mulheres. O *playboy*, que não existe mais, é em geral um subocupado (grave pecado capital), um herdeiro despreocupado com qualquer produção, e já sabemos que as mulheres, em especial o duro trabalho da conquista, não é uma tarefa que não exija um tempo considerável. Em *Psicologia das massas e análise do eu* (1920/2013), Freud afirma que o que rompe a coesão do homem com a massa é a relação com uma mulher.

Assim, em tempos de Tinder e Happn, de *scroll* infinito – porque sempre pode haver “algo melhor” –, não vale a pena voltar à pergunta sobre “como chegar ao outro”? E não apenas se aproximar dele, mas também converter-se, por um procedimento inefável e quase misterioso, em seu objeto de desejo ou em seu objeto causa de desejo.

Entre o sujeito e o outro, entre o homem e a mulher, há um mundo, há um muro feito, entre outras coisas, de palavras. Atravessar esse território infinito implica, antes de mais nada, desenharmos o mapa e nele um caminho que nunca se repete (portanto, ponho em dúvida que se possa

* Asociación Psicoanalítica Argentina.

1. N. do T.: tradução de L. Werneck. A citação está na p. 13 de: Pennac, D. (1993). *Como um romance*. Rocco. (Trabalho original publicado em 1992)

2. A citação costuma ser atribuída a Borges, que a teria mencionado numa conferência em 1983: “O verbo *ler*, como o verbo *amar* e o verbo *sonhar*, não suporta o modo imperativo”.

3. Parece que a ideia dos aplicativos de relacionamento não é produzir o encontro, mas fazer o usuário permanecer dentro deles infinitamente.

4. O encontro ao acaso é um traço muito próprio do encontro amoroso, o que o liga ao registro do real.

aprender qualquer técnica possível). De certo modo, isso evoca a longa viagem do herói na tragédia. Exagero? Os mitos estão aí para responder, como sempre.

Navegar, viver, remar

Vejo na televisão, num desses programas de fofoca, uma entrevista com um ator supostamente abençoado pela natureza (incluídos aí os procedimentos estéticos), o qual afirma que, embora não pareça, “também precisa remar” quando conhece uma mulher que lhe interessa.

É curioso, então, que nem mesmo o mais dotado de todos os atributos fálicos possíveis – fama, beleza, dinheiro, a lista é longa, mas com certeza não é interminável – tem acesso direto ao outro. Justamente porque, se não há obstáculos ao acesso, se nada se interpõe, a questão perde todo o seu encanto. Para fazer sentido, ainda que soe paradoxal, o amor e o desejo exigem um trabalho, um desvio, uma travessia, um remar, como remam os marinheiros da nau de Ulisses, em direção a um outro que talvez, por estrutura, seja verdadeiramente inalcançável. A Ítaca à qual estamos condenados a querer voltar.

Trata-se apenas, e nada menos, de definir e traçar o itinerário do território a ser percorrido entre *você* e *eu*, porque aí está o *quid* do amor.⁵

O triângulo de Safo

Anne Carson escreve sobre o amor no livro *Eros, o doce-amargo* (1986/2015) e dedica o primeiro capítulo a Safo de Lesbos, poeta arcaica, a qual delimita para os amantes um espaço geométrico que sugere um terceiro vértice, interposto na relação a dois.

Em seu belíssimo primeiro livro, a poeta e ensaísta canadense, para entrar no tema do amor, cita este fragmento de um poema de Safo, que viveu no século VI a.C.:

*Parece-me par dos deuses
ser o homem que ante a ti
senta-se e de perto te ouve
a doce voz
e o riso desejoso. Sim isso
me atordoa o coração no peito:
tão logo te olho, nenhuma voz
me vem
mas calada a língua se quebra,
leve sob a pele um fogo me corre,
com os olhos nada vejo, sobrezum-
bem os ouvidos,*

5. A Carta de Tendre é o mapa de um país imaginário, inventado no século XVII por diversas personalidades, entre elas Catherine de Rambouillet, e inspirada no romance *Clélie, histoire romaine*, de Madeleine de Scudéry (1654). Nessa “representação topográfica e alegórica”, encontramos traçadas, sob a forma de povoados e caminhos, as diferentes etapas da vida amorosa, segundo as belezas da época.

frio suor me envolve, tremo
toda tremor, mais verde que relva
estou, pouco me parece faltar-me
para a morte.
Mas tudo é ousável e sofrível...⁶
(p. 28)

A poesia arcaica de Safo abre a transmissão de uma poeta a outra até chegar ao leitor, sempre um pouco desorientado em relação à atividade amorosa. A que escreve o poema observa de longe sua amada em companhia de um jovem com quem a moça conversa enquanto sorri para ele.

Como há mais de uma versão mítica do nascimento de Eros, Carson retoma um desses mitos e observa que, para os gregos mais primitivos, Eros é filho de Poros e Penia, ou seja, da pobreza (Penia) e do expediente (Poros), embora também evoque a versão enunciada por Diotima no banquete socrático apresentado por Platão, tão cara a Lacan (1960-1961/2013) no seminário a respeito da transferência. Assim, Eros é fome e limite, um espaço de mediação entre os sujeitos (o espaço pelo qual vão viajar as flechas que o deus carrega em sua aljava), que os situa e também os atrai, conformando um impossível que põe em marcha o movimento da vida. Eros é ao mesmo tempo doce e amargo,⁷ delirante e sedante, um deus que tanto relaxa os músculos quanto endurece os nervos.

O que se destaca e importa no poema não é o ciúme do jovem, subterfúgio eufemístico em todo caso, mas a figura triangular traçada pelo poema sobre a paisagem (que intuímos ser o desfileiro do desejo). O desenho desse triângulo não é uma manobra mental trivial. Vemos nela a constituição radical do desejo, porque, onde Eros é carência, sua ativação requer três componentes estruturais: amante, amado e... o que faz a mediação entre eles.

A cena que retrata é construída por essa articulação de olhares e palavras. Eu olho, tu falas... com outro. Eu te olho, diz o amante, mas minha visão está cega, e por ali emerge uma angústia, esse fogo que percorre o corpo, o frio suor que destila, ao mesmo tempo, angústia e desejo. Um pouco mais adiante no poema, mas quase, está a morte. É disso que se trata para Safo, para Carson, e é disso que se trata também na psicanálise, do amor e da morte.

Carson vai além e afirma não só que é preciso atravessar esse caminho cheio de obstáculos, mas que o amor – define por fim – é “amor ao obstáculo” (talvez uma bela definição do desejo).

Técnica e simulação

É interessante observar uma espécie de divisão de águas, bibliográfica e conceitual: de um lado, os que insistem, demonstram e argumentam, não sem alguma razão, que a sedução é puro artifício, disfarce, embuste, véu, ocultamento, simulacro, simulação; do outro, os que – com Lacan, vale dizer – põem – como acontece com a arte em Freud e Lacan – um vazio do lado da sedução.

Para Lacan (1962-1963/2006), no seminário 10, a fórmula da verdadeira sedução é “Eu te desejo, mesmo sem saber”⁸ (p. 37). O verdadeiro sedutor (pelo menos, na leitura lacaniana) é castrado por um desejo inconsciente, precisamente nesse “mesmo sem saber”. Assim, há em mim um desejo que é desconhecido. O desejo cava um buraco no sedutor sujeito. Esse é o ponto em que há algo que não

6. N. do T.: tradução de Jaa Torrano. A citação está na p. 41 de: Torrano, J. (2007). O mundo como função de musas. Em Hesíodo, *Teogonia: a origem dos deuses* (pp. 12-97). Iluminuras. (Trabalho original publicado c. século VIII a.C.)

7. Carson extrai essa definição de outro poema sáfico, que diz *Eros glucopikrón*, em grego.

8. N. do T.: tradução de V. Ribeiro. Esta citação e as próximas dessa obra estão na p. 37 de: Lacan, J. (2005). *O seminário, livro 10: a angústia*. Jorge Zahar. (Trabalho original publicado em 1962-1963)

pode ser impostado, e isso é o desejo, o desejo de seduzir que aprisiona, no início e também no fim da sedução, o próprio sedutor. Insisto na ideia de que não pode ser impostado, para além do fato de o sedutor ser um *vero* apaixonado ou um predador fingido. Em qualquer caso, ele mesmo deve estar possuído por um desejo intenso. É o que afirma Kierkegaard (1843/2006), quando comenta o *Don Giovanni* de Mozart e Da Ponte:⁹

Assim, se sigo falando de Dom Juan, falo de um sedutor, de modo nenhum o imagino projetando furtivamente seu plano, calculando engenhosamente o efeito de suas intrigas; aquilo que usa para enganar é a genialidade do sensual, e ele mesmo é como que a encarnação dela. Carece de prudência reflexiva, sua vida é espumante como o vinho que lhe dá forças, sua vida tem movimento, como as músicas que acompanham seus alegres banquetes, é sempre triunfante. Não precisa de preparativos, nem de arranjos, nem de tempo, pois está sempre pronto, ou seja, a força está sempre nele, e também o desejo, e só quando deseja está propriamente em seu elemento. (p. 185)

O que não cessa

A sedução não é facilmente definível. O termo, aliás, tem uma etimologia latina: tingido de passividade, significa “deixar-se levar” ou “desviar-se do caminho certo”. *Se-ducere* é o verbo que fala mais do objeto que do sujeito da ação.

Na literatura infantil mais tradicional, aparece de maneira equívoca *Chaperon Rouge*, história muitas vezes contada às crianças, mas no conto original da Chapeuzinho Vermelho o propósito francamente moralizador não envolve, como costumávamos pensar, o caso de uma menina desobediente distraída e um pouco *naïve*, e sim o de uma jovem adolescente à qual Perrault, o autor, por meio de uma alegoria, gostaria de advertir sobre os perigos. O lobo macho a persuade a se desviar do caminho, e para isso mente e se disfarça do que não é, e com o tempo se transforma num grande problema para ela. Prova, entre muitas outras, de que a sedução quase sempre foi concebida como perigo, como algo sempre maléfico e diabólico, que desvia do caminho reto aquele que se torna sua presa.

Ulisses e o canto das Sereias

Num antiquíssimo vaso decorado com a barca de Ulisses ameaçada pelas Sereias, desenhada com desajeitada maestria por algum artesão que talvez tenha precedido Homero e seu relato na *Odisseia*, o herói aparece amarrado ao mastro, resistindo, mas – isso sim – sem renunciar à escuta do canto das Sereias.

9. É muito provável que Da Ponte, um ex-libertino e judeu convertido, tenha se encontrado em Viena com Casanova para discutir o libreto.



Ulisses e as Sereias. Cerâmica ática, 480-470 a.C. Museu Britânico. Ainda metade pássaros, e não metade peixes.

O que Homero nos conta então?

No canto 12 da *Odisseia* (Homero, século VIII a.C./2009), Circe¹⁰ recebe Ulisses e seus homens depois de retornarem do Hades e os adverte sobre os perigos rumo a Ítaca. O primeiro é a ilha das Sereias:

*Às Sereias chegarás em primeiro lugar, que todos os homens enfeitiçam, que delas se aproximam. Quem delas se acercar, insciente, e a voz ouvir das Sereias, ao lado desse homem nunca a mulher e os filhos estarão para se regozijarem com o seu regresso; mas as Sereias o enfeitiçam com seu límpido canto, sentadas num prado, e à sua volta estão amontoadas ossadas de homens decompostos e suas peles marcescentes. Prossegue caminho, pondo nos ouvidos dos companheiros cera doce, para que nenhum deles as ouça. Mas se tu próprio quiseres ouvir o canto, deixa que, na nau veloz, te amarrem as mãos e os pés enquanto estás de pé contra o mastro; e que as cordas sejam atadas ao mastro, para que deleitado ouças a voz das duas Sereias. E se a eles ordenares que te libertem, então que te amarrem com mais cordas ainda. Depois que os companheiros tiverem remado para longe delas, já não te passarei a contar de modo contínuo como será a direção do teu caminho, mas tu próprio terás de decidir: mas eu te direi as alternativas.*¹¹ (pp. 102-103)

Odisseu se faz ao mar com seus homens e, próximo à ilha das Sereias, obedecendo ao conselho da deusa, depois de untar o ouvido dos companheiros com cera derretida, ordena que eles amarrem seus pés e mãos ao mastro. Quando as Sereias percebem a presença da embarcação, entoam seu canto sonoro, preludiado com palavras tentadoras:

10. Circe também tinha alguns poderes excepcionais: conhecedora de poções mágicas e parente direta de Medeia, adverte Ulisses sobre os perigos que o espreitam, entre eles Cila e Caribdis.

11. N. do T.: tradução de F. Lourenço. Esta citação e a próxima estão, respectivamente, no canto 12, vv. 39-58 e 184-191, de: Homero. (2023). *Odisseia*. Companhia das Letras. <https://a.co/d/cVGKYhE> (Trabalho original publicado no século VIII a.C.)

*Vem até nós, famoso Odisseu, glória maior dos Aqueus!
Retém a nau, para que nos possas ouvir! Pois nunca
por nós passou nenhum homem na sua escura nau
que não ouvisse primeiro o doce canto das nossas bocas;
depois de se deleitar, prossegue caminho, mais sabedor.
Pois nós sabemos todas as coisas que na ampla Troia
Argivos e Troianos sofreram pela vontade dos deuses;
e sabemos todas as coisas que acontecerão na terra fértil.*
(p. 104)

Praticamente, a única coisa que as Sereias¹² pronunciam é a promessa de um conhecimento, não dizem mais nada, e só então... cantam.

Uma tradição recolhida pelo mitólogo Apolodoro em sua Biblioteca conta que Orfeu, no navio dos Argonautas, cantou mais docemente que as Sereias e que estas se precipitaram ao mar, transformando-se em rochas, porque essa era sua lei quando alguém não sentisse seu feitiço. Também a Esfinge se precipitou do alto quando adivinharam seu enigma.

Kafka tem sua própria versão: as Sereias só fazem silêncio.

É esse “conhecimento”, que atua aqui em Homero, que elas prometem aqui, a chave que inspira desejo, seduz e no fim resulta na decepção de “apenas” uma voz vazia, a promessa de saber algo que ninguém sabe. Nada se sabe disso, desse saber (suposto ou não), porque, dos que sucumbiram ao canto das Sereias, ninguém sobreviveu para contar. Mas por acaso o saber não nos inspira amor? Amamos aquele que sabe algo (de nós). É o que diz Molière em *As sabichonas* (1672/1982), em que as damas burguesas, “em transferência” com o impostor que se proclama conhecedor do idioma grego (embora na verdade o ignore, sendo então somente um saber suposto), exclamam ao vê-lo: “Como! O senhor realmente sabe grego? Ah, permita-me e conceda-me a honra de, por amor ao grego, abraça-lo!” (p. 201).

Belas ou aterrorizantes, musicais ou mudas, as Sereias pertencem a um mundo mortífero; o penhasco sobre o qual cantam está repleto de cadáveres, daqueles que foram objeto de sua sedução e, desafortunados, caíram em suas garras.

Não é o fantasma masculino da mulher devoradora, a que goza – justamente, como indica a voz – até quase deixá-los exânimes?

Isso que goza de modo incomensurável e sem controle é o feminino, mas o feminino não apenas enquanto “mulher”, e sim o feminino em cada um, homem ou mulher. O rochedo da análise, diz Freud, é a desautorização do feminino. O ponto de ruptura de qualquer possibilidade de ir além. O mais desprezado, o mais desejado, o mais degradado, o mais temido.

E no entanto as Sereias tentam, tentam como suas herdeiras, as *femmes fatales*, as devoradoras de homens; as mulheres, ou seja, o sexo.

Dom Juan, a virilidade impostada ou esse “sonho feminino”

Adoradoras do falo, algumas mulheres – “não todas” – proclamam a existência do homem que tem tudo e pode com todas.

12. Sereia: suposto animal marinho, lemos num dicionário brutal.

São inúmeras as figuras de Dom Juan. Tirso de Molina parece ter dado a ele a primeira forma literária, mas como sempre há antecedentes. O mulherengo burlador do barroco espanhol nem sempre é um sedutor. Com efeito, o de Tirso, se tivéssemos que defini-lo em termos deste século, diríamos ser antes um abusador, alguém que se aproveita da escuridão da noite¹³ para assim obter, com enganos, um consentimento que de fato não existe.

A propósito, o início da aventura sexual desse homem emblemático é o assassinato de uma figura de autoridade, o comendador, e uma filha que procura, que jura, que proclama sua vingança.¹⁴ Porque com essa encarnação do mulherengo transgressor, em que muitas acreditam e à qual alguns gostariam de se parecer, se propõe mais francamente o que está em jogo no encontro sexual. Na relação sexual que não existe, afirma Lacan.

Dependendo da época e de seus respectivos horizontes éticos, Dom Juan se parece mais ou menos com o original. Molière compõe um personagem cínico e completamente anticristão; Lord Byron, a partir de uma leitura romântica, concebe um Dom Juan que é a inversão de seus congêneres (nesse caso, é ele o apaixonado e abandonado pelas mulheres). Mas é com base no *Don Giovanni* de Mozart, com libreto de Da Ponte, que Lacan tece seus conceitos sobre o masculino e o feminino, com a primeira citação no final do seminário a respeito das relações de objeto (Lacan, 1956-1957/2008). Nessa primeira aproximação à ópera, Lacan se espria sobre as mascaradas da figura da virilidade insaciável, que vai deixando por onde passa os despojos de suas “amadas”, as quais, como no caso do burlador de Sevilha, são muitas e de todas as condições sociais e civis. Para Lacan, trata-se da busca insaciável da mulher fálica, como se o mulherengo se esforçasse para fugir da castração (que é sempre do outro). O triste fim da punição é o estranho retorno da cena primeira. O pai morto volta pelo que é seu, o convidado de pedra é o que está apenas um pouco além da mulher, e se abre em duas direções, para o Pai e para a morte. Encontra ali, e talvez também no *unheimlich* jogo do duplo na troca de roupas com o criado Leporello, a verdade dessa metonímia enlouquecida do desejo que só se detém com a morte.

No seminário a respeito da angústia (Lacan, 1962-1963/2006), retoma *Don Giovanni* para dizer que Dom Juan não é mais coisa de homens, mas tão somente um “sonho feminino”. Eu diria antes o sonho histérico de haver um homem ou, mais ainda, alguém que pode possuir tudo e ter todas, evocando assim o pai totêmico.

Contudo, é em *Mais, ainda* (1972-1973/1981), dez anos depois, que Lacan toma um caminho diferente para empreender a leitura de um mito tão prenante como o de Dom Juan, não mais pelo lado do sonho, mas pelo lado do gozo feminino.

Leporello, o criado de Don Giovanni, deve submissamente fazer uma lista obsessiva com o número exato das mulheres conquistadas pelo amor. Mas o criado tem sua própria opinião sobre a conduta de seu senhor, e ao encontrar no caminho uma ex-amante abandonada, lê para ela a famosa lista, que conta terem sido, portanto, *mille e tre*. A ária¹⁵ que corresponde à lista apresenta números e classifica de acordo com posição, profissão e nacionalidade, tudo remetendo à ópera bufa, que provoca o riso do público.

*Senhorita, esse é o catálogo
Das beldades que meu padrão amou;
Eu é que fiz o catálogo.*

13. Em tempos anteriores à luz elétrica, a escuridão podia ser total. Nossos contemporâneos desconhecem esse conceito. A luz nos cegou.

14. Borges nos apresenta sua versão fabril e suburbana em “Emma Zunz” (1948/1974).

15. Ária para baixo da ópera *Don Giovanni*, de Wolfgang Amadeus Mozart, composta sobre um libreto em italiano de Lorenzo da Ponte.

*Observe, leia comigo.
Na Itália, seiscentas e quarenta,
Na Alemanha, duzentas e trinta e uma,
Cem na França, na Turquia noventa e uma,
Mas na Espanha já são mil e três!
Entre elas há camponesas,
Criadas e gente da cidade,
Há condessas, baronesas,
Marquesas, princesas,
Mulheres de todas as classes¹⁶
(ato 1, cena 5)*

Mesmo na continuação das cenas de *Don Giovanni*, tudo é um divertimento de comédia, de enredos com disfarces e artimanhas, que não excluem os papéis femininos no galanteio. E nesse *vaudeville* acontecem os desencontros próprios dos quais talvez resulte a dança do jogo amoroso, um desarranjo e também uma impossibilidade de estrutura. Um exemplo do “impossível” é essa longa lista de mil e três; foram tantas as mulheres que Dom Juan amou que, no fim das contas, suspeitamos não ter sido nenhuma.

Mas o caráter cômico da coisa muda no final da obra, em que o humorístico deixa aparecer o lado sombrio, o retorno do pai morto no “convidado de pedra”.

Teria havido na lista alguma mulher que constituísse uma exceção a ela? Poderia Dom Juan deter o deslizamento infinito e fazer a metáfora do amor num único objeto? Ou, ao procurar A Mulher, jamais conseguirá encontrá-la? Não é sempre o amor o que salva o monstro, como em *Frankenstein*, como em *A Bela e a Fera*?

Eu te amo, mesmo que não queiras

A “sequência dialética” em jogo nesses esquemas é a que se apresenta entre o amor e o desejo, e permite contrapor duas opções. Primeiro, a fórmula um pouco improvável, mas que Lacan afirma ser hegeliana – embora a citação seja bastante difícil, para não dizer impossível, de encontrar –, “Eu te amo, mesmo que não queiras”. Lacan (1962-1963/2006) assinala:

Há uma notinha muito preciosa em que ele [Hegel] indica que é por aí que poderia ter feito passar toda a sua dialética. Ele também diz que, se não tomou esse caminho, foi porque lhe pareceu que este carecia de seriedade. (p. 37)

A questão que essa fórmula levanta envolve, principalmente, o “Eu te amo”: todos conhecemos os finais terríveis do amor quando o que

16. N. do T.: tradução de I. F. Perpetuo. A citação está na p. 13 de: Mozart, W. A. (2017). *Don Giovanni*. Santa Marcelina Cultura. <https://tinyurl.com/2pvt9u68> (Trabalho original publicado em 1787)

predomina é a vertente narcisista, que converte todo final em ódio e destruição. É assim que esse “Eu te amo” de Hegel oculta uma dimensão desejante que não pode ser ignorada quando falamos de sedução.

A outra fórmula proposta por Lacan é: “Eu te desejo, mesmo sem saber”, a qual seria verdadeiramente irresistível, ali onde consegue se fazer ouvir, por mais inarticulável que seja. Por quê? O que eu estaria dizendo ao outro com isso? Estaria dizendo que,

desejando-o, sem dúvida sem saber disso, sempre sem saber, eu o tomo pelo objeto, por mim mesmo desconhecido, de meu desejo. Ou seja, em nossa própria concepção do desejo, eu te identifico, a ti com quem falo, com o objeto que falta a ti mesmo. Ao rumar por esse circuito obrigatório para atingir o objeto de meu desejo, realizo para o outro justamente o que ele procura. (p. 37)

Logo, por esse desvio, o outro, objeto de meu amor, cairá em minhas mãos assim que eu encarnar para ele o que causa seu desejo, o que falta ao outro sem que ele também saiba ser isso o que lhe falta.

Ressalto aqui que se deseja na medida em que não se conhece o que é que o objeto possui, em que não se conhece no objeto aquilo que causa o desejo. E é isso, de um modo mais preciso e ao mesmo tempo mais indeterminado e desconhecido, o que produz o efeito sedutor. Esse campo de indeterminação. Dessa maneira, na sedução (e no amor) se afirma um saber insabido. Não saber o que se deseja do outro, não saber (por) que o outro me quer. Quando se apresentam razões para o amor, diz Žižek (2004/2005), então já não é mais amor. Abrir espaço para o desconhecido de mim e do outro, e basicamente aceitar que “há um estranho que nos une”, não é um mau começo. Algo assim como confiar loucamente no indeterminado radical. Em tempos de Waze e Google Maps, em que ninguém se extravia, será que ainda podemos nos permitir essa única experiência de eternidade ao alcance da pequenez humana? Só é preciso situar um e o outro, e traçar um espaço que não seja nem tão distante nem tão próximo, um jardim edênico, um país imaginário mas perdido, atravessado às cegas e com uma pequena bússola chamada desejo.



Iluminura de bestiário:
uma sereia e um centauro (c. 1270).

Resumo

O que acontece com a sedução nos tempos atuais? Que espaço existe para encontrar um outro entre as injunções de produtividade e o imperativo de gozo narcisista de constante felicidade, tão aparentada com o consumo? A autora se pergunta se ainda resta em nossos dias um lugar

para o desvio e a perda de tempo que é o jogo da sedução, e se algo disso se perdeu ou ainda é recuperável. A humanidade construiu vários mitos da sedução, quase sempre demoníaca: sereias e dom-juans correspondem a dois tempos e duas posições sexuadas em relação à sedução. Mas a sedução não é sempre simulacro; compromete o sujeito no campo de seu próprio desejo, em seu vazio e em sua falta. E para se fazer amar há um trabalho necessário, a fim de que o sujeito desejante converta a si mesmo em objeto para o desejo do outro.

Palavras-chave: Amor, Desejo, Gozo, Feminilidade.

Abstract

What happens with seduction in our times? What space is there to find an other between the mandates of productivity and the imperative of narcissistic enjoyment of constant happiness, so closely related to consumption? We wonder if there is still a place for the diversion and waste of time that is the game of seduction in our days, and if some of that has been lost or is still recoverable. Humanity has taken on various myths of seduction almost always demonic: mermaids and Don Juans correspond to two times and two sexed positions in terms of seduction. But seduction is not always a simulacrum, it engages the subject in the very field of his own desire, in his emptiness and in his lack. And in order to make oneself loved there is a necessary work for the desiring subject to turn himself into an object for the desire of the other.

Keywords: Love, Desire, Jouissance, The feminine.

Referências

- Baudrillard, J. (1994). *De la seducción*. REI. (Trabalho original publicado em 1979)
- Borges, J. L. (1974). Emma Zunz. Em J. L. Borges, *Obras completas*. Emecé. (Trabalho original publicado em 1948)
- Carson, A. (2015). *Eros, el dulce-amargo*. Fiordo. (Trabalho original publicado em 1986)
- Freud, S. (2013). Psicología de las masas y análisis del yo. Em S. Freud, *Obras completas* (J. L. Etcheverry, trad., vol. 17). Amorrortu. (Trabalho original publicado em 1920)
- Homero. (2009). *La Odisea* (E. Zaidenweg, trad.). Kapeluz. (Trabalho original publicado no século VIII a.C.)
- Kierkegaard, S. (2006). *O lo uno o lo otro*. Trotta. (Trabalho original publicado em 1843)
- Lacan, J. (1981). *El seminario de Jacques Lacan, libro 20: aun*. Paidós. (Trabalho original publicado em 1972-1973)
- Lacan, J. (2006). *El seminario de Jacques Lacan, libro 10: la angustia*. Paidós. (Trabalho original publicado em 1962-1963)
- Lacan, J. (2008). *El seminario de Jacques Lacan, libro 4: las relaciones de objeto*. Paidós. (Trabalho original publicado em 1956-1957)
- Lacan, J. (2013). *El seminario de Jacques Lacan, libro 8: la transferencia*. Paidós. (Trabalho original publicado em 1960-1961)
- Molière. (1982). Las mujeres sabias. Em Molière, *Comedias* (vol. 2). Iberia. (Trabalho original publicado em 1672)
- Pennac, D. (1993). *Como una novela*. Anagrama. (Trabalho original publicado em 1992)
- Žižek, S. (2005). *Amor sin piedad: hacia una política de la verdad*. Síntesis. (Trabalho original publicado em 2004)

Recebido: 10/9/2024 – Aprovado: 30/10/2024

Tradução do espanhol: Ricardo Duarte

A sedução na autoficção

E o verdadeiro objetivo da minha vida talvez seja apenas este: que meu corpo, minhas sensações e meus pensamentos se tornem escrita, isto é, algo inteligível e geral, minha existência completamente dissolvida na cabeça e na vida dos outros.

Annie Ernaux

A sedução é um tema presente na psicanálise desde a noite dos tempos. Com a descrença de Freud em sua neurótica, o *soi-disant* traumático deu lugar ao fantasmático. Se a dupla sedução-fantasia passa a ter protagonismo nas narrativas elaboradas no divã desde então, o que muda a partir de 1920, quando vemos o traumático retornar com força, marcando a experiência psicanalítica?

Neste trabalho, eu gostaria de examinar o papel incidental da sedução nas narrativas psicanalíticas de autoficção, por meio de fragmentos extraídos de *A vida com Lacan* (2017), de Catherine Millot, e de *Lacan ainda* (2021), de Betty Milan. Embora ambas as obras possam não ser consideradas trabalhos psicanalíticos *stricto sensu*, eu as compreendo na perspectiva da “escrita analítica como forma de ficção” (Ogden, 2022). Minha proposição é de que não apenas a sedução advinda do jogo transferência-contratransferencial estabelecido entre analisando/a e analista serviu de fonte de prazer e satisfação num primeiro tempo – desde que a pulsão sexual pôde ser sublimada no *après-coup* da análise –, mas também a dimensão traumática da alteridade desse encontro pôde ser ligada e integrada através da escrita psicanalítica ou da “escrita de si”.

Pode parecer excessivo falarmos em psicanálise e autoficção, mas desde os primeiros escritos psicanalíticos (1893-1899), passando por *A interpretação dos sonhos* (Freud, 1900/2019) e pela vasta epistolografia freudiana, é possível dizer que não se tratou essencialmente de outra coisa que uma ficção elaborada em torno do “si mesmo como um outro”, para usar uma expressão de Ricoeur (1990), título de um dos seus ensaios mais conhecidos. A autoficção ou romance pessoal é um gênero literário situado justamente na fronteira entre a narrativa real da vida do autor e uma narrativa ficcional, que lança luz sobre experiências vividas por ele (“Autofiction”, 2025). Freud designa pelo termo *romance familiar* as fantasias pelas quais o sujeito modifica imaginariamente os laços com os pais. O romance familiar dos neuróticos não poderia ser considerado assim a primeira forma de autoficção? Mas será que realmente escrevemos nosso romance ou somos escritos por ele?

Para Winnicott (1971/2019), a criatividade é uma necessidade psíquica por excelência, sendo a experiência emocional do encontrado-criado a primeira atividade criativa da mente do bebê. A partir da criatividade primária, o bebê junto com a mãe é capaz de um trabalho de coconstrução

* Sociedade Brasileira de Psicanálise do Rio de Janeiro.

de sentido, realizando uma ligação entre a realidade interna e a realidade externa, entre o seio sonhado (alucinado) e o seio efetivamente encontrado na realidade, podendo assim criar e tomar para si um seio *tiers*, que é precisamente fruto do trabalho de integração.

Retomando as ideias de Winnicott e de autores que se baseiam em sua contribuição, e no desenvolvimento dessa “clínica” da criação, Roussillon (2010) propõe que, se a criação fascinava e seduzia, “era porque seus motivos profundos ficavam protegidos de uma visão muito crua, e as ilusões fundadoras de seu valor e de sua própria essência ficavam suficientemente veladas” (p. 237). Também foi preciso reconhecer que, se o *fantasmático originário* representava uma das questões mascaradas da criação artística, o apagamento dos seus traços na criação era tão característico do processo quanto de sua marca inconsciente. O que é esse fantasmático originário, ou melhor, essas fantasias primitivas ou originárias? São as estruturas fantasmáticas típicas – via intrauterina, cena primitiva ou originária, castração, e *sedução* –, organizadoras da vida fantasmática, quaisquer que sejam as experiências pessoais dos indivíduos (Laplanche & Pontalis, 1967/2004).

Entre a ação de um impulso criador e a necessidade de sua transformação no seio do processo criativo, a questão proposta por Winnicott pode ser retomada nestes termos: se o *sexual infantil* está na origem de todo processo criador, isso acontece somente na medida em que ele muda de natureza, quando não permanece semelhante a si mesmo, ou seja, quando é objeto de um apagamento. Assim, se o sexual infantil é considerado a parte obscura do processo criador, ele se torna um *sexual enigmático* em sua natureza, passível então de interpretação. Se ele pode ao mesmo tempo representar o desejo satisfeito na criação e fornecer o modelo de toda criação, é porque não é mais idêntico a si mesmo, pois se tornou sexual por metáfora – ou, na expressão de Roussillon, o *sexual metafórico*. Houve um sucessivo deslizamento do sentido. Em última instância, o sexual vai se revelar como a função metaforizante acima de qualquer outra coisa, cuja natureza será colocada em ação por meio da sua capacidade geradora de símbolos.

Como articular a questão da criatividade com a pulsão e o sexual? Roussillon (2020) nos ajuda a entender melhor alguns aspectos do pensamento de Freud e de Winnicott a esse respeito. Se para o primeiro a sublimação é um destino particular da vida pulsional, para o segundo a criatividade representa um aspecto fundamental da vida psíquica. Assim, na perspectiva freudiana, criar é fonte de satisfação porque a pulsão sexual se realiza através da representação. Na perspectiva winnicottiana, criar é uma necessidade psíquica por excelência, enquanto para Roussillon a criatividade é o próprio fundamento do funcionamento psíquico. Se Winnicott parecia ver a pulsão apenas como uma excitação transbordante e disruptiva, isto é, uma pulsão não ligada e não integrada que atacava o eu, Roussillon concebe que esta e o sexual ameaçam a criatividade, o brincar e os processos transicionais, mas também podem ser fonte de impulsos criativos, desde que colocados a serviço do eu. A integração da pulsão no eu terá aqui um papel fundamental.

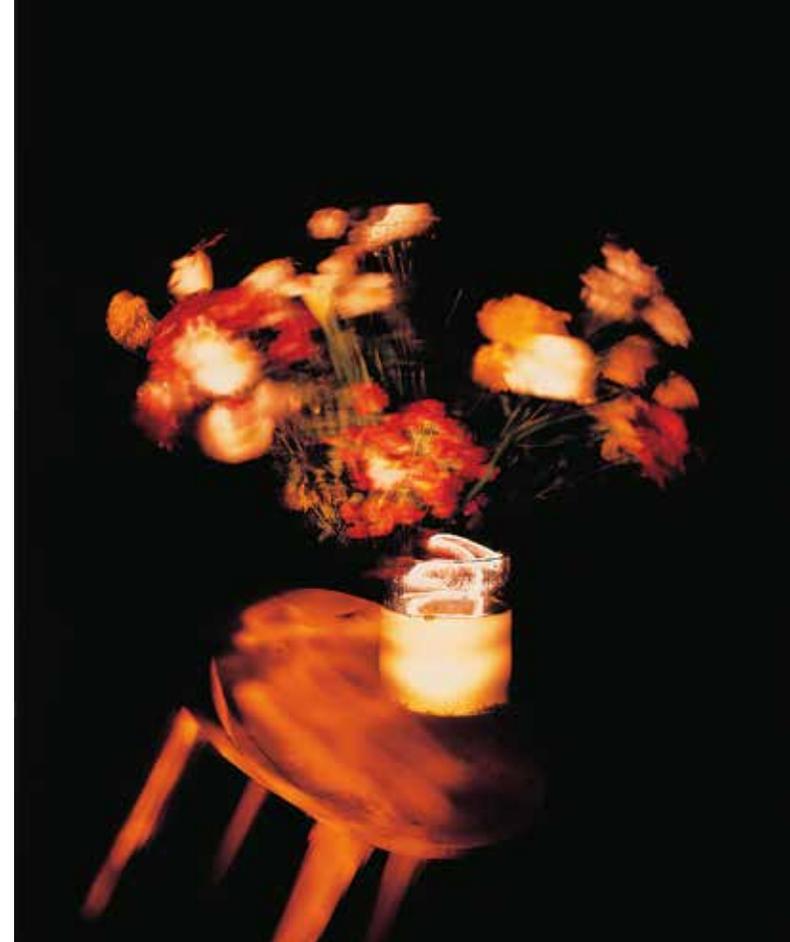
Relendo as questões propostas por Roussillon sobre a criatividade, Minerbo (2023), ao tratar do processo de escrita de um livro, por um lado, aproxima o desejo de criar da experiência erótica de sublimação da pulsão, geradora de prazer; por outro, fala da exigência de criar, como modo de integrar no eu o traumático da alteridade do tema para um novo livro que a assombra. Partindo do particular para pensar sobre o universal do processo criativo, a autora mostra como tanto o desejo quanto a exigência de criar podem se aliar em busca de uma harmonia perdida. Ao descrever como foi subitamente capturada pelo tema do livro, cuja alteridade a desorienta, Minerbo assinala que escrever é um desejo, mas igualmente uma necessidade, pois precisa “domesticar” a experiência do encontro com um tema radicalmente novo para ela – uma conversa recente sobre felicidade – para, a partir daí, construir algo que tenha a sua marca.

Em *A vida com Lacan* (2017), páginas de memórias escritas pela escritora e psicanalista Catherine Millot, temos um retrato *hors norme* do mestre francês da psicanálise. A autora revela com ternura, mas sinceridade, os anos de formação e o relacionamento pessoal com Jacques Lacan, desde 1972, quando se conheceram, até 1981, ano em que ele faleceu.

Houve um tempo em que eu tinha a sensação de ter apreendido o ser de Lacan em sua essência. De ter uma espécie de intuição sobre sua relação com o mundo, um acesso misterioso ao lugar íntimo de onde emanava sua ligação com os seres e as coisas, e também com ele próprio. Era como se eu houvesse deslizado para dentro dele. Essa sensação de apreender sua essência ia de par com a impressão de estar compreendida, no sentido de estar integralmente incluída nessa sua compreensão, cujo alcance me ultrapassava. Seu espírito – sua amplitude, sua profundidade –, seu universo mental, englobava o meu como uma esfera que contivesse outra menor... Eu me sentia transparente para Lacan, convencida de que ele detinha um saber absoluto a meu respeito. Não ter nada a dissimular, nenhum mistério a preservar, dava-me uma liberdade total com ele, mas não só. Uma parte essencial do meu ser lhe era entregue, ele tinha sua guarda, eu me sentia aliviada. Vivi a seu lado anos a fio nessa leveza. (p. 5)

Nesse trecho inicial de suas memórias, Catherine Millot, ou melhor, seu eu ficcional – pois mesmo nas obras memorialísticas o narrador, embora fale em primeira pessoa, é diferente do autor do livro – prontamente instala Lacan no lugar de suposto saber. Mas é preciso também que o/a analista, o objeto do desejo na transferência, acolha em si essa demanda que emana do/a analisando/a, para que uma análise possa então acontecer. É o que vai fazer Lacan nesse caso, mas valendo-se da função que exercia, pois parece ter incorrido numa confusão de línguas, tomando o sexual infantil por outra coisa.

Através desse e de outros fragmentos, podemos acompanhar como, a partir do momento em que a criatividade primária é assimilada pelo bebê num primeiro tempo, e mais tarde apropriada pelo adulto, ela serve de matriz para a produção de sentido. No lugar do bebê e de sua mãe realizando um trabalho de coconstrução do sentido, temos agora a analisanda junto com o seu analista, ligando a realidade externa com a realidade interna, reunindo o seio alucinado ao seio efetivamente encontrado na realidade, podendo “sonhar” então algo propriamente seu, o seio (o livro de memórias que estamos lendo) que ela pôde construir com seu analista por meio do trabalho da análise. E esse livro só pôde ser escrito, e primeiramente sonhado, pelo fato de a função metaforizante ter sido instalada a partir do sexual, criando símbolos e formas diferentes de linguagem.



Roberto Huarcaya
Natureza viva [Natureza viva] (1997). Série que surge intuitivamente depois de trabalhar pouco mais de um ano no hospital psiquiátrico e um mês no necrotério. Foto 2. Cibachrome, 1 m x 1,40 m.

No caso da escrita autoficcional de Millot, que ora assume a forma de memórias, ora a de um testemunho, como se as impressões fossem coligidas no papel pelo influxo da associação livre, a narradora nos dá algumas pistas de como foi arrebatada pelo desejo de criar a partir do surgimento da excitação sexual, ou seja, da pulsão em estado bruto, despertada pelo desejo do outro.

Em Roma, encontrávamos muito Paola, que eu conhecera em Paris poucos meses antes e que recebeu Lacan com sua graça e simplicidade costumeiras. A irrupção de Lacan na minha vida tornava isso simples, também para ela, como que natural, e foi um dos motivos da minha indefectível amizade por ela. (p. 20)

No parágrafo seguinte, ela descreve o efeito daquela súbita aparição em sua vida: “Eu descobria ao mesmo tempo Roma e Lacan, que me surpreendia o tempo todo com sua liberdade e sua fantasia, sua energia

inesgotável” (p. 20). Um pouco adiante, ela dá mais notícias desse arrebatamento: “Eu não largava dos calcanhares daquele homem que investia em linha reta, movido por um desejo cuja força não deixava de me impressionar” (p. 28).

Em outro trecho, ao mencionar o momento em que Lacan retomou seu seminário após uma temporada na Espanha, que naquele ano ele intitulara *Encore (Mais, ainda)*, a narradora fala do sexual enigmático e de sua expectativa de interpretação do desejo feminino:

Também falou dos místicos. Não era a primeira ocasião que os evocava em seu ensino, mas, dessa vez, é possível que eu tivesse alguma coisa a ver com isso. Obcecada pela mística, levei para ele as obras de uma beguina (na verdade, eram duas), Hadewijch de Anvers, na esperança de que ele me fornecesse uma interpretação da experiência interior delas. Não fiquei satisfeita. A relação que ele fez esse ano entre a mística e o gozo feminino não me esclarecia. Não eram as “mulheres voluptuosas e rudes”, como ele dizia de Teresa d’Ávila, que me interessavam nos místicos, e sim aqueles e aquelas (às vezes os mesmos) que se anulavam. Quanto a isso, ele não dizia nada, mas, entre uma lição e outra do seminário, essa questão que punha em jogo o enigma do meu desejo me deixava agoniada. Eu tinha certeza de que ele possuía a chave e que apenas demorava a fornecê-la. (p. 48)

Na mesma página, numa passagem em que trata do desejo e da transmissão em psicanálise, a autora fala de algo que, por sua própria natureza, lhe escapa:

Vislumbrava-se a cada vez algo novo, como num relâmpago que reverberasse uma verdade inédita, embora semidita. Isso conferia a seu ensino o aspecto de uma espiral. Íamos lá semana após semana na expectativa de uma revelação, que sem dúvida assumia para cada um o rosto do seu desejo. Expectativa ao mesmo tempo sempre frustrada e compensada pelo inesperado do que ele trazia. “Mais, ainda” era o nome do desejo que ele não cessava de suscitar pelo entusiasmo que cada um de seus achados despertava. Não raro ficávamos estarecidos com suas formulações, que em seguida repetíamos como que para extrair sua essência. (pp. 48-49)

Esses trechos iluminam, de uma maneira ou de outra, como a narradora é arrebatada pela pulsão – como, a partir dessa “investida” pulsional, é tomada pelo desejo de criar. Mas se o desejo nos move, ele pode num primeiro momento ser absolutamente desorganizador, como vemos num trecho em que a narradora descreve como o objeto do desejo era indomesticável:

Terminei por perceber que essas infidelidades se davam no mês de julho, perto das férias, quando ele terminara seu seminário do ano. Nessas ocasiões, eu explodia, e ele suportava pacientemente. Sua capacidade de tolerar a ira feminina era notável, fazendo-me pensar que às vezes a passividade é sinal de virilidade. De minha parte, eu perdia as estribeiras, mesmo sabendo que ele continuaria a fazer o que lhe desse na veneta. Findo o mês de julho, eu voltava a ficar mais tranquila. (p. 88)

Será necessário empreender, no *après-coup* da experiência desejante, um trabalho de sublimação, que possa encontrar um destino para aquela excitação toda, ligando a pulsão a uma re-

presentação, cujo efeito será o de “domá-la”. Entretanto, não está em questão somente o desejo de criar, enquanto sublimação da sexualidade.

Nas páginas finais de suas memórias, a narradora (Catherine?) precisa levar adiante um trabalho impossível, em razão da configuração que sua análise pessoal e seu relacionamento amoroso com Lacan assumiam, a fim de integrar dentro de si o traumático dessa dupla transferência.

Durante todos esses anos, minha análise com Lacan prosseguira. Eu apostara meu cacife em procurá-lo, e para mim o que estava em jogo era uma questão de vida ou morte. A partida começara, e ainda que a estratégia tenha se modificado quando nossa relação ganhou a feição da intimidade, julguei impensável retirar minha aposta e levar minha questão alhures. Lacan compreendera isso e mantivera a aposta, assim como eu... Ele conduzia as coisas levando em conta a particularidade da situação, eventualmente tirando proveito dela. (p. 111)

A narradora sente necessidade de escrever sobre aquela ligação arrebatadora, mas também disruptiva, o que vai se tornar então uma exigência psíquica, algo imperioso que vai confrontá-la com a inquietante estranheza do encontro que mudou sua vida, para que ela possa mais tarde integrar essa vivência em seu eu.

Assim, temos por um lado o desejo de criar, a serviço da sublimação da sexualidade, e por outro lado a exigência de criar, numa tentativa de elaboração do traumático do encontro com a alteridade radical do outro. A escrita autoficcional das memórias servirá para conciliar desejo e exigência numa solução de compromisso.

Em *Lacan ainda* (2021), a escritora e psicanalista Betty Milan, emulando o desnudamento inaugurado por Freud ao analisar seus sonhos, apresenta a própria análise com o mestre francês. Em sua narrativa, temos a impressão de estar lendo ora um romance, ora o relato de um caso clínico, cuja autora é ao mesmo tempo o objeto e o sujeito, a analisanda e a analista, a personagem e a escritora. Numa transicionalidade entre infância e idade adulta, entre São Paulo e Paris, entre fantasia e realidade, Milan renega as regras do apagamento para se aproximar da verdade e desvelá-la.

Desde as páginas iniciais, a narradora (Betty?) descreve o choque do seu primeiro encontro com Lacan. Diante da justificativa dela por não ter marcado uma hora com antecedência, porque ligara e ninguém atendera, ele lhe perguntou à queima-roupa:

– Mas se o telefone não funcionava, por que você não veio logo para cá?

A pergunta me deixou perplexa. Como podia eu ir sem autorização prévia? De saída, ele me deu a entender que eu podia – por que não? – ter feito o que desejava. Valorizou o desejo e não o imaginário da jovem estrangeira... Com um sorriso e uma frase ele me conquistou. (p. 29)

Ainda sob efeito do choque, no *après-coup* da primeira entrevista, ela continua:

Não saí do consultório como havia entrado... Tendo me induzido a falar das minhas origens, Lacan me remeteu à história sonhada pelos meus ancestrais... Noutras palavras, saí sem ter vergonha de ser quem era. Só não digo que fui arrebatada, pois quem arrebatava arranca o outro de seu lugar, tira com violência, e eu já desejava voltar ao número 5 da Rue de Lille. Isso não passou despercebido a Lacan, cujo desejo de analisar não arrefecia. (p. 30)

Para Lacan, o desejo do analista era importante para a eficácia da cura. Esse desejo podia ser organizador num primeiro momento, permitindo a emergência do sexual infantil do paciente, até então objeto de um apagamento.

Só bem depois eu entendi o procedimento de Lacan, na primeira etapa da análise. O Doutor valorizou o pedido explícito – o de indicar um analista que pudesse ir ao Brasil –, para que o meu desejo inconsciente aflorasse. Tratou o pedido como se fosse o conteúdo manifesto de um sonho, cujo significado precisa ser descoberto e requer associações de quem sonhou. Decerto ele só fez isso por ter desejado que eu me tornasse sua analisanda. Expressou o desejo através do *Por que você não veio logo*, do *Volte amanhã* e do *Sobretudo não deixe de me escrever*. Deu a entender claramente que o meu engajamento na análise com ele era importante, e, por ter procedido assim, a ideia de atravessar mais uma vez o oceano para trabalhar com ele se concretizou. (p. 32)

Mais adiante na narrativa, já tendo feito um período preliminar da análise, agora num segundo tempo desta, ao se indagar por que se sentia compelida a ir ao consultório do seu analista, a narradora subitamente percebe que cumpria o desejo dos seus ancestrais. O sexual enigmático pede para ser interpretado, podendo então vir a ser metaforizado, e sua natureza é revelada por meio da capacidade de simbolização.

- Diga... estou escutando
 - Na realidade, eu não sei por que eu venho aqui
 - Hmm
 - Parece que eu estou compelida a vir
 - Sim, é isso! – respondeu o Doutor me olhando fixamente.
 - Mas quem me obriga?
 - Diga, minha cara
 - Se eu soubesse... querer não é poder
 - Isso também é verdade
- Com esta frase, ele se levantou dizendo *Até amanhã*.

Fui precedida pelas palavras quando disse que estava *compeli-*
da a ir, e só entendi o significado depois, *nachträglich*. (p. 48)

No terceiro período de sua análise, quando vai surgir o desejo de ser mãe, a narradora descreve sua passagem do face a face ao divã. Essa passagem foi precedida de três sonhos, sendo o segundo deles em torno da Pombajira, uma entidade da umbanda. Sua babá oferecia ao espírito uma garrafa de pinga, dizendo: “Bebe que eu quero ver”. Ela queria a dança erótica da Pombajira, e através do seu desejo se expressava o da narradora (por meio de um deslizamento, temos: “*Bebê* que eu quero ver”).

Pensando que não fazia sentido falar a Lacan a respeito da umbanda, ao entrar no consultório após ter sonhado esses sonhos, a narradora vai – numa espécie de *acting* – direto ao divã, contrariando o hábito de ficar sentada à sua frente. Lacan se acomoda na poltrona atrás do divã, sem dizer nada. A narradora reluta em falar do sonho sobre a Pombajira, com receio de não ser entendida. Ela provoca Lacan, perguntando se ele entenderia, mas este não morde a isca.

- Ao invés de me responder, o senhor diz *Interessante*. Não entendo mais nada, estou desorientada. Honestamente eu não sei o que eu estou fazendo aqui
- Hmm
- Maria [a babá] me faz falta... a língua... o país. O fato é que
- Sim, diga
- O fato é que eu só estou aqui pelo senhor
- Disse e comecei a chorar. [...]
- Não há por que ficar desolada. Você passou para o divã. Mais que isso, tomou o divã magistralmente!
- O fato de estar na França apenas pelo Doutor, que eu só encontrava durante as sessões, era desolador. (p. 70)

Mais adiante, a questão da maternidade surge durante a sessão. Ela não era algo natural; precisava ser conquistada. A questão se manifestou na análise através de um sonho, onde uma amiga grávida fugia pelas ruas estreitas como as dos burgos medievais. Um policial a perseguia, sem que ela entendesse a razão num primeiro instante. Depois ela descobre que seu crime era estar grávida.

- Nós estamos no meu país e o homem de terno e gravata-borboleta é o pai... pela roupa só pode ser um francês. A gravidez, o meu país, o pai francês
- Teria ficado em silêncio longamente, se o Doutor não se manifestasse.

- O que mais?
- Acho que eu gostaria de ter um filho franco-brasileiro
- Por que não? (p. 97)

Uma interpretação, ou melhor, uma leitura possível dessas passagens de sua análise poderia ser: a partir da transferência amorosa, surge o desejo de ter um filho de Lacan, desejo inconsciente que, após um trabalho de luto, poderá ser substituído pelo desejo de ter filho de um outro que não seu analista, podendo ao mesmo tempo ser mãe e, através de um trabalho de identificação, tornar-se ela própria analista.

Se por um lado a sedução que advém das relações transferência-contratransferenciais pode ser sublimada no posterior da análise – pela escrita autoficcional, por um livro ou por um filho, por exemplo –, por outro lado ela também pode ter algo de disruptivo, de traumático, como vemos no trecho a seguir:

Por um lado, havia sido educada para ser uma profissional liberal e ter independência. Por outro, não era dona do meu nariz como mulher. Devia me comportar como as moças da geração anterior e, como eu não cabia nessa saia justa, a relação com meus pais era conflituosa, sobretudo com o pai, que era um feminista ciumento. O amor dele me atemorizava e me deixava órfã. Não imaginava que, tantos anos depois, o temor ressurgisse numa sessão que poderia ter sido a última, se Lacan não fosse hábil... Me deitei no divã como sempre. Mas ele não se sentou na poltrona. Foi se aproximando do divã, encostou nele e ficou me encarando.

- Com que direito o senhor está aí de pé?

A pergunta foi feita de modo tão abrupto que ele foi sentar na poltrona, retomou sua posição e repetiu a pergunta que eu havia feito.

- Com que direito?

- Foi isso mesmo que eu disse

- Hmm – fez o Doutor, decerto percebendo que eu estava às voltas com uma ameaça do passado.

- Se o senhor ficasse seduzido por mim, só me restaria ir embora

Com esta fala, a sessão terminou e eu saí em silêncio, estranhando o que eu havia dito. (p. 105)

O que do sexual infantil se atualiza nesse fragmento de sessão em relação ao objeto primário? E contratransferencialmente identificado a este, o que Lacan está em vias de agir? Que traço apagado do objeto de repente se acende no aqui e agora do encontro analítico?

Nesses fragmentos reunidos tanto em *A vida com Lacan* quanto em *Lacan ainda*, podemos ver o papel que a sedução é capaz de representar nas relações entre analisanda e analista, e vice-versa. Por um lado, ela pode se constituir como algo fundamental nas relações transferência-contratransferenciais quando vinculada à emergência do desejo, às fantasias, à transferência, ou seja, fonte de prazer e satisfação, podendo posteriormente ser destinada à sublimação. Por outro lado, ela remete ao traumático do encontro analítico, cuja carga pulsional excede o trabalho de ligação que o psiquismo consegue realizar. No primeiro caso estaríamos no campo da primeira tópica, do *agieren*, do retorno do recalçado, do princípio do prazer, da neurose, enquanto no segundo caso estaríamos no campo da segunda tópica, da compulsão à repetição, do além do princípio do prazer, da não neurose.

Para Roussillon (2020), desde os primórdios da vida, a criatividade é o substrato do funcionamento psíquico. A capacidade psíquica não apenas serve para pôr em prática a função metaforizante, e consequentemente a criação de símbolos, como também possibilita que a criatividade participe da assimilação das experiências afetivas e intelectuais com que nos deparamos ao longo da vida. O sexual está no fundamento da criatividade, e esta é a expressão do sexual quando ele encontra material para cumprir sua meta a serviço do eu.

É justamente esse o papel da criatividade na escrita autoficcional dessas duas autoras. Essa escrita parece ter servido não apenas de testemunho (de uma relação? de uma análise?), mas também de metáfora da sedução (sofrida ou agida) e da integração daquilo que até então não era matéria de memória. Se a escrita de autoficção fascina e seduz tanto em Millot quanto em Milan, é porque paradoxalmente os motivos dela não ficam tão protegidos quanto numa obra ficcional, e as ilusões que fundam seu valor e sua essência não ficam bastante veladas. Se o fantasmático originário representa uma das questões mascaradas na criação artística, talvez nessas obras esse fantasmático não fique suficientemente apagado. Ao contrário, ele reluz.

“O escritor analítico deve se tornar um escritor de um tipo de ficção” (Ogden, 2022, p.164). O paciente apresentado num artigo ou trabalho psicanalítico não é a pessoa real deitada no divã, mas um analisando imaginário, fictício como um personagem de romance, e distinto do analisando que o inspirou. Assim, a vinheta clínica que serviu de ilustração para um conceito ou teoria num artigo não é a experiência viva com o paciente no consultório, mas “é *como* aquela experiência, uma metáfora desta, uma ficção” (p. 164). A Betty que escreve *é e* ao mesmo tempo *não é* a Betty de quem estamos lendo a história, assim como a Catherine *é e* também *não é* a analisanda e amante de Lacan.

Ao ler os trechos desses dois livros escritos por ex-analisandas de Lacan, elas mesmas psicanalistas e escritoras no *après-coup* de suas análises, podemos pensar que a escrita autoficcional serviu para uma dupla finalidade. Não somente a escrita parece ter significado a possibilidade de sublimação da pulsão, como também o traumático pôde vir a ser es/inscrito onde antes não havia possibilidade de inscrição psíquica. Na medida em que elas mesmas escreveram suas histórias, narraram suas análises e suas relações com o objeto (Lacan? a psicanálise? a escrita?) que as seduziu, e sobre o qual exerceram seu poder de sedução, elas fizeram disso um destino (pulsional?) ou transformaram o traumático desse encontro em algo que pudesse ser assimilado ao eu (uma das instâncias? o ficcional?), a partir de um trabalho de integração, restaurando dessa forma a coesão (do eu? da narrativa?) que fora perdida.

No próprio ato de escrever, um/a escritor/a, seja ele/a um/a escritor/a de ensaios, de psicanálise ou de ficção, está se apropriando de partes de si mesmo/a que até então desconhecia, tornando-se mais inteiramente ele ou ela mesma (Ogden, 2022). Em consequência, ele/a se apaga enquanto

pessoa real para enfim ganhar corpo e forma através da auto/ficção e, com isso, revelar sua autoria. No entanto, até onde podemos dizer que somos nós mesmos autores de nosso destino? O autor de *Escritos* pensava que, em vez de dizer o que queremos, dizemos na verdade “aquilo que quiseram os outros, mais particularmente nossa família” (Lacan, 1975/2005, p. 162), fazendo uso de nós. Ao tentar capturar o ser de Lacan em sua essência (Millot), como se assim pudesse apreender o personagem desde dentro, ou ao tentar assimilar sua forma de analisar (Milan), como se a partir desse desvio pelo outro pudesse enfim chegar a si mesma, ambas as autoras estão também se (re) escrevendo enquanto mulheres, escritoras e analistas. Antes de mais nada, por serem faladas (pela família? pelo analista?), Millot e Milan fizeram, dos acasos que as impulsionaram, algo de uma trama. Quis o destino reuni-las em torno de um nome para que, no lugar da possibilidade de alienação, de sujeição ou até mesmo de captura, pudessem elas se reapropriar de si mesmas. Ao mesmo tempo que Lacan era transformado num personagem de suas histórias, elas se tornaram autoras. Eu não iria tão longe a ponto de afirmar que uma seria o duplo da outra, mas quem sabe?

Por isso, escrever pode ser considerado então um destino pulsional ou uma modalidade do *fort-da* (Freud, 1920/2010). Millot e Milan se tornaram ativas onde antes foram passivas. Ambas fizeram da sedução uma personagem de suas histórias, cujas protagonistas, no entanto, foram elas mesmas.

Resumo

O autor propõe um breve exame do papel da sedução em narrativas psicanalíticas de memórias ou testemunhos, entendidas na perspectiva da escrita analítica como forma de ficção, segundo Thomas Ogden. A partir de fragmentos retirados de *A vida com Lacan*, de Catherine Millot, e *Lacan ainda*, de Betty Milan, procura estudar a maneira pela qual a sedução atualizada nas relações transfero-contratransferenciais pode ser assimilada ora num registro de prazer e satisfação, ora no registro do traumático, bem como os destinos possíveis destes, seja pela sublimação da pulsão no primeiro caso, seja pelo trabalho de ligação e inscrição psíquica no segundo, ambos se servindo da escrita autoficcional para tal fim. Partindo das noções de Winnicott e Roussillon sobre a criatividade psíquica e o sexual infantil como fonte da capacidade de metaforização, tenta circunscrever e explicitar os sucessivos deslizamentos de sentido que o infantil sofre até se tornar metáfora, desde seu apagamento originário até sua revelação na obra de ficção. Além disso, procura observar como o fantasmático originário, na vertente da sedução, organiza não apenas a vida fantasmática dos sujeitos, mas também as próprias narrativas autoficcionais em discussão. Termina argumentando que a escrita psicanalítica permite um trabalho de simbolização da pulsão e de resignificação do trauma, e ao fazer isso possibilita a essas escritoras se tornarem elas mesmas autoras de suas histórias.

Palavras-chave: *Sedução, Fantasmático originário, Metaforização, Autoficção.*

Abstract

The author proposes a brief examination of the role of seduction in psychoanalytic narratives of memories or testimonies, understood from the perspective of analytic writing as a form of fiction, according to Thomas Ogden. Based on fragments taken from *La Vie avec Lacan*, by Catherine Millot, and *Lacan Ainda*, by Betty Milan, he tries to study how seduction that is actualized in the transference-countertransference relationships can be assimilated either in a register of pleasure and satisfaction, or in the register of the traumatic, as well as their possible destinations, whether through the sublimation of the drive in the first case, or through the work of bonding

and psychic inscription in the second, both using auto-fictional writing for this purpose. Starting from Winnicott and Roussillon's notions of psychic creativity and the infantile sexual as the source of the capacity for metaphorization, he attempts to circumscribe and explain the successive slippages of meaning that the infantile undergoes until it becomes a metaphor, from its original erasure to its revelation in the work of fiction. He also tries to observe how the original fantasy, in the aspect of seduction, organizes not only the phantasmatic life of the subjects but also the auto-fictional narratives under discussion. He concludes by arguing that psychoanalytic writing allows for the symbolization of the drive and the re-signification of trauma, and in doing so it enables these writers to become the authors of their own stories.

Keywords: *Seduction, Original fantasy, Metaphorization, Autofiction.*

Referências

- Autofiction. (2025, 16 de janeiro). Em *Wikipédia*. <https://tinyurl.com/3kttznzj>
- Freud, S. (2010). Além do princípio do prazer. Em S. Freud, *Obras completas* (P. C. Souza, trad., vol. 14, pp. 161-239). Companhia das Letras. (Trabalho original publicado em 1920)
- Freud, S. (2019). A interpretação dos sonhos. Em S. Freud, *Obras completas* (P. C. Souza, trad., vol. 4). Companhia das Letras. (Trabalho original publicado em 1900)
- Lacan, J. (2005). Joyce le symptôme. Em J. Lacan, *Le séminaire, livre 23: le sinthome* (pp. 161-170). Seuil. (Trabalho original publicado em 1975)
- Laplanche, J. & Pontalis, J.-B. (2004). *Vocabulaire de la psychanalyse*. PUF. (Trabalho original publicado em 1967)
- Milan, B. (2021). *Lacan ainda: testemunho de uma análise*. Zahar.
- Millot, C. (2017). *A vida com Lacan* (A. Telles, trad.). Zahar.
- Minerbo, M. (2023). *Notas sobre a aptidão à felicidade*. Blucher.
- Ogden, T. H. (2022). Analytic writing as form of fiction. Em T. H. Ogden, *Coming to life in the consulting room* (pp. 163-165). Routledge.
- Ricoeur, P. (1990). *Soi-même comme un autre*. Seuil.
- Roussillon, R. (2010). A capacidade de criar e a exigência de criar (J. S. Feder, trad.). *Jornal de Psicanálise*, 43(79), 237-256.
- Roussillon, R. (2020). A criatividade: um novo paradigma para a psicanálise freudiana. *Revista de Psicanálise da SPPA*, 27(2), 291-311.
- Winnicott, D. W. (2019). *O brincar e a realidade* (B. Longhi, trad.). Ubu. (Trabalho original publicado em 1971)

Recebido: 30/10/2024 – Aprovado: 7/1/2025

O que é preciso para ser seduzido?

1. Graças à literatura, sabemos que a sedução é um frágil equilíbrio entre oferta e discricção, urgência e postergação. Graças à psicanálise, sabemos que às vezes o desejo é obturado por fortes resistências, fazendo com que a atração se converta em repulsa, que o objeto amado fique envolto em fantasias, ou até que seja invisibilizado. No imaginário ocidental, Cupido representa o aspecto veloz e certo da paixão: não é possível se precaver nem se esquivar de suas flechas. As expressões estrangeiras *to fall in love* ou *tomber amoureux* refletem a passividade do sujeito diante dessa experiência avassaladora. Infelizmente, a expressão em espanhol *dejarse seducir* [ser seduzido] é menos minuciosa. Essa situação é interessante porque perturba a relação, enganosamente linear, entre um sujeito desejante e um objeto desejado. A noção de “sujeito suposto desejar” (Žižek, 1989/2003, p. 242) indica que ninguém pode desejar sem interferências e que inexistem objetos inerentemente apetecíveis. Ser seduzido ressalta, antes, os aspectos intermediários que configuram a experiência e o árduo processo que transforma a discrepância em convergência e a estranheza em intimidade. Assim, poderíamos definir o ser seduzido como uma operação dupla: primeiro o sujeito precisaria superar suas próprias resistências, para depois aprender a degustar ao máximo um objeto, pessoa ou atividade.

Neste breve ensaio, vou tentar estabelecer um diálogo entre a psicanálise e a sociologia do gosto. Para ilustrar a natureza liminar do ser seduzido, vou recorrer a minha experiência com *Fashion Neurosis*, um *podcast* de moda que despertou em mim fortes objeções e novas sensibilidades. Se as páginas a seguir são mais pessoais do que o recomendado pela academia, isso se deve não apenas à metodologia autoetnográfica, mas também à própria dinâmica da sedução. O *podcast* interpela o ouvinte através das confissões dos convidados, assim como um texto escrito capta a atenção do leitor através da personificação do autor. O interesse último é iluminar melhor aqueles aspectos intermediários do desejo que não têm correspondência necessária com a dupla sujeito/objeto. Para a psicanálise deixar para trás o pensamento binário (Latour, 2020), talvez seja conveniente ser seduzida pela sociologia do gosto e pelas múltiplas expressões estéticas em que se constroem compreensões enriquecedoras sobre a sedução e suas vicissitudes.

2. Começamos nossa história com Bella, filha de Lucian, neta de Ernst e bisneta de Sigmund Freud. Bella nasceu em Londres, mas viveu parte da infância no Marrocos, com a mãe e a irmã mais nova. No romance semibiográfico *Hideous kink* (Freud, 1992), ela é retratada como uma menina estudiosa e reticente ao estilo de vida sufista do norte da África. Nos anos 1980, de volta à Inglaterra, começou a trabalhar para o ícone da moda *punk* Vivienne Westwood. Depois, em 1990, Bella lançou uma marca própria, e suas roupas foram usadas por personalidades como

Kate Moss, Alexa Chung, Olivia Wilde e Tilda Swinton. Recentemente, ela criou o *podcast Fashion Neurosis*, em que emula uma sessão psicanalítica com convidados que se deitam num divã e refletem sobre sua trajetória na indústria do entretenimento. O principal objetivo desse projeto é acabar com o preconceito de que o *design* de moda é superficial. Em entrevista à BBC (Krentcil, 2024), Bella afirmou que “numa roupa há mais que apenas uma roupa” (par. 2). De fato, uma roupa pode alterar o estado de ânimo, revelar ou ocultar aspectos da personalidade, e influenciar nossa conduta. No entanto, o mérito do *podcast* não é oferecer uma interpretação psicologizante do vestuário, mas reivindicar a própria *moda* como *modulação* perceptiva, *modalidade* corporal e *modo* de expressão – se me permitem esse pequeno jogo de palavras.

O *podcast* é uma imitação da psicanálise, mas sem associação livre nem catarse nos diálogos. Bella inicia a conversa com perguntas como: “Por que você escolheu a roupa que está usando hoje?”, “Você lembra como foi sua primeira vez com uma roupa que te fez vibrar?” ou “O que aconteceria se uma pessoa te atraísse, mas ela estivesse malvestida?”. As respostas são mais variadas do que se poderia esperar. Uma convidada (Trinny Woodall) detalhou como ela planeja o que vai vestir dependendo do clima e da agenda de atividades do dia, enquanto outro (Éric Cantona) comentou seu interesse em diferenciar os tons de cinza, azul-escuro e preto, abundantes em certos espaços, como aeroportos e escritórios. Num episódio, Rick Owens contou ter precisado mudar sua forma de se vestir ao começar um programa de treinamento físico, o que acabou alterando a proporção de seus ombros e costas. Em outra ocasião, Courteney Cox discutiu abertamente os movimentos emocionais produzidos por uma mamoplastia e pela posterior retirada dos implantes. Num gesto que se poderia dizer anti-intelectualista, Bella evita tirar conclusões ou formulações conceituais das trocas com seus convidados. Às vezes, ela comenta alguma experiência pessoal, que serve como instrumento de contraste, mas prescrições normativas, explicações causais e interpretações críticas são definitivamente evitadas. Em outras palavras, as conversas de *Fashion Neurosis* são *densas descrições* dos encontros e desencontros de cada um com a arte do bem-vestir.

3. Pois bem, admito que não foi fácil ouvir o *podcast*. A princípio, senti certa curiosidade pela premissa, mas foi sobretudo a figura de Bella que me chamou a atenção. Talvez porque eu sinta uma identificação parcial com ela, uma vez que meu pai também é pintor e minha mãe é psicanalista. As resistências, em todo caso, não tardaram a surgir e revelar certas ambivalências de minha parte. Primeiro, não sou muito entusiasta de *podcasts* em geral, porque em minha prática clínica já ouço a história de pacientes todos os dias; gosto de investir meu tempo livre em atividades que impliquem outras sensorialidades, não auditivas. Segundo, não sou um grande conhecedor da alta-costura, e para mim é difícil ver o atra-

* Pesquisador independente.



Roberto Huarcaya

Oceanogramas, olas del Pacífico [Oceanogramas, ondas do Pacífico] (2019). Foto 1. Papel fotossensível, 5 m x 1,10 m.

tivo de pagar quantidades exorbitantes de dinheiro por roupas desconfortáveis. Mais ainda, em meus anos de adolescência, tive uma espécie de fase *punk* – daí meu interesse pelo fato de Bella ter trabalhado com Westwood –, repleta de *jeans* rasgados, tênis desgastados e jaquetas surradas. Naquela época, eu zombava da mania de “saber combinar cores”, até que um dia, sem perceber, fui para a universidade usando calça cáqui, jaqueta cinza e meias pretas, provocando reações tão estridentes que um amigo comentou sutilmente que minha roupa não tinha sido bem escolhida. Desde então, decidi ser mais monocromático – uma solução prática, mas respeitosa das harmonias cromáticas –, e outro amigo, que notou a mudança, observou: “Agora sim você parece um psicólogo respeitável. Agora sim você inspira confiança para as pessoas marcarem uma consulta”. Logo, ouvir os gurus da moda me fez lembrar meus próprios desacertos com o vestuário.

Uma terceira resistência, muito importante, foi o receio diante das diferenças socioeconômicas. Há momentos em que os diálogos no *podcast* me parecem banais, e eu fico até chocado ao ver que os interlocutores não têm vergonha de contar histórias marcadas pela opulência. “Acho que a gente não se viu na festa de aniversário da Michèle [Lamy]”, diz Bella, ao que Rick responde: “Ela deu várias festas, todas com muitos convidados, e talvez por isso a gente não tenha se visto”. Na conversa com Courteney, há uma discussão sobre a aventura de fazer as malas para viajar: “Você tem que levar vários tipos de roupa, tem que estar sempre preparada”. *Shows* e festas todas as noites, longas horas diante do espelho, passarelas e tecidos refinados, entrevistas com a imprensa, maquiagens e cremes caríssimos, *marketing* digital etc. De minha parte, além da influência familiar, em vários momentos de minha formação acadêmica estive próximo a literatos, sociólogos, filósofos, antropólogos e historiadores. As ciências humanas na América Latina, o que não é surpresa para ninguém, têm forte tendência marxista, de modo que naquela época interiorizei o jargão de “luta de classes”, “pequena burguesia”, “alienação” e “aparelhos ideológicos”. A ambivalência nesse ponto era especialmente aguda, dada a posição limítrofe em que eu estava. Por

um lado, como muitos intelectuais de esquerda na América Latina, eu pertencço à classe média alta e nunca fui parte do proletariado. Por outro lado, como nativo de um país do “terceiro mundo” – ou “em desenvolvimento”, como se diz de maneira eufemística –, tenho consciência dos sofrimentos da guerra interna, do crime organizado, da corrupção estatal, do deslocamento forçado, do narcotráfico e de um doloroso *et cetera*. Assim, vivi os dramas triviais relatados em *Fashion Neurosis* sobre a dificuldade de conseguir um bom corte de cabelo, mas eu nunca daria muita transcendência a esses assuntos, por haver outras questões sociais bem mais relevantes.

Em todo caso, a curiosidade teve mais força que as resistências, e eu pude continuar ouvindo o *podcast* de Bella. Uma vez identificadas e encapsuladas – não ousou dizer “superadas” – as resistências, consegui absorver um pouco mais do mundo da moda e desenvolver a capacidade de degustar as cores e texturas das roupas. Mas, antes de detalhar esse processo de refinamento de novas sensibilidades, gostaria de mencionar que também encontrei resistências em outras pessoas quando contei que estava ouvindo *Fashion Neurosis*. Em tom sarcástico, minha prima me perguntou se aquelas conversas tão elegantes me faziam companhia enquanto eu usava o precário transporte público da cidade. Um colega, ainda mais ácido, exclamou: “Claro! Quando você tem o sobrenome Freud, pode fazer qualquer coisa que sempre vai ter uma audiência esperando para aplaudir!”. Meu próprio irmão – um intelectual de alto calibre – me recriminou por eu ter esquecido meus dias de *punk* e marxista, agora

seduzido pelos encantos irrisórios da aristocracia. Não encarei essas observações como afrontas pessoais, mas ainda assim procurei defender minha decisão de ouvir o *podcast*. À primeira crítica, respondi que, de fato, era uma boa forma de passar o tempo enquanto me deslocava pela cidade. À segunda objeção, apontei a irônica diferença entre Sigmund, grande explorador das profundezas psíquicas, e Bella, decoradora da superfície corporal. A meu irmão, respondi com leveza: “A classe alta é eloquente ao falar, tem um amplo vocabulário e expressões agradáveis de escutar”. Por que me dei ao trabalho de justificar a decisão de ouvir um *podcast*? Por que procurei ressaltar as qualidades de Bella, apesar do evidente nepotismo? Por que tentei separar o mundo da moda de suas usuais conotações classistas? Talvez eu já tivesse começado a ser seduzido...

4. Passemos agora para certas ideias da sociologia do gosto. Esse rótulo se refere a um pequeno grupo de autores parisienses interessados em superar algumas dificuldades perenes das ciências sociais ao explorar fenômenos da cultura popular (Gomart & Hennion, 1999; Teil & Hennion, 2004). As dicotomias objeto/sujeito, atividade/passividade, macro/micro, entre muitas outras, acabaram criando um cisma entre a abordagem naturalista e as perspectivas sociológicas. Por exemplo, os estudos sobre viticultura estavam divididos entre, de um lado, análises bioquímicas de uvas, adubos, pesticidas, fermentos etc., e, de outro, dissertações sobre os imaginários sociais, o simbolismo do vinho na literatura ou o capital cultural associado a certas bebidas. Outra ilustração paradigmática desse novo movimento sociológico é a melomania, a qual também se divide entre discussões técnicas (leis da acústica, processos de engenharia de som e dispositivos de reprodução de alta fidelidade) e reflexões acerca dos usos culturais da música em festas, cortejos, ritos religiosos etc. Até nas pesquisas científicas a respeito das adicções é possível observar esses mesmos hiatos entre as vertentes neurofisiológicas, interessadas em explorar como são metabolizadas as substâncias que causam dependência, e as perspectivas psicológicas, que exploram as carências afetivas, as tendências impulsivas e as falhas na simbolização do sujeito adicto – traços presentes inclusive em episódios de sobriedade.

Antoine Hennion caracterizou a sociologia do gosto como uma neoetnometodologia e como uma aplicação da teoria ator-rede à área das ciências humanas. A etnometodologia, criada por Harold Garfinkel, é uma forma de investigar os fenômenos sociais sem impor as explicações da teoria sociológica. Os atores, imersos em nichos sociotécnicos altamente específicos, desenvolveram uma série de métodos e conceitos próprios para transitar por situações problemáticas e renovar constantemente o tecido social. Assim, a sociologia do gosto não consiste em formular hipóteses de antemão – em especial, se influenciadas pelo pensamento dicotômico – para depois examinar empiricamente se tais hipóteses se confirmam ou não. Antes, trata-se de uma abordagem puramente descritiva dos provadores de vinho, melômanos e drogadictos, os quais desenvolveram suas próprias intuições e categorias sociológicas. Por sua vez, a teoria ator-rede, concebida por Bruno Latour e Michel Callon, é uma perspectiva sociológica particularmente proveitosa na análise de controvérsias científicas e processos de inovação tecnológica. Uma de suas ideias principais é o descentramento da noção de “agência”, que costuma ser atribuída a atores predefinidos em teorias como as de Durkheim e Marx. Ou seja, em vez de tentar distinguir entre atores inerentemente mais capazes do que outros, a teoria ator-rede propõe rastrear a cadeia de associações que permitem a uma operação ter efeitos duradouros e expansivos. A sociologia do gosto recapitula essa premissa ao insistir que seria errôneo diferenciar entre substâncias mais adictivas que outras ou demarcar entre pessoas com papilas gustativas mais refinadas que outras. Na degustação se conjugam vínculos que sustentam, sensações que atravessam, exigências

específicas que minimizam ou maximizam a percepção, e outros fatores intermediários que transformam qualitativamente a experiência.

Nos estudos sobre a viticultura, a melomania e as adicções, Hennion e seus colaboradores apontaram o *amateur* – amador, na transliteração do francês para o português – como figura que supera as dicotomias nas ciências sociais. Em primeiro lugar, no *amateur* se conjugam aspectos cognitivos e afetivos, pois ele não só aprecia o vinho, a música ou a droga, mas também se familiariza com o conhecimento técnico que esses objetos implicam. Segundo, ao contrário da perspectiva tradicional (a que me referi antes ao invocar Cupido), que ressalta a passividade do sujeito, o estudo dos *amateurs* revela que também há um curioso grau de participação. Sem dúvida, a música, o vinho e os psicotrópicos alteram a consciência e subjugam as pessoas, mas seus efeitos mudam drasticamente dependendo de como os fatores intermediários são dispostos. Por exemplo, não é a mesma coisa ouvir Bach com fones de ouvido ou com alto-falantes; não é igual provar vinho tomando água entre cada taça ou com o acréscimo de queijos; não é idêntico o transe psicodélico se acontece ao ar livre ou num ambiente fechado. Terceiro, no *amateur*, os processos de reflexividade e sensibilidade são especialmente marcados. Ao contrário dos especialistas científicos, que tendem a se isolar nas dimensões técnicas, os *amateurs* intuitivamente trocam comentários a respeito de sua experiência nessas montagens de degustação. Cabe notar que tais saberes diferem significativamente das explicações naturalistas ou sociológicas já mencionadas, pois as experiências de degustação são sempre narradas em primeira pessoa, sem atribuir nenhuma agência especial à substância natural ou ao quadro cultural, mas às sutis variações nos fatores intermediários.

Gherardi (2009) resume isso em três pontos: 1) para elaborar juízos estéticos melhores, o degustador precisa desenvolver um vocabulário com suficiente conhecimento técnico e com especial atenção aos matices; 2) para obter esse vocabulário, o degustador precisa estar inserido numa comunidade que tenha seus próprios meios de produzir conhecimento a partir das experiências gustativas; 3) para entrar numa comunidade desse tipo, a pessoa precisa primeiro se esforçar bastante para se familiarizar com os objetos apetecidos, com os ambientes onde eles circulam e são realizadas as práticas de degustação. Em suma, a degustação é um processo experiencial e não somente conceitual; coletivo e não exclusivamente individual; comunicativo e não unicamente sensorial. Por fim, embora a psicanálise costume estar permeada por múltiplas dicotomias, a sociologia do gosto não é necessariamente um olhar incompatível com essa disciplina. O convite – premente, mas aberto, como no cortejo – é precisamente para renovar essa sensibilidade diante do papel do corpo, das montagens sociotécnicas, das experiências perceptivas e dos discursos refinados dos *amateurs*. Se alguém pode nos ensinar – tanto aos psicanalistas quanto aos sociólogos – sobre as dinâmicas e tensões inerentes à sedução, são justamente aqueles que se dedicaram a amar com paciência e paixão.

5. Vamos então examinar *Fashion Neurosis* sob a lente da sociologia do gosto. Em vez de ser apenas um produto de entretenimento, esse *podcast* reúne os testemunhos de seus convidados sobre como aprenderam a posar diante de uma câmera, como elaboraram um estilo pessoal de se vestir, como usaram a moda enquanto instrumento de expressividade emocional etc. Não só o conteúdo das conversas exemplifica magistralmente o processo de desenvolvimento do gosto, mas o próprio *podcast* é um ato de refinamento, ao reunir a comunidade de *amateurs* e profissionais, promover a troca de vocabulário e atrair públicos mais amplos. Embora a moda seja somente uma das muitas expressões estéticas, o valor de *Fashion Neurosis* está em levar suas análises para além das *boutiques* e passarelas, ressaltando como a vestimenta está vinculada ao clima, às paisagens urbanas, ao flerte, à saúde, à identidade nacional, entre vários outros aspectos. Há momentos de grande humanidade, em que os convidados confessam ter vivido relações familiares precárias ou situações de perseguição na escola, mas essas centelhas de psicologia logo voltam a submergir nas redes heterogêneas que condicionam o ato cotidiano de cobrir nosso corpo nu com tecidos.

Vamos também retomar as resistências que identifiquei em mim mesmo ao me aproximar de *Fashion Neurosis*, para ver como elas podem ser modificadas pela sociologia do gosto. Em primeiro lugar, embora eu ainda seja reticente a atividades auditivas em meu tempo livre, a graça do *podcast* não é ouvir falar sobre roupas, mas despertar novas formas de observar e tocar as peças. Infelizmente, o formato radiofônico não ajuda muito; talvez uma oficina prática vá mais longe em termos de estímulo visual e tátil. Segundo, eu mentiria se dissesse que deixei para trás meus equívocos ou incompreensões em matéria de vestuário. Ao ampliar o olhar sobre como cada peça é um intermediário que prolonga ou encurta outras operações, contudo, seria possível reavaliar a moda como facilitadora de situações. Assim, vestir-se “bem” ou “mal” não seria um indicador do tecido em si ou das escolhas do usuário, mas o compêndio das reações dissonantes ou harmônicas dos outros ao observar uma *performance* sobre a vestimenta. Terceiro, apesar do inegável classismo do mundo da alta-costura, isso não equivale necessariamente às noções de “falsa consciência” e “alienação” herdadas de Marx. Pelo contrário, cada convidado do *podcast* dá mostras de um nível de reflexividade que muitos pacientes de psicanálise considerariam invejável. Por último, resta saber se *Fashion Neurosis* é um prazer culposo, dadas as duras críticas dos demais. Espero que o ato de escrever este ensaio demonstre não ser vergonha nenhuma reconhecer que se ouve esse *podcast* ou que se reflete e se escreve a partir de e sobre ele.

Em todo caso, meu objetivo não é elogiar o *podcast*, mas usá-lo para entender melhor a situação de ser seduzido. Para avançar nesse ponto, poderíamos provocadoramente afirmar que o que mobiliza o processo de desejo e prazer são as superfícies, não as profundezas. Aqui eu tomo a licença de empregar *Fashion Neurosis* como ilustração da “vingança da superfície” postulada por alguns filósofos contemporâneos (Harman, 2014, p. 103). Em poucas palavras, essa inversão de valores sugere que de nada adianta louvar uma profundidade situada além de qualquer acesso possível, e que os aspectos que tendemos a ignorar como triviais insistem em não ser facilmente eliminados. Pensemos, por exemplo, como é efêmero e evanescente o momento de *insight* na sessão psicanalítica, em contraste com a intrusiva e insistente queixa diante dos sintomas. Ou, passando para o mundo da moda, na curiosa inversão de prioridades quando um botão ou um zíper dão algum problema e o logotipo da marca prestigiosa simplesmente deixa de ser o foco de atenção. É justamente porque as superfícies estão ali, expostas e dispostas para serem montadas com outras superfícies, que o sujeito pode treinar e cultivar sua paixão por um objeto ou uma atividade. Se a sedução dependesse inteiramente das pulsões psíquicas subterâneas, a paixão e o prazer seriam situações bem mais atípicas. Assim, embora Bella tenha se proposto a acabar com o preconceito de que a moda é superficial, talvez o que precise ser desconstruído seja aquela preferência pelo profundo em detrimento do superficial.

talvez Susan Sontag tivesse em mente algo parecido quando escolheu, como epígrafe de *Contra a interpretação* (1966/1996), uma frase atribuída a Oscar Wilde: “Só quem é superficial não julga pelas aparências. O mistério do mundo é o visível, não o invisível”¹ (p. 25). A ensaísta norte-americana tem razão ao afirmar que, “em nossa época, a arte tem se tornado cada vez mais área de especialistas” (p. 379); ou seja, não basta que uma obra seja publicamente exibida para compreender seu significado, pois ela demanda que o espectador tenha desenvolvido sensibilidades singulares. Historicamente, novos procedimentos técnicos produzem novas sensações e discursos entre os atores de um nicho. Sontag oferece como exemplo a superabundância de imagens na imprensa ou a grande velocidade dos aviões, junto com seus correlatos de voyeurismo e adrenalina. Num nível individual, como aconteceu em diferentes momentos de minha história, novas formas de vestir – *punk* ou monocromáticas – deram origem a vários tipos de interação social. Não é preciso ir até o *avant-garde* artístico ou tecnológico, porque a roupa sempre esteve aí; nós apenas não apreciamos o mistério dessa presença visível. Da mesma forma, a psicanálise sempre fez parte de Bella, até que a revisitou para valorizar o mundo da alta-costura.

Vale a pena insistir nonexo entre sedução e superficialidade. O hábito intelectual – insígnia do pensamento crítico – de formular interpretações que revelem o significado profundo de uma atividade ou objeto é prejudicial ao desenvolvimento do gosto. O que seria de um melômano que explicasse como a música popular é um instrumento para fabricar identidades culturais, em vez de ouvir essas canções em êxtase? Quão plausível seria encontrar um drogadicto denunciando como as grandes farmacêuticas se aproveitam da necessidade humana de lenitivos? Que sentido teria um convidado de *Fashion Neurosis* insinuar que os estilistas estão compensando suas deficiências no desenvolvimento do eu-pele? Citemos novamente Susan Sontag, que afirma:

A interpretação [...] não é um valor absoluto [...]. Em alguns contextos culturais, a interpretação é um ato libertador. É um meio de rever, de transvalorar, de escapar ao passado morto. Em outros contextos culturais, é reacionária, insolente, covarde, sufocante. (p. 30)

É por essa razão que insisti nas descrições – elemento comum entre Bella e Garfinkel – como alternativas não críticas e não interpretativas que potencializam a degustação em vez de anulá-la. Para a sociologia do gosto, não há nada de interessante nas supostas profundezas do sujeito desejante ou do objeto de desejo. O que captura nossa atenção é a cadeia de fatores intermediários que refinam o gosto. E, sem dúvida, essa montagem não passa de uma coleção de aspectos superficiais, sem nenhuma relação óbvia com a estética ou o prazer... Mas o que seria de nós sem eles? Como aprenderíamos a apreciar um vinho ou uma roupa?

1. N. do T.: tradução de D. Bottmann. Esta citação e as próximas dessa obra estão em: Sontag, S. (2020). *Contra a interpretação*. Companhia das Letras. <https://a.co/d/iJHNW3x> (Trabalho original publicado em 1966)

6. Neste último tópico, gostaria de retornar à psicanálise e às possibilidades que ela tem de compreender a situação de ser seduzido. Afirmo que é preciso vencer resistências afetivas, assim como desenvolver uma sensibilidade particular para que essa sedução seja bem-sucedida. Esclareço que meu interesse não é substituir a psicanálise pela sociologia do gosto, mas apontar sua possível complementaridade. Vejam a diferença entre minha posição e a de críticos como Baudrillard (1979/1998), que se junta aos estudos de gênero para exclamar: “Existe uma alternativa ao sexo e ao poder que a psicanálise não pode conhecer porque sua axiomática é sexual e, sem dúvida, efetivamente da ordem do feminino. [...] Esse poder do feminino é o da sedução”² (pp. 13-14). Não seria correto sugerir que a psicanálise é cega para a sedução, especialmente porque Freud conferiu a ela bastante peso em suas primeiras etiologias da histeria e depois em sua análise do amor de transferência. Talvez o problema seja, antes, que os psicanalistas posteriores discutiram esse assunto em termos muito abstratos e conceituais. Laplanche (1999/2001), por exemplo, revisita obsessivamente como o pai da psicanálise, embora abandone a teoria da sedução, nunca nega o papel crucial dela no desenvolvimento psicosexual. Outro caso seria o de Green (1997/1998), que lamenta profusamente o esquecimento, pela psicanálise atual, do papel privilegiado que a pulsão erótica já desempenhou na análise. Por último, Pazos de Winograd (2002), ao tentar situar a sedução fora da associação com a histeria, insiste na ideia de que o caráter elusivo dessa forma de desejar constitui uma alternativa intermediária entre a sublimação total do desejo e a imposição violenta de nossos prazeres aos outros. Esse tipo de argumentação, embora bastante lúcido, também pode ser irônico, visto que a própria natureza da sedução é a sensualidade, que não é outra coisa senão a mistura de degustações e sensibilidades.

A expressão “ser seduzido” [*dejarse seducir*] revela que um sujeito permite que outro o seduza. O que fica tácito, como no cortejo romântico, é a questão dos meios de sedução. Um primeiro encontro costuma ser mediado por um café, um drinque, um jantar elegante ou talvez uma noite quente junto a uma chaminé. O desejo, grosseiramente reificado, nunca sai de um sujeito em busca direta do outro. Talvez tenhamos entendido mal a proposta de Fairbairn (1963) de que a libido é “buscadora de objetos” (p. 224), justamente porque na psicanálise estamos obnubilados demais pela dicotomia objeto/sujeito. Talvez valha a pena reformular essa expressão sob a forma “a libido busca canais de degustação”, para assinalar que as montagens são precisamente o resultado do acoplamento entre um sujeito que procura maximizar seu prazer e os fatores – periféricos sim, mas nem por isso menos importantes – que transformam qualitativamente a experiência de degustar. Bella é cuidadosa ao perguntar sobre os rituais de vestimenta de seus convidados, pois sabe que não somos seduzidos simplesmente pela roupa elegante, mas pela sucessão de operações que nos aproximam e nos afastam de uma peça. Minha pequena autoetnografia mostrou como ser seduzido é uma dança entre resistências e degustações. Se as primeiras forem eliminadas, e as segundas, potencializadas, a flecha de Cupido chegará melhor a seu destino, embora isso seja só o começo de um extenso relacionamento entre o *amateur* e sua prática. Ser seduzido não seria, portanto, sufocar o desejo ou saturar o prazer, mas ser inundado por sensações que se reafirmam em si mesmas e nos levam a compartilhar nossos gostos – por mais supérfluos que sejam – com outros amadores. Por que deveríamos procurar Eros como um poder celestial se aqui na Terra são abundantes as experiências sedutoras?

Resumo

O autor apresenta uma reflexão sobre a situação de “ser seduzido”, a qual perturba o binarismo objeto/sujeito, tão arraigado na psicanálise. Com base em ideias da sociologia do gosto, examina

2. N. do T.: tradução de T. Pellegrini. A citação está na p. 11 de: Baudrillard, J. (1991). *Da sedução*. Papirus. (Trabalho original publicado em 1979)

o podcast *Fashion Neurosis*, de Bella Freud. Nesse caso, um ouvinte não poderia ser seduzido pela moda até superar suas próprias resistências afetivas e desenvolver a capacidade de degustar melhor os objetos e práticas do mundo da alta-costura. Por fim, o autor também oferece alguns ingredientes teóricos para fortalecer o intercâmbio entre a psicanálise e a sociologia do gosto.

Palavras-chave: *Paixão, Sedução, Sensibilidade, Sociologia.*

Abstract

This essay offers a reflection upon the situation of ‘letting yourself be seduced’, which perturbs the dichotomy object/subject so deeply embedded in psychoanalysis. Employing some thesis from the sociology of taste, the essay also examines Bella Freud’s podcast *Fashion Neurosis*. In this case, listeners could not let themselves be seduced by fashion until they had overcome their own affective resistances and until they had developed the ability to better taste the objects and practices coming of the world of *haute couture*. Finally, some remarks to enhance the dialogue between psychoanalysis and sociology of taste are also presented.

Keywords: *Passion, Seduction, Sensibility, Sociology.*

Referências

- Baudrillard, J. (1998). *De la seducción*. Cátedra. (Trabalho original publicado em 1979)
- Fairbairn, R. (1963). Synopsis of an object-relations theory of the personality. *The International Journal of Psychoanalysis*, 44, 224-225.
- Freud, E. (1992). *Hideous kinky*. Hamish Hamilton.
- Gherardi, S. (2009). Practice? It’s a matter of taste! *Management Learning*, 40(5), 535-550.
- Gomart, E. & Hennion, A. (1999). A sociology of attachment: music amateurs, drug users. *The Sociological Review*, 47(1), 220-247.
- Green, A. (1998). *Las cadenas de Eros: actualidad de lo sexual*. Amorrortu. (Trabalho original publicado em 1997)
- Harman, G. (2014). Materialism is not the solution: on matter, form, and mimesis. *The Nordic Journal of Aesthetics*, 24(47), 94-110.
- Krentcil, F. (2024, 10 de outubro). “Fashion has power”: Bella Freud on “frock consciousness” and her new podcast. *BBC*. <https://tinyurl.com/ytn8af6t>
- Laplanche, J. (2001). *Entre seducción e inspiración: el hombre*. Amorrortu. (Trabalho original publicado em 1999)
- Latour, B. (2020). ¿Excarcelar los cuerpos? *Calibán*, 18(1), 225-232.
- Pazos de Winograd, M. I. (2002). Seducción e imposición, dos modalidades de la pulsión de dominio. *Revista de Psicoanálisis de las Configuraciones Vinculares*, 25(2), 199-212.
- Sontag, S. (1996). *Contra la interpretación*. Alfaguara. (Trabalho original publicado em 1966)
- Teil, G. & Hennion, A. (2004). Discovering quality or performing taste? A sociology of the amateur. Em M. Harvey, A. McMeekin & A. Warde (ed.), *Qualities of food* (pp. 19-37). Manchester University.
- Žižek, S. (2003). *El sublime objeto de la ideología*. Siglo XXI. (Trabalho original publicado em 1989)

Recebido: 30/10/2024 – Aprovado: 18/12/2024

Tradução do espanhol: Ricardo Duarte

Jonathan Sklar*

Sedução e a metáfora de *xenos*

*Você percorreu o mundo todo, mas não viu nada.*¹
Nikos Kavadias, “Aladdin’s lamp”

A palavra *xenos* significa não somente estranho ou estrangeiro, mas também aliado, amigo de longa data, ao mesmo tempo hóspede e anfitrião.² A palavra é seu próprio contrário. Os usos e funções da metáfora são um meio fundamental de carregar o peso do inconsciente na linguagem, meio que pode transferir, como na transferência, compreensão e conhecimento dessa parte da mente. Um dos focos aqui vai ser examinar o fluxo de associações a partir de *xenos* – estrangeiro, forasteiro, estranho e, em particular, transmontano, alguém que vive do outro lado da montanha.

Não é que o passado lança sua luz sobre o presente ou que o presente lança sua luz sobre o passado; mas a imagem é aquilo em que o ocorrido encontra o agora num lampejo, formando uma constelação. Em outras palavras: a imagem é a dialética na imobilidade. Pois, enquanto a relação do presente com o passado é puramente temporal e contínua, a relação do ocorrido com o agora é dialética – não uma progressão, e sim uma imagem, que salta. – Somente as imagens dialéticas são imagens autênticas (isto é: não arcaicas), e o lugar onde as encontramos é a linguagem.³ (Benjamin, 2002, p. 462)

Metáfora

Conta a lenda que são Cristóvão, o santo padroeiro dos viajantes, era um gigante de 6,3 metros que decidiu servir “o maior rei de todos”. Ao notar que o rei ao qual servia fazia o sinal da cruz à menção do Diabo, percebeu que ele vivia com medo, e então partiu em busca do mais poderoso senhor. Com o tempo, ao descobrir que o Diabo temia a Cristo, ele decidiu servi-Lo. Um eremita sugeriu que, com sua força física, ele poderia servir a Cristo ajudando as pessoas a cruzar um perigoso rio. Vocês talvez conheçam a história de uma criancinha que lhe pediu ajuda para a travessia. Porém, apesar do tamanho da criança, enquanto cruzava o rio sentiu que a carga o sobrecarregava conside-

* British Psychoanalytical Society.

1. N. do T.: no original: “You have been all around the world, but you saw nothing” [Όλο τον κόσμο γύρισες μα τίποτα δεν είδες].

2. *Xenos* também é uma palavra que pode conter o paradoxo de estar sozinho num lugar estrangeiro e de ser acolhido, cuidado, potencialmente desenvolvendo relações.

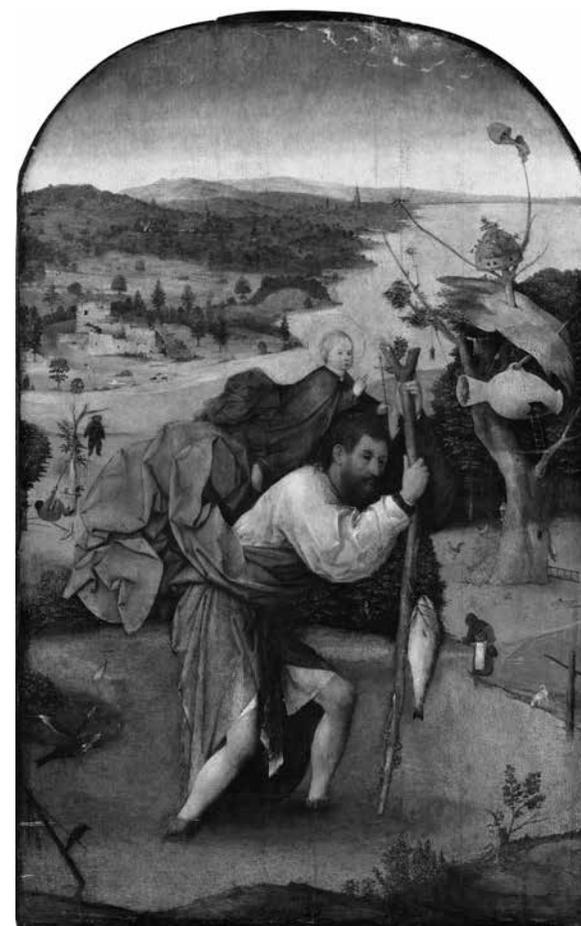
3. N. do T.: tradução de I. Aron e C. P. B. Mourão. A citação está na p. 504 de: Benjamin, W. (2009). *Passagens*. UFMG; Imprensa Oficial do Estado de São Paulo.

ravelmente. Ao alcançar a outra margem, ele disse: “O mundo inteiro teria pesado tanto quanto você sobre meus ombros”. O Menino Jesus então revelou que de fato Cristóvão tinha suportado o mundo inteiro em seus ombros, assim como aquele que o criou, assinalando que, por carregar tudo isso, Cristóvão estava agora a serviço de Cristo Rei. Hieronymus Bosch (c. 1490-1500) pintou esse quadro. Com essa metáfora em mente, vamos considerar uma situação contrária.

Goethe escreveu o poema “O Rei dos Elfos” [“Der Erlkönig”], que Schubert depois transformou em música – ambos maravilhosas evocações de algo que é também bastante perturbador. O poema retrata um pai cavalgando numa floresta, carregando junto ao peito o filho, que chora de medo do Rei dos Elfos, o espírito do vento e da floresta. O pai atribui os medos do filho ao nevoeiro, pressionando-o mais forte contra si enquanto galopa mais rápido. Ao chegar em casa, percebe que o filho está morto em seus braços. A excitante cavalgada, o cavalo galopante, com o pai apertando o menino com força, podem ser lidos como cifra para a pedofilia. O Rei dos Elfos, como o Encantador de Ratos ou Flautista de Hamelin, é o amante pagão das crianças (Forrester, 2017). Esse assunto é encoberto pelo nevoeiro, ficando invariavelmente invisível.

Apresentei essas duas histórias juntas porque elas contêm a metáfora da sustentação [*holding*]: a sustentação inicial demandada pela criança, que é tarefa da mãe e, com o tempo, se torna moldura psíquica que contém/sustenta a vida criativa; e seu oposto demoníaco, representado pelo Rei dos Elfos, o erotismo perverso da sustentação voltada para a pedofilia e a morte. Ambas, a sustentação materna e a perversa, são formas de sedução.

É no trabalho de Winnicott que a sustentação analítica tem profunda ressonância com carregar/apoiar uma criança, com proteção, cuidado, calma e o êxtase materno do fardo. A mãe suficientemente boa provê e cria continuidade na experiência de mundo do bebê. A queda do bebê é a ruptura de continuidade que precisa ser consertada e reparada pela mãe (ou não). Mais tarde, ela é ressignificada na análise. A pedofilia está num extremo oposto ao amor e é a encenação do ódio sem reparação. Esses estados negativos inconscientes podem se tornar disponíveis para a incursão na análise.



Nas inúmeras imagens existentes da Madona e do Menino, o bebê Cristo é sustentado/contido. Quando observamos com atenção o rosto renascentista da Madona maternal, muitas vezes notamos nele uma expressão melancólica – há uma sensação de que ela percebe o tempo 33 anos depois, quando novamente O sustenta em Sua morte. Essas imagens representam a jornada do nascimento à morte, reencontrada na imagem da Madona na *Pietà*, mais uma vez sustentando o corpo do filho, agora transformado no Cristo morto. A mãe que dá à luz talvez perceba em algum momento a morte de seu bebê. “No começo está meu fim” – como escreve T. S. Eliot em “East Coker” (1940/1974, p. 177) – é uma metáfora para a inevitabilidade da morte como fato conhecido, enquanto o que está entre as duas pontas é a realidade de uma vida vivida.

O analisando chega ao consultório psicanalítico com alguma noção de que talvez encontre ajuda para superar conflitos, os quais invariavelmente estão relacionados ao complexo campo do amor. O psicanalista é um lugar de último recurso, onde monstros podem ser encontrados “no sono da razão” (Goya, c. 1799). Goya não julga os monstros; em vez disso, permite que eles apresentem o mundo da noite, algo característico das gravuras de *Los caprichos*. Eles só podem vir à tona – para serem vistos além de sua escuridão no inconsciente – quando a razão adormece. É preciso coragem para esse processo, decerto por parte do paciente, para ousar evocar e iniciar o processo de domesticação das turbulentas zonas selvagens da mente. O mesmo se requer do analista, para permitir que seu psicossoma seja a caixa de ressonância das frequentemente graves angústias do paciente, algumas das quais, quando projetadas, precisam ser “capturadas” pelo analista para que venham a existir em algum lugar dentro da (e entre a) dupla analítica. Às vezes, é nos sonhos ou no soma do analista que o “isso” [it] do analisando é percebido. Talvez no vazio entre o rasgo e o remendo no eu, um ou outro vai sentir, conhecer ou encenar as origens traumáticas sofridas pela *criança na análise do adulto* (Ferenczi, 1931).

E assim são Cristóvão, ao tentar ajudar viajantes a cruzar o rio, impedindo que morram afogados, acaba sofrendo com o fardo – por vezes – extremamente pesado que carrega. Uma metáfora paralela à de são Cristóvão é a de Caronte, o barqueiro que carrega a alma dos mortos através do



rio Estige até o Hades. Irmão de Tãatos e Hipnos, ele torna possível a passagem para o sono e permite a função do sonho. Uma metáfora carrega a outra, em camadas inferiores ou paralelas. Isso é relevante para o problema da apatia na análise, que precisa de espaço para emergir sem que analisando e analista sejam mortos no caminho.

Na primeira metáfora, o Menino Jesus, ao carregar o mundo, é carregado por são Cristóvão. Para o paciente, o analista carrega o peso da vida vivida, e em alguns pacientes o fardo contém o medo da impossibilidade de voltar à vida. Eu gostaria de mencionar aqui uma observação de John Forrester (2017) sobre o problema da sustentação. Por um lado, a Madona sustenta o corpo do filho, a criança viva e o homem morto de 33 anos. Por outro, no mito do Rei dos Elfos, a sustentação negativa, uma sedução sobre-excitante, termina numa sustentação que sufoca até a morte – essa direção pedófila fragmenta e continua a assassinar a vida mental. A metáfora do Rei dos Elfos é a perversão sexual no âmago do ato de carregar, pois a metáfora fica contaminada quando a esfera erótica é uma *confusão de línguas entre crianças e adultos* (Ferenczi, 1932/1955).

Algumas mães temem que sua sustentação seja insuficiente para prevenir a morte do bebê, tornando assim o bebê vivo, adormecido em seus braços, na sustentação imaginária de um bebê morto. Esse é o pesadelo da mãe. Será que eu, com tudo o que aconteceu em minha vida, posso ser “suficientemente boa” para dar vida a meu bebê? Certas mães, talvez vendo no bebê a representação das crueldades ambientais cometidas por sua própria mãe, ou avó, numa cadeia materna transgeracional, não conseguem suportar a vida do bebê e se tornam uma sufocante versão feminina do Rei dos Elfos. Com mais frequência, porém, é o pai que “sente que o bebê, sobretudo o filho homem, tornou-se seu rival, e esse é o ponto de partida de um antagonismo profundamente enraizado no inconsciente”⁴ (Freud, 1910/1957, p. 117).

Se o bebê é insuficientemente sustentado e visto, ele tenta atrair a atenção da mãe. Se nada acontece, e no mundo de hoje muitas mães ficam grudadas na tela do celular, ignorar a presença do bebê pode levar à perplexidade, à frustração, a movimentos motores como chutar e, com o tempo, a um sentimento interno de colapso ou a uma raiva externa. Ignorar o bebê é o início de um afeto em desenvolvimento que pode se tornar o masoquismo de um contínuo sentimento de indesejabilidade ou seu oposto, como raiva contra a vida projetada sadicamente no outro – ambos são formações sadomasoquistas na identificação com ou contra o agressor. Como Freud mostrou em “Batem numa criança” (1919/1955), a criança passa a acreditar que o pai bate nela *porque a ama*. Essa é a fonte da posição erótica de apreciar a dor, aplicada a si mesmo ou ao outro, como forma de amor. Tudo pode se tornar com-

4. N. do T.: tradução de P. C. Souza. A citação está na p. 191 de: Freud, S. (2013). Uma recordação de infância de Leonardo da Vinci. Em S. Freud, *Obras completas* (vol. 9, pp. 69-168). Companhia das Letras. (Trabalho original publicado em 1910)

portamento aprendido, porque a mãe, o pai ou ambos os pais, separadamente ou em conjunto, podem machucar o filho com frequência, de modo que essa expectativa se torna a experiência de vida de uma pessoa. Ou a função calmante da mãe pode devolver ao bebê/criança o reconhecimento do amor sem agressão. Voltaremos a tratar desse ponto adiante para ver como ele se manifesta no cristianismo e também na violência no futebol, que pode desestruturar a sociedade.

É desconcertante entender onde são Cristóvão apoia os pés enquanto carrega o mundo – fora da terra ou no espaço? Ou seria apoiar-se nos pés, como o fornecedor do “transporte”, precisamente o trabalho da metáfora, oculto na linguagem e na cultura? Da mesma forma, como a psicanálise consegue ter uma base segura quando seus pés não se apoiam no mundo, mas antes nesta coisa, o inconsciente? Com acuidade, Forrester (2017) questiona:

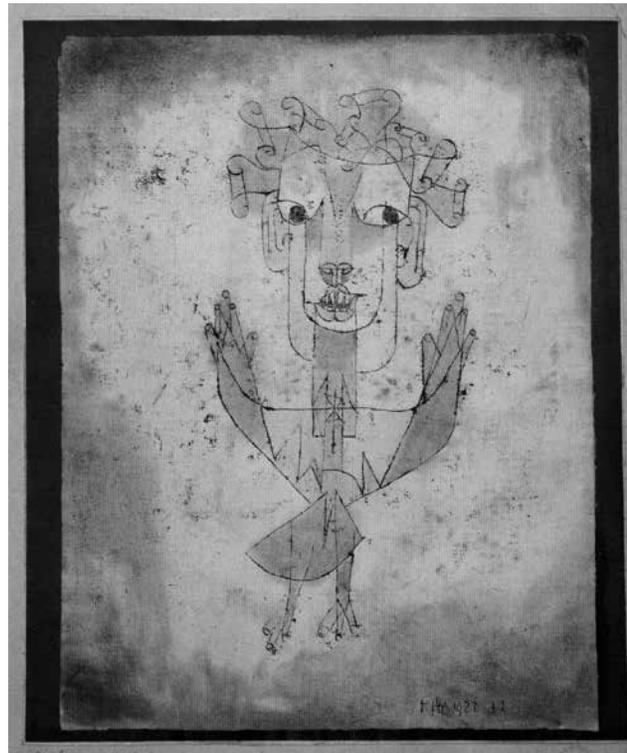
De onde vem o poder da psicanálise de transformar, carregar [carry], transferir? A resposta de Freud é: não da sugestão, mas da transferência. A resposta de Winnicott é: da sustentação. Transferência, *Übertragung* em alemão, significa transmissão [to carry over], e é complementar ao grego *meta-pherein* – transporte [carrying across]. (p. 103)

Portanto, a metáfora de São Cristóvão, como a metáfora da psicanálise – metáfora, transferência, sustentação –, é apenas uma metáfora. Talvez nós, analistas, tenhamos a tarefa de restaurar a metaforicidade das metáforas, de modo que a profunda compreensão da linguagem do paciente ao transmitir a libertação do monstro seja o lugar onde nosso trabalho se apoia.

Segundo Walter Benjamin (1940/2015) – em sua discussão do desenho *Angelus Novus* (1920), de Paul Klee –, o anjo da história volta as costas para a multidão, mesmo que seja impelido e arrastado por ela. Assim, o anjo da história, que nada vê além do amontoado de ruínas do passado, é arremessado para o futuro pela tempestade do progresso.

Na análise, a dupla analítica reencontra o presente no passado, e isso pode desencadear um ato de liberdade. É assim que o paciente entra num *novo começo* (Balint, 1968). O meio para isso pode ser uma interpretação dada pelo analista ou ser encontrado pelo paciente.

A simples metáfora pode carregar a semente de uma palavra que transfere uma conexão sensivelmente percebida indicativa de um *insight*. Hannah Arendt (1968) relaciona a metáfora e a poesia, sugerindo que ambas recriam a descrição e os sentimentos. Ela apresenta uma útil



e poderosa citação dos *Diários* de Kafka sobre ver a partir de uma perspectiva diferente:

A pessoa que não consegue enfrentar a vida sempre precisa, enquanto viva, de uma mão para afastar um pouco de seu desespero pelo seu destino [...] mas com sua outra mão ela pode anotar o que vê entre as ruínas, pois vê mais coisas, e diferentes, do que as outras; afinal, está morto durante sua vida e é o verdadeiro sobrevivente.⁵ (pp. 171-172)

Com frequência, analisando reclamam de não lembrar um sonho que sabem que tiveram. Anotar pensamentos sobre o sonho e associações ao acordar pode ser bastante proveitoso para compreendê-lo antes que retorne ao nevoeiro (em ambos os sentidos).

Alguns pacientes, embora discorram sobre sua vida, dão a impressão de estar vivendo uma vida morta. Pode ser muito difícil suportar esse monólogo, pois o ouvinte só consegue escutar que nada pode ser feito. Os pais não perceberam como a criança abandonada estava se sentindo? É fácil para essa criança assumir a culpa para si e carregar a falha como se fosse sua. A ideia de Kafka de anotar entre as ruínas é uma metáfora para a dificuldade das narrativas analíticas. O analisando está cercado pelas ruínas da vida. No entanto, podemos vislumbrar que, apesar de tudo, ele é um sobrevivente e, portanto, está vivo. E ao sobreviver, uma sombra inconsciente pode se ligar a como, por que e em que parte do corpo reside a erótica inconsciente que se desenvolve também como caráter. Paula Heimann (1956) acreditava que uma importante questão para o analista que observa esses estados e fragmentos é começar a responder quem está fazendo o que para quem e por quê. Aqui podemos supor essa questão como adjacente às seduções originárias, reais e imaginárias, que com o tempo desenvolvem o equilíbrio de amor e ódio em relação ao objeto e ao *self*.

Numa metáfora, Arendt (1968) cita Benjamin: “Como alguém que se mantém à tona num naufrágio por subir no topo de um mastro que já se desmorona. Mas dali ele tem uma oportunidade de fazer sinais que levem à sua salvação” (p. 172). Experiências vistas do topo de um mastro, levadas a uma análise, permitem um afeto concomitante de desastre iminente. Muitos sintomas neuróticos já estão ligados ao conhecimento inconsciente dos desastres da criação e de outros eventos traumáticos na jornada da vida. Por exemplo, a angústia generalizada pode se relacionar ao perigo de se sustentar no topo do mastro enquanto o navio afunda. Agora já não é mais uma angústia generalizada, des-

5. N. do T.: tradução de D. Bottmann. Esta citação e a próxima estão, respectivamente, nas pp. 185 e 186 de: Arendt, H. (2008). *Homens em tempos sombrios*. Companhia de Bolso. (Trabalho original publicado em 1968)

vinculada e massiva. Algo similar pode ser visto na sustentação obsessiva ao mastro, levando a ser lançado ao mar, incapaz de nadar.

Essas metáforas, ou o que posso chamar de poética, permitem ao analista perceber de que lugar o paciente fala, aceitando isso, em vez de simplesmente registrar a angústia do analisando e seu possível medo da dificuldade de descrever onde está dentro de si. Além disso, o analisando está fazendo um grande esforço para falar a partir de um lugar bastante instável e perigoso – que ofereceu fixidez instável por um longo período –, emitindo assim um sinal que pode levar ao resgate. Quando a angústia-sinal está ligada a uma metáfora, ela pode ser vinculada a uma (ou desenvolvida numa) reconstrução da história pessoal, que permaneceu no inconsciente como metáfora. Isso, com o tempo, pode ser decifrado. Para o analisando, essa posição metafórica, quando explorada, oferece a esperança de resgate, mudança e desenvolvimento ao longo do trabalho da dupla analítica. A metáfora de um barco afundando reflete aspectos dos danos percebidos e reais causados na infância ao sentimento de ser adequadamente sustentado ou não (outra metáfora que também pode ser explorada para revelar mais da história inicial). Pode surgir a compreensão de que o analisando, agarrado ao topo do mastro, solitário, sozinho, está numa relação com outra pessoa, que o viu e pode oferecer apoio para abandonar essa posição mental precária. O objetivo de expor o mais completo substrato emocional metafórico é desenvolver a capacidade de desvelar tempos turbulentos em palavras e lembranças, afastando-se do estado mental e vital de uma só pessoa em direção a um *novo começo*, pois o analista pode ser usado pelo analisando para se libertar de sua vida emocionalmente precária. Surge aí um sentido de escolha: o analisando pode emergir ou permanecer em sua vida morta-viva.

O psicossoma carregando o fardo da mente

O eu original é um eu corporal. No início do desenvolvimento da mente, o eu tem percepções provenientes do corpo, como postura, fome, dor, frio e calor. Essas são experiências no corpo antes e depois do desenvolvimento de um mecanismo mental de pensar-sentir. A mente não existe sem o corpo, e ambas as estruturas, consciente e inconscientemente, estão presentes durante toda a vida de uma pessoa. Mais tarde, é o corpo do analisando que provê a estrutura e a mobilidade para levar a mente à análise. Muitas vezes, as análises atuais podem diminuir o valor e a importância do corpo como parte da totalidade da experiência analítica. No extremo, para alguns analistas, a mente se torna supervalorizada como seu órgão-alvo. O entendimento analítico do psicossoma pode se tornar uma forma simples, mas também fundamental, de compreender e abordar as raízes do caráter ou *self* de um indivíduo, e explorar algumas seduções somáticas iniciais.

A mente pode precisar de proteção contra o impacto do afeto massivo, de modo que defensivamente há um movimento da psique para o soma. Nesse caso, o corpo pode assumir a tarefa de oferecer o contorno das associações, embora desvinculado da capacidade mental de associar livremente e sentir emocionalmente. Assim, encontramos um paciente que pode adotar posições específicas no divã – certa rigidez dos membros talvez, ou nunca se mover, como meio de ocultar e revelar estados traumáticos mais iniciais e manter distância daquilo que ameaça como um saber terrível. Essas estruturas posicionais, quando percebidas e reconhecidas, podem permitir se afastar do registro somático e ir em direção à curiosidade mental. Pôr o “isso” [*it*] em palavras move a energia psíquica da representação de coisa (o corpo) para a representação de palavra, permitindo ao afeto mover-se da vinculação corporal para – potencialmente – a da dupla clínica. Como em tudo o mais na análise, fazer isso demanda tempo, para elaborar as recém-descobertas memórias em termos de relações passadas. Em seu lugar psicossomático, o paciente está sozinho e não espera – em geral, nem deseja – a intervenção do

outro. A expectativa inconsciente é de que o outro não está ali para ajudar, e com frequência há uma verdade histórica nisso, pois às vezes os adultos não protegeram a criança do trauma e podem até tê-lo causado. Muitas vezes, o analisando traumatizado não teve um histórico inicial de ser sustentado, acariciado e amado pela mãe, de modo que na vida adulta ser tocado se torna uma ideia eu-alienígena, sendo percebido como o prenúncio de novas agressões. Isso leva à hipótese de que apenas a autossustentação é possível (balançar-se, masturbar-se, distúrbios alimentares etc.).

Às vezes, em vez de sentir a angústia na mente como um estado de angústia, o corpo pode assumir o controle. É comum, por exemplo, ver crianças e até alguns jovens adultos sentados com uma perna ou um pé batendo continuamente, dissociado do restante do corpo, sentado em silêncio. A perna está experimentando um movimento rápido repetitivo, contendo o que pode ser visto como excitação. É possível pensar nisso como um estado somático maníaco que oculta seu oposto depressivo – o equivalente físico da depressão maníaca num membro, enquanto ao mesmo tempo a pessoa está aparentemente falando com naturalidade sobre algo ou alguém, apartada dos movimentos rápidos da perna.

Também é comum a angústia repetitiva que leva a fantasias sobre a iminência de um ataque do coração, em especial se um dos pais morreu muito jovem de um infarto do miocárdio (ataque do coração). Em vez de examinar os processos de luto pela morte que já aconteceu, o paciente reivindica para si o problema cardíaco. O sentimento de catástrofe iminente sobre si é então uma projeção no futuro de um passado que já aconteceu, e como as pernas que batem, continuam a vibrar pontadas no corpo, experimentadas como alertas para a aproximação de um ataque do coração. Isso pode se estender por anos a fio, sem que se note que esses vários alertas da morte são um fluxo de alarmes falsos. Desse modo, a fantasia somática oferece cobertura para o não luto, talvez repreendendo o paciente com a culpa do sobrevivente, junto com uma expectativa abrangente de que não se pode, não se deve superar os pais.

Quando esses continentes somáticos de angústia, excitação e depressão podem ser percebidos, e um *insight* permite o diálogo do soma com a psique, a análise abre uma nova possibilidade do dizer, uma possibilidade de que o ouvinte, que pode ser experimentado depois de algum tempo como benigno, seja capaz de ouvir, e de que o paciente, talvez pela primeira vez, registre que está sendo escutado. O paciente pode começar a saber que o outro está escutando e também escutar a si mesmo para além do corpo vibratório sem mente.

Metáfora na música

*Ninguém pode se conhecer de verdade
Se separar de seu ser mais íntimo
Mesmo assim deve pôr à prova, todo dia,
O que vê claramente de fora
O que é, o que foi
O que pode fazer e o que defende.
Goethe, Zahme Xenien*

Uma vez vi uma apresentação das *Metamorphosen*, de Richard Strauss, sob a regência de Antonio Pappano, no Covent Garden. Em 2 de outubro de 1943, um bombardeio dos Aliados destruiu o Teatro Nacional de Munique. Richard Strauss, nascido nessa cidade, descreveu a profanação como “a maior catástrofe que já aconteceu em minha vida, para a qual não há consolo” (citado por Bratby, 2018).

Pior ainda, em 2 de março de 1945, após saber do bombardeio de Dresden, ele escreveu: “Estou desesperado! O Goethaus, o maior santuário do mundo, destruído! Minha bela Dresden, Weimar, Munique – tudo se foi” (citado por Bratby, 2018). Dez dias depois, a Ópera Estatal de Viena foi totalmente queimada. Isso o estimulou a compor as *Metamorphosen* como um grande lamento pela destruição de uma cultura. Como Bratby (2018) descreve, seu apaixonado clímax final se transforma num idêntico colapso final, e a música da abertura retorna, destinada dessa vez a conduzir apenas para baixo, para a escuridão em dó menor, onde a origem da transformação se torna clara, e um fragmento da marcha fúnebre da sinfonia *Eroica*, de Beethoven, se encontra obscurecido nos baixos. Strauss escreveu as palavras *in memoriam* sobre os restos arruinados. A palavra vacila e se conecta à desolada pilha de tijolos, real e metafórica – tudo o que restou do castelo que se erguia na antiga praça de Varsóvia, destruída na Segunda Guerra Mundial.

Strauss estava oferecendo um réquiem ao mundo, de modo que o ouvinte pudesse sentir, na música, a devastação da guerra contra uma cultura centenária. Ele sabia que, além dos prédios em chamas, havia a perseguição nazista aos judeus, incluindo sua nora e sua família. A música tem por tema a escuridão, e apesar da tentativa de elevar, retorna a um final profundamente sombrio e terrível. A enormidade do que aconteceu é demais para lamentar. E os versos de Goethe são para todos nós, ainda não provados, sem saber como compreender o fato de que cada um de nós vai decidir “o que pode fazer e o que defende”.

O ataque à cultura que esse exemplo representa também é metafórico, pois se espera que a capacidade de sustentação de salas de concerto, teatros, óperas, balés, casas de *jazz*, *saraus*, bibliotecas, museus – lugares bem estabelecidos em relação à maneira de perceber a cultura na sociedade – simplesmente continue. Na guerra, em tempos de covid-19 e de profundas perturbações na Mãe Terra (grandes incêndios florestais, águas que sobem a ponto de ultrapassar as defesas contra enchentes, perigosos ventos e tempestades, ondas de calor), descobrimos que, de repente, as atividades culturais diminuem ou se encerram por completo. E nós ficamos desamparados, perdidos, infelizes e nos sentindo menos vivos. A sustentação suficientemente boa dos braços da mãe, o fenômeno transicional que Winnicott descreveu a partir da criação do EU-NÃO EU, é, ao lidar com a realidade, mais tarde transformada na terceira área da criatividade: a da cultura na sociedade. Se o bebê não tiver alcançado os fenômenos transicionais, então a aceitação do simbólico será deficiente e a vida cultural será marcada pela pobreza.

Winnicott (1959/2016) afirma:

Colocando-o de modo bastante grosseiro: vamos a um concerto e ouvimos um dos últimos quartetos de corda de Beethoven (estão notando que sou intelectual). Esse quarteto não é apenas um fato externo produzido por Beethoven e tocado pelos músicos, e não é um sonho meu, que, em realidade, não teria sido tão bom. A experiência, acoplada à preparação que eu mesmo fiz para ela, capacita-me a criar um fato glorioso. Eu o desfruto porque digo que o criei, alucinei-o, e é real e teria estado lá houvesse eu ou não sido concebido. Isto é louco. Em nossa vida cultural, porém, aceitamos a loucura, exatamente como aceitamos a loucura do bebê que alega (ainda que em murmúrios não compreensíveis) “Eu alucinei isso e faz parte da mãe que se achava lá antes de eu aparecer”.⁶ (p. 527)

Da mesma forma, as pinturas nas paredes das galerias à noite desaparecem de nosso olhar, mas quando as visitamos, reencontramos o objeto perdido, tornam-se vivas porque as estamos vendo. Nossa visão da vida criativa do pintor colocada numa pintura é capturada por nosso olhar, e nós devaneamos, imaginamos, traçamos nossos próprios padrões na coisa que tentamos ver enquanto ela é momentaneamente possuída por nós.

E quando a cultura-seio, uma razão profunda para continuar vivo no mundo, desaparece ou se interrompe – ou pior ainda: é destruída para sempre –, como a grande Dresden e seus extraordinários edifícios e lembranças que atravessaram gerações, ficamos apáticos, vazios e deprimidos. Isso faz parte da sintomatologia da covid-19, que ataca nosso equilíbrio mental e nos causa enorme sofrimento, o que se reverte num questionamento inconsciente sobre se realmente fomos sustentados pelos braços de nossa mãe durante todo aquele tempo anterior.

Metáfora e Winnicott

Donald Winnicott (1947/2017) descreveu a teoria da existência de um masoquismo natural às mulheres como falsa, explicando a falsidade assim:

A mãe deve ser capaz de tolerar o sentimento de ódio contra o bebê sem fazer nada a esse respeito. Ela não pode expres-

6. N. do T.: tradução de J. O. A. Abreu. A citação está na p. 47 de: Winnicott, D. W. (1994). O destino do objeto transicional. Em C. Winnicott, R. Shepherd & M. Davis (org.), *Explorações psicanalíticas: D. W. Winnicott* (pp. 44-48). Artes Médicas. (Trabalho original publicado em 1959)

sá-lo para ele. No caso de temer a sua própria reação, ela não conseguirá odiar adequadamente quando machucada, e poderá cair no masoquismo, e a meu ver é isto que leva à falsa teoria de um masoquismo natural às mulheres. O ponto mais interessante a respeito da mãe é a sua capacidade de ser tão agredida e sentir tanto ódio por seu bebê sem vingar-se dele, e sua aptidão para esperar por recompensas que podem vir ou não muito mais tarde.⁷ (p. 67)

O ódio do bebê precisa encontrar seu par na mãe ou no pai, encenado não como explosão ou perversidade, mas como matriz de um contraponto inconsciente que contém esse ódio. Nessa situação, “Rockabye baby”, a cantiga que Winnicott cita no mesmo trabalho, não é sentimental, e provavelmente é cantada sem consciência do que se descreve em suas metáforas.⁸ No entanto, como resposta à reviravolta na vida materna após o nascimento do bebê, ela dá à mãe a chance de imaginar o bebê caindo do berço, dos braços maternos. Na fantasia inconsciente da mãe, a queda do bebê no chão proporciona espaço imaginário metafórico para uma aceitação não retaliatória das demandas por vezes impossíveis do bebê. Ter essa fantasia de se libertar imaginariamente do bebê oferece à mãe espaço mental interno para conter seu ódio ao bebê, por um momento, sem precisar retaliar. Isso não leva a mãe inevitavelmente a uma direção permanente de masoquismo em relação a outros objetos; contudo, pode levar, sujeito ao conhecimento materno inconsciente de como a própria mãe lidou com as demandas de seu bebê anos antes, enquanto ela equilibra suas capacidades suficientemente boas para ser mãe, ou suas dificuldades, e a intensidade da trajetória do bebê para ser um bebê mais ou menos “fácil”. Essa é uma metáfora da sustentação bem diferente daquela do Rei dos Elfos, antes discutida.

A metáfora nos limites da impossibilidade

Às vezes, algumas coisas são tão dolorosas e terríveis, o impacto da descrição é tão fraco – pois as palavras se afastam de seus significados –, que a habilidade da metáfora de “carregar” significado falha. Como o Holocausto pode ser examinado? Uma história objetiva sobre os campos de concentração, a Conferência de Wannsee,⁹ a grade horária e a rota dos trens, a composição dos vagões, a maneira como acontecia a prisão dos judeus, as roupas, as tatuagens, os prédios dos campos, as listas de tudo, não pode fazer justiça ao que os judeus, mortos aos milhões há muito tempo, pensavam sobre o encarceramento inóspito. Em *Austerlitz* (2001/2011), W. G. Sebald evoca essa impossibilidade de descrição contornando o destino de sua história, e em vez disso o leitor ouve sobre a construção de salas de espera de trens, defesas de castelos inexpugnáveis que sempre falham, fotografias de arquitetura estranha, a percepção da foto como uma captura congelada de um momento “então”. Fotos de pessoas vivem no momento do disparo do obturador, e desse modo são indicativas de uma morte, a da “então-idade” de lugar e pessoa, como que deslocada,

7. N. do T.: tradução de D. Bogomoletz. A citação está na p. 286 de: Winnicott, D. W. (2000). O ódio na contratransferência. Em D. W. Winnicott, *Da pediatria à psicanálise: obras escolhidas* (pp. 277-287). Imago. (Trabalho original publicado em 1947)

8. N. do T.: na cantiga mencionada por Winnicott, aparecem estes versos (segundo a tradução indicada na nota anterior): “Nana neném no galho lá em cima,/ Se o vento sopra o berço se inclina,/ Se o galho se parte o berço despenca,/ O bebê cai no chão e o berço arrebenta”.

9. N. do T.: acontecida em 20 de janeiro de 1942, a Conferência de Wannsee foi uma reunião de líderes nazistas para discutir os detalhes do extermínio em massa de judeus.

de maneira que a própria conclusão deve ser suficiente para desconcertar o leitor dentro das frondes de texto e foto, tudo desaparecido há muito tempo e impossível de ser trazido à vida no agora. É monumental demais descrever todas as complexas tramas e urdiduras da meada, que é frágil demais para sustentar uma compreensão que não faz sentido.

Algumas formas de desenvolvimento da agressividade na sociedade

As pinturas da Madona e do Menino no começo da história cristã são complementadas por cenas da flagelação e da crucificação, bem conhecidas pelos fiéis. Essas imagens estão repletas da erótica da humilhação, do masoquismo e do sadismo, que tem uma normalidade de evocação – quem está fazendo o que para quem e por quê. Milhões de espectadores aprendem essa violência como direção e crença de um movimento orientado para o amor e a sustentação de Deus. No entanto, ao oferecer essas narrativas cruéis, a Igreja convida a família a contemplar as sedução do sadomasoquismo em seus afrescos. Tais imagens de sedução cruel, vistas por crianças, fazem compreender a necessidade dessa religião de exigir obediência – ou, em nossos tempos, *que se nasça de novo*, de modo a ser aceito nela e amado.

À medida que a infância se encaminha para a adolescência, é comum o menino aprender a gritar bem alto, brigar, juntar-se à turba de uma horda primeva de irmãos num grupo, que pode começar jogando futebol e com o tempo se associar à torcida de um time. Esse movimento pode ser conduzido por um flautista encantador que, insidiosamente, os seduz para uma violenta gangue de criminosos, que se entrega ao puro prazer de destruir outros, matando o Outro que é diferente, o estrangeiro que parece estar roubando sua vida. Foi o que aconteceu na súbita irrupção de um gozo irracional de destruição de propriedade e ataques a concidadãos sem outra motivação subjacente que o prazer sedutor de uma ânsia de ataque. O Reino Unido testemunhou essa irrupção brutal em agosto de 2024, quando gangues atenderam ao chamado de atacar estrangeiros em diversas cidades. A sedução da violência desenfreada e cruel em jovens e idosos, muitas vezes com um histórico de serem preparados como *hooligans* do futebol, como uma falsa bandeira de amor ao clube do coração, foi perversamente dirigida contra o estrangeiro.

Conclusão

Eu os levei a um percurso por temas aparentemente distintos, mas que contém um sentido de alienação, exigindo medidas especiais por parte de alguns indivíduos para que suportem permanecer vivos. São Crisóstomo foi emparelhado com o Rei dos Elfos – o Divino e o Perverso

formam um par, e muitas vezes um é estranho ao outro. A alienação pode começar a partir dos estados iniciais do bebê/criança que se encontra longe do amor, da sustentação de uma mãe suficientemente boa, em direção a sedução agressivas.

O corpo que suporta carregar o peso que a mente não suporta também é um estranho a seu senhor. Podemos sentir o que aconteceu?

O *self* que desfruta a cidade de hoje, incapaz de ver os traços sutis da violência passada encobertos em sua reconstrução, é outra forma de *xenos*. Podemos ver o que aconteceu?

Quem carrega o pesado fardo e a quem ele corresponde ao longo das gerações?

As *Metamorphosen* foram a forma de metáfora de Strauss, pois sua música carrega a imensa perda da cultura europeia até o ouvido do ouvinte... Podemos ouvir o que aconteceu quando isso se perdeu?

Termino com um poema de Margaret Atwood (2024):

*Qual é seu desejo, minha criança?
De mim e a cartola mágica,
a lâmpada mágica, a varinha mágica,
o truque, os sapatos, o que for:
um vestido? um príncipe? um cavalo?
Eu quero ele de volta.
O que você quer dizer com ele?
Ele. Quem ele era
antes de ir embora.
Como ele era doce naquele dia
em que navegamos na canoa verde
e ele disse que me amaria para sempre.
Seu desejo viola as fronteiras.
Há dois tipos de feridas:
as visíveis, as invisíveis,
e daquelas, dois tipos,
feridas infligidas e feridas recebidas.
Todas são letais.
Quem você amava se foi.
Fragmentos dele estão espalhados aqui e ali.
Você precisa amar este outro,
embora ele seja um impostor.
Esse amor vai te destruir.
Pessoas machucadas machucam pessoas, e por aí vai.
Mas você não pode apenas – o que ele disse?
Não há para sempre,
não deste lado do rio.
Eu podia te dar uma caixa de
esperança em vez disso –
as pessoas parecem gostar –*

*ou então estas fotos.
Elas contam o que ele viu:
muitos viajaram para longe,
para o lugar de fogo e escuridão,
o tempo sem palavras.
Algumas sobreviveram,
mas não intactas.
Ninguém volta.¹⁰*

Resumo

O contraste entre as metáforas de São Cristóvão e do Rei dos Elfos permite examinar a sustentação materna e/ou a agressão paterna e a pedofilia, na medida em que sedução acontece no âmbito do amor e do sadomasoquismo em relação ao bebê e seu desenvolvimento inconsciente na família. A palavra grega *xenos*, curiosamente, contém a ideia de estranho, assim como a de alguém que acolhe o estranho. Arendt, Kafka, a poética, as *Metamorphosen* de Strauss e *Austerlitz* de Sebald são considerados no quadro da sedução. “Batem numa criança”, de Freud, e o conceito de sustentação, de Winnicott, são discutidos à medida que a criança se transforma em adulto, com formações de amor e ódio em relação à sustentação inicial ou à falta dela. Essas ideias são observadas em pinturas renascentistas da Madona e do Menino no início da vida e novamente na sustentação materna do filho morto aos 33 anos de idade, o que é contrastado com os afrescos de humilhação e sadomasoquismo da Via-Crucis, como uma sedução da Igreja convidando a “escolher” uma vida justa. Considera-se ainda a sedução da violência na horda primária, agora criminosos ligados ao futebol, envolvidos no puro prazer da violência destrutiva contra estrangeiros.

Palavras-chave: *Sedução, Apoio, Violência, Cultura.*

Abstract

Contrasting the metaphors within St Christopher and the Erl King allows an examination of maternal holding and or paternal assault and

10. N. do T.: no original: “What is your wish, my child?/ From me and the magic hat,/ the magic lamp, the magic stick,/ the trick, the shoes, whatever:/ A dress? A prince? A horse?/ I want him back./ What do you mean by him?/ Him. The one he was/ before he went away./ How sweet he was on that day/ we drifted out in the green canoe/ and he said he'd love me forever./ Your wish violates the borders./ There are two kinds of wounds:/ the visible, the invisible,/ and of those, two kinds,/ wounds inflicted and wounds received./ All are lethal./ The one you loved is gone./ Shards of him scattered here and there./ You must love this other,/ though he's an imposter./ This love will wear you down./ Damaged people damage people, and so on./ But can't you only - what he said?/ There's no forever,/ not on this side of the river./ I could give you a box of/ hope, instead -/ people seem to like it -/ Or else these pictures./ They tell what he saw:/ Many have travelled far/ to the place of fire and blackout,/ the time without words./ Some have survived,/ though not intact./ No one comes back?”

paedophilia as seductions are played out within the frame of loving and sadomasochisms for the baby and his/her unconscious development in the family. The Greek word *xenos* contains unusually the idea of the stranger, as well as one who takes the stranger in. Arendt, Kafka, poetics, Strauss' *Metamorphosen* and Sebald's *Austerlitz* are examined within the framework of seduction. Freud's "A child is being beaten" and Winnicott's notion of holding are discussed as the child develops into the adult with formations of loving and hating in relation to early holding or its lack. These ideas are seen in renaissance portraits of the Madonna and Child at the beginning of life and the maternal holding again her 33-year-old dead Son. This is contrasted with frescoes of the humiliation and sadomasochism in the Stations of the Cross as a seduction of the Church inviting "choosing" a righteous life. The seduction of violence by the primal horde, now football thugs in our times engaged in the sheer pleasure of destructive violence against strangers.

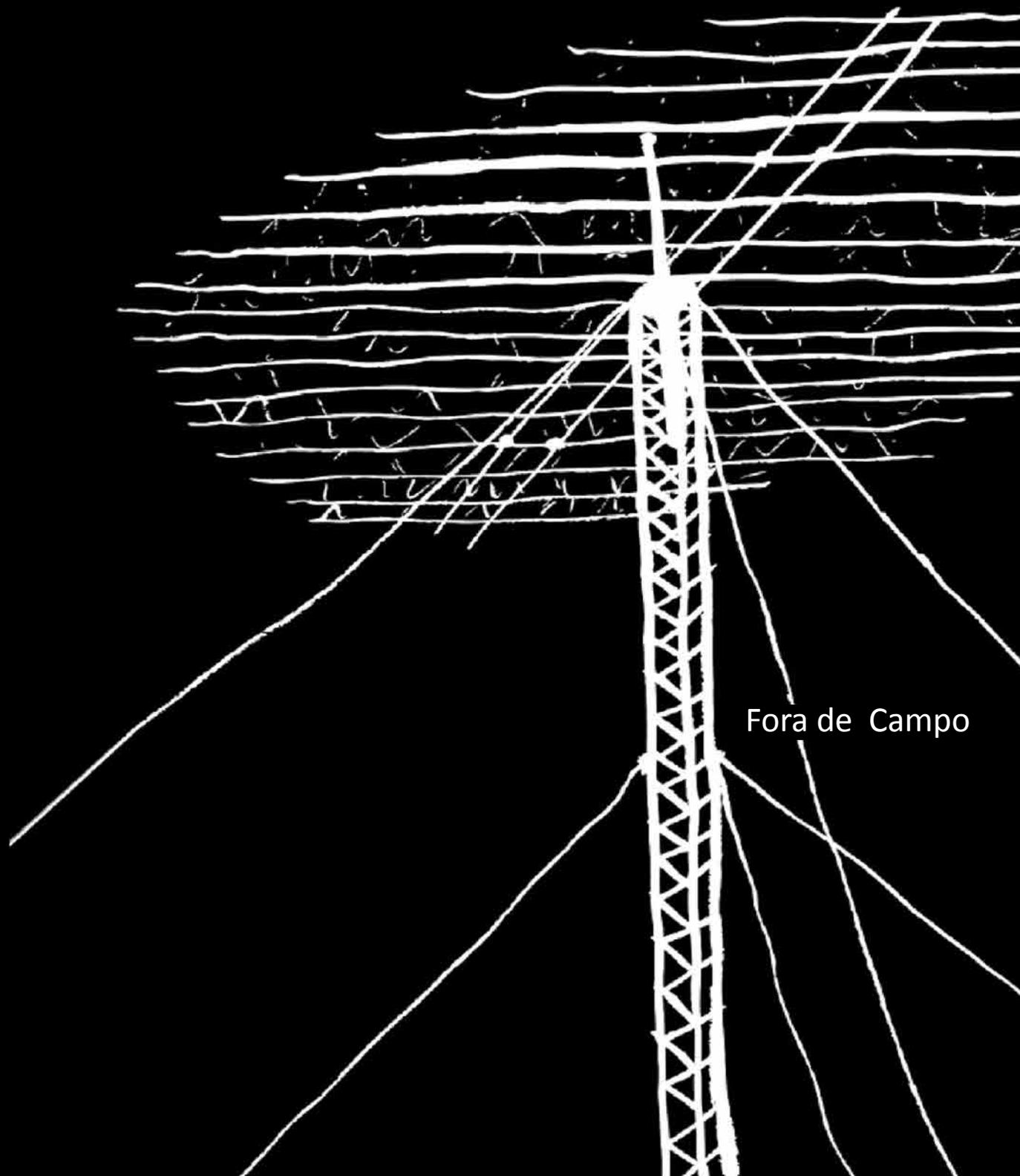
Keywords: *Seduction, Support, Violence, Culture.*

Referências

- Arendt, A. (1968). Walter Benjamin. Em H. Arendt, *Men in dark times* (pp. 153-206). Harcourt, Brace & World Inc.
- Atwood, M. (2024). *No one comes back* [apresentação de trabalho]. 60ª Bienal de Veneza, Veneza, Itália.
- Balint, M. (1968). *The basic fault*. Tavistock.
- Benjamin, W. (2002). *The arcades project* (H. Eiland & K. McLaughlin, trad.). Belknap.
- Benjamin, W. (2015). Theses on the philosophy of history. Em H. Arendt (ed.), *Illuminations: essays and reflections*. Bodley Head. (Trabalho original publicado em 1940)
- Bosch, H. (c. 1490-1500). *São Cristóvão carregando o Menino Jesus* [pintura]. Museu Boijmans Van Beuningen, Rotterdam, Holanda.
- Bratby, R. (2018). *Royal Opera House programme for Metamorphosen*.
- Eliot, T. S. (1974). East Coker. Em T. S. Eliot, *Collected poems: 1909-1962*. Faber. (Trabalho original publicado em 1940)
- Ferenczi, S. (1931). Child-analysis in the analysis of adults. *The International Journal of Psychoanalysis*, 12, 468-482.
- Ferenczi, S. (1955). Confusion of tongues between adults and the child. Em S. Ferenczi, *Final contributions to the problems and methods of psychoanalysis* (pp. 156-167). Hogarth. (Trabalho original publicado em 1932)
- Forrester, J. (2017). On holding as metaphor: Winnicott and the figure of St Christopher. In J. Forrester, *Thinking in cases* (pp. 89-104). Polity.
- Freud, S. (1955). "A child is being beaten": a contribution to the study of the origin of sexual perversions. Em S. Freud, *The standard edition of the complete psychological works of Sigmund Freud* (J. Strachey, trad., vol. 17, pp. 179-204). Hogarth. (Trabalho original publicado em 1919)
- Freud, S. (1957). Leonardo da Vinci and a memory of childhood. Em S. Freud, *The standard edition of the complete psychological works of Sigmund Freud* (J. Strachey, trad., vol. 11, pp. 57-137). Hogarth. (Trabalho original publicado em 1910)
- Goethe, J. W. (2015). The Erl-King. Em M. Bell (ed.), *The essential Goethe* (pp. 16-18). Princeton University Press. (Trabalho original publicado em 1782)
- Goya, F. (c. 1799). *O sono da razão produz monstros* [gravura]. Museu do Prado, Madri, Espanha.
- Heimann, P. (1956). Dynamics of transference interpretations. *The International Journal of Psychoanalysis*, 37, 303-310.
- Kavadias, N. (2006). *The collected poems of Nikos Kavadias*. Cosmos.
- Klee, P. (1920). *Angelus Novus* [desenho]. Museu de Israel, Jerusalém, Israel.
- Sebald, W. G. (2011). *Austerlitz*. Modern Library. (Trabalho original publicado em 2001)
- Winnicott, D. W. (2016). The fate of the transitional object. Em L. Caldwell & H. T. Robinson (ed.), *The collected works of D. W. Winnicott* (vol. 5, pp. 523-528). Oxford University. (Trabalho original publicado em 1959)
- Winnicott, D. W. (2017). Hate in the countertransference. Em L. Caldwell & H. T. Robinson (ed.), *The collected works of D. W. Winnicott* (vol. 3, pp. 59-68). Oxford University. (Trabalho original publicado em 1947)

Recebido: 15/4/2024 – Aprovado: 15/9/2024

Tradução do inglês: Ricardo Duarte



Fora de Campo

Identidade/identidades: questões a partir de um caso clínico**

Há alguns anos, fui procurada por um casal de duas mulheres para atender sua filha adotiva de dezesseis anos. Era minha primeira experiência de atendimento de uma adolescente filha de um casal homoparental e negra. Na época, registrei grande parte do atendimento, minhas impressões e inquietações. No Congresso Internacional de Psicanálise de 2019, em Londres, apresentei um fragmento do material numa mesa-redonda, “The feminine, the maternal and the sexual body in adolescence” (Mondrzak, 2019a). Como indicado no título, o foco eram as identificações com o feminino, na constituição da subjetividade na adolescência, numa menina com duas mães. Mas as possibilidades de explorar tal experiência clínica não se esgotaram nessa discussão. Tendo como estímulo disparador a leitura do livro *O eu soberano: ensaio sobre as derivas identitárias* (2021/2022), de Elisabeth Roudinesco, e seguindo nos últimos anos uma linha de estudos em que procuro refletir sobre fenômenos da contemporaneidade e suas implicações para nosso trabalho psicanalítico (Mondrzak, 2008, 2019b, 2020, 2021), busquei revisitar esse material clínico, agora focalizando o tema *identidade* e algumas intersecções com a técnica psicanalítica. O tema propõe inúmeros questionamentos: o que nos dá o sentido de ser alguém único e, ao mesmo tempo, o que nos liga a outros indivíduos vistos como “iguais” – nacionalidade, cor da pele, sexo, gênero, religião? Ser analista nos confere uma identidade e, dentro do grupo dos analistas, nossa orientação teórica predominante nos confere outra subidentidade, numa sequência que pode ser interminável. Além de analistas, somos pais, mães, cidadãos, irmãos, vizinhos, também numa longa sequência de papéis que nos identificam. Paralelamente, construímos uma percepção de sermos unos, um sentido de estabilidade que permite que nos sintamos os mesmos, apesar de todas as modificações ao longo do tempo. Na adolescência em particular, a forma como nos vemos e como somos identificados pelo grupo assume um papel central no processo de reorganização corporal e subjetiva.

Assim, meu objetivo principal neste trabalho é, a partir desse material clínico, discutir alguns aspectos que envolvem o tema identidade(s) e, em especial, os desafios técnicos que eles apresentam para um psicanalista, ainda mais na análise de um adolescente. Como estamos enfrentando essas questões e nossos próprios preconceitos? O quanto a psicanálise tem se aberto para essa discussão? Não coube no escopo deste trabalho uma ampla revisão sobre identidade e identificação, apesar de estar ciente da complexidade do tema e da necessidade de ele seguir sendo estudado em profundidade.

Breves apontamentos sobre identidade

Tradicionalmente, o conceito de identidade é considerado como parte do campo da psicologia social, enquanto a psicanálise se centraria no resgate da dimensão da vivência subjetiva, en-

fatizando o particular, visto que, ao assimilar o patrimônio humano, no mundo do social, a subjetividade vai lhe dar outra forma, específica de cada indivíduo. No entanto, cada vez mais, a dicotomia subjetivo/objetivo, individual/coletivo, se mostra reducionista. A conexão entre os processos individuais e o funcionamento dos grupos já estava claramente indicada nos trabalhos ditos “sociais” de Freud. Ele parece nunca ter se preocupado em definir identidade como um conceito da teoria psicanalítica, mas num pequeno discurso para uma sociedade de intelectuais judeus (Freud, 1926/1973) usou a noção de identidade como algo íntimo, de familiaridade e de uma mesma “construção anímica” entre ele e o povo judeu; algo determinado pela possibilidade de ser acolhido como igual, acolhida que vai lhe permitir afirmar a sua diferença, o que tem de mais singular; algo reconhecido como “o mesmo” sem ser idêntico, sendo outro, mecanismo que está na base da capacidade de simbolizar, criar analogias e compreender metáforas, estabelecendo uma ligação, uma familiaridade, um sentimento de pertencimento.

No entanto, apesar de não ter usado o conceito de identidade em si, podemos considerar que Freud enfrentou as questões propostas pelo conceito sob outra ótica, principalmente com o conceito de identificação, apresentando a constituição do sujeito a partir de inúmeros processos de identificação. Nessa perspectiva, por exemplo, Maffesoli (1979/1984) vê a identidade, para a psicanálise, como uma sucessão de processos de identificação.

Seguindo nessa discussão sobre identidade na psicanálise, vemos que a definição de identidade se refere a uma operação de reconhecimento e de singularidade. Algo é igual a si mesmo e apenas a si mesmo ao longo do tempo. Uma das questões sempre levantadas é que essa noção de unidade, implícita no termo *identidade*, não seria mais possível depois de Freud. Como pensar num sujeito uno, integrado, a partir da psicanálise? Depois de Freud, passamos a considerar um sujeito dividido, com sentimentos variados e contraditórios, governado por forças que não controla, com atos nos quais com frequência não se reconhece. Muitas vezes, o descentramento freudiano do sujeito é utilizado como argumento para criticar o conceito de identidade como útil para o pensamento psicanalítico. Num contraponto a essa ideia, alguns autores (Bulamah & Kupermann, 2020) sugerem que o conceito de verdadeiro *self* de Winnicott poderia ser visto como um “recentramento”, a possibilidade de um núcleo identitário único, primordial, uma espécie de identidade essencial. Seria um representante de uma experiência primordial de indeterminação, em que a distinção entre o eu e o outro estaria excluída, como uma instância resistente à determinação identitária, característica da relação com o outro – e, nesse sentido, uma instância mítica.

Aponto essa questão porque ela exemplifica alguns aspectos complexos que cercam a noção de identidade do ponto de vista da psicanálise, a articulação entre o que é da ordem de uma constância, que faz com que tenhamos a vivência de sermos os mesmos, e a noção psicanalítica de que somos vários. Uma articulação necessária, tendo em mente que uma das funções do ego seria justamente a de buscar uma integração possível, talvez na forma única como cada um organiza seus sentimentos e desejos e “compila” sua história num padrão básico de ser, responder, se relacionar, atuar. Sob a perspectiva evolutiva, a imagem de um eu unificado vai sendo construída na pequena criança a partir do “espelho” do olhar do outro, e o júbilo diante da percepção de uma imagem totalizadora marcaria uma primeira “identidade” (Lacan, 1949/1971).

Desse modo, do ponto de vista individual, a identidade corresponderia a um fenômeno observado pela psicanálise em que o homem busca a ilusão de ser único (uno), ilusão necessária para sustentar seu narcisismo, como uma construção imaginária de uma representação que mascara a presença do outro no si-mesmo. Poderíamos pensar que surgiria como defesa

* Sociedade Psicanalítica de Porto Alegre.

** Prêmio Fepal 2024.

contra a angústia de não poder abarcar todo o conhecimento de si. Um paradoxo: algo presente e essencial, mas apenas uma ilusão! Ao mesmo tempo, o conceito se refere a algo que faz com que indivíduos se sintam ligados, semelhantes, pertencentes a determinado grupo, algo diretamente relacionado à visão que a cultura estabelece e determina. A necessidade de pertencimento fica, portanto, intimamente vinculada à identidade. Do ponto de vista do coletivo, o termo *identidade* passa a significar mais do que ilusão egoica, tendo um papel constitutivo na maneira como sou visto pelo outro coletivo, que assim me confere uma identidade de pertencimento, o que inevitavelmente passa a ser mais um elemento a me constituir.

Nesse sentido, Roudinesco (2021/2022) pergunta se seria possível que um aspecto da identidade “capture” todo o sentido de si. Focaliza o que lhe parece ser uma característica dos tempos atuais, principalmente quando a luta contra a discriminação põe em destaque um aspecto e a pessoa passa a se definir, integralmente identificada em sua essência, a partir dessa característica: negro, judeu, homossexual etc. Uma escolha (?) de enunciar e definir o si-mesmo a partir de uma característica, na luta por aceitação e não discriminação.

Parte da tese de Roudinesco é que o que começou como uma concepção inovadora dos estudos sobre sexualidade, distinguindo gênero de sexo e sendo decisivo para movimentos de luta por direitos de todos (valendo também para questões raciais), foi em algumas décadas transformado em seu conteúdo, produzindo um movimento em que se percebe uma tendência das pessoas a exibir seus sofrimentos, dando livre curso a seus afetos como marcadores identitários, não apenas para buscar reconhecimento e não discriminação. “Essa autoafirmação de si, transformada em hipertrofia do eu, seria o sinal distintivo de uma época em que cada um tenta ser si-mesmo como um rei e não como um outro” (p. 10). Submeter-se a essa mecânica identitária levaria ao isolamento em grupos reunidos por uma característica, para além da luta por direitos. Recusa-se assim a noção de que a identidade é múltipla e inclui em si o estrangeiro, com o risco de obscurecer a alteridade, reduzindo o ser humano a uma experiência específica, tornando-se uma ideologia normativa de pertencimento que chega ao ponto de dissolver as fronteiras organizadoras. Ideias controversas que, segundo a autora, seriam um alerta para evitar que o sujeito fique confinado a uma única identidade, empobrecendo a experiência do indivíduo no mundo, com um único foco de percepção da realidade e do outro. Perde-se a riqueza da singularidade e se empobrece e limita o conceito de comunidade, que fica restrito ao grupo que compartilha de uma única característica, como se se criasse um indivíduo e uma comunidade unos.

Para Roudinesco, a afirmação identitária é uma tentativa de acabar com a discriminação de minorias, mas se ela atua por meio do excesso de reivindicação de si, por um desejo louco de não se misturar com nenhuma outra comunidade que não a sua, acaba criando um ostracismo para si própria e para quem não pertencer ao mesmo grupo. Assim, no extremo, o processo de redução identitária reconstrói aquilo que pretende desfazer.

Podemos ver isso na clínica. Um paciente deixava claro que queria ser analisado como homossexual, que isso o definia. A tentativa de questionar o que era essa definição tão determinante, ou se não achava que isso o empobrecia e talvez se pudesse falar de uma pessoa que também era homossexual, não era aceita. Diversas questões sobre ter vários parceiros, sobre o corpo necessário ou as roupas a serem usadas eram quesitos inquestionáveis, porque determinavam seu pertencimento ao grupo. Ele me lembrava, com frequência, de filmes da década de 80, em que esse estereótipo de *gay* correspondia a um ato de protesto e a uma forma de chamar a atenção, chocar, como parte de uma luta contra a discriminação. O desafio era vê-lo como uma pessoa em suas várias “identidades”, sem desconsiderar que sua homosse-

xualidade (que tampouco é uma categoria única) tem um papel específico dentro da cultura e, portanto, em nós, analistas. Como escutá-lo como homossexual, sem defini-lo apenas por essa característica? Realmente, um fardo a mais, mas também um reduto defensivo. Ele usava essa condição como responsável por todas as suas dificuldades, não tendo portanto saída, já que sempre seria homossexual. À medida que ia abandonando algumas características mais estereotipadas do “grupo homossexual”, sentia-se mais aliviado, mas estranho, sem um grupo seu, deslocado, não pertencente, sendo duramente criticado pelos companheiros.

A posição de Roudinesco tem críticos – entre eles, Barros (2022) –, que consideram que todos esses movimentos seriam na verdade supraidentitários, pois pressupõem que qualquer um pode se engajar na defesa das minorias. Além disso, é apontado que ela não aborda suficientemente as diferenças entre identidade e identitarismo. O aprofundamento dessa discussão foge ao foco deste trabalho, mas de qualquer forma é preciso sublinhar a importância de que esse tema siga em debate, demandando reflexão sobre como a psicanálise vai pensar tais questões e sua influência no psiquismo.

Caso clínico

Mas vamos ao caso mencionado no início. Há vários anos, fui procurada por um casal de duas mulheres para atender sua filha de dezesseis anos, que estava “diferente”, agressiva e com insônia. Além disso, suspeitavam que ela estava tendo um relacionamento com outra menina, o que paradoxalmente parecia ser o fato que mais angustiava as mães. Era minha primeira situação com pais do mesmo sexo, e não pude evitar um misto de impacto e curiosidade. Começaram me contando que adotaram Sara de um orfanato quando ela tinha oito anos. Era uma menina quieta, com “olhos muito tristes”, e imediatamente a escolheram. Preferiram uma menina porque imaginaram que seria mais fácil criar uma menina do que um menino: “Estariamos entre mulheres, um mundo mais conhecido”. Sara desde sempre as chamava de mãe 1 e mãe 2, e ambas dividiam todas as tarefas e responsabilidades em relação à educação da menina. Na visão das mães, Sara nunca mostrou nenhum problema em relação a ter duas mães, e desde o início explicaram para ela que formavam uma família diferente, mas com o mais importante, muito amor para dar a ela. Cerca de um ano antes dessa conversa, o casal se separou, aparentemente de forma amigável. Sara ficou com a mãe 2, porque a mãe 1 foi morar numa cidade próxima, e tudo parecia estar indo bem, até um mês antes, quando Sara passou a se recusar a ficar com a mãe 1, discordando de tudo o que ela dizia e chamando-a de fútil, “só interessada em roupas e maquiagens”.

Quando me encontrei com Sara, vi uma menina de cabelos pretos e crespos desalinhados, negra, acima do peso e, de fato, com olhos muito tristes. Essa visão contrastava com um modo de falar quase arrogante. Eu já tinha várias Saras circulando no meu imaginário: menina órfã, negra, adotada. Na visão das mães, em destaque, homossexual. Mas certamente me parecia precipitada qualquer definição a esse respeito. A essa altura, várias imagens circulavam na minha mente, porém sem forma definida, principalmente as várias “identidades” de Sara. Percebia que talvez estivesse buscando organizar as múltiplas Saras que se apresentavam a mim em alguma categoria conhecida, com o risco de ficar presa em significados fechados que certas palavras carregam e que representam preconceitos implícitos: órfã, negra, adotada, homossexual.

Sara começou contando que estava tendo alguns problemas com a moça com quem estava iniciando um relacionamento. Mas, antes de continuar, ela me disse: “Preciso saber tua posição política e sobre questões de identidade de gênero”. Esclareceu que se declarava sem gênero definido e totalmente engajada em movimentos alternativos de esquerda. “Preciso saber porque, se tu for de direita e achar que gênero precisa ser definido, nossa conversa não vai funcionar.”

Adolescentes, sempre um desafio! Não responder, responder, como responder. Minha melhor saída foi dizer que eu tinha uma posição bem definida: antes de qualquer definição, achava que as pessoas precisavam se conhecer, porque certamente eram muito mais do que essas classificações. E nós duas estávamos só começando esse processo. Minha expectativa era que se iniciasse uma grande discussão, mas para minha surpresa Sara não seguiu nessa questão, e a pergunta que me fez num tom arrogante parece ter sido mais para firmar uma posição. No entanto, o motivo manifesto para estar ali não era nada do que eu poderia imaginar: ela e sua “quase namorada” tinham decidido comprar um vibrador para “se livrarem da virgindade”. Ela achava essa uma ótima ideia e passou a me relatar as vantagens desse plano: não tinha nada a ver com prazer, não tinha um “sentido sexual”, era apenas uma questão de ser livre para decidir “o que entra no corpo”. Declarava-se uma feminista: “É isto que eu sou”.

As coisas estavam cada vez menos previsíveis, e uma vaga sensação de desconforto, de não estar pisando em solo firme, se apresentava. Entre tantas questões da sua vida, um vibrador não era exatamente o que eu estava esperando, mas era seu único assunto no momento (com todas as condensações que devia carregar), junto com as discussões com sua “amiga” a esse respeito. As brigas com a “quase namorada” começaram quando decidiram comprar o vibrador, mas Sara não estabelecia essa relação, que parecia muito evidente. A partir desse momento, iniciamos um longo diálogo em torno de vibradores no sentido manifesto, mas é claro que, na minha mente, eu estava a todo momento pensando em todos os possíveis sentidos ocultos e revelados nessa palavra. Contudo, seguíamos o curso que ela ia traçando.

Num determinado ponto, disse a Sara que me parecia que ela estava curiosa a respeito do seu corpo, querendo conhecer melhor como ele era. “Não”, ela me respondeu, “já fiz muitas pesquisas no Google e sei desenhar com detalhes todo o corpo da mulher. Aliás, o corpo do homem também, mas isso não me interessa.” Então, eu disse: “Tu sabe tudo sobre anatomia, mas eu acho que não é simples entender como o corpo sente”. Aparentemente sem me ouvir, seguiu dizendo que tinha uma tolerância muito grande à dor e que tinha uma pele muito forte, e portanto era muito difícil sentir qualquer coisa. A associação era clara e triste: sentir equacionado com dor, não satisfação ou prazer e uma “pele dura”, uma carapaça protetora “muito forte”, que evitava dores, mas também prazeres.

Sara jamais faltava às sessões, e se mostrava muito interessada e compenetrada em nossas conversas sobre vibradores, corpos, dores, todos assuntos aparentemente falados no sentido manifesto, mas com sinais indiretos de que estava entendendo que esse não era o único sentido. Pouco me contava sobre as mães, a escola, outros fatos de sua vida (eu sabia pelas mães, por exemplo, que sofria *bullying* na escola) ou sentimentos de forma explícita, e optei durante um bom tempo por não fazer perguntas diretas nem interpretações mais diretas, porque me parecia não haver espaço para isso. Nas poucas vezes que tentei, tive como resposta uma imediata interrupção nas associações e uma mudança visível no clima da sessão, um esfriamento.

Aos poucos, fui conhecendo o mundo de Sara. Ela e sua “namorada” nunca haviam se tocado, e esse era o principal motivo das brigas entre elas. Sara evitava qualquer contato físico. Num determinado momento, observou que estava menstruada, e como era interessante que sangue e urina se misturassem num único jato, como isso podia acontecer. O tom não era de uma pergunta. Parecia mais um pesquisador tentando entender um fenômeno. Disse isso para ela e perguntei se tocava seu corpo, sua vagina, para tentar entender melhor. “Nunca”, me respondeu categórica. “Não tem o menor sentido fazer isso.” E iniciou imediatamente o discurso feminista que aparecia quando precisava se afastar: “O corpo da mulher é banalizado e vendido como mercadoria pela mídia” etc. etc. Esse é um exemplo de como

me sinalizava que minha intervenção tinha sido precoce e como sentia que, de alguma forma, eu estava forçando minha entrada nela, violando seu corpo/mente.

Em determinada sessão, cheguei com o vibrador para me mostrar. Ali estava o objeto tão falado e recheado de significados, mas agora em toda a sua concretude. Senti um desconforto imediato e, tentando pensar nessa sensação, me dei conta de que, entre outros tantos possíveis sentidos inconscientes, o vibrador parecia para mim, no contexto da vida de Sara, um símbolo concreto dos vários “estupros” de sua vida. Como se representasse uma ameaça de violação dos espaços femininos, uma ocupação violenta, sem prazer, dos orifícios do corpo feminino, uma “desfeminização”. Enquanto me passava o vibrador, Sara me disse: “Aqui está o problema”. Respondi que, então, precisávamos encarar o problema. Começou me mostrando como funcionava, para em seguida me perguntar se eu já havia usado um. Olhei para ela em silêncio, tentando pensar em como responder de forma sincera, mas que não violasse os meus espaços. Disse para ela que tinha ficado em silêncio pensando no que responder porque essa pergunta se relacionava com algo muito privado e íntimo, nosso corpo. E perguntei se ela não concordava comigo. “Sim”, me respondeu. “Eu não quero ninguém tocando meu corpo sem meu consentimento.” Esse foi um momento muito intenso entre nós, em que o clima era de muita intimidade, mas com fronteiras e limites. Apesar de todo o discurso racional, ela estava em pânico de usar o vibrador, e eu disse que ela estava se obrigando a cumprir um plano que parecia muito vantajoso na teoria, mas que não correspondia a como se sentia, e assim ela estava se violentando.

O trabalho com Sara foi minha primeira experiência com uma adolescente filha de um casal homoparental, e eu percebia meu temor de desconsiderar esse aspecto, buscando outras questões da sua vida apenas num movimento defensivo. Mas nesse caso era inevitável ter em mente as muitas outras variáveis envolvidas, especialmente as condições iniciais da sua vida, as quais faziam com que ter sido adotada por um casal homossexual fosse apenas mais uma variável com a qual eu precisava lidar. Eu tinha bem presente que essa situação demandava que eu estivesse atenta aos meus preconceitos, não em termos racionais, mas em todos os seus aspectos transculturais, já que não posso evitar o fato de ser uma analista do século XX, mesmo que assimilando o século XXI. Acho que atualmente enfrentaria essa situação com muito mais naturalidade. Quando apresentei esse material numa discussão clínica, um colega me perguntou se seria vantajoso encarar com mais naturalidade a adoção por casais homoparentais, pois existiria o risco de estarmos apenas respondendo a pressões culturais. Penso que esse é um exemplo da confusão que pode haver entre corromper o essencial da psicanálise apenas para nos adaptarmos e reconhecer que há mudanças que precisamos considerar. A psicanálise não pode ser um corpo fechado, atemporal, que nos autorizaria a pensar e tecer julgamentos sobre todos os assuntos, independentemente dos contextos socioculturais.

Na apresentação do caso no congresso da Associação Psicanalítica Internacional (IPA), fui questionada sobre por que não interpretei o vibrador como representante do pênis paterno. Para mim, o vibrador oferecia inúmeros significados condensados, inclusive “pênis paterno”, o que também poderia ser entendido de várias formas. Mas principalmente, em termos técnicos, uma interpretação desse tipo, naquele momento, teria me soado absurda, intelectualizada e fora do clima emocional presente. No entanto, poderia ser levantada a questão de se eu não estaria “dessexualizando” o vibrador. Acho que, na verdade, eu gostaria de sexualizar o vibrador, para que a dimensão do prazer pudesse emergir. Da mesma forma, outra colega foi taxativa sobre o ataque que representaria levar o vibrador para a sessão e sobre esse *acting-out* ser o mais importante. Aqui também isso não parecia fazer

sentido no momento: o clima de Sara não era de desafio nem de confronto, mas muito mais investigativo e de bastante intimidade. Ficava, porém, a interrogação: não estaria eu minimizando a questão da identidade de gênero, como um ponto cego?

Em alguns momentos, Sara me chamava de “heterossexual bundona” ou, a pior das ofensas, “burguesinha barata”, provavelmente nos momentos em que eu não a compreendia, e a identidade de analista se perdia para ela, e outras identidades se manifestavam. Apesar das inevitáveis distorções transferenciais, me interessava ver como ela me percebia nesses momentos, também refletindo algum aspecto meu que eu não percebia. Na época, essa curiosidade ainda era muito mesclada com um receio de afastamento da posição analítica, talvez negando que somos vários, mesmo enquanto analistas. Sara era uma menina que tinha “fome” de objetos (e os usava no sentido winnicottiano). Isso me facilitava o trabalho, porque os ataques não tinham um caráter iminente destrutivo; apontavam mais para falhas do objeto – aliás, inevitáveis.

Após algum tempo, o assunto cor da pele entrou na sala de análise, de forma muito sutil, com referências ao cabelo, a partir de observações sobre o meu cabelo, talvez por ser o elemento concreto mais parecido entre nós. Com frequência, eu me perguntava se poderia me colocar no lugar dessa menina, fazer o exercício quase automático que fazemos como analistas. Como compreendê-la realmente de um lugar de escuta aparentemente (ou não) tão distinto, enquanto parte de um grupo ou de vários grupos tão diferentes? Confiando na ideia de que somos todos humanos no final das contas? Ou essa seria apenas uma forma de me tranquilizar? Várias vezes, Sara me disse: “Tu não tem como entender”. Algumas vezes, concordei com ela, que eu não teria como sentir exatamente como ela; só poderia, a partir do que ela me contava e transmitia, tentar compreender. Seria uma compreensão condescendente? Pensando agora, acho que essa percepção de diferenças era essencial, apontando para a possibilidade de ligação entre diferentes, abolindo a fantasia de que só os iguais podem compreender um ao outro. Isso equivaleria, lembrando Matte-Blanco (1975), a uma tentativa de simetria ilusória e onipotente. Retomando o argumento de Roudinesco, não haveria um risco de fechamento para as diferenças, para o outro, na clausura em comunidades identificadas por uma única característica, buscando a ilusão de um pertencimento absoluto, tentando encontrar unidades e banir paradoxos e contradições? Ao mesmo tempo, como compreendê-la se, de fato, decisivas diferenças nos separavam?

E o analista diante dessas questões?

Quando escrevo “identidade de analista”, a que me refiro? Conhecemos muito bem as infinitas diferenças entre nós, e nem sempre é fácil identificar o que nos aproxima de fato. A necessidade de pertencimento talvez faça inclusive com que tenhamos de renunciar a especificidades, num processo que, além de certo ponto, pode ser empobrecedor.

Talvez, quando pensei em estudar “identidade”, meu objetivo fosse enfrentar um conceito que abrange a necessidade de nos sentirmos unos e pertencentes a determinado grupo, com critérios que a cultura estabelece, sem perder a riqueza da noção psicanalítica da nossa multiplicidade. Com Sara, me vi frente a várias identidades muito marcantes e cercadas de sofrimento e preconceito. É claro que, num adolescente, a intelectualização e a necessidade de pertencimento são ainda mais presentes. A “feminista de esquerda radical” tinha um efeito organizador e defensivo, mas era algo que não podia ser reduzido a isso. Ao mesmo tempo, o peso de outras identidades ainda era negado: ser negra, adotada, filha de duas mães – todos esses elementos contendo uma forma de ela ser vista e categorizada pelo meio circundante.

Podemos considerar que cada “identidade” corresponderia a determinados critérios, características objetivas, organizadas num aparente todo que certamente não dá conta da complexa rede de identificações implicadas. O que significa ser negra para além da cor da pele (claro que não diminuindo em nada o peso que isso determina)? Como ficam as identificações nos casos de adoção, ainda mais numa idade mais tardia? Podemos imaginar que as experiências homossexuais reflitam uma tentativa de identificação com as mães adotivas, num esforço de se sentir pertencendo a essa família? É necessário muito trabalho analítico para penetrar um pouco mais nessas questões, o que não foi possível nesse caso, pois a família se mudou de cidade e, na época, as análises *online* ainda não tinham sido incorporadas à nossa prática. De qualquer forma, é importante ter em mente as relações entre identificações – um processo caro e muito estudado por nós, psicanalistas – e identidades. Esse é um dos pontos onde a constituição da nossa subjetividade se mostra completamente intrincada com o cultural/social, intermediado desde o início da vida pelos cuidadores.

É um desafio não perder de vista que também somos determinados pela forma como a cultura estabelece padrões e valores – inclusive, é claro, a cultura psicanalítica de cada época e lugar –, para que não sejamos rotulados por uma única característica. Há muito deixamos para trás a ilusão da nossa neutralidade e de que a nossa subjetividade seria mantida fora do processo analítico.

O psicanalista Thamy Ayouch, no livro *Psicanálise e hibridez* (2019), pergunta se é possível falar de uma identidade da psicanálise, já que nada poderia ser tomado de forma a-histórica, transcendental. Para ele, se podemos falar de uma identidade psicanalítica, esta teria de ser pensada em termos de hibridez, o que seria inerente ao pensamento psicanalítico, sua capacidade de hibridar-se com outros discursos sem perder suas especificidades. Lembrando Winnicott, considera que a ideia de relação e de paradoxo conversa com a noção de híbrido como desconstrução das oposições binárias e categóricas das posições ditas universais, muitas vezes presentes no discurso psicanalítico. O fenômeno transferencial se caracterizaria por essa hibridez, em que ambos saem transformados, numa abertura para um processo que surgiria do confronto com o reconhecimento e da coexistência com o diferente, mesmo quando há contradição. Seria como um reconhecimento do diferente, sem apagar a diversidade e sem procurar resolver o paradoxo entre opostos. Ayouch considera que a hibridez seria fundamental para o desenvolvimento de todo o psiquismo, mas que é no contato com grupos minoritários (de raça, gênero e classe) que essa hibridez seria um desafio, porque nos exige questionar se somos capazes de escutar essas categorias se não reconhecermos que essa escuta é feita a partir da posição da nossa teoria e de nós mesmos como analistas, posição permeada por todas as nossas outras identidades (raça, gênero, classe, idade etc.).

Muitas dessas questões estão sendo discutidas atualmente nos meios psicanalíticos, com inúmeras controvérsias e temores de perda da essência da psicanálise. Ayouch, assim como vários outros autores nos quais não me detenho aqui, considera que é entender a posição em que nos situamos e produzimos nosso saber o que nos aproxima da verdadeira objetividade. Ver a psicanálise como um saber localizado evitaria que suas ideias fossem pensadas como dogmas. Uma psicanálise interessada somente em si mesma seria antipsicanalítica, se veria com uma identidade definida, fora da ética do encontro e da transformação. O tema identidade permite pensar a própria psicanálise e nosso trabalho com o diferente de nós e com nossos parâmetros. O trabalho com adolescentes propõe todas essas questões de forma mais

evidente ainda. No caso que descrevi, as diversas categorias do “diferente” se apresentavam e gritavam em cada um dos encontros, onde a diferença geracional era mais um elemento fundamental.

Como analistas, temos inúmeros desafios – entre eles, seguir observando com abertura os efeitos das características do nosso tempo no psiquismo, sabendo que não somos observadores neutros e imunes. Portanto, tudo o que observamos, pensamos e sentimos tem um viés que pode nos cegar, e certamente o faz, ao menos em alguma medida. Isso torna essencial o que já sabemos, mas nem sempre conseguimos realizar: estar muito atentos ao que sentimos e pensamos e ser honestos para reconhecer quando nos vemos aferrados a qualquer ideia ou posição, sem perder de vista a importância dos limites, noção da qual não podemos abrir mão.

Muitas das críticas feitas à psicanálise – e indico aqui apenas um autor que traduz o cerne dessas críticas (Ayouch, 2016, 2019) –, referindo-se principalmente a questões de identidade de gênero, apontam para uma falha ética e uma postura arrogante na imposição de uma visão de normalidade e anormalidade, com pouco questionamento sobre a poderosa contratransferência envolvida. Nessa perspectiva, não se trataria de constituir novos saberes psicanalíticos sobre a origem das diversidades sexuais, mas de estar atentos a uma possível hostilidade teórica e clínica provocada por essas identificações, que podem reduzir a enorme complexidade da sexualidade humana. Para além das questões de gênero, acredito que o alerta para nós, psicanalistas, é também pensar em como a psicanálise, enquanto teoria e técnica, pode absorver novos vértices e se modificar, e como o mesmo processo precisa seguir acontecendo conosco, analistas, o que passa pelo constante reconhecimento dos nossos vieses e preconceitos.

Resumo

A autora discute desafios para a psicanálise em questões que envolvem o tema identidade, tão presente no mundo atual em suas várias vertentes. Para isso, parte do material clínico de uma adolescente negra, adotada aos oito anos por um casal de mulheres brancas e que se apresenta como “sem sexo definido, mas ficando com uma menina”. Com base nesse caso, trata de alguns aspectos do tema identidade na teoria psicanalítica, abordando questionamentos apresentados por Elisabeth Roudinesco e discussões a partir de suas críticas aos movimentos igualitários. Ideias de autores como Thamy Ayouch, que propõe uma psicanálise híbrida, como um espaço privilegiado para o encontro das diferenças, são brevemente abordadas como estímulo para futuras discussões. Considera também questões técnicas suscitadas pelo atendimento da adolescente, mas que têm uma abrangência muito mais ampla na clínica psicanalítica, principalmente aspectos contratransferenciais envolvidos numa dupla em que as características da analista (branca, nascida no século passado, heterossexual etc.) estão a todo momento presentes no campo. Destaca a dimensão ética de conhecer a posição a partir da qual cada um de nós, analistas, inserido num contexto espaçotemporal, com seus preconceitos, percebe e entende (ou não) seu paciente.

Palavras-chave: *Identidade, Adolescência, Caso clínico, Neutralidade, Preconceito.*

Abstract

The author discusses the challenges for psychoanalysis in issues involving the theme of identity, which is so present in today's world in its various forms. To do this, she uses the clinical material of a black teenager, adopted at the age of eight by a couple of white

women and who presents herself as “without a defined sex, but seeing a girl”. Based on this case, she deals with some aspects of the theme of identity in psychoanalytic theory, addressing questions raised by Elisabeth Roudinesco and discussions based on her criticism of egalitarian movements. Ideas by authors such as Thamy Ayouch, who proposes a hybrid psychoanalysis, as a privileged space for the encounter of differences, are briefly addressed as a stimulus for future discussions. She also considers technical issues raised by the adolescent's treatment, but which have a much broader scope in the psychoanalytic clinic, especially the counter-transference aspects involved in a dyad in which the characteristics of the analyst (white, born in the last century, heterosexual, etc.) are always present in the field. She highlights the ethical dimension of knowing the position from which each of us, analysts, inserted in a spatio-temporal context, with our prejudices, perceives and understands (or not) our patient.

Keywords: *Identity, Adolescence, Clinical case, Neutrality, Prejudice.*

Referências

- Ayouch, T. (2016). Quem tem medo dos saberes T.? Psicanálise, estudos transgêneros, saberes situados. *Periódicus*, 1(5), 3-6. <https://doi.org/g6945f>
- Ayouch, T. (2019). *Psicanálise e hibridéz: gênero, colonialidade e subjetivações*. Calligraphie.
- Barros, D. (2022). Identidade não é sinônimo de identitarismo: *O eu soberano*, de Elisabeth Roudinesco. *Revista Rosa*, 5(3). <https://tinyurl.com/2f9bvnum>
- Bulamah, L. & Kupermann, D. (2020). O verdadeiro *self* em Winnicott e a questão da identidade. *Psicologia em Pesquisa*, 14(1), 169-188.
- Freud, S. (1973). Discurso a los miembros de la Sociedad B'nei Brit. Em S. Freud, *Obras completas* (L. López-Ballesteros y de Torres, trad., vol. 17, pp. 315-317). Biblioteca Nueva. (Trabalho original publicado em 1926)
- Lacan, J. (1971). El estadio del espejo como formador de la función del yo. Em J. Lacan, *Escritos 1* (T. Segovia, trad., pp. 99-105). Siglo XXI. (Trabalho original publicado em 1949)
- Maffesoli, M. (1984). *A conquista do presente* (M. C. S. Cavalcante, trad.). Rocco. (Trabalho original publicado em 1979)
- Matte-Blanco, I. (1975). *The unconscious as infinite sets*. Duckworth.
- Mondrzak, V. S. (2008). Preconceito: razão e não razão. *Revista de Psicanálise da SPPA*, 15(1), 19-34.
- Mondrzak, V. S. (2019a). *The feminine, the maternal and the sexual body in adolescence* [apresentação de trabalho]. 51º Congresso Internacional de Psicanálise, Londres, Reino Unido.
- Mondrzak, V. S. (2019b). Verdade/mentira: nós e as trutas. *Revista de Psicanálise da SPPA*, 26(1), 93-106.
- Mondrzak, V. S. (2020). Por uma ética institucional. *Revista de Psicanálise da SPPA*, 27(3), 669-683.
- Mondrzak, V. S. (2021). Pensamento fanático: 1984/2020. *Revista de Psicanálise da SPPA*, 28(1), 121-136.
- Roudinesco, E. (2022). *O eu soberano: ensaio sobre as derivas identitárias* (E. Aguiar, trad.). Zahar. (Trabalho original publicado em 2021)



O Estrangeiro

Como Don Giovanni seduz?

Don Giovanni é o arquétipo do grande sedutor: um aristocrata irresistível, que acaba seduzindo quase todos os personagens da ópera – Donna Anna, Donna Elvira, Zerlina, mas também, de forma mais platônica, Leporello (consegue convencê-lo a não o abandonar), e até a estátua do comendador, a qual convida para jantar...

Mas em que consiste a sedução de Don Giovanni? O que ele procura nas mulheres que corteja? O mais lógico seria imaginar que sua meta é o sexo – gozar do corpo das mulheres que ele seduz. Nos últimos anos, várias montagens da ópera propuseram esta leitura: Don Giovanni engana as mulheres para se deitar com elas e é, no fim das contas, um estuprador (Cormier, 2024).

O libreto de Da Ponte (1787/1982), no entanto, é mais ambíguo, e a ópera começa sob o signo da confusão e do equívoco. No primeiro ato, Donna Anna entra no palco gritando, mas não sabemos o que aconteceu antes:

Donna Anna:

[Segurando forte pelo braço Don Giovanni,
que busca se esconder.]

Não esperes, se não me matares,

Que eu te deixe escapar.

Don Giovanni:

Mulher louca! Gritas em vão!

Quem eu sou não saberás.

[...]

Donna Anna:

*Gente! Criados! Peguem o traidor!*¹

(ato 1, cena 1)

Alguma coisa aconteceu entre Donna Anna e Don Giovanni, fora do palco, que a deixou alterada: ela não quer que ele escape, e grita para pedir que a ajudem a detê-lo.

Nos últimos anos, várias produções interpretaram essa primeira cena como a sequência de um estupro. Margaret Cormier (2024) explica:

O figurino e a montagem dessa cena tendem a deixar claro que a ofensa cometida por Don Giovanni fora do palco tem a ver com uma investida sexual não desejada. Em quase todas essas produções, Donna Anna aparece usando pijama ou roupa de baixo, com o cabelo solto, indicando que Don Giovanni, mascarado, a surpreendeu num momento íntimo e vulnerável. Das cinco produções [estudadas por Cormier] que encenam o embate entre Anna e Giovanni, quatro mostram Giovanni beijando ou apalpando Anna durante o encontro, tornando visível pelo menos parte da violência sexual que imaginamos ter acontecido fora do palco. (p. 19)

Mas o libreto de Da Ponte é muito mais ambíguo: Donna Anna não fala de seu corpo nem do de Don Giovanni, e sua única preocupação é impedir que ele vá embora. Poderíamos ler suas palavras como prova de que se apaixonou e não suporta a ideia de ser abandonada por ele. Como acontece com os apaixonados, ela prefere morrer a ficar sem ele: “Não esperes, se não me matares,/ Que eu te deixe escapar”. É verdade que mais adiante, quando conta o que aconteceu a seu noivo, Don Ottavio, Anna descreve os fatos como um encontro físico não desejado, mas precisamos levar em conta que esse é um relato feito dias depois, que não deve ser necessariamente considerado um testemunho fidedigno do que se passou: a ópera – como todas as obras barrocas – está repleta de enganos, dissimulações, disfarces e usurpações de identidade. Seria possível pensar que Donna Anna se apaixonou por Don Giovanni, ficou furiosa quando ele anunciou sua partida e, ao ser descoberta, decidiu contar ao noivo uma história que não a comprometesse, a fim de salvar seu relacionamento.

Toda a trama da ópera parte dessa cena inicial. Poderíamos deduzir que o que houve entre Donna Anna e Don Giovanni não foi necessariamente um encontro sexual (ou “genital”, como diria Freud). Essa leitura nos leva a uma interpretação mais profunda: se a meta de Don Giovanni não é o sexo, qual é o objetivo desse impulso incontrolável de seduzir que move todas as suas ações?

O exemplo mais claro de que a sedução de Don Giovanni não é necessariamente sexual está na personagem de Donna Elvira. De todas as mulheres que se apaixonam por ele na ópera, Elvira é a mais afetada: ela vagueia pela ópera como alma penada, fora de si, e não consegue falar de outro assunto que não seja Don Giovanni. Quando entra em cena pela primeira vez, nós a vemos dilacerada por sentimentos de dor e fúria:

Ah! Quem vai me dizer

Onde está aquele bárbaro,

Que amei, para minha vergonha,

Que me faltou com a fé?

Ah, se encontro o ímpio,

E ele não voltar para mim,

Vou matá-lo de modo horrendo

Vou lhe arrancar o coração.

(ato 1, cena 5)

* Princeton University.

1. N. do T.: tradução de I. F. Perpetuo. Esta citação e as próximas dessa obra estão, respectivamente, nas pp. 4, 10-11, 11, 42, 38, 22, 13, 42, 69 e 70 de: Mozart, W. A. (2017). *Don Giovanni*. Santa Marcelina Cultura. <https://tinyurl.com/2pvt9u68> (Trabalho original publicado em 1787)

Donna Anna só pedia que detivessem seu dom-juan para impedir que ele a abandonasse; Elvira, por outro lado, quer encontrá-lo e que ele volte para ela, e para isso está disposta a recorrer à violência: se ele se recusar, vai “lhe arrancar o coração”.

Mas o que aconteceu entre Elvira e Don Giovanni? O que foi que despertou sua fúria assassina? Mais tarde, ao encontrar o amante, Elvira lhe conta a história que viveram juntos em Burgos:

*Entras na minha casa furtivamente e,
utilizando artimanhas,
juramentos e lisonjas,
consegues seduzir meu coração*
(ato 1, cena 5)

Elvira explica como a estratégia de sedução de Don Giovanni depende da linguagem: ao falar, ele a cobre de lisonjas, lhe faz promessas e juramentos, e acaba por “seduzir [s]eu coração”. O interessante dessa evocação é que o corpo se destaca por sua ausência: não se trata de uma investida física nem sexual, mas de uma torrente de palavras.

Depois de três dias juntos – três dias de plenitude e felicidade, podemos deduzir –, Don Giovanni vai embora de repente, retoma sua vida e parece esquecer a amante. Elvira, por outro lado, fica obcecada pelo fidalgo. Ele para de pensar nela, enquanto ela só consegue pensar nele. Ele continua com sua vida de sempre – caçando mulheres, seduzindo, organizando festas, bebendo e comendo, e falando –, mas ela abandona sua antiga vida para se dedicar de corpo e alma a procurá-lo. Nesse meio-tempo, usa a linguagem para se lembrar dele e tornar a estar com ele através da fantasia: uma evocação alucinatória do amante ausente.

Kierkegaard (1843/1992) recorda que, na obra de Tirso de Molina, Donna Elvira é uma freira que abandona o convento para ficar com Don Giovanni, e isso explica a intensidade de seus sentimentos:

O convento não conseguiu erradicar sua paixão, mas a ensinou a reprimi-la, desse modo tornando-a mais violenta no momento em que vem à tona. É uma vítima certa para Don Giovanni, que saberá despertar sua paixão: selvagem, ingovernável, insaciável e que só pode se satisfazer com seu amor. Com ele, ela tem tudo, e seu passado não é nada; se o abandonasse, perderia tudo, incluindo o passado. Depois de ter renunciado ao mundo, aparece um personagem ao qual ela não pode renunciar: Don Giovanni [...]. Nada no céu ou na terra lhe interessa, a não ser Don Giovanni. (p. 188)

A interpretação de Kierkegaard explica por que, das três mulheres seduzidas por Don Giovanni na ópera – Anna, Zerlina e Elvira –, essa última é a mais afetada: Anna e Zerlina tinham vidas menos recalçadas, de modo que a paixão que Don Giovanni desperta nelas é menos intensa. Elvira, no entanto, experimenta um retorno explosivo do recalçado.

Elvira acredita que Don Giovanni a enganou – que todas as palavras que usou para seduzi-la eram falsas –, mas, num diálogo com Leporello, o fidalgo explica que ele nunca mente: “É tudo amor”, diz ao criado.

*Quem só é fiel a uma,
É cruel com as outras;
Em mim, sinto
Um sentimento tão amplo
Que amo todas.
Como as mulheres não sabem raciocinar,
chamam minha bondade natural de engano.*
(Da Ponte, 1787/1982, ato 2, cena 1)

Seu sentimento é sincero, mas é tão “amplo” que o faz querer “todas”. De seu ponto de vista, o problema está nas mulheres, que pedem uma exclusividade que ele não está disposto a dar. Daí o mal-entendido: sua “bondade natural” passa a ser interpretada como “engano”.

O terceiro exemplo de sedução na ópera é o de Zerlina, uma camponesa que está prestes a se casar com Masetto. Don Giovanni interrompe a festa, afasta o noivo e fica a sós com a jovem. Diz que ela merece muito mais do que Masetto é capaz de oferecer. Promete se casar com ela e lhe descreve a nova vida que terá com ele: já não será camponesa; vai se tornar uma grande senhora. Zerlina fica deslumbrada com essas promessas, e a vemos sair do palco, dançando com Don Giovanni. Nesse momento, a entrada de Masetto interrompe o jogo de sedução, e a camponesa exclama: “Meu Deus! Fui traída!” (ato 1, cena 22), antes de gritar e pedir ajuda, como Donna Anna no começo da ópera.

Também nesse caso Don Giovanni se vale das palavras como instrumento de sedução: lisonjeia Zerlina e lhe descreve um futuro cor-de-rosa em outro mundo, em outra classe social. Essa estratégia não teria funcionado com Donna Anna, a filha do comendador, nem com Donna Elvira, que pertence a uma classe social mais elevada. Don Giovanni entende perfeitamente a realidade de Zerlina, suas frustrações e seus desejos, e o que promete a ela é um mundo onde suas ilusões se transformariam em realidade. Don Giovanni se comporta como um psicanalista: ele precisa entender a pessoa que está diante de si e escutar não apenas seu discurso, mas também as manifestações do inconsciente. Com esse conhecimento profundo, o fidalgo promete o impossível: satisfazer todos os desejos e fazer desaparecer os temores.

Don Giovanni oferece às mulheres da ópera duas coisas que nenhum outro personagem pode lhes dar: primeiro, uma compreensão quase psicanalítica de seu inconsciente; e, segundo, uma ilusão. Mas em que consiste essa ilusão?

Há alguns anos, numa viagem a Cuba – ilha que é a pátria da sedução –, um amigo me explicou assim o fenômeno do *jineterismo*:² o *jinetero* tem um grande talento para entender e tornar realidade o que um estrangeiro quer encontrar na ilha. Para um latino-americano de esquerda, o *jinetero* se apresentará como revolucionário e fidelista; para alguém que precisa de afeto, será um amante apaixonado e atencioso; para um libidinoso, uma bomba sexual; para um religioso, uma vítima do sistema à espera de salvação. Assim, o *jinetero* pode ser o que o estrangeiro quiser que ele seja.

Explicaria essa anedota cubana o sucesso de Don Giovanni como sedutor? Podemos imaginar Don Giovanni como um *jinetero* cubano? Com Zerlina, sim: com ela, ele se comporta como o aristocrata disposto a oferecer casamento e riqueza, como o príncipe encantado com

2. N. do T.: em Cuba, *jineterismo* é a prática de prostituição ou de qualquer atividade ilícita com estrangeiros para obter dinheiro.

o qual toda camponesa sonha. Com Donna Anna e Donna Elvira, não sabemos: a sedução aconteceu fora do palco, e não pudemos presenciar as palavras que o fidalgo proferiu para fazê-las cair, embora saibamos pelo testemunho delas que foram palavras, e não ações físicas.

Mas podemos interpretar a ilusão oferecida pelo sedutor de outra maneira. Dom Juan oferece a suas mulheres um ideal: não o homem ideal, mas a imagem ideal do que elas sonham ser. No caso de Zerlina, propõe transformá-la numa senhora rica e com privilégios, que é o sonho impossível de toda camponesa. A Donna Anna, que vive sob a vigilância autoritária do pai, o comendador, e que empenhou seu futuro ao se comprometer com Don Ottavio – “um amante puritano”, como o chama George Bernard Shaw (1903/1989, p. X) –, dá alguns instantes de liberdade, durante os quais pode soltar as rédeas de seus desejos e se libertar dos dois homens que controlam seu passado e seu futuro. E a Donna Elvira, a freira enclausurada que renunciou ao mundo, à carne e aos sentidos, propicia a plenitude existencial que não conseguiu encontrar no convento, a paixão que não conseguiu experimentar com Deus.

A intensidade da paixão vivida pelas seduzidas é proporcional à distância entre a realidade em que vivem e o ideal com que sonham. É por isso que, das três, Donna Elvira é a única que perde a razão – “está louca” (ato 1, cena 12), afirma Don Giovanni com precisão analítica –, porque há um abismo entre sua vida de freira no claustro e a mulher desejante e desejada que conseguiu ser durante três dias.

No entanto, o que motiva Don Giovanni a multiplicar as seduições? Por que não é suficiente para ele que só uma de suas conquistas se transforme em seu ideal? Há algo inexplicável nessa insaciabilidade, que é da ordem da compulsão. Para se sentir vivo, ele tem de multiplicar as conquistas, uma depois da outra, até alcançar as cifras astronômicas detalhadas por Leporello em sua famosa lista: “Cem na França, na Turquia noventa e uma,/ Mas na Espanha já são mil e três!” (ato 1, cena 5). É preciso imaginar o investimento de tempo, energia e linguagem que esses milhares de seduições implicam, cada uma delas personalizada para potencializar o ideal da mulher em questão. Como Don Giovanni explica a Leporello: “Saiba que elas/ Me são necessárias mais do que o pão que como,/ Mais do que o ar que respiro” (ato 2, cena 1). Trata-se de uma necessidade física, quase biológica.

Nos anos 1990, Edward Said (2008) viu uma encenação de *Don Giovanni* nos arredores de Nova York que apresentava o fidalgo como um viciado: a ópera era ambientada embaixo de uma ponte, e os personagens eram toxicômanos. Said aplaude essa leitura:

A vida amorosa de Don Giovanni é tão romântica quanto uma plataforma imunda de metrô, habitada por marginais e párias à espera de alguém que lhes dê dinheiro; a atitude do viciado se drogando sempre que pode é perfeitamente comparável à do libertino caçando mulheres. (p. 66)

Penso que a psicologia de Don Giovanni é mais complexa: o que o faz se sentir vivo é o jogo da sedução, entender a psicologia da mulher diante dele, seu inconsciente, seus desejos, e elaborar um discurso adaptado à situação. As palavras nunca são as mesmas, porque a psique de cada uma é diferente. É esse exercício de interpretação e criação o que o anima. Uma vez que Donna Anna, Zerlina e Donna Elvira se rendem, o jogo acaba, e é por isso que ele precisa procurar outra mulher para começar de novo. A única coisa que poderia interromper esse ciclo infinito seria o surgimento de uma Sherazade que prolongasse o jogo, as palavras, as trocas, os cortejos, noite após noite, até o infi-

nito. Somente assim Don Giovanni ficaria com uma só mulher, e a sedução se tornaria interminável (ou talvez terminável e interminável, como a análise). Como explica Julia Kristeva (1983), “o desejo é nutrido pela mudança de objeto” (p. 191).

As mulheres da ópera, em contrapartida, desejam um só homem, que é o mesmo para todas. Mas, na verdade, elas também desejam uma multiplicação *ad infinitum* – das palavras, do cortejo, dos gestos galantes desse dom-juan. Se conseguissem fazer Don Giovanni ficar com elas, a história de amor acabaria em desilusão: a linguagem e os códigos da sedução não são compatíveis com o casamento, com o cotidiano, com a vida de casal. É o que Rainer Werner Fassbinder demonstra em quase todos os seus filmes: a rotina diária destrói as fantasias, as ilusões, a sedução. Um marido não pode ser um sedutor: só os amantes podem desempenhar esse papel. Se Donna Elvira tivesse conseguido fazer Don Giovanni ficar com ela, com o tempo teria se encontrado vivendo com um homem sem brilho, que já não lhe oferecia palavras nem promessas de amor – um homem tão apagado quanto Don Ottavio. Talvez o resultado tivesse sido o mesmo: teria enlouquecido e vagado pelo mundo à procura daquele – que já não seria seu Don Giovanni – que soubesse falar com ela e lhe prometer muitas coisas.

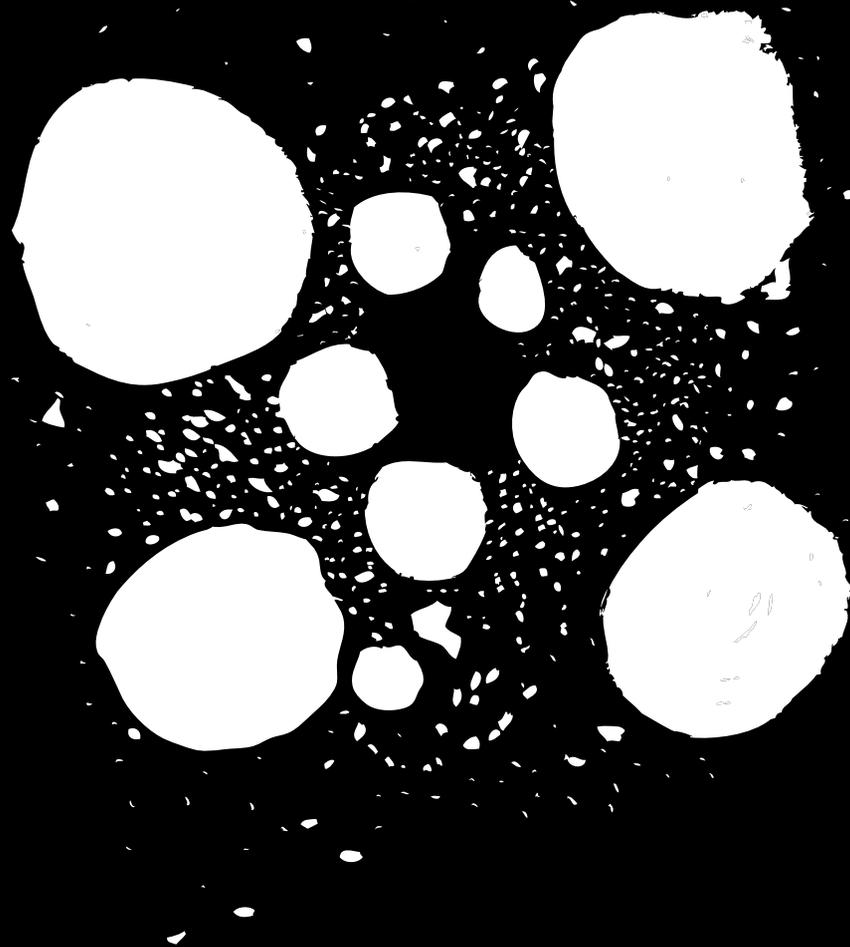
Assim, podemos concluir que o comportamento do Don Giovanni de Mozart e Da Ponte é o oposto da violência sexual que alguns diretores quiseram ler no libreto. Como lembra Kristeva (1983), acompanhando as reflexões de outros psicanalistas, é possível que Don Giovanni seja impotente e que suas conquistas não passem pelo genital. O campo dele é o da linguagem: a arte de usar as palavras para fazer suas conquistas sentirem o que nunca sentiram... ou talvez não sintam há muito tempo. Em Don Giovanni, as mulheres da ópera encontram não apenas o homem ideal, mas também um homem que as faz se sentirem a mulher ideal que gostariam de ser. No entanto, essa paixão não é sustentável, nem para Don Giovanni, nem para suas conquistas, porque a sedução não pode ser instalada na vida cotidiana.

Don Giovanni poderia passar de sedutor a seduzido? Nenhuma das mulheres na ópera consegue fazer com ele o que ele faz com elas. Mas a ópera termina com uma cena de sedução bem diferente de todas as outras: a estátua do comendador faz com Don Giovanni o que o aristocrata tinha feito com suas conquistas – usando palavras, lisonjas, eloquência e boas razões, consegue convencê-lo de que os dois corpos se toquem. “Dá-me a mão como garantia!” (ato 2, cena 15), pede a estátua, e Don Giovanni, pela primeira vez, cai na armadilha criada pela linguagem. Mas essa sedução também não consegue se eternizar: o frio da morte invade seu corpo, e a terra o engole. “Que inferno! Que terror!” (ato 2, cena 15) são suas últimas palavras.

Referências

- Cormier, M. (2024). Staging rape myths in *Don Giovanni*. Em M. Cormier, *Rape at the opera: staging sexual violence*. University of Michigan.
- Da Ponte, L. (1982). *Don Giovanni* (X. Pujol, trad.). Daimon. (Trabalho original publicado em 1787)
- Kierkegaard, S. (1992). *Either/or: a fragment of life* (A. Hannay, trad.). Penguin. (Trabalho original publicado em 1843)
- Kristeva, J. (1983). *Histoires d'amour*. Denoël.
- Said, E. W. (2008). *Music at the limits*. Columbia University Press.
- Shaw, G. B. (1989). *Man and superman: a comedy and a philosophy*. Penguin. (Trabalho original publicado em 1903)

Tradução do espanhol: Ricardo Duarte



Vórtice:
Infâncias roubadas

O que não se pode falar

“Parar, olhar, escutar, querer ver. Nem sempre fazemos isso. Às vezes, é desconfortável. Há pessoas que se atrevem” (Polanco, 2018, par. 1). Essas são as palavras iniciais de uma resenha literária intitulada, como esta edição de **Vórtice**, *Infâncias roubadas*. Nela, o autor apresenta alguns livros que procuram contar histórias de crianças em situação de rua. Sem saber, escolhemos a mesma expressão metafórica para esta seção, a fim de abordar uma questão bastante difícil e complexa: os abusos na infância. Vários artigos apresentados aqui enfatizam o terrível silêncio, o olhar calado que se estabelece em torno de crianças vítimas de abuso. “Parar, olhar, escutar, querer ver”, poder falar sobre a sedução que viola as infâncias, que ultrapassa os limites, sem dúvida incomoda, assusta, inquieta, mas consideramos fundamental não calar e ousar reabrir esse debate no interior da comunidade psicanalítica.

Atualmente, as condições de vulnerabilidade dos setores mais fragilizados, em geral, e das infâncias, em particular, se ampliaram como efeito da desintegração dos laços no tecido social. É o que mostram, por exemplo, as alarmantes cifras do relatório *Infancias robadas: informe mundial sobre la infancia 2017* (Save the Children, 2017). Estamos imersos numa cultura em cujas margens e interstícios crianças e adolescentes podem ser convertidos em objeto de consumo sob a forma de pornografia infantil (Toporosi, 2022), em “mulas” usadas pelas redes de narcotráfico para transportar drogas (Chávez, 2022), em assassinos do crime organizado, em “bucha de canhão” de grupos armados que recrutam

menores diante da eclosão de conflitos bélicos (Espanol, 2023), em mão de obra submetida a trabalho escravo. Essa lista atroz evidencia a frequência insuspeitada do abuso, por parte dos adultos, do corpo e, por conseguinte, da afetividade de quem está nas primeiras fases do desenvolvimento, por meio de vários atos de violência, maus-tratos físicos e psíquicos (Rodulfo, 2019).

Durante a infância, as subjetividades vão se construindo no intercâmbio dos processos psíquicos com os estímulos da realidade externa, ou seja, no modo de contato e experimentação do mundo, e também no encontro com os outros (Giberti, 2017). Por esse motivo, quando uma situação disruptiva e desestabilizadora acontece, ela pode ter um efeito traumático, dependendo do impacto no psiquismo e do processo singular de cada sujeito (Benyakar & Lezica, 2005).

No entanto, para além das possibilidades de elaboração e transformação das experiências traumáticas de cada um, não podemos deixar de notar que o abuso durante a infância é uma ação “dessubjetivante”, cujo efeito é impossível de calcular – ação realizada às vezes de forma brutal, mas em diversas ocasiões sob a sutil, embora poderosa, força da sedução. Trata-se de um tipo de dominação que, na maioria dos casos, não deixa à mostra a violência com que age. Para as crianças, seres desejanter de afeto e atenção, pode se tornar cativante o olhar de adultos que as enganam prometendo um lugar de reconhecimento. Porém, quem se aproveita da situação de desamparo e dependência, típica dessa fase inicial da vida, arrasa com as subjetividades. “Eles se apropriam das pulsões dessas crianças, fazendo com que se

sintam partícipes do que acontece” (Toporosi, 2022, p. 34), como se a própria pulsão fosse expropriada e usada para a satisfação e a conveniência daqueles que abusan.

Na atualidade, uma das questões mais ressaltadas em relação aos maus-tratos de crianças e adolescentes é o abuso sexual, que irrompe de maneira estrepitosa em salas de aula, meios de comunicação, tribunais de justiça, no seio das famílias e – claro – nos consultórios. Foi proposto escrever sobre a clínica do abuso na infância para fazer circular experiências que nos permitam pensar formas de abordar e elaborar os efeitos residuais dessa difícil prática analítica.

Além disso, é importante destacar que essas questões não dizem respeito apenas aos psicanalistas de crianças, porque na clínica psicanalítica todos nós trabalhamos com os modos de registro, inscrição, metabolização e simbolização – possíveis ou não – do que Freud chamou de “experiências sexuais infantis” (Tanis, 2021). Em seus primeiros escritos, ele mencionou o papel delas na etiologia de várias psicopatologias (Freud, 1896/1997) e, embora posteriormente tenha substituído, em parte, a teoria da sedução pela da fantasia, não abandonou por completo sua teorização sobre o impacto do abuso sexual no desenvolvimento das infâncias.

Assim, no artigo “Sobre a sexualidade feminina”, de 1931, ele escreve: “Também a sedução real é frequente, por parte de outras crianças ou de pessoas que dela cuidam [...]. Quando há a sedução, ela normalmente perturba o curso natural de desenvolvimento; muitas vezes deixa consequências profundas e duradouras”¹ (p. 234). Em *Compêndio de psicanálise*, escrito em 1938 e publicado postumamente em 1940, Freud retoma esse assunto e argumenta o seguinte:

1. N. do T.: tradução de P. C. Souza. A citação está na p. 382 de: Freud, S. (2010). Sobre a sexualidade feminina. Em S. Freud, *Obras completas* (vol. 18, pp. 371-398). Companhia das Letras. (Trabalho original publicado em 1931)



Roberto Huarcaya
Cuerpos develados [Corpos desvelados] (2017 - em processo). Série de retratos de fotógrafos, curadores e colecionadores que contribuíram para a visibilidade da produção visual na América Latina. Esses retratos investigam a identidade do sujeito na sombra de seus gestos e de sua postura corporal. Os retratados se deitaram diretamente no papel fotossensível. A série tem atualmente cerca de 100 retratados. Cada arquivo tem o nome do retratado. Nesse caso, “Guadalupe Miles”. Fotogramas de aproximadamente 2,20 m x 1,10 m.

* Asociación Psicoanalítica de Córdoba.

** Asociación Psicoanalítica del Uruguay.

Nossa atenção é atraída primeiramente pelos efeitos de determinadas influências que não dizem respeito a todas as crianças, mas ocorrem com alguma frequência – como o abuso sexual por adultos, a sedução por crianças um pouco mais velhas [...]. É fácil verificar o quanto a suscetibilidade sexual da criança é despertada por tais vivências.² (p. 187)

São vários, portanto, os desafios enfrentados pelos psicanalistas diante de situações de abuso sexual. Um deles é a construção da confiança – a partir da qual seja possível tecer um laço transferencial –, porque muitas vezes a crença em quem deveria ter cumprido as funções de cuidar, acolher e instaurar limites e legalidades fica abalada. Com frequência, o que chega ao consultório não são os relatos, mas a impossibilidade de relatar. Quando as experiências não podem ser inscritas no psiquismo, elas ficam desarticuladas da rede simbólica; sem uma elaboração, os pedaços brutos do real voltam de forma intempestiva, invadindo o psiquismo como algo estranho (Eiberman & Etcheverry, 2024). O surgimento de uma permanente erotização revela um transbordamento pulsional que não pode ser ligado, mas apenas evacuado através da compulsão à repetição ou evitado por meio de diferentes mecanismos defensivos.

A clínica do abuso sexual infantil propõe uma abordagem das experiências traumáticas através do jogo, do desenho e da palavra. Esses modos de ficcionalizar permitem a narração e a circulação *do que não se pode falar*,

limitando assim as imagens aterrorizantes e conectando as representações com os afetos intoleráveis (Eiberman & Etcheverry, 2024).

Abrimos esta edição de **Vórtice**, *Infâncias roubadas*, com o comovente texto “Olhos nos olhos, quero ver o que você diz”, de Cassandra Pereira França. Com um estilo agudo e de grande sensibilidade, a autora nos introduz ao difícil tema do abuso infantil mostrando como, muitas vezes, o psiquismo recorre à cisão do eu para lidar com o inadmissível dessas terríveis experiências traumáticas. Ela também ressalta que essas infâncias perdem a possibilidade de narrar o que estão vivendo, motivo pelo qual ficam sujeitas a um silêncio atroz, à espera de que alguém possa ler em seus olhos a dor calada.

Em relação ao silenciado, *ao que não se pode falar*, Mónica Santolalla, no artigo “Subjetividade subjugada: começando a levantar alguns véus”, observa que “na mesma denominação de abuso sexual infantil está oculto, velado, o adulto que exerce práticas genitalizadas com crianças ou adolescentes”, de modo que, para os casos de abuso sexual infantil intrafamiliar, ela sugere não calar e denominá-los diretamente de incesto. Santolalla traz também uma importante discussão sobre a posição e a escuta do analista quando o abuso se presentifica na clínica.

Ainda nessa perspectiva, ligada aos desafios na escuta clínica daqueles que sofreram abuso sexual, Adela Escardó, no trabalho “Mente abusada”, apresenta a dimensão contratransferencial na clínica com pacientes vítimas de incesto, destacando as dificuldades que o analista precisará enfrentar nesses casos, por ter que usar sua mente “além do que ele imagina poder suportar”.

A partir de uma dupla perspectiva, de psicanalista e perita forense, Constance Keuroglíán Gómez, no texto “Algumas contribuições sobre as dinâmicas abusivas em cenários forenses”, discorre sobre a necessidade e a complexidade de criar pontes entre o ordenamento jurídico (do qual se esperam respostas

claras, rápidas e sintéticas) e uma escuta que esteja aberta às narrativas singulares, com suas histórias caladas, incertas e ambíguas.

Nosso percurso prossegue com o comovente e impactante texto “O pesadelo da violência militar vivido pelas crianças moçambicanas”, de Boia Efraime Júnior. O autor começa seu trabalho com uma referência ao 6º Congresso de Psicanálise em Língua Portuguesa, que deveria ter acontecido na cidade de Maputo, em dezembro de 2024, mas que precisou ser adiado devido a um novo episódio de instabilidade política e violência em Moçambique. Efraime Júnior aborda justamente a história – de longa data – da extrema violência no país e discorre sobre o impacto disso nas infâncias através dos terríveis casos de recrutamento de meninos-soldados e de exploração sexual ou de trabalho escravo de meninas.

Encerramos esta edição de **Vórtice** com dois textos que oferecem um raio de esperança diante de um tema tão difícil quanto este das *Infâncias roubadas*. Adriana Villareal, em “Reflexões sobre a experiência de renascer em meninos e meninas com infâncias roubadas”, defende a importância de incluir o analista nas bordas psicossociais. Ela fala do projeto Jugar y Criar – concebido por ela –, que procura promover o desenvolvimento saudável de crianças que vivem com suas mães em penitenciárias da Cidade do México.

Finalmente, María Alejandra Arango, no trabalho “*Kiwethesagwex Luuç*: aprendendo a cuidar da semente da vida. De infâncias roubadas a infâncias nutridas”, nos conduz ao território rural do Cauca, na Colômbia, onde vive o povo originário Nasa. Nessa região isolada e esquecida, cenário histórico da violência do conflito armado derivado de guerrilhas, narcotráfico e mineração ilegal, surge um grupo de resistência e recuperação do território, concebido em termos tanto de espaço geográfico quanto psíquico.

Referências

Benyakar, M. & Lezica, A. (2005). *Lo traumático: clínica y paradoja*. Biblos.

- Chávez, K. (2022, 10 de novembro). Narcotráfico: injerencia en las niñeces. *Revista Pensamiento Penal*. <https://tinyurl.com/24t8kkv2>
- Eiberman, F. & Etcheverry, M. (2024). Trauma, verdad y justicia: una mirada para el acceso a la justicia de las niñeces. Em S. Toporosi & A. Franco (org.), *La crueldad y el horror: violencias sexuales contra niñas, niños y adolescentes* (pp. 87-98). Topía.
- Español, M. (2023, 18 de dezembro). El reclutamiento de niños soldado se acelera en la guerra de Sudán. *El País*. <https://tinyurl.com/2s3bdhzz>
- Freud, S. (1996a). Esquema de psicoanálisis. Em S. Freud, *Obras completas* (J. L. Etcheverry, trad., vol. 23, pp. 133-210). Amorrortu. (Trabalho original publicado em 1940[1938])
- Freud, S. (1996b). Sobre la sexualidad femenina. Em S. Freud, *Obras completas* (J. L. Etcheverry, trad., vol. 21, pp. 223-244). Amorrortu. (Trabalho original publicado em 1931)
- Freud, S. (1997). La etiología de la histeria. Em S. Freud, *Obras completas* (J. L. Etcheverry, trad., vol. 3, pp. 185-218). Amorrortu. (Trabalho original publicado em 1896)
- Giberti, E. (2017). *Vulnerabilidad, desvalimiento y maltrato infantil en las organizaciones familiares*. Noveduc.
- Polanco, J. (2018). Infancias robadas. *Peonza*, 127. <https://tinyurl.com/3butnx4d>
- Rodulfo, R. (2019, 4 de junho). El abuso sexual y su impacto en el psicoanálisis del siglo XXI. *Rodulfos*. <https://tinyurl.com/mtxcu66x>
- Save the Children. (2017). *Infancias robadas: informe mundial sobre la infancia 2017*. <https://tinyurl.com/3h7u9f8h>
- Tanis, B. (2021). Lo infantil: sus múltiples dimensiones. *Calibán*, 19(1-2), 14-31.
- Toporosi, S. (2022). *En carne viva: abuso sexual infantil*. Topía.

Tradução do espanhol: Ricardo Duarte

2. N. do T.: tradução de P. C. Souza. A citação está nas pp. 245-246 de: Freud, S. (2018). *Compêndio de psicanálise*. Em S. Freud, *Obras completas* (vol. 19, pp. 189-273). Companhia das Letras. (Trabalho original publicado em 1940[1938])

Olhos nos olhos, quero ver o que você diz

Não sei bem desde quando acordamos ou se ainda estamos na agonia de um pesadelo em que não conseguimos gritar. Milhares de pequenos corpos vagam pelo mundo carregando “no olhar um silêncio de chão e na sua voz uma candura de Fontes” (Barros, 2010/2015, p. 13). Nada mais os convida a fantasiar, a ter interesse em falar com uma pedra ou com um passarinho – quem dirá assimilar os conteúdos de uma cultura, que, por não escutar o seu silêncio, faz com que se sintam seres abjetos. Foram tragados pela barbárie da coisificação máxima: tiveram seus corpos tratados como dejetos que se prestam apenas para dar prazer carnal a adultos ensandecidos, que observam sua vulnerabilidade e ficam à espreita do momento em que a condição de desamparo da cria humana possibilite o bote hediondo para a queda na armadilha trágica da violência sexual.

Enquanto encharcadas na tão necessária onipotência para o início da constituição da subjetividade na infância, mal se dão conta do arrombamento libidinal que irá lhes roubar o “estatuto de criança”. Assim, não percebem que um jogo de sedução erótica arma uma teia que entrelaçará fios da ludicidade infantil e fios da perversidade de um adulto. Estão mais preocupadas em conhecer os contornos do próprio corpo e os mistérios das suas cavidades e protuberâncias – tentando encontrar conexões entre elas e as sensações corporais



Roberto Huarcaya
Cuerpos develados [Corpos desvelados] (2017 - em processo). Série de retratos de fotógrafos, curadores e colecionadores que contribuíram para a visibilidade da produção visual na América Latina. Esses retratos investigam a identidade do sujeito na sombra de seus gestos e de sua postura corporal. Os retratados se deitaram diretamente no papel fotossensível. A série tem atualmente cerca de 100 retratados. Cada arquivo tem o nome do retratado. Nesse caso, “Gihan Tubbeh”. Fotogramas de aproximadamente 2,20 m x 1,10 m.

* Universidade Federal de Minas Gerais. Instituto Sedes Sapientiae (SP).

experimentadas. Distraídas com essas descobertas e com cada nova percepção da realidade que as cerca, reformulam, a todo instante, as questões metafísicas que buscam respostas sobre a continuidade das pessoas e dos animais no tempo e no espaço.

Precisam de companhia afetuosa nessa incursão pelas tramas da existência humana. Entretanto, quanto menos atenção receberem de suas figuras primordiais de apego, mais expostas vão estar a encontrar “alguém” que lhes dará a atenção que buscam. Ao chegar esse momento, vão sentir que enfim alguém notou a sua falta de jeito para se assenhorar do seu quinhão no mundo. Era desse olhar que precisavam. No entanto, aos poucos, notam que há algo a mais nesse olhar; algo meio enviesado, meio arteiro... lembrando os olhos de quem está tentado a fazer o que não pode ser feito.

De repente, sem qualquer sinal de alerta, dentre as delícias dos pequenos prazeres compartilhados, surge o assalto à inocência: a passagem da linguagem da ternura à linguagem da paixão. Se isso acontece muito cedo na vida, sequer podem discriminar em qual registro de linguagem estavam sendo embaladas nesse mundo. Essa é outra armadilha trágica que aguarda as crianças que precisam de novos lares, pois é justamente a ambiência amorosa que instala condições facilitadoras para que o excesso traumático se derrame. Nunca pude me esquecer da pergunta singela de uma menininha que em seu terceiro ano de vida, ao ser adotada, nas primeiras noites de convivência no novo lar, ao ser colocada carinhosamente para dormir, surpresa, perguntou ao pai adotivo: “Você não vai colocar o seu ‘piu-piu’ na minha boca para eu dormir?”. Arremessado ao abismo sinistro do passado daquela criança, ainda zozzo, o pai conseguiu se recuperar e dar uma resposta ao desejo de ternura da filha: “Esse papai aqui vai preferir te fazer dormir de outro jeito, vou ficar passando a mão no seu cabelinho e te contando estórias até você dormir!”. Reação surpreendente e emocionante, porque, em geral, quan-

do emergem essas marcas mnêmicas, o horror toma conta da cena e afugenta os pretendentes à adoção. Afinal, ninguém quer se haver com o traumatismo da ordem vital.

Quando a violação da infância acontece anos mais tarde e o ego encontra-se mais delineado, já é possível à criança se dar conta da linguagem da paixão a que está sendo submetida. Então, seu aparelho psíquico, afetado pelo impacto traumático, será capaz de lançar mão de um dos recursos mais vantajosos para lidar com o inadmissível da experiência humana, a “clivagem do ego”, processo altamente eficaz na criação de barreiras para a segregação de porções da realidade (objetiva e subjetiva), mantendo-as lado a lado: um lado, que tudo sente e nada sabe, e um outro, que tudo sabe e nada sente (Ferenczi, 1931/1992, p. 78). É desse modo que a “clivagem do ego” (com extensões variáveis e diferentes graus de profundidade) se encarrega de não permitir mais que partes insuportáveis da experiência traumática possam ter acesso ao psiquismo. Desde então, elas vão ficar apartadas, encapsuladas, sem possibilidade de seguir o fluxo do trânsito das lembranças reprimidas entre os sistemas psíquicos.

No entanto, para garantir que o aparato psíquico não se depare com duas realidades que não podem coexistir, uma defesa poderosa precisará garantir a clivagem intrasistêmica do ego. Esta defesa é denominada *Verleugnung* – palavra em alemão cuja melhor tradução seria “desautorização” (Figueiredo, 2003, p. 59), uma vez que incide sobre o que poderia vir depois dela: uma lembrança, uma conclusão lógica, uma possibilidade de simbolização. “Não é possível que justo alguém que é a minha referência de proteção nesse mundo esteja me assujeitando a sentir tanto incômodo, nojo e às vezes até dor” – expressaria o pensamento de uma criança se acaso houvesse, para o traumatismo sexual, alguma possibilidade de representação em palavras.

Pois bem, sabemos que quanto mais próximo e amado for o abusador (o que ocorre

em torno de 70% dos casos), menores serão os recursos linguísticos da criança para narrar o que está acontecendo. Não podemos deixar de admitir que seria vantajoso para a diminuição da sua dor mental o arranjo psíquico que se impõe: a clivagem do ego separando o saber e o sentir, a *Verleugnung* cuidando de escotomizar uma dessas partes, e o conteúdo traumático sendo encapsulado, tornando-se quase inacessível.

Entretanto, por outro lado, esse mesmo arranjo psíquico desencadeará consequências nefastas, uma vez que pode dar uma conotação surreal à narrativa da criança, causando a impressão de que se trata de fantasias – o que ocorre, principalmente, quando o abuso é intrafamiliar. A primeira consequência, em ordem de importância, é o empoderamento do “desmentido” ferenciano, seja no plano mais restrito (o descrédito da principal figura cuidadora da criança),¹ que é o mais arrasador de todos, seja no plano social mais amplo, através da judicialização da denúncia. O fato do traumático nem sempre ser narrável e dos seus restos mnêmicos emergirem, principalmente, através de fragmentos sensoriais (sons, imagens, cheiros e sensações táteis) será o grande dificultador do trabalho de investigação judicial. Uma segunda consequência direta desse arranjo psíquico é a de que, ao evitar a instalação do conflito e sua possível elaboração, ficará vetado ao episódio traumatizante a possibilidade de transformar-se em uma experiência subjetiva, metabolizável, que um dia poderia ser integrada ao resto das vivências psíquicas.

Diante desses desígnios do destino, o que restará à criança? Acredito que apenas a esperança de que os adultos possam ler em seus olhos a dor calada e a assimilação de uma

culpa que não é sua – quiçá isso baste para sensibilizá-los a lutar para que seja quitada a dívida social com aqueles que foram violados e impedidos de desenvolver a natural sustentação de sua fantasmática afetivo-desejante pela vida afora.

Referências

- Barros, M. (2015). *Menino do mato*. Objetiva. (Trabalho original publicado em 2010)
- Ferenczi, S. (1992). Análise de crianças com adultos. Em S. Ferenczi, *Obras completas* (vol. 4, pp. 69-84). Martins Fontes. (Trabalho original publicado em 1931)
- Figueiredo, L. C. (2003). *Psicanálise: elementos para a clínica contemporânea*. Escuta.

1. Sem sombra de dúvida, essa pode ser mais uma prova da eficácia da *Verleugnung*: continuar defendendo a cripta que abriga o traumatismo sexual de algumas mães e, por extensão, os novos fatos de violência sexual contra seus filhos – processo psíquico que vai obstaculizar toda e qualquer reação afetiva.

Subjetividade subjugada: começando a levantar alguns véus

Há textos que são muito mais difíceis de escrever do que outros. Escrever sobre o abuso sexual praticado por um adulto contra crianças ou adolescentes é, no mínimo, perturbador. Sem dúvida, é uma clínica sísmica, com testemunhos dilacerantes, numa geografia definida pela dependência e pela vulnerabilidade na infância.

Quando o abuso sexual infantil é intrafamiliar, devemos denominá-lo simplesmente de incesto. Com sagacidade, Eva Giberti (1998) observou que, na própria denominação de abuso sexual infantil, está oculto, velado, o adulto que exerce práticas genitalizadas com crianças ou adolescentes.

Há muitos anos, Isidoro Berenstein (1995) assumiu uma posição quanto ao abuso sexual infantil, posição da qual me aproprio: “O que parece impossível se torna possível. Não é uma relação com outro. A subjetividade foi perdida, não há relação, não há outro. Qualquer explicação vincular desse tipo de relação é encobridora e alivia a má consciência” (p. 22).

A subjetividade subjugada se apresenta como um significante que permite abordar o incesto, aquilo que acontece quando um outro significativo, que deveria cuidar, investir, mostrar o mundo, se transforma na fonte do sofrimento e reduz a subjetividade infantil a um punhado fragmentário de restos desco-

nexos. Freud (1896/1997) chamou isso de *capacidade de servir como determinante e força traumática*, porque o que caracteriza o incesto é a conduta consciente de quem se apropria do corpo infantil como lugar de gozo e proposta dessubjetivante.

O incesto é uma das formas de abuso infantil, não a única, e na infância tem efeitos extremamente complexos. Tão naturalizado, negado, quanto denunciado, o incesto também é usado como fantasma de perseguição, razão pela qual é importante estar atento e escutar (essa função que nos define como psicanalistas) o que as crianças – com suas brincadeiras, desenhos, atos e silêncios – têm a dizer. A exploração clínica cuidadosa, o refinamento da escuta e a posição ética do analista adquirem importância fundamental.

O conceito de intromissão, desenvolvido por Laplanche (1992/1996) e retomado por Silvia Bleichmar (2016), é um bom ajudante e acompanhante nos momentos de solidão do analista confrontado com essa clínica. A intromissão alude aos modos de exercício da sexualidade pelo adulto, suas ações como formas sexualizantes, a exposição ao que uma criança possa ver na internet; em suma, tudo o que entra no psiquismo produzindo um curto-circuito. O abuso incestuoso tem como efeito a intromissão, mas nem toda intromissão é um abuso sexual no sentido estrito. É imprescindível, e ao mesmo tempo requer muito trabalho clínico, estabelecer as

* Asociación Psicoanalítica de Córdoba.

diferenças sempre singulares entre a implantação, o ainda não traduzido, e a intromissão, que vai na trilha do disruptivo e catastrófico para o psiquismo.

A posição do analista

A clínica psicanalítica com crianças é complexa, sendo mais ainda diante do abuso sexual. Quando o abuso se presentifica na clínica, representa um grito agudíssimo para a escuta.

No entanto, como psicanalistas, considero essencial não cair na tentação de nos transformarmos em detetives à procura de indicadores, ou em terapeutas comportamentais corrigindo anomalias, ou em substitutos do adulto cuidador. Um risco comum é ficar aderido ao horror e à curiosidade, ou concentrado em descobrir verdades, enquanto a criança ou adolescente fica novamente reduzida ao lugar de objeto num tratamento abusivo. O conceito de intromissão se torna muito relevante na prática psicanalítica, sobretudo na clínica com uma subjetividade subjugada, e, portanto, empobrecida. Entendo que se trata de psicanalisar com coragem, através da brincadeira, do desenho e da palavra, aquilo que o paciente puder ir construindo no espaço analítico. Em minha experiência clínica, pelo menos, não dispus de outras vias. A partir de pequenos fragmentos, peças soltas, começa a se construir uma análise capaz de romper o encapsulamento do silêncio.

Recolher alguns dos restos espalhados

Os restos indiciários não equivalem a indicadores. São partículas quase invisíveis, no rodapé das páginas da vida, material com o qual os analistas trabalham. Nunca protagonistas, os restos, no entanto, produzem efeitos e são, falando de acordo com Bion, o não digerido.

Podemos encontrar esses restos, sempre singulares, numa variedade de desvios. A ausência de certas barreiras subjetivas e subjetivantes – por exemplo, a vergonha e o pu-

dor – requer uma observação cuidadosa. São manifestações disso a masturbação com características compulsivas (consigo mesmo ou envolvendo outras crianças), o conhecimento sexual avançado e o conteúdo das fantasias, com características extemporâneas, dissonantes e efeitos excitantes. O lugar das fantasias é uma dimensão muito importante em qualquer relato; todavia, quando as crianças ou jovens se veem diante da demanda de testemunhar o vivido – sobretudo em âmbitos judiciais (embora não só aí) –, a presença de fantasias põe em dúvida o narrado, como se pudesse haver relatos isentos da contribuição fantasmática. Luis Hornstein (2013) propõe essa relação indissolúvel: “Nem a fantasia é uma produção psíquica independente de todo o rastro de acontecimentos, nem há um trauma em que se inscreva o acontecimento puro, indiferente ao mundo fantasmático” (p. 35).

Outro fenômeno a ser considerado são os restos perceptuais que aparecem na narrativa, quando na verdade a sensorialidade no relato não é um componente que costuma aparecer na brincadeira sexual infantil. O anteriormente mencionado são elementos e, de acordo com Bion (1963/2000), a partir da psicanálise, são, cada um, função de alguma outra coisa e têm de maneira particularizada uma função *per se*.

Os elementos citados não necessariamente implicam um abuso sexual, não são indicadores por si sós, mesmo que, em minha experiência clínica, eu sempre os tenha encontrado presentes em crianças abusadas sexualmente, de modo ainda mais ostensivo e enlouquecido quando provenientes de um incesto. Este é um dos sofrimentos que mais desestruturam o psiquismo infantil, pois tem origem na traição da confiança por um outro significativo, com o qual há uma relação de afeto e dependência. É aí que os psicanalistas têm um dos eixos mais difíceis e importantes de seu trabalho em situações de abuso: o corpo é convocado por excitações corporais (Bleichmar, 2016) que a criança não só desconhece, como também não está preparada para receber, sendo isso justaposto



Roberto Huarcaya

Cuerpos develados [Corpos desvelados] (2017 - em processo). Série de retratos de fotógrafos, curadores e colecionadores que contribuíram para a visibilidade da produção visual na América Latina. Esses retratos investigam a identidade do sujeito na sombra de seus gestos e de sua postura corporal. Os retratados se deitaram diretamente no papel fotossensível. A série tem atualmente cerca de 100 retratados. Cada arquivo tem o nome do retratado. Nesse caso, “Florencia Giordano”. Fotogramas de aproximadamente 2,20 m x 1,10 m.

ao desdobramento fantasmático que as ações eróticas e genitais impostas por um outro adulto significativo disparam nela.

Desenhos e palavras em análise

Nossa disciplina se vale principalmente da palavra. O problema é quando ela, na verdade, é palavra-coisa, palavras investidas que excitam, ativam representações, mas não conseguem fazer ligações.

Na transferência, elas se apresentam como um excesso de representações para o analista e um grande déficit representacional para o paciente (Bleichmar, 2016). Adquire especial valor aqui o desenvolvimento de desenhos que se superpõem, de modo que um encontra retoque no seguinte e, nesses deslocamentos, a palavra significante, mais que permanecer sepultada sob a terra, alça voo.

Para concluir

Nesta comunicação, optei por não transcrever fragmentos de uma clínica que estou autorizada a transmitir, embora todo o texto tenha sido norteador por ela. Contudo, e a pedido do jovem que me autorizou a transmitir sua história, vou tomar uma pequena vinheta da análise de quando ele tinha oito anos:

O meu vô me pedia perdão, mas eu não queria que ele me ajudasse a me vestir porque o meu bumbum doía. Eu não vou perdoar ele nunca mais, nem a minha vô. Eles estavam todos reunidos no quintal, e ele me pegava e me levava para a garagem, e eles pareciam se fazer de sonsos...

O incesto deixa marcas indelévels.

Referências

- Berenstein, I. (1995). Presentación del libro *Maltrato infantil* – APdeBA. Em D. Becher de Goldberg & M. Kuperman de Kuitca, *Maltrato infantil: una deuda con la niñez*. Urbano.
- Bion, W. R. (2000). *Elementos de psicoanálisis*. Lumen-Hormé. (Trabalho original publicado em 1963)
- Bleichmar, S. (2016). *Vergüenza, culpa, pudor: relaciones entre la psicopatología, la ética y la sexualidad*. Paidós.
- Freud, S. (1997). La etiología de la histeria. Em S. Freud, *Obras completas* (J. L. Etcheverry, trad., vol. 3, pp. 185-218). Amorrortu. (Trabalho original publicado em 1896)
- Giberti, E. (1998). *Incesto paterno-filial: una visión multidisciplinaria: perspectivas históricas, psicológicas, jurídicas y forenses*. Universidad.
- Hornstein, L. (2013). *Las encrucijadas actuales del psicoanálisis: subjetividad y vida cotidiana*. Fondo de Cultura Económica.
- Laplanche, J. (1996). *La prioridad del otro en psicoanálisis*. Amorrortu. (Trabalho original publicado em 1992)

Tradução do espanhol: Ricardo Duarte

Calibán -
RLP, 23(1),
131-133
2025

Adela Escardó*

Mente abusada

Nós, seres humanos, somos criaturas frágeis. O abuso sexual, cuja ocorrência é altíssima, prejudica profundamente a mente do menino ou da menina. Pode-se dizer que eles sofrem perpetuamente o trauma, a menos que uma análise os libere. Minha experiência me remete às meninas, que são em geral as vítimas, embora os meninos também padeçam desse trauma. Eu me lembro de uma paciente que, aos oito anos de idade, captou certo olhar sedutor de um tio, como se a estivesse despindo. O episódio não foi adiante, mas a atravessou com violência lasciva, que ela recordaria com medo e vergonha, deixando-lhe uma marca na ocultação de sua sexualidade adolescente. Uma segunda paciente me contou que um familiar tinha abusado dela quando criança; na idade adulta, só suportava a penetração anal. As histórias não terminam.

O abuso perturba a capacidade de usar os vínculos. As relações de objeto são prejudicadas, da mesma forma que o senso de realidade. Os limites entre pais e filhos se confundem, assim como o amor e o cuidado. A menina abusada implementará técnicas de sobrevivência, entre as quais uma rígida estrutura emocional defensiva, ainda que para alcançar isso uma parte dela precise “morrer” (Ferenczi, 1932/1984).

O abusador costuma ser um adulto com autoridade sobre uma menina, a qual espera dele ternura, mas recebe paixão sexual (Ferenczi,

1932/1984). No incesto, o pai aniquilaria sua função paterna. A menina desamparada pode viver sua puberdade e adolescência bastante afetada por sintomas graves, efeito do abuso sofrido. Essa experiência pode ser negada pela menina por medo do agressor, vergonha ou – pior ainda – identificação com o agressor. Ou ela pode revelá-la, embora às vezes possa ser ignorada pelo adulto.

A psicanálise clássica, que procura a re-memoração, não funcionaria com tais pacientes, visto que, em muitos casos, o trauma não pode ser lembrado. As pacientes podem não ter lembranças, não conseguir representar-apresentar seus conteúdos mentais, por viverem – segundo Martín Cabré (2018) – num tempo que se faz diabolicamente presente: o não-tempo do trauma.

A contratransferência será crucial para acessar o traumático impossível de ser simbolizado. Os sonhos, com suas representações oníricas, serão fundamentais.

Enquanto escrevo estas linhas, evoco uma paciente em particular, vítima de incesto durante a infância. Como costuma acontecer, ela tinha erguido um muro e não deixava que eu me aproximasse dela, ou seja, que a tocasse emocionalmente. Eu representava seu pai; por conseguinte, era perigosa. Eu sentia uma impotência que me fazia duvidar se valia a pena continuar o trabalho. Conseguiria ultrapassar esse muro de desconfiança, que parecia intransponível? A pergunta não saía de minha cabeça. Dentro de mim, eu me sentia incapaz,

* Sociedad Peruana de Psicoanálisis.

má, queria fugir dela. Até que, passado um tempo em que acreditei estar morta psicanaliticamente, ela se abriu e me permitiu entrar em sua intimidade, para de imediato retornar a seu muro protetor. Essas tréguas em sua atitude defensiva davam lugar a uma dor intensa em mim, difícil de suportar, em razão do que eu entendia ser sua defesa. Para ela, não havia pessoa de confiança.

Essa paciente tendia a dissociar parte de sua própria experiência, transformando-se num autômato. Simultaneamente, ela se sentia culpada e inocente. Eu me perguntava se ela desconfiava de seus sentidos.

A análise como abuso

Ferenczi (1932/1984) ressaltou as equivalências entre o abuso sexual e a relação analítica, quando ocasionalmente o analista submete o paciente a uma análise que se torna – o próprio processo – causadora de trauma.

A análise com pacientes que carregam esses traumas será longa e tortuosa (Levine, 1990), cheia de desconfiança, transferências negativas e eróticas intensas, atuações e ações impulsivas, reações dissociativas, com limites turvos entre realidade e fantasia. A paciente equipará o abuso sofrido à análise.

Ela terá de provar a paciência e a constância do analista, como foi meu caso com a paciente mencionada. Eventualmente, poderá ousar sentir, aparecendo intensa raiva e ódio.

Bollas (1993) enfatiza a confusão que a menina sentirá por ter um pai abusador, o que irá repercutir em sua autoestima. Ela vai transpor isso para a análise, desvalorizando o analista. Vai erigir uma barreira superegoica a fim de proteger sua intimidade. Se a análise representa sua mente, explorá-la com o analista será difícil. Odiará a análise, assim como receber algo do psicanalista. Numa análise com alguém assim, como aconteceu comigo, haveria incontáveis tentativas de comprovar se sou confiável, se terei paciência, se serei abusiva, se serei sólida ou que fronteiras poderei transgredir.

Ela relacionará o silêncio da análise com o medo de reviver sentimentos sexuais dirigidos ao analista-pai.

Messler Davies e Frawley (1994) observaram elementos comuns nesses processos analíticos, todos os quais sublinham o grau de dificuldade envolvido no trabalho com pacientes abusadas. O analista precisará ser consistente, estar disponível, pensar e sentir pela menina abusada, usar sua mente quando a paciente ainda não dispuser dessas funções. O analista se verá atacado pela paciente, cercado por medo, impotência, identificações projetivas e sensações corporais incompreensíveis. Ele se sentirá tentado a fugir, o que não costuma ser reconhecido, talvez pela necessidade do analista de provar para si mesmo que tem uma paciência infinita. Casos assim invadem profundamente a mente do analista, além do que ele imagina poder suportar, e supõem um compromisso muito exigente para o qual nem sempre se sente apto, porque o colocam no limite de suas capacidades.

A paciente precisará do analista como da própria vida, ao mesmo tempo que desconfiará dele. Ela o considerará um abusador sádico ou um tolo que não percebe as coisas e que fracassa por não resgatá-la. O analista se sentirá abusado, ineficiente e com um desejo de ser resgatado para assim resgatar a paciente. E também, como aponte, terá fantasias de escapar da análise. No entanto, todos esses poderosos sentimentos de desaparecer e não estar ali podem muito bem ser inoculações da paciente no analista, por ter invadido a mente dele – formas inconscientes de fazê-lo sentir o que ela ainda sente sem saber.

Contudo, se conseguimos realizar isso, não só na reta final do percurso analítico, mas a cada etapa do processo, podemos proporcionar esperança e salvar a vida da paciente, além de sentir ao mesmo tempo que salvamos nossa própria vida.



Roberto Huarcaya

Cuerpos desvelados [Corpos desvelados] (2017 - em processo). Série de retratos de fotógrafos, curadores e colecionadores que contribuíram para a visibilidade da produção visual na América Latina. Esses retratos investigam a identidade do sujeito na sombra de seus gestos e de sua postura corporal. Os retratados se deitaram diretamente no papel fotossensível. A série tem atualmente cerca de 100 retratados. Cada arquivo tem o nome do retratado. Nesse caso, "Joan Fontcuberta". Fotogramas de aproximadamente 2,20 m x 1,10 m.

Referências

- Bollas, C. (1993). El trauma del incesto. Em C. Bollas, *Fuerzas del destino* (pp. 195-205). Amorrotu.
- Ferenczi, S. (1984). Confusión de lenguas entre los adultos y el niño: el lenguaje de la ternura y de la pasión. Em S. Ferenczi, *Obras completas* (vol. 4). Espasa-Calpe. (Trabalho original publicado em 1932)
- Levine, H. B. (org.). (1990). *Adult analysis and childhood abuse*. Analytic.
- Martín Cabré, L. (2018). Manejo clínico de la temporalidad, encuadre interno del analista. *Psicoanálisis*, 22, 95-104.
- Messler Davies, J. & Frawley, M. G. (1994). *Treating the adult survivor of childhood sexual abuse: a psychoanalytic perspective*. Basic Books.

Tradução do espanhol: Ricardo Duarte

Algumas contribuições sobre as dinâmicas abusivas em cenários forenses

Com toda a sua polissemia, a palavra *abuso* é daquelas que correm o risco de ficar saturadas de tanto serem repetidas ou mal empregadas. No entanto, longe desse destino, no trabalho forense, quando essa palavra se encarna, se torna voz, ganha corpo, nos deparamos com cenas de tal crueza e com aspectos tão aterroizantes do ser humano, que nos vemos obrigados a continuar procurando caminhos de problematização.

O âmbito forense é um campo de trabalho onde o abuso, como conceito, perde particularmente aquele revestimento de coordenadas reconhecíveis, de estrutura total com a qual o usamos de forma coloquial. Assim, o conceito se personifica numa narrativa singular, em que vai se constituindo uma espessura de significado único, muitas vezes secreta e quase sempre ambígua.

A escuta forense das dinâmicas abusivas

A complexidade desse cenário nos convoca a tentar refinar ao máximo nossa escuta, a rever nosso posicionamento, nossas filiações conceituais e nosso compromisso mais íntimo.

A despeito de uma linguagem comum, há diferenças entre as conceituações e as intervenções. Na função do perito forense, elas estão atravessadas, por um lado, pelo ordenamento jurídico existente – particularmente, nesse tema, pelo que poderíamos chamar de concepção do excesso do corpo como delito

(declinação da lei) –, que enquadra e situa nossa prática. São princípios organizadores que enviesam a escuta e o que dizemos a respeito do que escutamos, já que, embora não de maneira vinculante, nossos relatórios condicionam o devir das pessoas denunciadas. Trata-se de um olhar específico, mas inserido num sistema que o transcende, conformado por outras figuras profissionais cujo elo mais elevado é a lei.

Por outro lado, como guia e farol, está nosso compromisso como sujeitos e as conceituações teóricas que moldam nossa prática.

A autora Kathleen Coulborn Faller (1988) chama a atenção para possíveis posturas: uma mais inclinada a considerar a possibilidade de que o abuso tenha acontecido, em contraposição a outra que parte *a priori* da possibilidade de que o abuso não tenha acontecido, situando-nos assim no âmbito controverso de nossa atividade.

Entre os aspectos que pessoalmente se destacam para mim das múltiplas definições de abuso, menciono em primeiro lugar o fato de que é uma forma de violência. Por meio da psicanálise, ficamos sabendo do caráter sempre assimétrico e traumático do encontro da criança com a sexualidade adulta. Contudo, depois de muitos anos do que se convencionou chamar de “corrente negacionista do abuso infantil”, hoje é inegável que, quando a sedução é real, e não um objeto privatizado da fantasia, a intromissão, nas palavras de Laplanche (1992), em vez de implantar mensagens enig-

máticas a serem traduzidas, deixa para sempre uma impossibilidade de tradução. Destruição das diferenças, invasão e apagamento do corpo do outro, que é situado como um despojo, com os efeitos de dessubjetivação que isso pode produzir.

As formas do abuso

Todavia, devemos estar cientes de que não existe *uma* única forma de abuso infantil. Embora encontremos muitas semelhanças, quando afinamos a escuta, no caso a caso das narrativas, percebemos que o abuso não é uma totalidade homogênea, nem há um modelo único de “vítima” ou de “agressor”. Por exemplo, não é a mesma coisa uma situação de abuso num contexto familiar de aglomeração e dependência econômica em relação ao denunciado que num contexto onde o âmbito social permite contar com diversos recursos protetores.

Nesse sentido, podemos dizer que se trata de “histórias mínimas”, que precisam ser desenvolvidas, e que é justamente nessa singularidade, *quando as infâncias tomam a palavra*, que nos deparamos com a verdade subjetiva do outro. Esse ponto, ainda que talvez meio óbvio, eu o considero central, e simultaneamente me pergunto: como levar adiante essa tarefa, que implica um rumo claramente predeterminado, sem que nossa escuta seja capturada pelo maquinário judicial? É possível alcançar uma escuta que integre essas diferentes dimensões – que, ao mesmo tempo que analise rigorosamente os casos em termos da lei e do direito, escute outras dimensões íntimas, essa outra cena que é necessário ir contornando? Como sustentar um duplo olhar, uma ponte entre histórias silenciadas, incertas, ambíguas e as exigências jurídicas a partir das quais são esperadas respostas claras, rápidas, sintéticas e contundentes? Equilibrar esse compromisso entre duas margens é, a meu ver, um desafio permanente.

Pessoalmente, acredito que só podemos nos aproximar dessa aspiração através de uma formação contínua e especializada no assunto, o que paralelamente exige trabalhar nossa posição, porque estamos cientes de que não se trata de uma escuta passiva nem ingênua.

Reverberam em mim alguns relatos (ficcionalizados):

O que ele fazia com a gente era como um filme de terror. Eu tenho outras duas irmãs. Às vezes, ele fazia com as três juntas... À noite, ele entrava no nosso quarto. Depois eu sonhava que lançava ossinhos num rio, não sei, não gosto de falar nisso... Às vezes, eu mesma me assusto.

E quando as infâncias tomam a palavra, é preciso estar preparado, porque a angústia da proximidade desse tema é ativada.

São meninos, meninas e adolescentes que, de maneira inesperada, passam a encarnar sensações corporais desconhecidas, vividas como verdadeiras atrocidades que envergonham, que despertam experiências de culpa e temores em relação a si mesmo. São comuns as fantasias de transformação em monstruosidades que podem destruir, com características insólitas. Um dos elementos que tornam essas situações brutalmente complexas é, como dissemos, o excesso pulsional na dimensão concreta do ato que submete com violência, verdadeira ditadura do outro. Cenários onde a lei foi transgredida, situações disruptivas, de uma ilegalidade que oprime, que rouba, que engana, que traumatiza. Estranha colocação em ato em que o outro invade um terreno íntimo, sem permissão e sem lei. O desejo proveniente dos territórios da fantasia infantil se encontra com a contundência do ato “real” e com a força do traumático, obstruindo-se todo o desdobramento fantasmático de uma sexualidade que poderia ser vivida como desejante e prazerosa.

* Asociación Psicoanalítica del Uruguay.

“A minha mãe tinha uma namorada e às vezes pedia para o meu irmão tirar a roupa dela. Era esquisito, eu não entendia direito.”

Para concluir, destaco novamente a necessidade de reconhecer e trabalhar as correntes ideológicas que atravessam a atividade forense, tanto na dimensão social quanto na íntima. Trata-se de uma função que, como outras intervenções do mundo psi, põe em tensão e implica uma responsabilidade humana e ética. Requer um contínuo trabalho de formação, revisão e desconstrução de nossos conceitos e preconceitos para problematizar os lugares a partir dos quais pensamos questões como a violência, as infâncias, a sexualidade infantil, paradoxos constitutivos do humano que se assentam entre o excesso (pulsional) e o limite, uma borda incontornável. Esforço de sustentar um estado de tensão, de estrutura de demora, de distância de resgate, a fim de trabalhar nossos próprios limites e excessos, nossos pontos cegos, mitos, e com isso tentar minimizar a sempre fragmentada perspectiva possível, entre aquilo que se mostra e parecemos entender e aquilo que permanece velado e é intraduzível.

Entendo ser responsabilidade dos operadores forenses ressaltar esses aspectos, porque muitas vezes é em nós que se materializa uma espécie de “assistência ou negligência social”, em sua função protetora ou revitimizante das infâncias envolvidas num processo de denúncia de abuso.

Referências

- Faller, K. C. (1988). *Child sexual abuse: an interdisciplinary manual for diagnosis, case management and treatment*. Columbia University.
- Laplanche, J. (1992). *La revolución copernicana inacabada*. Amorrortu.

Tradução do espanhol: Ricardo Duarte



Roberto Huarcaya
Cuerpos develados [Corpos desvelados] (2017 - em processo). Série de retratos de fotógrafos, curadores e colecionadores que contribuíram para a visibilidade da produção visual na América Latina. Esses retratos investigam a identidade do sujeito na sombra de seus gestos e de sua postura corporal. Os retratados se deitaram diretamente no papel fotossensível. A série tem atualmente cerca de 100 retratados. Cada arquivo tem o nome do retratado. Nesse caso, “Jackie Parisier”. Fotogramas de aproximadamente 2,20 m x 1,10 m.

Calibán - RLP, 23(1), 137-139
2025

Boia Efraime Júnior*

O pesadelo da violência militar vivido pelas crianças moçambicanas

*Do ódio e da guerra
Cresce no mundo o girassol da esperança...*
José Craveirinha, “Poema do homem e da esperança”

No cartaz publicitário do 6º Congresso de Psicanálise em Língua Portuguesa, a ter lugar em Moçambique, lê-se a famosa frase de Freud (1915/1988): “Somos descendentes de uma linhagem infinitamente longa de assassinos que tinham prazer de matar” (p. 153). A escolha dessa citação parece acertada quando se olha para a história de Moçambique e para como a violência e a crueldade humana têm infligido sofrimento incomensurável a crianças e adolescentes.

A partir do século XVI, com o início da colonização portuguesa no espaço hoje conhecido como Moçambique, uma nova onda de violência, brutalidade e crueldade inimagináveis abateu-se sobre as populações da região, dessa vez perpetrada pelos colonialistas, pretensamente provenientes de uma civilização mais desenvolvida. Massacres, deportações, deslocamentos forçados, trabalho escravo, venda de escravos marcaram a colonização em proporções não comparáveis às dos conflitos anteriores entre os diferentes grupos que habitavam estas terras. Tal violência foi perpetrada com a cumplicidade das elites locais. A colonização significou também uma traumatização coletiva, resultante da tentativa brutal de destruição

das culturas, línguas, identidades locais e referências culturais, para impor os valores e a língua dos colonizadores, bem como a exploração das terras e dos recursos naturais a fim de enriquecer a metrópole colonial. Os corpos negros de adultos e crianças foram subalternizados, racializados, e suas reservas libidinais, sequestradas.

*Criais morrem à minguia de leite
[...]
E não são criais nem vermes
São filhos de homens, Maria*
(Craveirinha, 2014, p. 88)

A colonização portuguesa terminou em 1975, após uma luta armada realizada pela Frente de Libertação de Moçambique (Frelimo). Nessa luta, há poucos relatos da participação de crianças na Frelimo ou no exército português, ainda que de ambos os lados as crianças fossem educadas para adorar a guerra e a violência. Estudantes do Instituto Moçambicano da Frelimo, durante as férias escolares, visitavam as zonas de guerra onde a presença militar portuguesa era reduzida para participar na libertação do país, ou faziam treinos militares nos centros de instrução militar da Frelimo (Laweke, 2011). Essa violência, chamada de “revolucionária”, era consagrada como um elevado valor patriótico. Do lado do governo português, crianças eram integradas à Mocidade Portuguesa, organização com

* Círculo Psicanalítico de Moçambique.

ideias fascistas, como consta no decreto colonial n. 29.453 (1939), que a criou: uma organização “pré-militar”, que estimule a “devoção à Pátria portuguesa [...], a formação de carácter, e que, inculcando-lhes o sentimento da ordem, o gosto pela disciplina e o culto do dever militar, as coloque em condições de concorrer eficazmente para a defesa da Nação” (p. 120).

Num artigo com o sugestivo título “A história repete-se sempre duas vezes”, Feijó (2024) escreve sobre o que pode ser chamado de compulsão à violência em Moçambique, destacando que a contestação e remoção do regime colonial em 1975, com a independência de Moçambique, não interrompeu um conjunto de fatores estruturais geradores da conflitualidade, nomeadamente a centralização excessiva do poder do Estado, assim como da violência do Estado, e a exploração económica, em particular da indústria extrativa e de explorações florestais que obrigaram ao reassentamento populacional, exacerbaram tensões sociais e contribuíram para a persistência de fenómenos de pobreza e a inexistência de espaços de participação, emergindo a “violência como o único espaço efectivamente eficaz de pressão e de transformação social” (p. 5). A esses fatores estruturais importa, porém, acrescentar mecanismos intrapsíquicos resultantes do trauma coletivo, especialmente a impotência vivida na exposição aos fatores externos da violência devastadora sofrida que não encontrou amparo interno, o terror e a angústia, que não sendo metabolizados se expressam numa compulsão à repetição, numa desumanização do Outro que pensa diferente e do próprio sujeito. Mecanismos como o controle, o adiamento e a sublimação das forças pulsionais e animais no homem, tanto das agressivas como das sexuais, são adiados nesses contextos de violência.

Os fatores apontados por Feijó, associados aos referidos fenómenos intrapsíquicos, ditaram a repetição da violência um ano após a proclamação da independência. Um novo conflito armado se iniciou em 1976, opondo o governo da Frelimo à Resistência Nacional

Moçambicana (Renamo). Um acordo de paz assinado em 1992 viria a ser amiúde violado, como foi o caso entre 2013 e 2016, quando a Renamo, considerando esgotado o espaço de diálogo político, recorreu novamente ao uso da violência militar.

A grande maioria das crianças utilizadas nas fileiras da Renamo foram sequestradas entre os seis e os catorze anos de idade. Nas bases militares da Renamo, os meninos eram separados das meninas. O treinamento dos meninos começava com doutrinação política e tarefas civis iniciais, como ilustra o caso de Silvestre, recrutado aos nove anos de idade:

Fui raptado com a minha mãe na (vila da) Manhiça e eu ainda era criança mesmo. E depois lá no mato vi a minha mãe a ser morta como uma galinha. Não me lembro se tive coragem de chorar, porque ali quem chorasse por causa disso era também morto. [...] Vi pessoas a serem mortas por não aguentarem com os treinos. O meu maior sofrimento foi ficar muitas vezes sem comer, porque diziam que era bebé e como não fazia nada não tinha direito a comer. Mas vejam só isso. Que culpa tinha eu de ser bebé e não conseguir ir aos assaltos? [...] Um dia, obrigaram-me a fumar suruma com pólvora, fiquei drogado, e deram-me uma arma para disparar. Como eu já tinha visto outros miúdos mais velhos a fazerem lá nos treinos, não tive lá muitas dificuldades em carregar no gatilho e lá me pus a fazer cantar a arma. Eles gostaram e logo a seguir me ensinaram a placar e outras formas de defesa e ofensiva. E

saí-me bem porque era miúdo e tinha agilidade e curiosidade ao mesmo tempo. A partir daí, comecei a entrar nos assaltos às aldeias, às cantinas, e não atrapalhava a ninguém. Sabia o que tinha a fazer e fazia com perícia. Era um autêntico soldado, talvez melhor que muitos outros adultos. (Castanheira, 1999, p. 26)

As meninas eram usadas como força de trabalho escrava e exploradas sexualmente, como reporta Aida:

Levaram-me juntamente com a minha mãe e os meus quatro irmãos. [...] Nos primeiros dias só íamos buscar água ao rio e apanhar caju para fazer bebida para os chefes. [...] Eu também tive um marido chefe, que já tinha cinco mulheres. Cada soldado tinha uma mulher pelo menos, entre as crianças e jovens raptadas. (Castanheira, 1999, pp. 23-24)

Referindo-se a essas experiências, uma criança me disse numa sessão de terapia que sua vida na base militar foi pior que qualquer pesadelo que já vivenciara.

O governo da Frelimo também integrou crianças e adolescentes nas suas forças armadas, em particular nas forças paramilitares.

Desde 2017, um grupo maioritariamente de jovens que se denomina Al-Shabaab, pretensamente militantes extremistas islâmicos, apostou de novo no recurso às armas como meio de pressão e de transformação social, uma vez mais banalizando sua própria vida e a de centenas de milhares de moçambicanos.

Civilização e cultura, ordem religiosa, estatal e social, consideradas esforços para conter e controlar a violência na convivência, segundo critérios de racionalidade, não conseguiram até agora interromper os ciclos de conflitualidade e o uso perverso de crianças em Moçambique nas guerras. Fatores estruturais em nível político, económico e social, bem como o trauma coletivo, necessitam de ser abordados e elaborados para evitar uma repetição.

Referências

- Castanheira, N. (1999). *Ex-criança soldado: “Não queremos voltar para o inferno”*. Reconstituindo a Esperança.
- Craveirinha, J. (2014). Poema do homem e da esperança. Em União das Cidades Capitais de Língua Portuguesa (ed.), *Antologias de poesia da Casa dos Estudantes do Império: 1951-1963* (2ª ed., vol. 2, p. 88). Acei.
- Decreto n. 29.453. (1939, 17 de fevereiro). *Diário do Governo*, 40, 120-122. <https://tinyurl.com/bderbmdf>
- Feijó, J. (2024, 20 de agosto). A história repete-se sempre duas vezes: sucessivos conflitos armados ou continuação do mesmo conflito? *Destaque Rural*, 292. <https://tinyurl.com/379r8jbt>
- Freud, S. (1988). Actuelles sur la guerre et la mort. Em S. Freud, *Œuvres complètes* (J. Altounian et al., trad., vol. 13, pp. 127-155). PUF. (Trabalho original publicado em 1915)
- Laweke, L. (2011, 2 de novembro). A crise de 1968 no Instituto Moçambicano na Tanzânia. *Canal de Moçambique*, 18-20. <https://tinyurl.com/5mfu6skb>

Reflexões sobre a experiência de renascer em meninos e meninas com infâncias roubadas

Agradeço aos colegas de *Calibán* pelo convite para pensar sobre um tema tão complexo e necessário quanto *infâncias roubadas*. Quando me convidaram para participar desse importante projeto, de imediato me vieram à mente vários rostos de meninos e meninas mexicanos que atendemos em diferentes penitenciárias de meu país. São rostos que transmitem um profundo sofrimento e uma lamentável falta de proteção do tecido social e legal, em todas as suas dimensões. Esses pequenos precisam dividir espaços com as mães, crescem encerrados, sem contato com o mundo fora da prisão (98% deles não conhecem a Lua), e estão expostos a múltiplas situações de violência.¹

Vou começar mencionando a Reinserta, uma associação civil da Cidade do México, sem fins lucrativos, que desenvolveu vários programas com o intuito de interromper circuitos de delinquência, implementando espaços lúdicos para meninas e meninos em penitenciárias mexicanas. Minha experiência com essa associação desde 2015 me permitiu desenvolver um projeto chamado “Clínica psicanalítica com madres e hijos/hijas en prisión: gestos hacia la construcción del ser” [Clínica psicanalítica

com mães e filhos/filhas na prisão: gestos para a construção do ser] (Villarreal, 2024a). Esse projeto trabalha com mães e filhos na prisão através do programa inédito Jugar y Crear,² e tem por objetivo promover o desenvolvimento saudável de crianças menores de três anos que vivem na prisão e propor o fortalecimento das habilidades sociais e parentais das mães. Em 2023 apresentei esse programa (Villarreal, 2024b) no Senado da República Mexicana a fim de estimular a criação de uma Lei Geral de Maternidade Compartilhada e uma lei que preveja mecanismos e políticas públicas para o exercício da parentalidade na prisão (Reinserta, 2019).

Ampliar meu campo de trabalho para além do consultório me permitiu observar *de frente* a dor da infância em situações de acentuada injustiça social. Galeano (2020) e Rodríguez (2020) afirmam que os efeitos psíquicos dos abusos sexuais e da violência em crianças incluem uma ampla gama de sofrimentos psíquicos e medos profundos.

Por questões de espaço, não vou mencionar a importância de incluir o analista nas bordas psicossociais; remeto às valiosas contribuições da Diretoria de Comunidade e Cultura, e de Infância e Adolescência, feitas pela Federação Psicanalítica da América Latina

(Fepal), pela Federação Brasileira de Psicanálise (Febrapsi) e pela Associação Psicanalítica Internacional (IPA).³ Os trabalhos de D. W. Winnicott (1951/1991) também contribuem para o tratamento e a abordagem de infâncias danificadas, e mostram as múltiplas rupturas na continuidade existencial desses meninos e meninas. Ressalto a contribuição de Cimenti em “Vidas marcadas” (2020), texto publicado pela Fepal: “a verdade histórica de crianças e adolescentes que, desde o nascimento, sofrem maus-tratos, fome, miséria ou graves feridas sociais deve sair da invisibilidade” (p. 1841).

O encontro com esses pequenos e suas mães na prisão mudou meu modo de ver o ser humano e o mundo. É também essa experiência enriquecedora que me permite compartilhar algumas reflexões sobre o tema que nos convoca: *infâncias roubadas*. A infância deveria ser uma etapa da vida em que meninos e meninas pudessem crescer, aprender e brincar num ambiente seguro. Mas o que dizer dos 700 milhões de meninos e meninas no mundo – provavelmente centenas de milhões a mais – que tiveram sua infância *roubada* antes do tempo?

Em 1976, Rascovsky denunciou essa trágica realidade da seguinte maneira:

O assassinato, a humilhação, a degradação e o abandono dos filhos passaram a ser fatos tão evidentes que a abordagem científica do problema deveria começar pela descoberta da negação universal que pesa sobre fenômenos tão generalizados, dos quais somos todos atores passivos ou ativos. (p. 105)

3. Há décadas, a Fepal conta com um comitê de comunidade e cultura, a Diretoria de Comunidade e Cultura. A Febrapsi criou um dispositivo chamado *Observatório Psicanalítico*, no qual os psicanalistas escrevem ensaios sobre fatos sociopolíticos e culturais que exigem e merecem um olhar psicanalítico (Villarreal, 2024b).



Roberto Huarcaya
Cuerpos develados [Corpos desvelados] (2017 - em processo). Série de retratos de fotógrafos, curadores e colecionadores que contribuíram para a visibilidade da produção visual na América Latina. Esses retratos investigam a identidade do sujeito na sombra de seus gestos e de sua postura corporal. Os retratados se deitaram diretamente no papel fotossensível. A série tem atualmente cerca de 100 retratados. Cada arquivo tem o nome do retratado. Nesse caso, “Juan Travnik”. Fotogramas de aproximadamente 2,20 m x 1,10 m.

* Asociación Psicoanalítica Mexicana.

1. No México, as mulheres que engravidam durante o cumprimento da pena têm o direito de viver com os filhos até eles completarem três anos de idade (Leyva, 2017).

2. O programa Jugar y Crear oferece eixos de trabalho especializados, cuja função é facilitar gestos que promovam a construção do *ser* na dupla parental.

J. Aray (1992), por exemplo, descreveu sete tipos de abuso e destruição dos filhos, entre os quais estão a criança explorada, a criança abandonada e a criança seduzida. Seguindo essa proposta, talvez seja conveniente tratar como sinônimas as expressões *infâncias roubadas*, *infâncias perdidas* e *infâncias esquecidas*, se concordarmos que o ponto em comum entre elas é a referência ao fato de que meninos e meninas pertencentes a essa população foram despojados de uma possibilidade – a possibilidade de ser criança e viver uma vida digna.

As primeiras contribuições de Freud (1893-1895/2013) em relação aos maus-tratos partiram justamente do efeito deles (no caso, do abuso sexual) no desenvolvimento do indivíduo. O autor vienense mostrou honestidade na hora de encarar realidades difíceis como a sexualidade infantil e o poder de nossos impulsos, e foi capaz de captar essas experiências de sexualização inadequada de uma criança. A psicanálise também permite diferenciar as noções de infância [*infancia*], meninez [*niñez*] e o *infantil* como entidades intimamente relacionadas que costumam ser usadas sem distinção. Em 2021, a revista *Calibán* dedicou dois números ao tema que inspirou o Congresso Internacional de Psicanálise daquele ano, *O infantil*. Como bem ressalta Zonana (2021), o infantil não pertence a nenhuma idade, está presente em todos os momentos da vida, mas se estrutura num tempo que chamamos de infância.⁴

O que é relevante em relação ao tema que nos ocupa é que todas essas contribuições mostram a conveniência de lembrar o significado do termo *infância*. Não é por acaso que, em latim, o termo *infantia* significa “o que não fala”

4. Segundo B. Tanis (2021), o infantil é a marca identificatória do humano; todos os psicanalistas lidam e trabalham com essa dimensão psíquica. O infantil não diz respeito só aos analistas de crianças; também não é assimilável à infância ou às fases de desenvolvimento.

(incapacidade de falar). Destaco a definição de Viñar (2010) da infância como uma construção contínua do ser humano, pois a considero ilustrativa de uma importante posição a levar em conta no trabalho com populações vulneráveis, pelo fato de que, embora as infâncias roubadas sejam vistas como um tipo de abuso e um problema invisibilizado na sociedade, com graves consequências a curto e longo prazo para todas as suas vítimas, o compromisso de pensar e investigar questões que remetem a diferentes modos de sofrimento humano cria brechas e oferece esperança. Viñar abre uma porta para a esperança quando diz:

Não somos construídos ou habitados por uma única infância, aquela que vivemos ou pensamos ter vivido, mas por várias infâncias. Somos habitados também pela infância que desejamos e não conseguimos construir, e pela infância que tememos e não conseguimos habitar. [...] As infâncias que nos habitam ou que nos asse-diam são muitas. (pp. 39-40)

De acordo com isso, podemos afirmar que, se a infância é algo mudo que permanece no sujeito, ela é também algo que não desaparece quando termina o tempo da meninez; perdura como sedimento vivo. Tudo o que não desaparece e que, sob a forma de sedimentos vivos e coletivos, vai marcando a textura de nossas intervenções terapêuticas participa na gestação da matriz psíquica da dupla parental que dá conta de um renascer. Por conseguinte, diz Viñar que nascemos duas vezes: uma no nascimento biológico (dia e hora) e outra que é gradual e germina paulatinamente (p. 40). Assim, sustentar a visão singular oferecida pela psicanálise acerca de experiências como as infâncias roubadas a converte numa inestimável ferramenta terapêutica em qualquer contexto.

Finalizo com uma reflexão de Eizirik (1997/1999) que mostra como é imprescindível nosso compromisso com o tema em questão, e que também propõe novas perguntas e estimula futuras investigações. Concordo com o autor, que escreveu: “Podemos concluir pelo menos, com uma convicção compartilhada: nossa chave (a psicanálise) já foi usada para abrir muitas portas, mas há milhares de outras que estão a nossa espera” (p. 181).

Referências

- Aray, J. (1992). Siete variedades de maltrato y destrucción de los hijos. Em J. Aray, *Momentos psicoanalíticos*. Monte Ávila.
- Cimenti, E. (2020). Vidas marcadas. Em *Fronteras: 33º Congreso Latinoamericano de Psicoanálisis* (pp. 1837-1842). Fepal. <https://fepal.org/documentos/2020-fepal-fronteras.pdf>
- Eizirik, C. (1999). Psicoanálisis y cultura: algunos desafíos contemporáneos. *Libro Anual de Psicoanálisis*, 13, 173-183. (Trabalho original publicado em 1997)
- Freud, S. (2013). Estudios sobre la histeria. Em S. Freud, *Obras completas* (J. L. Etcheverry, trad., vol. 2). Amorrortu. (Trabalho original publicado em 1893-1895)
- Galeano, J. (2020). Infancias y desigualdades: desafíos actuales en la clínica de niños/as. Em *Fronteras: 33º Congreso Latinoamericano de Psicoanálisis* (pp. 1868-1873). Fepal. <https://fepal.org/documentos/2020-fepal-fronteras.pdf>
- Leyva, E. (2017, 29 de junho). Los hijos del sistema penitenciario. *Derecho en Acción*. <http://derechoenaccion.cide.edu/los-hijos-del-sistema-penitenciario/>
- Rascovsky, A. (1976). *El filicidio*. Orion.
- Reinserta. (2019). *Reporte del modelo de atención integral para madres y sus hijos en prisión: programa de desarrollo infantil integral*. Senado de la República de México.

- Rodríguez, C. (2020). Políticas públicas y psicoanálisis en América Latina: viñetas para un programa más amplio. Em *Fronteras: 33º Congreso Latinoamericano de Psicoanálisis* (pp. 1882-1892). Fepal. <https://fepal.org/documentos/2020-fepal-fronteras.pdf>
- Tanis, B. (2021). Lo infantil: sus múltiples dimensiones. *Calibán*, 19(1-2), 14-31.
- Villarreal, A. (2024a). *Clínica psicoanalítica con madres e hijos/hijas en prisión: gestos hacia la construcción del ser* [texto não publicado].
- Villarreal, A. (2024b). *Psicoanálisis, comunidad e institución: la infinita relación* [apresentação de trabalho]. Congresso da Associação Psicanalítica Mexicana, Cidade do México.
- Viñar, M. (2010). Las infancias que nos habitan. *Revista de la Sociedad Argentina de Psicoanálisis*, 14, 35-42.
- Winnicott, D. W. (1991). *Deprivación y delincuencia*. Paidós. (Trabalho original publicado em 1951)
- Zonana, R. A. (2021). Para sempre. *Calibán*, 19(1-2), 7-11.

Tradução do espanhol: Ricardo Duarte

María Alejandra Arango R.*

Kiwethesagwex Luuç: aprendendo a cuidar da semente da vida. De infâncias roubadas a infâncias nutridas**

Ewcha namicu! Uma saudação em nasayuwe para os amigos de *Calibán*. Neste texto, vocês encontrarão a história de um verdadeiro processo de regeneração social (Volkan, 2014/2018), que acontece num lugar chamado Tierra Adentro. Situado no departamento de Cauca, no nó das cordilheiras do Maciço Colombiano, ele foi assim chamado pelos colonizadores espanhóis devido a seu difícil acesso; originalmente, para os indígenas, era Inzá. Somos ali recebidos por nossa conexão na comunidade Nasa (que significa “gente”), também conhecida como cultura Páez.

O território rural do Cauca, habitado por camponeses de comunidades afro e indígenas, é um dos mais estigmatizados por ser um dos mais atingidos historicamente pela violência do conflito armado. O público em geral pouco sabe acerca da diversidade de tradições dos povos que habitam o Cauca, de seus impressionantes sítios arqueológicos que datam de 900 a.C., de suas raízes culturais e espirituais, intimamente ligadas à natureza e sua biodiversidade. Na representação mental coletiva, o que se cristalizou foram antes as manchetes sobre as invasões guerrilheiras, o assassinato

de lideranças sociais, o sequestro, a ameaça, a perseguição e o deslocamento forçado pelas guerras entre as economias do narcotráfico e da mineração ilegal. O conflito pelo controle do território ressurgiu repetidamente desde a época colonial.

Tudo isso representa uma tensão histórica que os colombianos ainda lutam para resolver, ferida que não parou de sangrar. Alguns optam por considerar as guerras no Cauca uma prova simples e clara da impenetrabilidade do território, e uma vez que a violência se espalha como vírus, concluem que a natureza dos que o habitam é selvagem. Diante da dimensão do trauma histórico, coletivo e massivo, a solução onipotente é manter o Cauca isolado e esquecido, para ver se não apenas os guerrilheiros mas também os indígenas (ignorantemente vistos da mesma maneira) desaparecem da identidade nacional e da memória cultural.

O público colombiano em geral praticamente não sabe que o Cauca foi o berço de uma das primeiras feministas da história de nosso país, a cacica Gaitana, que lutou contra os espanhóis e formou as primeiras uniões de povos contra os colonizadores pelo cruel assassinato de seu filho, a quem ela vingou plantando a semente de uma união de povos que persiste até hoje entre os Nasa e seus irmãos indígenas do Cauca, aos quais recentemente se juntaram alguns povos originários do Equador.

* Sociedad Colombiana de Psicoanálisis.

** Agradeço calorosamente à família Hio (Luz Hio, Flor Hio, José Hio, Angélica Hio de Ecue e as 24 crianças do processo) por sua hospitalidade, generosidade emocional e abertura a minha presença e à do pedagogo Juan Diego Casallas.



Roberto Huarcaya

Cuerpos develados [Corpos desvelados] (2017 - em processo). Série de retratos de fotografos, curadores e colecionadores que contribuíram para a visibilidade da produção visual na América Latina. Esses retratos investigam a identidade do sujeito na sombra de seus gestos e de sua postura corporal. Os retratados se deitaram diretamente no papel fotossensível. A série tem atualmente cerca de 100 retratados. Cada arquivo tem o nome do retratado. Nesse caso, “Luis Camnitzer”. Fotogramas de aproximadamente 2,20 m x 1,10 m.

No departamento de Cauca, a ausência da presença estatal, antes dada como certa, se tornou mais evidente após os acordos de paz de 2016. Não chegaram a muitos municípios o Bem-Estar Familiar, o Ministério da Educação e as demais entidades necessárias para a esperada transformação social. Em vez disso, retornou a “pedagogia do terror”, a maneira pela qual os grupos armados amedrontam a população civil, a obrigam a pagar “vacinas”¹ e a encham de ansiedade e desesperança (Sánchez, 2020). Podemos constatar nas histórias individuais e das famílias uma verdadeira clínica da crueldade (Fernández, 2013). Uma realidade em que a falta de garantias básicas (alimentação, segurança, educação) se mistura à intensa violência de gênero, ao abuso intrafamiliar, ao alcoolismo (sobretudo nos homens), à violência contra os ecossistemas e as espécies nativas, e a uma das realidades mais alarmantes, o recrutamento de menores.

Meninos e meninas são sequestrados pelas forças armadas, afastados de suas famílias e alienados como força de guerra. Em outras ocasiões são os próprios menores que, diante de uma realidade familiar violenta ou excessivamente precária, decidem se juntar aos grupos armados, como promessa de um modo de vida pelo menos diferente do indígena e camponês, que de maneira lamentável fica à mercê da politópica crise caucana.

Em face desse panorama hostil, os Nasa, em sua reunião de povos irmãos, continuam a fazer germinar a semente de Gaitana: eles acolhem a multiplicidade de povos do território, com suas necessidades, num organismo ancestral próprio chamado Guarda Indígena. Trata-se de um grande grupo de resistência, unidade e autonomia na defesa territorial que inclui um plano de vida para as comunidades indígenas. Eles se identificam não tanto como estrutura policial, mas como estrutura huma-

1. N. do T.: no original, *vacunas* – termo usado para se referir a taxas cobradas ilegalmente da população por organizações criminosas.

nitária e de resistência civil (Cric, 2024). Entre suas várias funções, a guarda está comprometida com a proteção das “sementes da vida”. Por *sementes*, eles se referem à infância. Para isso, promovem o desenvolvimento de processos pedagógicos alternativos, sendo um deles o *Kiwethesagwex Luuç* (que significa “crianças guardiãs da semente, do território, da vida e da cultura”).

A iniciativa, que tem origem na Guarda Indígena, é adotada por milhares de pessoas, que são formadas como “dinamizadores” do território. Entra em cena aí o desejo de transformação dos que sofreram a violência em sua própria história e dos descendentes que se identificam com a luta. Todos eles investem energia vital em centenas de processos que cultivam nas infâncias a riquíssima identidade cultural nasa, que como vimos condensa uma forte catexia comunitária, relacionada à sobrevivência enquanto povo originário e à recuperação de seu território, tanto o concreto quanto o psíquico.

Kiwethesagwex Luuç é um processo com 34 meses de idade. Especificamente, os formadores são membros de uma mesma família. São três irmãos que se reúnem para cuidar de suas crianças e de crianças das veredas² vizinhas. Sua metodologia é itinerante: as crianças saem aos sábados para desenvolver cinco diferentes linhas de aprendizado, das dez sugeridas pelo Conselho Regional do Cauca – alimentação própria, dança, música, aprendizado da própria língua (o nasayuwe) e exploração territorial. Descrito pelos formadores como uma “pedagogia da esperança”, o aprendizado se dá pelas veredas, resistindo ao confinamento em salas de aula, estratégia monodisciplinar e hierarquizante que eles relacionam com a colonização e a evangelização católica.

No espaço aberto das montanhas, as crianças aprendem outros modos de se relacionar com a vida. No *tul nasa* (que significa “horta

comunitária”), elas aprendem a identificar as plantas e a reconhecer seus usos, observando o crescimento dos alimentos próprios (chamados *próprios* não só por serem endêmicos, mas também por não fazerem parte das cadeias massivas de produção e distribuição); além disso, aprendem a cuidar dos animais, criando assim parentescos transespecíficos (Haraway, 2016/2019). Os brinquedos de plástico, tão indispensáveis para as crianças da cidade, não fazem falta; ali a fantasia ainda transcorre entre as árvores. Essa é sua rebelião espontânea contra o Capitaloceno (Haraway, 2016/2019).

A intenção dos formadores em relação a essas sementes é “tornar a vida mais vivível para eles”, e com esse objetivo propõem que o aprendizado deve ser experimental, vincular, e estar ligado aos saberes da natureza. As habilidades de cada criança são desenvolvidas a partir de sua integridade pessoal; seu desenvolvimento é medido em termos da liberdade adquirida em sua expressão e em sua capacidade de brincar, em áreas que elas mesmas escolhem. Algumas sonham em se tornar professores, o que mostra o frutífero intercâmbio emocional que leva a identificações mútuas muito benéficas para a comunidade: a criança se identifica com o professor e assim estimula seu instinto epistemológico, reconhecendo-se como agente de transmissão (situação que sabemos ser muito relevante para a saúde intergeracional), enquanto o dinamizador se identifica com a criança, em seu desejo de brincar e (se) explorar permanentemente. Desse modo, os formadores podem se aprofundar na reparação de aspectos de sua própria infância, aspectos postos a serviço da comunidade, com base na regeneração do objeto empático do *self* (Kohut, 1977/1980), bem como do grupo interno (Pichon-Rivière, 1971).

Essa concentração dos progenitores e cuidadores das sementes – em relação à relevância daquilo que habita a transmissão intergeracional – permite que o trauma coletivo, como o que representa o constante assassinato de líderes sociais, continue a ser elaborado, inclusive

pelas crianças, que em suas cantigas de roda se referem a como o irmão assassinado existe em sua memória e lhes dá força para amar a vida e a paz que dela emana. Esse redirecionamento do traumático e do pulsional violento para a arte faz as vezes de função simbólica, cuja ausência durante séculos significou para o território uma transmissão alienante, em que não parecia haver outra opção senão a violência e sua loucura (Ciccone, 1998).

Pelo menos catorze famílias da vereda tornaram a se aproximar das expressões artísticas próprias de seu povo Nasa, pelo contato de seus filhos com elas no processo de educação alternativo. O trabalho do luto, a luta contra a potencialidade psicótica, a transmissão transpsíquica saudável (Kaës, 1993/1996) emanam do rosto de crianças expressivas e brincalhonas, nutridas pela herança, em seu ser verdadeiro. As gerações vindouras fazem justiça aos milhares de crianças raptadas de sua infância pela guerra, sementes nutridas numa cotidianidade criativa sustentada pela rede vital de seu povo. Os adultos gritam: “Guarda! Guarda!”, e as crianças respondem: “Força! Força!”.

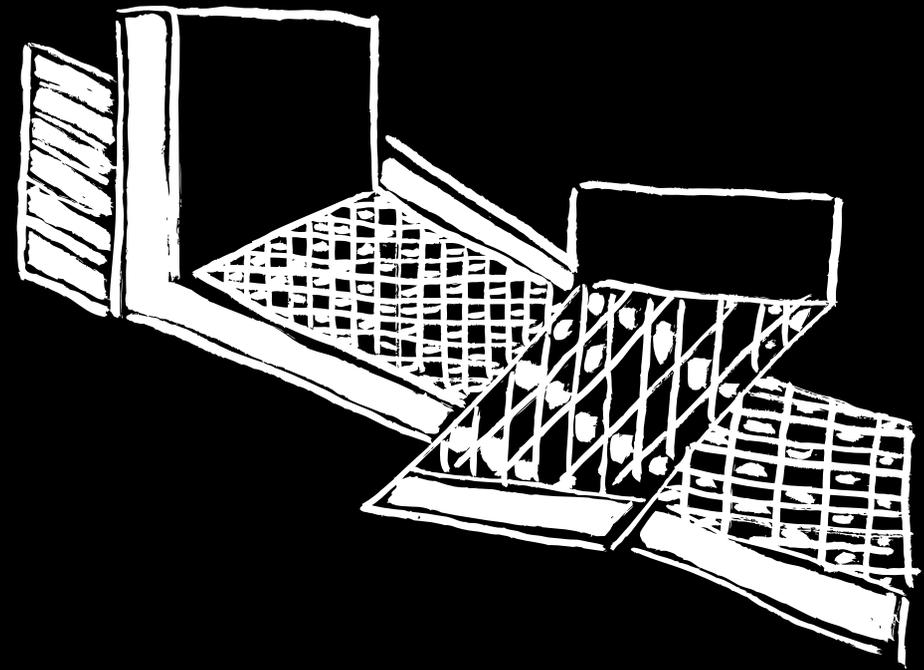
Referências

- Ciccone, A. (1998). Intrusión imagoica y fantasía de transmisión. Em A. Eiger, A. Carel, F. André-Fustier, F. Aubertel, A. Ciccone & R. Kaës, *Lo generacional: abordaje en terapia familiar psicoanalítica*. Amorrortu.
- Consejo Regional Indígena del Cauca [Cric]. (2024, 20 de novembro). *Guardia Indígena*. <https://tinyurl.com/4u7f2wvb>
- Fernández, A. M. (2013). Las marcas de infancias abusadas: una clínica psicoanalítica de la crueldad. Em H. Lerner (org.), *Los sufrimientos: 10 psicoanalistas, 10 enfoques*. Psicolibro.
- Haraway, D. J. (2019). *Seguir con el problema: generar parentesco en el Chthuluceno*. Consonni. (Trabalho original publicado em 2016)

- Kaës, R. (1996). Introducción: el sujeto de la herencia. Em R. Kaës, H. Faimberg, M. Enriquez & J. Baranes, *Transmisión de la vida psíquica entre generaciones*. Amorrortu. (Trabalho original publicado em 1993)
- Kohut, H. (1980). *La restauración del sí-mismo*. Paidós. (Trabalho original publicado em 1977)
- Pichon-Rivière, E. (1971). *Del psicoanálisis a la psicología social*. Galerna.
- Sánchez, R. (2020). *Relato de la guerra en el Cauca*. Fundación Friedrich Ebert Stiftung.
- Volkan, V. (2018). *Psicología de las sociedades en conflicto: psicoanálisis, relaciones internacionales y diplomacia*. Herder. (Trabalho original publicado em 2014)

Tradução do espanhol: Ricardo Duarte

2. N. do T.: na Colômbia, o termo *vereda* se refere a um tipo de divisão administrativa dos municípios.



Incidente

A potência da sedução

Incidente apresenta algo que insiste em se fazer escutar, que espera no fundo do tinteiro para ser escrito ou deslizar por entre as brechas das conversas. Por definição, não se procura o incidente: ele se revela. E, uma vez que irrompe e o pronunciamos, ele nos toca, modificando nosso devir.

Em “Teoria do sedutor”, como Freud no passado, Laurent de Sutter conduz o leitor por uma trama em que vai sutilmente construindo um conceito nobre, para num segundo momento fazer uma inversão que põe esse conceito em questão, abrindo para uma nova perspectiva e novas perguntas. De modo contraditório, no fim das contas, o sedutor seria nada mais nada menos que um anti-herói necessário para impedir a sedução. Com perspicácia, o autor propõe que, antes da busca do prazer, o que mais nos seduz é a evitação do desprazer, um retorno ao inorgânico que está encarnado na ordem. Nessa versão, Dom Juan seria, por um lado, o guardião do *status quo*, visto que, ao condená-lo, evitaríamos a sedução/caos, conservando a ordem. No entanto, ao mesmo tempo, ele também poderia ser o artífice de uma desordem/sedução indispensável à vida.

Jorge Reitter, em “A sedução do saber e o desejo do psicanalista”, ao abordar um tema candente como é hoje a diferença sexual, defende muito bem a ideia de não se deixar seduzir pelo poder da transferência, pelo “poder do saber” que é invariavelmente usado a favor da normatização – inclusive no âmbito da psicanálise.

Incidente trata da sedução inerente ao poder. Nesse caso, de uma sedução normativa, que age em detrimento da experiência do inconsciente e do desejo, retirando da sexualidade tudo o que é sedutor e subversivo. Pensamos que haveria uma sedução na normatividade – que é mortífera – e uma sedução necessária como desordem da ordem, um lugar indômito, onde se encontraria a potência da sedução.

Tradução do espanhol: Ricardo Duarte



Roberto Huarcaya
Naturaleza viva [Natureza viva] (1997). Série que surge intuitivamente depois de trabalhar pouco mais de um ano no hospital psiquiátrico e um mês no necrotério. Foto 4. Cibachrome, 1 m x 1,40 m.

* Sociedade Brasileira de Psicanálise de São Paulo.

** Asociación Psicoanalítica de Asunción.

Teoria do sedutor

A. O que é um sedutor? Ninguém sabe. Ninguém sabe porque ninguém jamais se preocupou em examinar o surgimento da figura do sedutor – em observar sua aparição, sua cristalização e sua transformação.¹ O sedutor, como tantas outras figuras do mundo da cultura, pertence ao domínio dos arquétipos: ele é a encarnação de uma generalidade sem efeito. A história da literatura produziu as maiores figuras dessa generalidade: Dom Juan, Casanova, Valmont, James Bond – vários nomes que reverberam hoje uma melodia *cringe*. Contudo, essa história nunca se preocupou em considerar como escolheu tais figuras – ou melhor, como as *herdou* de algo que está além dela. Quando o sedutor entra em cena no campo das letras, porém, é como representante de um modo de conceber certo estado do mundo que é tudo menos literário – tudo menos artístico. O sedutor, de fato, encarna um *perigo* – e esse perigo acaba sempre na necessidade de pagar um preço: o inferno, a decadência, o ridículo ou a nulidade. Longe de ser apenas um tipo fascinante de hápax humano que salta de cama em cama, o sedutor se apresenta antes de tudo como uma *infração* – como um delito que exige a punição daquele que o cometeu. Ou seja, o sedutor é antes de tudo um *criminoso*: é aquele que, com seu comportamento, viola as regras capazes de reger o domínio das relações de desejo entre seres humanos. Ele não é uma alegoria, uma imagem, um símbolo nem um sintoma; ele é o alvo muito concreto de um conjunto de dispositivos jurídicos cujo objetivo é permitir a manutenção da *ordem familiar* (Donzelot, 1979). Para haver um sedutor, é preciso haver sedução – e a sedução, pelo menos na história europeia, tem sido uma das principais preocupações daqueles para os quais promulgar normas de *boas relações* deveria ser uma prioridade. Antes que a literatura passasse a cantar os méritos (ou deméritos) dos sedutores, os juristas já tinham fixado sua realidade, sob a forma de um conjunto de traços específicos daquele que vem *interromper a família*. Porque esta é a crítica que sempre foi feita ao sedutor: de agir, a partir de um exterior indesejável, para perturbar o mecanismo normal de transmissão da filiação e do patrimônio – isto é, o casamento. Não há outra definição do sedutor: ele é o destruidor do casamento.²

B. De fato, por muito tempo, não foi tanto a sedução em si o que interessou aos juristas, mas a violência pela qual um indivíduo (hipoteticamente do sexo masculino) tentava se apoderar de outro (hipoteticamente do sexo feminino) para torná-lo seu cônjuge. Os juristas romanos, em particular, dedicaram esforços consideráveis para tentar circunscrever os limites do que chamavam de *raptus* – isto é, o estupro com o objetivo de forçar uma menina núbil a se casar (Papakonstantinou, 2020).³ Embora tivessem uma relação ambivalente com o estupro (Roma foi fundada com o estupro de Reia Sílvia por Marte), os romanos também nutriam uma constante preocupação com a questão da *continuidade* (Sutter, 2023). Para eles, interessava a possibilidade de que aquilo em que se assentava a estrutura da sociedade romana (ou seja, a família patriarcal) se perpetuasse tanto material quanto geneologicamente. A solução de continuidade organizada pelo direito romano baseava-se, portanto, na transmissão do nome por meio da filiação, e na transmissão do patrimônio por meio da assunção da *patria potestas* (Thomas, 1986/2005).⁴ Nesse contexto, tudo que pudesse interromper o curso normal da transmissão do nome e do patrimônio era considerado indesejável. O *raptus* era uma das causas de interrupção que o direito romano perseguia com rigor – porque, com ele, se introduzia uma bifurcação na lógica da continuidade familiar. Aquele que estuprava uma menina para se casar com ela atentava não apenas contra o próprio corpo da família, do qual a menina era uma espécie de membro, mas também contra a *ordem* da continuidade. No entanto, para os romanos, a sedução propriamente dita (*se-ducere*, em latim) não entrava na equação – pelo menos, a sedução entendida como tentativa de ser amado ou desejado por alguém a fim de convencê-lo a se casar (*ducere*, em latim, significa “casar”, “desposar”). Havia limites legais suficientes para se desvencilhar de um ou de uma indesejável que tentasse se impor – visto que o casamento de uma criança *in patria potestate*, na época, exigia o consentimento dos pais para ser considerado válido (Girard, 1906/2003).⁵ Desde que não implicasse violência, a “simples” sedução podia ser ignorada: ela não era capaz de desafiar a ordem romana da continuidade familiar.

C. *A fortiori*, foi esse o caso para os teólogos cristãos, os quais, desde o século XII, entendiam que o casamento, por ser um sacramento que diz respeito apenas aos cônjuges que se unem diante de Deus, não precisava nem mesmo do consentimento dos pais para ser considerado válido. A sedução está ausente da doutrina canônica do casamento pela simples razão de que, desde que não haja violência, os sentimentos e os juramentos trocados por dois cristãos pertencem ao domínio particular da graça divina (Melchior-Bonnet & Salles, 2009).⁶ Isso, porém, não agradava a todos. Primeiro, não agradava aos protestantes, para quem era absurdo considerar o casamento um sacramento, visto que o próprio Deus era apenas uma testemunha, e não o agente decisivo (Weis, 2019). Depois, ao poder real, que pri-

* Vrije Universiteit Brussel.

1. Ver os estudos reunidos em *Séduction et sociétés: approches historiques* (Dauphin & Farge, 2001). Uma tentativa geral, no entanto, foi empreendida por Robert Muchembled em *La séduction: une passion française* (2023).

2. Para uma formulação canônica dessa definição, ver Fournel (1781) e Hoarau (2021).

3. Ver também Papakonstantinou (2024).

4. Ver também Thomas (2017).

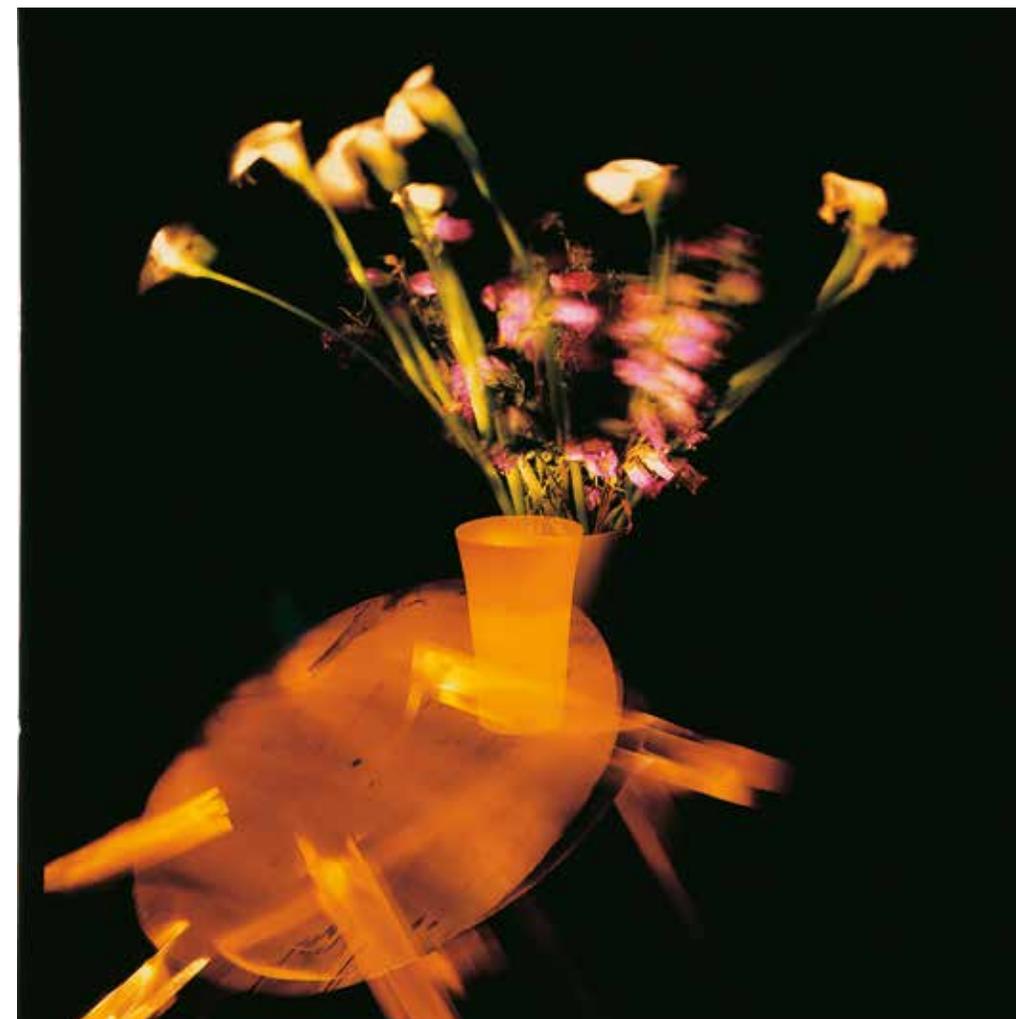
5. Sobre esse ponto, ver Rey (2024).

6. Ver Gaudemet (1987) e Bologne (1995).

meiramente na França decidiu dar ouvidos a um conjunto de demandas da sociedade – demandas que, por outro lado, satisfaziam o desejo real de intervir cada vez mais na vida dos súditos (Vickermann-Ribémont & White-Le Goff, 2014). Quando Henrique II publicou seu édito sobre “casamentos clandestinos” em 1559, ele se tornou o primeiro soberano a intervir num dispositivo até então de domínio exclusivo da Igreja – e a fazê-lo de um modo que contrariava a doutrina desta. Os conflitos que se seguiram entre a realeza e o papado duraram até o Concílio de Trento, que reiterou a doutrina oficial da Igreja, levando os juristas franceses a propor um acordo – o qual resultou na Ordenação de Blois, de 1579. Segundo essa ordenação, a lição do concílio devia ser respeitada (o casamento é um sacramento que não pode ser invalidado por falta de consentimento dos pais), mas ainda assim se abria a porta para uma nova causa de invalidação: o rapto sedutor (Duguit, 1886). Em vez de atribuir a anulação de um casamento à falta de consentimento dos pais, ela era atribuída a uma *presunção*: se não houvesse consentimento, se deveria presumir ter havido sedução. Esse casamento só poderia se realizar em nome de falsas promessas – o que equiparava tais promessas ao rapto, ainda que ele tivesse acontecido sem violência. A sedução assumiu, enfim, uma forma definitiva no âmbito do direito: ela era o equivalente jurídico estrutural da violência, uma vez que dava origem ao rapto, mas se diferenciava pelo fato de que a violência envolvida era mais simbólica do que física.

D. A ideia de um rapto sedutor que replicaria o rapto violento conhecido desde os romanos era tão brilhante quanto contraditória – sobretudo, era uma ideia que reintegrava a sedução ao interior da ordem familiar, pois agora era da vontade real supervisioná-la. O sedutor não é mais aquele que perturba uma ordem que não se pode tocar, mas aquele cujas palavras e ações presumidamente se voltam *contra* essa ordem – e portanto contra o poder real que visa garanti-la (Baudrillard, 1979; Olender & Sojcher, 1980).⁷ *A sedução é a desordem* – uma desordem sem brutalidade nem violência, mas ainda assim desordem, porque produz um afrouxamento, uma distensão, no interior do sistema de decisões e normas que define o que é uma família dentro do espaço real. *Mas é a desordem que essa ordem precisa*, a desordem que a ordem *presume* para se reconstituir em torno do que forma suas prioridades: filiação linear, autoridade vertical, submissão ao poder, primazia da regra sobre a vontade. Portanto, ao presumir a sedução, a Ordenação de Blois também presumia que quem agisse na direção contrária não agiria de fato – e que qualquer ação feita sob essa presunção era uma ação que poderia ser anulada. *Aquele que foi seduzido não é mais ele mesmo* – desse modo, é necessário devolvê-lo a si mesmo, *colocá-lo de volta em seu lugar* no interior do espaço familiar e ao mesmo tempo nacional. Mas essa presunção, como todas as semelhantes, era um mecanismo de ficcionalização: ao presumir, se afirmava a realidade de algo que se sabia não ter acontecido – em nome de outra coisa, de algo mais importante (Thomas, 2011). Presumir a sedução era, de certa maneira, *fantasiar* as promessas que tornariam possível, por conseguinte, reconstruir um muro ao redor da moralidade familiar – um muro ao

7. Essa ideia faz parte do que poderíamos chamar de *teoria boomer da sedução*, cuja popularidade segue intacta.



Roberto Huarcaya
Naturaleza viva [Natureza viva] (1997). Série que surge intuitivamente depois de trabalhar pouco mais de um ano no hospital psiquiátrico e um mês no necrotério. Foto 3. Cibachrome, 1 m x 1,40 m.

redor da ordem das coisas, ou seja, a lógica legítima da transmissão do poder. É por isso que, quando Jacques Lacan (1962-1963/2004) descreveu a figura de Dom Juan como “uma fantasia feminina”, ele não estava enganado: o sedutor é de fato uma fantasia – no sentido de algo que vem de um imaginário sem real, salvando o simbólico. *O sedutor é o álibi da ordem*; ele é o seu reverso – assim como, na peça de Molière, o comendador não é outra coisa senão a imagem invertida do próprio Dom Juan (e vice-versa). O sedutor é o que impede toda sedução.

E. Disso cabe tirar a seguinte conclusão: só a ordem seduz.

Referências

- Baudrillard, J. (1979). *De la séduction*. Galilée.
- Bologne, J.-C. (1995). *Histoire du mariage en Occident*. Lattès.
- Dauphin, C. & Farge, A. (org.) (2001). *Séduction et sociétés: approches historiques*. Seuil.
- Donzelot, J. (1979). *La police des familles*. Minuit.
- Duguit, L. (1886). Étude historique sur le rapt de séduction. *Nouvelle Revue Historique de Droit Français et Etranger*, 587-625.
- Fournel, J.-F. (1781). *Traité de la séduction, considéré dans l'ordre judiciaire*. Demonville.
- Gaudemet, J. (1987). *Le mariage en Occident*. Cerf.
- Girard, P.-F. (2003). *Manuel élémentaire de droit romain*. Dalloz. (Trabalho original publicado em 1906)
- Hoarau, F. (2021). Le rapt de séduction dans la doctrine pénale des XVIIe-XVIIIe siècles. Em C. Borello, C. Regina & G. Vickermann-Ribémont (org.), *Séduire du Moyen-Âge à nos jours: discours, représentations et pratiques*. Garnier.
- Lacan, J. (2004). *Le séminaire, livre 10: l'angoisse* (J.-A. Miller, ed.). Seuil. (Trabalho original publicado em 1962-1963)
- Melchior-Bonnet, S. & Salles, C. (2009). *Histoire du mariage*. Robert Laffont.
- Muchembled, R. (2023). *La séduction: une passion française*. Les Belles Lettres.
- Olender, M. & Sojcher, J. (1980). *De la séduction*. Aubier.
- Papakonstantinou, N. (2020). Le raptus saisi par le droit: enseigner un crime dans les écoles de rhétorique à Rome (1^{er}-2^{ème} siècles). *Clio: Femmes, Genre, Histoire*, 52, 21-41.
- Papakonstantinou, N. (2024). *L'émergence du "crimen raptus" à Rome: le système du Pseudo-Quintilien entre rhétorique judiciaire et 'ius'*. De Gruyter.
- Rey, S. (2024). *Manus: une autre histoire de Rome*. Albin Michel.
- Sutter, L. (2023). *Éloge du danger: propositions 2*. PUF.
- Thomas, Y. (2005). À Rome, pères citoyens et cités de pères. Em A. Rousselle, G. Sissa & Y. Thomas, *La famille en Grèce et à Rome* (pp. 65-126). Complexe. (Trabalho original publicado em 1986)
- Thomas, Y. (2011). *Fictio legis: l'empire de la fiction romaine et ses limites médiévales*. Em M.-A. Hermitte & P. Napoli (ed.), *Les opérations du droit* (pp. 133-186). EHESS; Gallimard; Seuil.
- Thomas, Y. (2017). *La mort du père: sur le crime de parricide à Rome*. Albin Michel.
- Vickermann-Ribémont, G. & White-Le Goff, M. (ed.). (2014). *Rapts: réalités et imaginaires du Moyen-Âge aux Lumières*. Garnier.
- Weis, M. (2019). Le mariage protestant au 16^{ème} siècle: désacralisation du lien conjugal et "nouvelle sacralisation" de la famille. *Vínculos de Historia*, 8, 134-151.

Tradução do francês: Ricardo Duarte

Calibán -
RLP, 23(1),
157-161
2025

Jorge N. Reitter*

A sedução do saber e o desejo do psicanalista**

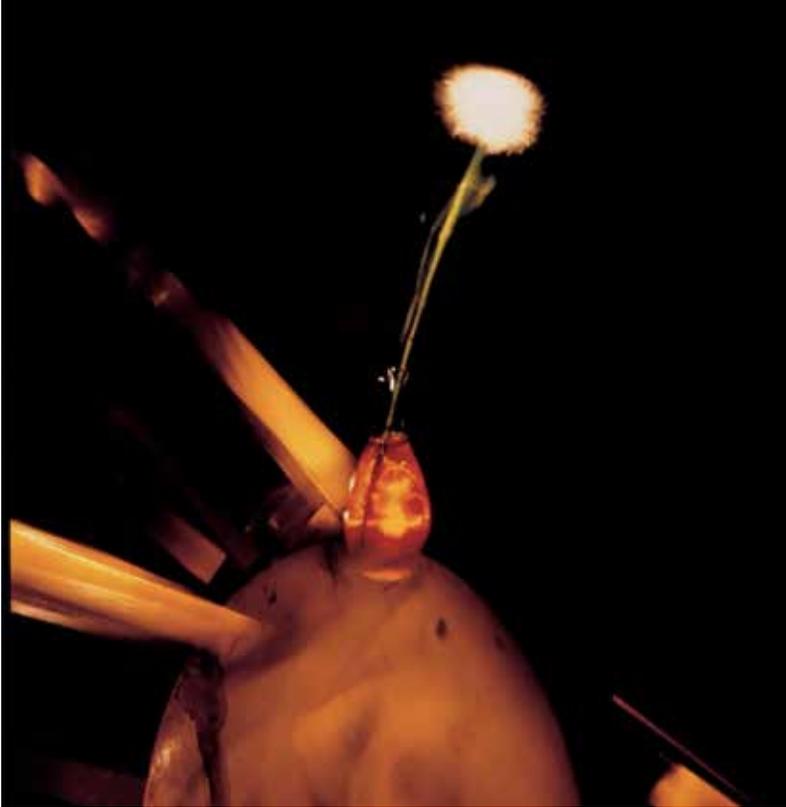
No espaço limitado de que disponho, quero me concentrar em qual é, a meu ver, o lugar que corresponde a nós, enquanto psicanalistas, diante das muitas mutações contemporâneas na forma de perceber, de viver, de experimentar gêneros e erotismos hoje. Também vou considerar qual é, a meu ver, a tentação que devemos evitar se quisermos nos sustentar como psicanalistas. É uma questão relativamente simples, mas fundamental, porque penso ser em relação a isso que há mais discordâncias. É simples, mas não é fácil, como mostra o fato de que correntes psicanalíticas muito heterogêneas tiveram, e ainda têm, bastante dificuldade de permanecer analistas diante da diversidade sexual ou diante dos gêneros que escapam ao binário homem/mulher. Nesse sentido, não é indiferente que as múltiplas faces de Eros, como diz Joyce McDougall (1996/2005), tenham feito sua entrada na teoria psicanalítica como "aberrações sexuais", caracterização que já trazia implícita uma leitura biológica (ou seja, não psicanalítica) da diferença sexual.

A maneira de ler a diferença sexual está em constante estado de mutação. Há algumas décadas, não sem muita luta, vem se abrindo um campo lúdico e experimental para que cada um encontre um lugar não restrito apenas a dois compartimentos, homem ou mulher, nem apenas à relação "entre os sexos". Claro, não é papel da psicanálise propor ou promover essas novas potencialidades, mas também não deveria ser restringi-las, censurá-las ou patologizá-las. A sedução que devemos evitar, penso eu, é a de nos erigirmos em especialistas em sexualidade, o que muito facilmente deriva para a polícia da boa sexualidade. Felizmente, ninguém pede permissão aos psicanalistas para decidir o modo de se nomear em relação ao que chamamos de gênero, ou o modo de desfrutar de seu corpo e do corpo de outros. Os movimentos e ativismos que foram mudando a maneira de ler a diferença sexual, os gêneros e as eróticas não requerem nem a teoria nem a práxis da psicanálise, embora alguns tenham encontrado inspiração nos aspectos mais *queer* da teoria psicanalítica, enquanto outros se concentraram em interpelar os aspectos mais conservadores e normativos da teoria e da práxis da psicanálise.

Como psicanalistas, temos uma responsabilidade, e grande, com aqueles que nos procuram para encontrar uma resposta a suas angústias, medos, limitações, sentimentos de culpa etc. Temos a responsabilidade, se quisermos oferecer uma psicanálise, de nos retirar de qualquer lugar de saber sobre o bem que o analisante

* Escuela Libre de Psicoanálisis.

** Este texto é uma elaboração da apresentação que fui convidado a fazer no 35º Congresso Latino-Americano de Psicanálise, da Fepal, na mesa que tinha por título "A diferença sexual hoje".



Roberto Huarcaya
Naturaleza viva [Natureza viva] (1997). Série que surge intuitivamente depois de trabalhar pouco mais de um ano no hospital psiquiátrico e um mês no necrotério. Foto 5. Cibachrome, 1 m x 1,40 m.

nos atribua. O poder que a transferência nos confere pode fazer quem nos consulta nos convidar a ocupar o lugar de especialista do sexo. E é aí que muitas vezes as psicanálises funcionaram, contra seu espírito mais próprio, de modo conservador e normativo. Isso é lamentável, porque o mais próprio da psicanálise, o que a fundou como discurso e como práxis completamente nova, foi exatamente o contrário: ter sido a práxis que, ao evitar propor qualquer ideal, abriu um campo para o desejo, o mais aberto, o mais indeterminado. É bom lembrar que a psicanálise foi fundada a partir da hipnose, e que a tentação de recair nela está sempre presente.

Sempre me chamou a atenção que Freud, no contexto de sua teorização sobre a diversidade sexual, tenha tornado a falar de sugestão ou de “convencer”. Numa nota de rodapé dos *Três ensaios sobre a teoria sexual* (1905/1978), Freud afirma: “Tal revolta contra a compulsão à inversão poderia ser a precondição para a influência mediante o tratamento por sugestão”¹ (p. 125, nota 5). Além de não haver nenhum questionamento no texto sobre a origem da “revolta contra a compulsão à inversão” (sem passar por alto o fato de que dificilmente sealaria de uma “compulsão à heterossexualidade”), não me parece indiferente que o próprio criador da psicanálise, num texto em que está teorizando, a partir de um discurso psiquiátrico

1. N. do T.: tradução de P. C. Souza. A citação está na p. 23, nota 4, de: Freud, S. (2016). *Três ensaios sobre a teoria da sexualidade*. Em S. Freud, *Obras completas* (vol. 7, pp. 13-172). Companhia das Letras. (Trabalho original publicado em 1905)

(ou seja, não psicanalítico) a respeito da “inversão”, faça um retrocesso a seu período hipnótico e apele para a sugestão. Influenciar a “compulsão à inversão” através da sugestão já é uma tentativa de normalizá-la, o contrário da via analítica.

De maneira similar, no histórico antipsicanalítico de Freud “Sobre a psicogênese de um caso de homossexualidade feminina” (1920/1976), lemos: “Via de regra, o homossexual não consegue abandonar seu objeto de prazer; não é possível convencê-lo de que, caso mudasse, reencontraria no outro objeto o prazer a que renuncia”² (p. 145). Mas se alguém *está* analista, não precisa convencer ninguém de nada – além do disparate que supõe, num psicanalista, imaginar que o objeto dos investimentos originários pode ser substituído por outro mais adequado à conveniência das normas sociais. Ao assinalar essas regressões freudianas à sugestão, não é meu interesse criticar Freud, que tanto fez. Isso seria de muito curto alcance. O que tento mostrar é que não ler o dispositivo normativo que se instalou na psicanálise (e do qual ainda não nos libertamos) – por exemplo, com o conceito de “perversão” da *scientia sexualis*, que está sendo elaborado contemporaneamente – nos leva, para além de nossas melhores intenções, a reinstalar dispositivos normativos, embora recobrando-os com um vocabulário e uma teorização psicanalítica.

Creio ser importantíssimo que, enquanto psicanalistas, não nos deixemos seduzir pela tentação de ocupar o lugar de especialistas que aplicam um saber prévio sobre o que seria, em qualquer sentido, bom ou saudável para quem nos consulta. Isso é muito importante, visto que, por razões bastante complexas, que não vou desenvolver neste espaço,³ a psicanálise fez um uso muito conservador e normativo do lugar que a diferença sexual anatômica ocuparia no modo como cada um se subjetiva. Isso levou a estabelecer que o modo como cada um atinge o orgasmo teria uma relevância muito grande para o desenvolvimento de uma análise. A “aceitação” da diferença sexual anatômica foi homologada à aceitação da “castração” enquanto operação fundamental do sujeito no que se refere à falta. Nessa lógica, só os heterossexuais teriam alcançado uma relação com o mundo, com os outros e com o sexo não afetada por uma recusa.

A heteronormatividade da psicanálise está ligada, então, à persistência, no campo da psicanálise, de um conceito com consistência psicanalítica bastante duvidosa, a “perversão”. Num artigo muito interessante sobre o tema, Tim Dean (2023) se pergunta onde foram parar os perversos que pululavam no século XIX, mas que praticamente desapareceram no século XXI, e responde o seguinte:

Seria plausível considerar o fim do século XX como a era da virtual extinção do perverso, se não fosse por sua longevidade no discurso psicanalítico francês. Hoje, se alguém quiser ver criaturas como o búfalo, que tinha uma população surpreendentemente grande no século XIX, precisará ir ao zoológico; da mesma forma, se alguém quiser observar

2. N. do T.: tradução de P. C. Souza. A citação está na p. 120 de: Freud, S. (2011). *Sobre a psicogênese de um caso de homossexualidade feminina*. Em S. Freud, *Obras completas* (vol. 15, pp. 114-149). Companhia das Letras. (Trabalho original publicado em 1920).

3. Para um desenvolvimento mais amplo desse tema, consultar meu livro *Edipo gay: heteronormatividade y psicoanálisis* (Reitter, 2018).

os perversos no século XXI, precisará recorrer ao lugar aonde foram encurralados: as páginas da École de la Cause Freudienne. (p. 5)

A persistência de uma categoria que sem dúvida foi bastante prejudicial para muitas pessoas pode, pelo menos, nos propor um questionamento, desde que não nos deixemos seduzir pela suposta infalibilidade da palavra de um mestre.

Existe hoje uma extensa literatura, dentro e fora da psicanálise, que nos permite repensar essas categorias. Qualquer que seja nossa opinião a respeito das decisões de nossos analisantes, sobre os modos como se nomeiam, vivem seus prazeres ou atingem o orgasmo, ela não tem a menor importância na condução de uma análise. Nossa tarefa se limita a acompanhar, seguindo a bússola do sintoma-desejo, o percurso que cada analisante quiser (e puder) fazer. A via analítica se diferencia de qualquer outra psicoterapia por preservar um lugar central de não saber, justamente o lugar onde o sujeito a advir poderá se alojar. É ali, nesse vazio de saber, onde mais está em jogo o desejo do psicanalista. Num texto publicado na revista *Topía*, Ricardo Estacolchic (2020) considera que esse lugar de não saber preservaria o lugar da psicanálise diante da exuberante proliferação de saberes psi. Em seu texto, um psicanalista se pergunta, em 2050, sobre a persistência da psicanálise, e responde:

Se eu for ingênuo, direi: que grande alívio, que liberdade ter encontrado uma pessoa, pelo menos uma, que não sabe nada de mim, porque os outros acham que sabem tudo! É possível que esse ignorante, o psicanalista, me ajude a encontrar a dignidade perdida entre as telas que tudo sabem e os monitores de tantos sábios... Quem sou eu? O que eu quero? (p. 16)

Num artigo em que trata das muitas mudanças atuais em relação a sexualidades, gêneros, sexuações e práticas eróticas, Facundo Blestcher (2023) afirma: “Diante do surgimento dessas transmutações, muitos psicanalistas ficam divididos entre o desdém e a indignação” (p. 20). É claro que cada um pode opinar o que quiser sobre as mudanças nas sexualidades e nos gêneros, segundo sua sensibilidade, seus gostos, seus temores, seus ideais, sua moral etc. Enquanto cidadãos, podemos nos indignar ou desdenhar, podem não nos agradar, mas só poderemos *estar* psicanalistas se deixarmos completamente de lado nossos gostos, nossas opiniões, nossos preconceitos, nossos ideais, nossas concepções, e nos guiarmos pela única coisa que nos orienta autenticamente como psicanalistas: o que faz sintoma no analisante e o que vai querendo (e podendo) fazer com isso. O saber fazer do analisante, não o suposto saber do psicanalista.

Vêm a minha mente duas anedotas que me parecem significativas nesse sentido. Um supervisorante *gay* (já vamos ver como essa informação é relevante), que está fazendo sua formação na França, me conta que seu tutor o consultou sobre um analisante que decidiu estabelecer relacionamentos poliamorosos. Acho interessante que esse tutor, na França (onde a figura do professor tem um peso importante), inverta a relação de poder para pedir opinião ou conselho a um aluno, e me

parece significativo que escolha para isso um aluno *gay*, como se atribuisse aos *gays* um maior saber a esse respeito (e talvez tenha razão, não porque os *gays* sejam mais inteligentes, mas porque não estão situados no centro do poder e da norma). De fato, esse docente pergunta se estabelecer esse tipo de relacionamento poliamoroso é bom ou mau, e esclarece que, para ele, como heterossexual, é algo difícil de entender. No momento em que faz essa pergunta, o analista cai de seu lugar:⁴ resistências do analista, preconceitos que não têm nada a ver com a escuta psicanalítica – preconceitos, no entanto, muito enraizados na forma como um discurso psicanalítico sobre a sexualidade foi sendo tecido ao longo do tempo.

A segunda anedota aponta na mesma direção. Num congresso em Montevideu, em referência às novidades que a experiência trans comporta para os modos de pensar as subjetividades e as relações, uma analista alude à possível adversidade decorrente das mudanças que, para os psicanalistas, “são difíceis de aceitar”. Valorizo a honestidade intelectual, e claramente me parece muito melhor reconhecer que há questões difíceis de aceitar do que negar isso (negar é a melhor forma de preservar), mas eu também diria que, enquanto nos situarmos como tendo que aceitar ou não os modos de subjetivação e de nomeação de um analisante, deixaremos de estar na posição de analistas. Vamos nos tornar vigilantes do bom sexo, o sexo que supostamente (esse é o argumento propriamente psicanalítico) aceita, elabora, subjetiva, não recusa a diferença sexual anatômica.

Os modos de ler e viver com a diferença sexual mudam sem nossa permissão, e é muito bom que seja assim. Acompanhamos nossos analisantes em suas problematizações, não impomos a eles nossas simpatias ou nossas aversões. Nossa tarefa, penso, é nos colocarmos do lado da vida e do movimento, e não do rígido e do instituído.

Referências

- Blestcher, F. (2023). Sexualidades y géneros en fuga. Em I. Meler & F. Blestcher (comp.), *El género... ¿en llamas?* (pp. 19-40). Entreideas.
- Dean, T. (2023). El rostro fijo de las perversiones. *E-dicciones Justine*. <https://tinyurl.com/h3nd65ta>
- Estacolchic, R. (2020). Se los llama psicoanalistas. Em E. Carpintero (comp.), *Un psicoanalista en el 2050* (pp. 15-17). *Topía*. <https://tinyurl.com/yk523nze>
- Freud, S. (1976). Sobre la psicogénesis de un caso de homosexualidad femenina. Em S. Freud, *Obras completas* (J. L. Etcheverry, trad., vol. 18, pp. 137-164). Amorrortu. (Trabalho original publicado em 1920)
- Freud, S. (1978). Tres ensayos de teoría sexual. Em S. Freud, *Obras completas* (J. L. Etcheverry, trad., vol. 7, pp. 109-224). Amorrortu. (Trabalho original publicado em 1905)
- McDougall, J. (2005). *Las mil caras de Eros: la sexualidad humana en busca de soluciones*. Paidós (Trabalho original publicado em 1996)
- Reitter, J. N. (2018). *Edipo gay: heteronormatividad y psicoanálisis*. Letra Viva.

Tradução do espanhol: Ricardo Duarte

4. Gostaria de deixar claro que me parece muito melhor fazer a pergunta do que escondê-la numa falsa aceitação. Ao fazê-la, é possível dar lugar a uma mutação subjetiva; ao negá-la, não.



Roberto Huarcaya
Deseos, temores y divanes [Desejos, temores e divãs] (1990). Série, foto 6. Impressão analógica, 40 cm x 30 cm.

Dossiê:
A palavra

A palavra

*Eu queria ser lido pelas pedras.
As palavras me escondem sem cuidado.
Aonde eu não estou as palavras me acham.*
Manoel de Barros

Quando escreveu *A ilha do dia anterior* (1994/2010), Umberto Eco visitou os mares do sul, na exata localização geográfica onde o livro se passa. Ele observou as cores da água nas diferentes horas do dia, e passou três anos estudando desenhos e modelos de embarcações. No entanto, ele conta em *Confissões de um jovem romancista* (2011/2018) que naquela região teve a impressão de que nenhum idioma humano poderia descrever a abundância e a variedade de cores e formas dos corais e peixes. Surge, então, a questão: como representá-las com palavras? Como narrar a experiência de seu protagonista Roberto, um náufrago do século XVII, diante de uma paisagem que vê pela primeira vez, sem ter na memória qualquer imagem? Roberto sentia-se “como quem deve descrever um círculo quadrado, uma costa plana, um ruidoso silêncio, um arco-íris noturno” (Eco, 1994/2010, p. 131). Por isso, Eco constrói as observações desse breve mergulho ao longo de três páginas, apresentando uma metáfora do próprio processo de escrever e de seu processo de escrita.

Freud também foi um escritor incansável e inaugurou um gênero literário: o caso clínico. Oscilando entre o modelo literário e o científico, ele criou a chamada escrita psicanalítica. Mas não podemos esquecer que, no percurso inicial da psicanálise, foi Anna O. quem cunhou

a expressão “cura pela fala” para se referir ao processo que realizou com Freud por meio de palavras (Breuer & Freud, 1895/2016). E foi durante uma sessão que Emmy von N. lhe sugeriu que a deixasse falar livremente, sem interrompê-la com perguntas. Portanto, foi por meio dessas pacientes pioneiras que ficou claro que é a palavra que marca nosso ofício; é por meio dela que se dá o encontro da dupla, é ela que exige a escuta do analista. Ou, como diz poeticamente Manoel de Barros (1996), “a terapia literária consiste em desarrumar a linguagem a ponto que ela expresse nossos mais fundos desejos” (p. 70).

Um século depois, Anzieu (1987/2000) afirma que, na cura psicanalítica, como na amizade e na literatura, a palavra oral e a escrita têm um poder de pele. Escutar a pele das palavras faz ouvir as falhas narcísicas. E em retorno, a palavra do outro permite que se reconstrua o envelope psíquico continente, tecendo uma pele simbólica equivalente às trocas de contatos táteis originárias entre o bebê e o ambiente materno.

Por sua vez, o escritor, poeta e pintor Henri Michaux (1972) inicia seu livro *Emergences-Résurgences* com esta epígrafe: “Nascido, educado, instruído em um meio e em uma cultura unicamente do ‘verbal’, eu pinto para me descondicionar” (p. 7). Na pintura, diz, encontra-se melhor o primitivo, o primordial, uma vez que ela não faz parte de uma linguagem organizada, codificada, hierárquica. Neste **Dossiê**, a artista plástica Elida Tessler, a partir de outros referenciais, nos conta o percurso poético pelo mundo que a faz tecer em seu trabalho os fios de imagem, objeto e palavra.

As palavras expressam, indicam. Elas constroem narrativas que sustentam concepções de sujeitos, de práticas sociais, de ideologias. Como diz Manguel (2007), por meio de palavras a linguagem não se limita a nomear; ela também confere existência à realidade. Em seu artigo, Bruno Paes Manso mostra como as palavras escoram discursos e propósitos no crime e na religião, retratando a violência da cidade brasileira de São Paulo.

No entanto, se cada sujeito sempre fala de um lugar já dado, a palavra, por sua vez, tem suas brechas, por onde a polissemia de sentidos pode se dar, fazendo metáforas e deslocando sentidos. É a matéria do trabalho psicanalítico. E é justamente por não haver uma coincidência exata entre a palavra e a coisa, por haver fendas da palavra consigo mesma, do emissor e do receptor, que Alma Bolón discute o chamado realismo na literatura.

Além da polissemia de sentidos, temos que considerar a exatidão, o pareamento da palavra traduzida e sua representação fidedigna. É por onde caminha Socorro Soberón, que apresenta o trabalho do tradutor como fruto de diversas concepções a respeito do que é tradução e de diferentes interpretações sobre o original, o que faz da tradução um problema tão antigo quanto o problema da diversidade de línguas.

Ora, a diversidade de línguas é a condenação da ambição dos construtores da Torre de Babel, que foram da língua comum à linguagem como fator de divisão e de segregação. Isso nos alerta para a importância de encontrar um meio comum de comunicação, de entender o que o outro diz e de se fazer entender – ou seja, uma consciência do valor de traduzir experiências em palavras (Manguel, 2007).

Qual a força, quais os usos da palavra? Pode ter o poder de sedução, evocando o sentido original de *seduzir* (*seducere*), como “afastar” ou “desviar”. As palavras de Sherazade impediram a sua morte ao encantar o sultão Shariar, e a poesia de Cyrano de Bergerac fez com que a donzela Roxane se apaixonasse por ele apesar de sua feiura, preferindo o belo

Cristiano. Mas elas também podem ser vazias de conteúdo, como Franco Berardi argumenta em seu trabalho sobre a fenomenologia do ato, que, sem a mediação da ideação ou das palavras, anula a percepção de suas consequências. Podem ser cheias de ódio, mortíferas. Podem ser denegadas. Coibidas, como nas práticas coloniais, que impediam o uso da língua nativa. Sua força libertária pode ser motivo de censura nas ditaduras, uma estratégia odiosa que Gabriela Pesclevi nos apresenta a partir da experiência argentina. Por fim, a troca de palavras entre os autores do Boom latino-americano da década de 1960 é o tema de Augusto Wong Campos, que trata de seus distintos exercícios de escrita e da façanha de terem construído simultaneamente uma literatura de prestígio e um público amplo.

Portanto, caro leitor, são suas as palavras deste **Dossiê**.

Referências

- Anzieu, D. (2000). *O eu-pele* (Z. Y. Rizkallah & R. Mahfuz, trad.). Casa do Psicólogo. (Trabalho original publicado em 1987)
- Barros, M. (1996). *Livro sobre nada*. Record.
- Breuer, J. & Freud, S. (2016). Estudos sobre a história. Em S. Freud, *Obras completas* (L. Barreto, trad., vol. 2). Companhia das Letras. (Trabalho original publicado em 1895)
- Eco, U. (2010). *A ilha do dia anterior* (M. Lucchesi, trad.). Best Seller. (Trabalho original publicado em 1994)
- Eco, U. (2018). *Confissões de um jovem romancista* (C. Marques, trad.). Record. (Trabalho original publicado em 2011)
- Manguel, A. (2007). *A cidade das palavras: as histórias que contamos para saber quem somos* (S. Titan Jr., trad.). Companhia das Letras.
- Michaux, H. (1972). *Emergences-Résurgences*. Albert Skira.

* Sociedade Brasileira de Psicanálise de São Paulo.

Novos discursos e propósitos no crime e na religião

Comecei a pesquisar violência em 1999, quando São Paulo era uma das cidades com as maiores taxas de homicídio do país e do mundo. Consegui uma rara oportunidade de entrevistar homicidas confessos. Eles me foram apresentados por seu advogado, o principal criminalista de São Paulo na defesa de assassinos que atuavam nas periferias paulistanas. Todos estavam livres. Conversei inicialmente com doze homens para escrever uma matéria sobre chacinas (casos de homicídio com três vítimas ou mais), crimes que de tão comuns já pareciam fazer parte da paisagem da metrópole paulista.

Minhas perguntas se concentravam em saber por que e quem eles matavam. São Paulo tinha perto de uma centena de chacinas anuais e quase sessenta homicídios por cem mil habitantes. Apesar dessa quantidade elevada, que nos colocava entre as primeiras posições do *ranking* nacional e mundial de homicídios, era difícil compreender as motivações para tantas mortes. Não havia no Brasil conflitos religiosos, guerras civis, conflitos étnicos ou políticos. Por que então as pessoas se matavam com essa frequência?

Para minha surpresa, durante as entrevistas, uma resposta costumava se repetir entre os homicidas. Todos diziam que não assassinavam inocentes, mas apenas quem “merecia morrer”. As vítimas eram os “vacilões”, os “atrasa-lado”, os “noias”, os “caguetas”, os “san-

gue-ruim”, os que descreditavam e desrespeitavam a honra alheia, entre outras categorias. Agiam de acordo com uma alegada moralidade local. Viam-se como pessoas justas, apesar de carregar dezenas de mortes nas costas.

Eram outros tempos. Os assassinos viviam nos bairros mais violentos da cidade, onde os corpos amanhecidos nas ruas faziam parte da rotina. Tiroteios podiam ser escutados durante o dia. Crianças sabiam diferenciar o calibre da arma pelo barulho do disparo. Era comum um jovem perder amigos assassinados conforme envelhecia. Se passasse dos 25 anos, se considerava um sobrevivente.

Predadores em potencial vagavam como fantasmas por todos os lados. Para sobreviver, muitos formavam alianças – chamadas de gangues, famílias ou bancas –, buscando se defender e/ou atacar os rivais. Nesse contexto de tensão, o mundo acabava se dividindo entre aliados e inimigos, como se a vida fosse uma guerra cotidiana. Essa sensação era reproduzida nas palavras e nos discursos que justificavam a inevitabilidade dos conflitos e dos homicídios entre os jovens das bancas vizinhas. A conversa com os matadores me introduziu nesse universo.

Essa foi uma grande descoberta, que iria orientar as minhas pesquisas sobre violência. Aqueles atos brutais não eram decorrência da loucura, da irracionalidade, do baixo autocontrole individual, do excesso de álcool ou de drogas, como talvez o senso comum pudesse suspeitar. Os assassinos articulavam palavras em frases que buscavam dar um sen-



Roberto Huarcaya

Deseos, temores y divanes [Desejos, temores e divãs] (1990). Série, foto 14. Impressão analógica, 40 cm x 30 cm.

tido ético para seus crimes. Eles separavam os assassinatos justos dos injustos, só matavam quem merecia e estavam em paz com sua consciência. Podiam me explicar os motivos que orientavam suas decisões em meio a outras pessoas que compartilhavam o cotidiano deles. Essas falas me levavam a outras perguntas, que ainda busco responder: por que e como essas falas e crenças se formam? Em qual tipo de sociedade essas crenças se propagam? Por que se espalharam entre homens jovens que moravam na mesma cidade que eu, a poucos quilômetros da minha casa? E por que não se espalharam entre jovens do meu bairro? A minha sensação era de que morávamos em países distantes e falávamos línguas diferentes. Eles falavam o idioma da guerra. Eu achava que o quadro só iria piorar, porque cada homicídio, conforme eles me explicaram, costumava motivar a reação e a vingança dos aliados da vítima, gerando um círculo vicioso

que podia durar anos. O discurso que justificava essa guerra autodestrutiva seguiria firme. Como ensinar aqueles homens envolvidos havia anos nesses conflitos a pensar e a agir diferente? Nas décadas que se seguiram, contudo, ao contrário das minhas expectativas, as taxas de homicídio caíram mais de 80% na cidade. A redução começou no ano 2000 e segue até os dias de hoje, quase ininterruptamente.

Fenômenos como esse são multicausais. Nas ciências humanas, modelos econométricos procuravam apontar o peso de variáveis como o envelhecimento da população, o aumento da educação, a redução da pobreza, o crescimento do aprisionamento, entre outras. Na minha investigação, para entender essa queda, eu precisava compreender como a ideia de guerra se desfez, como a carreira criminal se reinventou, produzindo novas crenças, falas, discursos e propósitos, que transformaram comportamentos e reduziram a

* Universidade de São Paulo.

intensidade dos conflitos autodestrutivos que mataram milhares de jovens nos anos 80 e 90 (Manso, 2020).

Essa construção não veio do nada. Foi sendo sedimentada com o tempo, em resposta à dura realidade urbana que se impunha aos jovens das periferias. Foi forjada por meio de palavras e reflexões elaboradas pelos que viviam o drama da violência do lado de dentro, como vítimas e protagonistas. O movimento *hip-hop*, liderado pelos Racionais MC's desde o fim dos anos 80, teve papel central nessa nova construção mental. Acusava o autoextermínio dos jovens nas periferias: era tudo o que o sistema queria. Suas longas letras eram reproduzidas em fitas cassetes que passavam de mão em mão, decoradas e citadas como se fossem salmos bíblicos. Conforme ensinavam em suas músicas, irmão precisava parar de matar irmão para que pudessem se unir e lutar contra o sistema.

Existem duas São Paulo: uma antes e outra depois dos Racionais, que ajudaram a criar uma autoimagem capaz de lidar com o preconceito que pesava sobre essa fatia da população. A cidade sempre olhou para os moradores desses bairros com desconfiança. Os migrantes, contudo, que foram morar lá principalmente depois dos anos 50, vinham de uma sociedade rural sedimentada, marcada por séculos de escravidão, latifúndio e coronelismo. Eles acreditaram nas promessas e oportunidades de ascensão social urbana, que ofereciam chances de ascensão por meio do mercado, do emprego nas indústrias. Foram empreendedores, compraram pequenos lotes, criaram seus bairros, construíram suas casas atuando de forma coletiva nos mutirões de autoconstrução, articularam-se em movimentos sociais, luta sindical e política.

Eram outros tempos. Havia esperança na luta política, em tudo que podia vir depois da ditadura, com a participação popular. Essas ideias ajudaram a formar os partidos progressistas dos anos 80, que seriam a base da Nova República, junto com uma elite intelectual

vinda das universidades para criar um Estado mais racional e justo. A democracia estava voltando, depois de uma longa e brutal ditadura militar. Havia motivos para acreditar na política.

Muitos jovens periféricos, no entanto, descendentes desses migrantes, já nascidos no contexto urbano, eram mais céticos em relação ao futuro porque viviam a realidade sem compartilhar as mesmas esperanças de seus antepassados. Testemunhavam no cotidiano os desafios de prosperar em uma sociedade desigual, injusta e violenta, carregando nos ombros o estigma de iletrados e perigosos. Viam que o trabalho árduo dos pais não os resgatava da miséria, nem os impedia de serem humilhados e violentados. A crise econômica e política dos anos 80 contribuiu para aumentar o pessimismo.

Para os mais cínicos dessa nova geração, o caminho do crime acabava sendo uma possibilidade, ao valorizar o espírito guerreiro de quem não abaixava a cabeça para o sistema e se recusava a aceitar o destino miserável que a cidade lhe havia reservado. O caos e os conflitos ocorridos durante os anos 80 e 90 são decorrência dessas escolhas, que misturavam revolta e cinismo.

Depois de anos de mata-mata, porém, era urgente pensar, organizar a desordem, agir de forma consciente, para que eles não continuassem fazendo as próprias mãos, parentes e amigos chorarem em incontáveis velórios e enterros. O desafio era criar e aplicar um novo contrato, que fizesse esses jovens se comprometerem a “caminhar do lado certo, mesmo em uma vida errada”; ser um “bandido sangue-bom”, que respeita a comunidade; “ter proceder”, humildade; ser leal, respeitar os iguais, evitar os conflitos.

O Primeiro Comando da Capital (PCC) surgiu nesse contexto, em 1993, de dentro das prisões, com um discurso sindical, disposto a acabar com a opressão e a covardia vigente no mundo do crime. Já havia um ambiente propício para que essas novas ideias se disseminas-

sem. A guerra entre a “classe dos ladrões” era fratricida e suicida. Com o tempo, a facção iria se impor como a instituição criminal capaz de definir regras e mediar os conflitos desse universo. Parecia impossível, mas todos ansiavam por uma nova ordem que remediasse o caos. Seria bom não apenas para os chefes da facção ou para o crime, mas para todos que viviam o drama dos homicídios. “O crime fortalece o crime” era o lema do grupo. As vinganças deviam parar porque os inimigos reais eram a polícia e o sistema. Conforme os resultados apareciam e o PCC mostrava sua força, a ideia se consolidava e as regras eram legitimadas (Manso, 2018).

O controle das regras e da moral era e continua sendo feito a partir do interior de um sistema penitenciário superlotado, que desde os anos 90 se expandiu de modo acelerado em São Paulo e no Brasil. Essas unidades nunca receberam do Estado dinheiro suficiente para alimentação, roupa, transporte etc. Como consequência, os presos passaram a fazer a autogestão dos presídios, fortalecendo a liderança das gangues prisionais. Em São Paulo, segundo estimativas do Ministério Público, nove em cada dez são geridos informalmente pelo PCC.

O mecanismo de controle a partir do cárcere passou a funcionar de forma precisa. Quem exerce a carreira criminal, mesmo do lado de fora da prisão, sabe que, ao longo do percurso, tem grande chance de passar uma temporada dentro do sistema penitenciário. As prisões são apelidadas ironicamente de “faculdades” pelos próprios criminosos, porque ampliam suas redes de contato, sua vivência e sua fama. Para se dar bem lá dentro, resta obedecer às regras da facção. Os desobedientes cumprem pena no seguro, unidades dos que são moralmente considerados excluídos e indignos.

Além desse mecanismo de controle dos desviantes, a nova ordem foi aceita porque as regras estabelecidas pelo crime melhoravam as possibilidades e os ganhos na carreira. Pala-

vas se transformaram em regras e princípios. Alguns eram inspirados em mandamentos bíblicos. “Não usarás o nome do Senhor em vão” serviu de inspiração ao sexto item do estatuto, em que o PCC proibia o uso do nome do partido para objetivos pessoais. O segundo e o quinto item do estatuto, “Lealdade, respeito e solidariedade acima de tudo ao partido [...] para que não haja conflitos internos”, faziam referência ao primeiro mandamento: “Amar a Deus sobre todas as coisas e ao próximo como a ti mesmo” (Manso, 2018).¹

As novas regras, ainda por cima, não eram palavras vazias, mas funcionavam ao mediar relações e construir uma vida criminal menos caótica, na medida do possível. A redução dos conflitos reduzia os custos da atividade, bem como aumentava os lucros e a possibilidade de planejamento a longo prazo. As atividades ilegais, perigosas e arriscadas por natureza, ganharam mais previsibilidade. Isso permitiu ao crime paulista prosperar.

As vinganças e as decisões onipotentes de matar foram ficando no passado, desconstruídas pelos mandamentos do crime e abraçadas por bandidos “conscientes”. Os assassinatos dependiam do aval coletivo, a partir de debates que contavam com acusação e defesa por parte da vítima, cuja pena seguiria o que estava escrito no estatuto. Foram criadas regras para o estabelecimento de preços das drogas comercializadas, prazos de pagamento, empréstimos de dinheiro, aluguel de armas etc. Nesse ambiente regulamentado, todos poderiam ganhar, mesmo os que não eram filiados ao grupo. Bastava não desrespeitar as leis do crime.

A construção desse mercado mais profissional e racional permitiu a transformação da cena criminal no Brasil. O PCC deu novos passos em direção ao atacado das drogas, e

1. A pesquisadora Karina Biondi cita alguns paralelos entre as leis do crime e as leis sagradas em “Tecendo as ramas do significado: as facções prisionais enquanto organizações fundantes dos padrões sociais” (2006).

que possibilitou a multiplicação dos lucros. Foram feitas parcerias com produtores de maconha e cocaína da América do Sul, no Paraguai, Bolívia, Peru e Colômbia, o que permitiu ao PCC vender para grupos varejistas de drogas em diversos estados brasileiros. Devido ao sucesso dessa nova forma de gestão, o modelo de organização a partir das gangues com bases prisionais se espalhou por todo o país. Atualmente, segundo estimativas do Ministério da Justiça, existem pelo menos 88 gangues no Brasil. O PCC e o Comando Vermelho, do Rio de Janeiro, são as duas maiores, presentes em quase todos os estados.

A solução partiu de baixo para cima, entre os que sofriam o drama da miséria e da violência nas cidades e nas prisões, em que a sobrevivência estava cada vez mais dependente de ter ou não dinheiro. Uma nova mente no crime foi formatada a partir de crenças que se estabeleceram com base em sentenças normativas, realistas, que ofereciam um outro caminho a ser seguido, com rumo certo, voltado ao empreendedorismo e à busca obstinada pela riqueza, mesmo quando alcançada de maneira ilegal. O bilionário mercado mundial das drogas acabou proporcionando oportunidades que interligaram diversas pontas e interesses. Em pouco mais de trinta anos de existência, as transformações lideradas pelo PCC, apesar do avanço dos gastos em segurança pública e justiça em São Paulo e no Brasil, tornaram as facções mais poderosas do que nunca, recebendo em dólar, lavando dinheiro, investindo na economia formal e financiando candidatos para defender seus interesses nos parlamentos, executivos e judiciário.

Em muitos aspectos, essa mudança que veio de baixo foi semelhante à das igrejas pentecostais, que se espalharam pelas periferias urbanas brasileiras principalmente a partir dos anos 80. Surgiram no mesmo contexto que o crime, feitas por pobres e para pobres, apesar de criarem mundos diferentes e até opostos. Os ladrões, afinal, eram escravos de seus desejos, tudo o que o crente não deve ser.

Assim como as facções, porém, os pentecostais também promoveram crenças e discursos que transformaram comportamentos, aumentaram a autoestima, criaram propósitos de vida e ajudaram a costurar redes de apoio para escapar da miséria (Manso, 2023).

Foi uma transformação inesperada e desprezada pela elite política e econômica, que imaginava ser capaz de transformar o Brasil de cima para baixo, a partir da redemocratização do país. O povo participaria pelo voto, escolhendo os líderes que representavam seus interesses. As demandas do povo seriam mediadas pelas instituições políticas, que definiriam as políticas públicas capaz de saná-las. O desafio era conscientizar e educar os eleitores para não serem manipulados e escolherem os políticos que de fato representassem seus interesses.

Com o passar dos anos, contudo, esse otimismo em relação à política foi se arrefecendo. A crise social continuava aguda. Os serviços públicos, como educação, saúde, esporte, arte e cultura, podiam até amenizar a desigualdade, mas não conseguiam evitar os perrengues da pobreza. Ficava mais evidente que nas cidades, mais do que lutar pela garantia dos direitos, era preciso ter dinheiro acima de tudo.

Quem não tem dinheiro pode morar na rua, passar fome, ser assassinado pela polícia, ser desrespeitado e desonrado. Dinheiro pode ser a diferença entre vida e morte no ambiente urbano – muito diferente do rural, em que os laços familiares e comunitários serviam como rede de proteção. A modernidade deixava a sensação de que não havia nenhum amparo para a queda livre do indivíduo.

A força dos pentecostais cresceu porque eles davam respostas para esse sentimento de vulnerabilidade, solidão e vazio. Produziam efeitos físicos, mexiam com o corpo e a mente dos que acreditavam no que eles diziam. A começar pelo papel do Espírito Santo nas igrejas pentecostais, uma espécie de superpoder que baixa nos crentes e que pode se manifestar

entre os que aceitam Jesus. A presença do Espírito Santo pode levar o fiel a falar a língua dos anjos, conhecida como glossolalia, além de dar o poder da cura e de fazer previsões.

O pecador, quando passa a acreditar, vive um processo que os pentecostais chamam de metanoia, que significa mudança de consciência. Parece uma reprogramação mental. O crente precisa se arrepender dos erros e pecados praticados na vida pregressa. Pede perdão para renascer em uma nova identidade. Formata a nova crença mental e começa a se comportar seguindo essa reprogramação. Ninguém é essencialmente mau, mas pecava porque vivia longe de Cristo. Se antes era guiado pela revolta e pelos desejos, agora tem uma bússola moral e passa a caminhar ao lado do bem, o que deve ser provado diariamente, comportando-se conforme o esperado. O exorcismo, nesse sentido, também exerce um papel importante no processo. Mostra que o mal pode ser tirado de dentro do corpo para que nasça uma outra pessoa, com a alma pura, reconfigurada.

A Bíblia oferece o rumo, as regras, como se fosse o grande manual da vida. Apesar da diversidade de interpretações possíveis, característica da horizontalidade do movimento protestante, a maioria das denominações acaba convergindo para este ponto em comum: o compromisso de se sujeitar à autoridade divina.

O movimento evangélico, dessa maneira, fortalece laços de confiança, o que favorece a costura de alianças e redes de apoio. Cria ainda propósitos coletivos para vidas sem rumo.

A fé também empodera. Amar a Deus e ser amado pelo ser mais poderoso do universo pode elevar o amor-próprio e a autoestima, sentimento fundamental em uma sociedade conhecida por humilhar os pobres. Esse poder individual, contudo, não é o mesmo que o do assassino, que se sente dono da vida e da morte. Obriga o crente a usá-lo em benefício dos valores da Bíblia, em direção ao sentido por ela indicado. E caso obedeça, pode ter a salva-

ção eterna e o apoio dos que compartilham da mesma crença. As teologias mais populares, como a da prosperidade, definem a busca por ganhos materiais como um foco transcendental, já que dinheiro é sinônimo de benção divina. Quem tem mais fé pode enriquecer mais rápido. Essa mistura de fé e empreendedorismo se fortaleceu e ajudou a criar um imenso *networking*, formado por religiosos que se associavam com quem compartilhava dos mesmos valores que os seus.

As ideias pentecostais se espalharam na vertical e na horizontal. Isso veio dos pastores-comunicadores que, desde os anos 60, passaram a investir em rádios e tevês para evangelizar uma ampla audiência, criando as diretrizes teológicas mais populares, voltadas aos desafios materiais do dia a dia nas cidades. Essas ideias se disseminaram nas pequenas igrejas dos bairros pobres, que podiam ser abertas com relativa facilidade e causavam impacto profundo nesses locais.

A grande vantagem do protestantismo sobre o catolicismo é a liberdade que oferece para a interpretação dos textos bíblicos. Cada pastor pode fazer a leitura de acordo com a realidade dele e dos seus, favorecendo a abertura de igrejas voltadas aos interesses e questões de seus grupos. Além disso, uma igreja pode facilmente se tornar uma pequena empresa, o que estimula o empreendedorismo religioso. O pastor deve ter um CNPJ, um pequeno espaço e carisma para começar. Conforme os dízimos vão sendo pagos, caso a lábia e a mensagem sejam poderosas, a igreja pode crescer aos poucos. Algo bem diverso do catolicismo, que define de cima para baixo desde a interpretação dos textos sagrados até a abertura das suas igrejas, em processos muito mais lentos e engessados.

A crença pentecostal, conforme se espalhava, foi formando um novo tipo de religiosidade, com discursos e hábitos mais moralizantes. O catolicismo *light*, cheio de festas, aberto ao sincretismo com religiões de matriz africana, que marcaram a religiosidade brasileira, foi perdendo espaço. A nova fé do Brasil



Roberto Huarcaya
Deseos, temores y divanes [Desejos, temores e divãs] (1990). Série, foto 6. Impressão analógica, 40 cm x 30 cm.

urbano tinha acima de tudo um caráter instrumental, porque proporcionava a criação de uma nova ordem mental que ajudava a sobreviver aos desafios do mundo pautado pelas leis do mercado. Produzia novos sentimentos e redes de apoio, indicava caminhos certos para escapar da miséria. É popular no mercado das crenças porque permite reprogramar o coração e a mente dos indivíduos conforme as necessidades práticas do mundo.

A velocidade dessas conversões, que se concentraram em um curto período de quarenta anos, assustou ainda mais quando o tom fundamentalista do discurso religioso passou a assombrar o espaço público e a influenciar a política, principalmente a partir da popularização das redes sociais. Teologias como a da batalha espiritual, do domínio e dos sete montes ganharam adeptos entusiasmados. No Brasil e no mundo, os efeitos dessas pre-

gações se tornaram mais evidentes a partir de 2014. Uma guerra entre o bem e o mal estava em curso e oferecia propósito e razões para a luta dos crentes. Para Jesus vencer o Diabo, era preciso ocupar postos estratégicos na política, cultura, economia, educação, comunicação etc., com pessoas que agissem conforme os valores cristãos.

Essa guerra santa ganhou adeptos entre representantes de outras bolhas, selecionadas por algoritmos que colocavam do mesmo lado os defensores do empreendedorismo, os defensores da liberdade individual, os tradicionalistas, assustados com as transformações alucinantes de uma sociedade em que o emprego entrava em crise, as mulheres passavam a ganhar cada vez mais protagonismo e engrossavam os debates em torno das novas orientações sexuais e de gênero. Seria o fim do tradicional modelo patriarcal de sociedade e

da ideia da família tradicional? O capitalismo estaria ameaçado?

A insegurança diante de um mundo desconhecido acabou fortalecendo as falas e discursos que propunham um retorno aos valores do passado, quando o mundo ainda parecia ser compreensível e por isso mais seguro. Novos inimigos foram sendo formados: os comunistas, as feministas, os defensores da ideologia de gênero etc. Essa guerra em defesa da tradição e do conhecido preencheu o vazio existencial de muita gente. Os acampamentos em frente dos quartéis em 2022 e os ataques violentos e golpistas de 8 de janeiro de 2023 revelaram a disposição dos adeptos dessas novas crenças.

O crime, apesar de continuar sendo visto como inimigo da tradição, se aproximou dos valores do mundo desse poder reacionário. Ambos celebram o empreendedorismo, o mercado e a prosperidade, em detrimento do intervencionismo técnico e coletivista do Estado. Os dois mundos começaram a se encontrar quando o dinheiro do crime, cada vez mais volumoso, passou a se disfarçar de dinheiro legal. Os dólares das drogas, as armas e os milicianos, grupos de paramilitares com forte influência no poder público, encontraram mão de obra especializada em lavar e esquentar o dinheiro ilegal. Esse dinheiro passou a financiar outros crimes, como os garimpos e a grilagem de terra. Até mesmo as igrejas começaram a ser usadas para a lavagem de grandes somas. Esse capital que era sujo e ficou limpo passou, dessa forma, a influenciar cada vez mais as decisões políticas e econômicas. A capacidade de ganhar dinheiro e conquistar o poder, no final das contas, acabava sendo o fator determinante para a formação de alianças em defesa dos negócios e dos interesses financeiros desses grupos.

Nesse sentido, as novas ordens criadas pelas facções e pelas igrejas pentecostais são fortes e interagem porque propõem caminhos para sobreviver em um mundo em que o dinheiro e o mercado têm um peso crescente.

Suas falas e sentidos estão direcionados para dar razão aos empreendedores que acreditam ganhar com Estados mais fracos e com menos regulamentação. A ideia do Estado de bem-estar social, criador de políticas públicas racionais voltadas para a redução das desigualdades e a garantia de direitos, parece datada. Como se a luta coletiva por direitos, que fazia parte da gramática social dos anos 70 e 80, não dialogasse com os desafios atuais, porque a salvação está no mercado, e não nas políticas do Estado. Talvez seja apenas um ciclo passageiro, e a humanidade volte a se preocupar e a se empenhar com grandes questões coletivas, de médio e longo prazo, como a destruição do planeta, o fogo nas florestas, as grandes enchentes e o aquecimento global. Talvez não haja tempo e continuemos vivendo como se a salvação e o respeito dependessem da quantidade de dinheiro de cada um. Parece ser esse o espírito do tempo, que nos leva a passos acelerados em direção ao abismo.

Referências

- Biondi, K. (2006). Tecendo as ramas do significado: as facções prisionais enquanto organizações fundantes dos padrões sociais. Em M. P. Grossi, M. L. Heilborn & L. Z. Machado (org.), *Antropologia e direitos humanos* (pp. 303-350). Nova Letra.
- Manso, B. P. (2018). *A guerra: a ascensão do PCC e o mundo do crime no Brasil*. Todavia. <https://a.co/d/8KO6kKk>
- Manso, B. P. (2020). *A república das milícias: dos esquadrões da morte à era Bolsonaro*. Todavia. <https://a.co/d/45uwsdH>
- Manso, B. P. (2023). *A fé e o fuzil: crime e religião no Brasil do século XXI*. Todavia. <https://a.co/d/gwoLjQm>

O inexplicável: limites da explicação psicológica, mutação do ambiente tecnocomunicativo

Pedimos somente um pouco de ordem para nos proteger do caos. Nada é mais doloroso, mais angustiante do que um pensamento que escapa a si mesmo [...]. Perdemos sem cessar nossas ideias. [...] Pedimos somente que nossas ideias se encadeiem segundo um mínimo de regras constantes.

Gilles Deleuze e Félix Guattari

Em conversa com um jornalista alemão, em 1919, Sándor Ferenczi afirmou que a psicanálise não tinha as ferramentas para entender e curar a psicose em massa. Nem mesmo a política disporia dessas ferramentas. Podemos repetir essas palavras hoje, cem anos depois.

O que significa “psicose em massa”? A citação de Deleuze e Guattari (1991/1992) acima nos aproxima da compreensão da palavra *psicose*: quando o pensamento escapa de si mesmo, quando a ação não pode mais ser atribuída a um processo mental coerente, quando tudo começa a acontecer rápido demais para que possamos entender e orientar a ação de forma coerente.

Deleuze e Guattari associam essa condição ao envelhecimento, condição na qual perdemos a habilidade para processar estímulos neuroinformativos ao longo do tempo, porque

esses estímulos vão demasiadamente rápido para nosso cérebro senescente e desacelerado.

Em certo sentido, a aceleração eletrônica contemporânea de estímulos infoneurais produz um efeito de senescência generalizada na mente social. A geração que cresceu em um meio no qual a estimulação infoneural é super-rápida decerto desenvolve a habilidade de processar mais rapidamente o estímulo que vem do ambiente eletrônico conectado. Mas um método de processamento rápido baseia-se precisamente na eliminação das atividades mentais que desaceleram nossa habilidade de responder e de agir: emoção e racionalização. Por conseguinte, o ato tende a se tornar desprovido de profundidade emocional e de motivação racional.

No nosso tempo, esses dois fenômenos convergem: o envelhecimento da população (com o efeito da confusão mental da qual o Alzheimer é apenas uma manifestação extrema) é acompanhado pela emergência de uma população jovem que tem sido privada da possibilidade de desenvolver, ao longo do tempo, a emoção e as consequências da ação.

Sabemos que cada vez mais o comportamento político da maioria é inexplicável pelas categorias de racionalidade política. Pense em um fenômeno como o trumpismo, o entusiástico apoio da população a um in-

divíduo agressivo, incapaz de conectar um raciocínio sensato, mas perfeitamente capaz de excitar sentimentos de frustração, direcionando-os para objetivos imaginários.

A psicologia também parece inadequada para explicar o que acontece na mente e no comportamento contemporâneos. Cada vez mais ocorrem episódios que a ciência psicológica não consegue explicar com as ferramentas diagnósticas de que dispõe – episódios que sinalizam uma profunda mutação no comportamento, mutação que não diz respeito apenas à dinâmica psíquica, mas também, provavelmente, aos métodos de processamento cognitivo.

Pensemos em atos (cada vez mais frequentes) de violência destrutiva cometidos por jovens. Paderno Dugnano é uma cidade da periferia de Milão, casas habitadas pela classe média. No início de setembro de 2024, em uma dessas casas, um rapaz de dezessete anos matou com uma faca de cozinha o irmão caçula, depois o pai e, por fim, a mãe. O triplo homicídio realizado em poucos minutos pelo rapaz, descrito como normal, em uma noite como tantas outras, parece enigmático. Ele não deu nenhuma explicação para o ato, disse que não conseguia entender por que o havia praticado, e afirmou que não teria nenhuma motivação.

Não há motivações. Isso é importante.

Parece que a própria noção de motivação perdeu a sua relevância. Falta, nesse caso, uma razão que preceda o ato, um motivo elaborado pela mente em condições particulares, antes de executar uma ação tão complexa, tão extrema, tão carregada de consequências.

Motivações, consequências. Ainda existem motivações nos atos realizados pelos sujeitos contemporâneos? Ainda existe a percepção da relação entre o ato e suas consequências, no agir do sujeito contemporâneo? E sobretudo: quem é o sujeito contemporâneo? O que o diferencia do sujeito estudado pela psicologia ou pela psicanálise com as ferramentas da anamnese, da interpretação? Podemos ainda distinguir entre o nível

comportamental e a dimensão profunda da elaboração psíquica?

Podemos dizer que o rapaz de Paderno Dugnano praticou aquele ato porque estava sujeito a uma ação que não correspondia a uma ideação. Vem à mente um tipo de comportamento homicida que, no sudoeste da Ásia, particularmente na Malásia, é denominado *amok*, descrito pelo etnopsiquiatra Georges Devereux (1980). O sujeito é presa de uma condição temporária de fúria violenta e homicida por um motivo mais ou menos significativo, ou mesmo pela acumulação de uma tensão nervosa inexplicável. Ele fecha-se em si mesmo, isola-se e de repente agride qualquer pessoa que encontre, primeiro familiares, depois estranhos, em um crescendo incontrolável de fúria homicida. O que parece característico do *amok* é o fato de que, durante a explosão de violência, o sujeito corre em velocidade pelas ruas e pelos campos, até que por fim desmaia. No final, depois da ação homicida, não recorda ou recorda confusamente o que aconteceu, sem conseguir relatar suas motivações e a experiência psíquica que o levou ao ato. Diríamos que não é o sujeito que conduz a ação, mas a ação que conduz o sujeito.

Posso dizer isso? Posso ousar fazer um tipo de inversão da sequência cronológica habitual – primeiro a elaboração mental, depois a execução do ato?

Que fique bem claro: o caso de Paderno Dugnano não é isolado, único. Nos Estados Unidos, os casos de *killings spree* ou assassinato em massa estão na ordem do dia. Consideremos o fato de que em 2023 ocorreram 81 ações armadas nas escolas daquele triste país. O mais recente se deu em uma escola de Winder, Geórgia, onde um adolescente de quatorze anos matou dois professores, dois alunos e feriu nove pessoas. Por que ele fez isso? Bem, podemos dizer que sofria de solidão, que era vítima de *bullying* etc. etc. Mas a solidão é um fenômeno generalizado na geração que viveu

* Accademia di Brera.

a maior parte de seu tempo consciente diante de uma tela. E o *bullying* é onipresente em uma sociedade que considera a violência um valor positivo.

Continuamos a buscar explicações de tipo psicológico, mas nesse caso parece-me que o problema é mais cognitivo que psicológico. Cada vez mais assistimos a atos que não são explicáveis pelas categorias das quais dispomos. Continuamos a buscar as motivações, mas as motivações são óbvias e inconsistentes ao mesmo tempo: o isolamento, a solidão, a competitividade, a violência difusa no ambiente, na mídia, em toda parte.

O ponto que me interessa salientar é que as categorias psicológicas com as quais explicamos o funcionamento da mente não correspondem mais à realidade da mente formada em um ambiente tecnicamente modificado. As modalidades cognitivas (percepção, verbalização, ideação, atuação, passos distintos que se desenvolvem em sequência) sofreram uma súbita mudança, e a sequência cronológica tende a ficar perturbada, confusa. É essa mudança que precisa ser analisada.

A psicologia em geral e a psicanálise em particular se referem ao quadro cognitivo no qual a ideação precede o ato e de algum modo o motiva. Portanto, para explicar um comportamento, estamos habituados a interpretar motivações conscientes e inconscientes, razão e emoções. Mas essa explicação não funciona mais: o ato não é mais necessariamente precedido da ideação, e provavelmente os conceitos de ideação e motivação já não correspondem a mais nada.

O modelo cognitivo que se formou na interação com um ambiente tecnossemiótico de tipo sequencial foi substituído, nas últimas gerações, por um ambiente tecnossemiótico instantâneo, simultâneo. Segundo McLuhan, em *Understanding media* (1964/1994), quando a mente se forma em um ambiente eletrônico, e não em um ambiente alfabético, o sequencial é seguido pelo simultâneo, e as modalidades racionais

do agir cognitivo são substituídas por modalidades mitológicas.

Na minha opinião, deve-se partir desse ponto para repensar radicalmente o comportamento do sujeito contemporâneo. Não se trata de examinar as motivações psicológicas, os traumas psíquicos etc. Trata-se de se aprofundar, de se aproximar do *hardware* neurológico e de reconhecer que a mudança envolve modalidades cognitivas: imaginação, linguagem, memorização, ideação, passagem ao ato.

No ambiente comunicativo alfabético, no âmbito da família tradicional, da vida nas aldeias ou da vida socializada das cidades, a criança aprendia a linguagem pela voz da mãe ou de um falante humano. Por conseguinte, a disposição cognitiva manifestava-se mediante uma sucessão de estímulos e respostas, de ideação e atuação. Mas quando o sequencial alfabético é sucedido pelo simultâneo eletrônico, a velocidade do estímulo infoneural encurta o tempo para a elaboração ideativa do ato. Em um *video game*, não há tempo para pensar, apenas para reagir instantaneamente ao estímulo.

Além disso, quando a aprendizagem da linguagem materna é sucedida pela aprendizagem de um dispositivo tecnolinguístico desrealizante, a linguagem não tem mais o caráter de singularidade afetiva, e o autor do ato tende a perder a consciência de suas consequências físicas: em um *video game*, os homens verdes eliminados quando se aperta um botão são uma entidade incorpórea, nunca morrem, ou se morrem, levantam imediatamente.

Instantaneidade e virtualidade: essas duas reconfigurações da relação entre ideação e execução modificaram de maneira tão radical o funcionamento cognitivo que os comportamentos de nossos pares (similares até certo ponto) tendem a nos parecer cada vez mais inexplicáveis. Precisamos de uma compreensão da mudança cognitiva que acabou por estruturar um modelo psicocognitivo incompatível com os modelos dos quais a ciência psicológica dispõe.

Naturalmente eu parto de uma premissa teórico-metodológica muito diferente daquela chomskiana, que por muito tempo dominou o campo da psicologia cognitiva e da linguística. Não acredito que exista uma estrutura inata da mente, não creio que exista uma modalidade natural de cognição. Aqui não é lugar para aprofundar esse raciocínio. Limite-me a observar que o cognitivismo estruturalista ignora a relação entre ambiente tecnocomunicativo e formação das estruturas cognitivas, mas essa relação emerge hoje com uma força sem precedentes.

A transformação tecnológica modificou o ambiente comunicativo a ponto de alterar as modalidades fundamentais da psicogênese. Surgiu uma geração que adquiriu mais palavras de uma máquina do que da voz de um ser humano, e que conquistou sua competência cognitiva em um ambiente no qual a ação não tem consequências físicas.

Devemos levantar a hipótese de que essa geração tenha perdido a capacidade de perceber de modo profundo o efeito físico de uma ação que não acontece em uma tela, mas na cozinha, no quarto, ou mesmo na escola, ou em qualquer outro lugar físico.

Há uma nova fenomenologia do ato psicologicamente inexplicável. Eu diria que estamos assistindo aos efeitos da contração do tempo mental de elaboração (instantaneidade estímulo-resposta) e aos efeitos da dessensibilização às consequências físicas (virtualidade da experiência percebida). Essas duas reconfigurações da percepção-projeção da realidade reconfiguraram a projeção mental do próprio ato.

Referências

- Deleuze, G. & Guattari, F. (1992). *O que é a filosofia?* Editora 34. (Trabalho original publicado em 1991)
- Devereux, G. (1980). *Basic problems of ethnopsychiatry*. University of Chicago.
- McLuhan, M. (1994). *Understanding media*. MIT. (Trabalho original publicado em 1964)

Tradução do italiano: Silvana Rea

As palavras, essa incrível invenção: uma pequena revisão sobre censura de palavras, oscilações, terremotos, disputas, ressignificações e refúgios

As palavras são um assunto delicado, tanto no presente quanto em cada momento da história. São tão frágeis e tão poderosas como o corpo de cada um e cada uma dos/das falantes. Há uma força fulgurante em cada palavra, em sua sonoridade, em sua gênese, em sua existência. A enunciação de cada uma é parte de um contexto, e, principalmente, da produção de sentidos conferidos a ela nesse contexto. O devir das palavras está sujeito a um território que as pronuncia. Esse território pode ser o livro, uma conversa no meio da rua de um bairro próximo ao rio da Prata, um discurso presidencial, uma manifestação.

Um território que contém, habita, trata e destrata, estimula, omite as palavras; que utiliza as palavras assim como as herdou, transformando-as, enclausurando-as.

Durante a última ditadura argentina houve uma censura sistemática, orgânica e excessiva por parte do Estado. Escritórios e comitês de censura foram criados a fim de proibir livros, revistas, documentos e, é claro, outros bens culturais.

Quanto ao procedimento administrativo, a censura de livros estava a cargo da Direção-Geral de Publicações do Ministério da Cultura e Educação, cujo responsável, durante quase todo o período ditatorial, foi o coronel aposentado Jorge Méndez. Na ausência de um protocolo padronizado de censura prévia, o processo contra uma publicação podia começar de várias maneiras, pela denúncia particular de um cidadão, por uma denúncia oficial (por parte do Exército, da Secretaria de Inteligência do Estado ou de um Ministério), por campanhas midiáticas, pela própria Direção de Publicações ou por notificação da Alfândega em relação a livros cuja entrada no país era solicitada. Havia agentes de polícia dedicados exclusivamente a vasculhar as livrarias à procura de livros perigosos e subversivos. (Cerillo & Sotomayor, 2016, p. 281)

Essa prática foi levada a cabo a partir da adoção de um modelo de governo autoritário, que tomou o poder de fato e elaborou um projeto de país baseado na violência, no desaparecimento forçado e no assassinato de dissidentes políticos; forjando um glossário e eliminando outro.

Em 26 de agosto de 1978, por meio do Decreto n. 1.937 do Poder Executivo Nacional (Invernizzi & Gociol, 2007), com a assinatura de Albano Harguindeguy – ministro do Interior da Argentina durante a ditadura autoproclamada Processo de Reorganização Nacional (1976-1983) – e Ricardo Cenoz – chefe de departamento da Secretaria-Geral do Ministério do Interior –, foi proibida a distribuição, venda e circulação do livro *Niños de hoy* (1974), de Álvaro Yunque (1889-1982), em todo o território argentino (art. 1 do Decreto n. 1.937). Estamos falando de um grande e querido escritor argentino, parte de uma reconhecida tradição literária, o qual teve leitores muito diferentes ao longo de sua prolífica produção escrita. O texto do decreto argumentava que as atitudes defendidas pelo autor promovem “uma postura que prejudica a instituição familiar”, e “que atitudes como essas constituem uma agressão direta à sociedade argentina” (Avellaneda, 1986, pp. 172-173). Que histórias estavam e estão contidas nessa antologia? Que palavras? Que motivos podem levar à proibição de uma obra como essa? Por que quiseram retirar esse livro e tantos outros das prateleiras? O que aconteceu com eles nesse tempo? E com as palavras que esses contos carregavam? O que houve depois? E o que experimentamos agora em relação às palavras que parecemos não poder pronunciar?

As palavras podem ser entendidas como o retrato de uma época, com suas limitações e excessos, suas apostas e desventuras; no interior de um tempo em que há uma multiplicidade de coexistência entre elas – as palavras e diferenças de quem as governa, de quem as pronuncia. Elas são expressas em determinados discursos da vida cotidiana que nos

parecem brutais. Parlamentos guiados pela língua do capital, pelas regras do capital e das relações que o capitalismo estabelece e favorece. Consideremos o seguinte: o presidente dos argentinos e das argentinas, Javier Milei, com sua gestualidade, seu caráter violento e o conjunto de palavras que reúne, reduz o debate educacional a algo de uma precariedade inaudita: ele não acredita nas instituições, e, no entanto, embora seja inadmissível para o cargo que ocupa, seu discurso em parte retrata – voltemos a essa palavra – o sintoma de uma época e de uma parcela considerável da sociedade que ele representa; indivíduos decepcionados/decepcionadas, ressentimentos de toda ordem e classe, sujeitos que estigmatizam a busca por diferentes formas de organização popular, proprietários e proprietárias que não estão dispostos a socializar seus bens, analfabetismos políticos, grupos de seres governados por diversas corporações, não só econômicas, mas também religiosas, entre outros.

Universidade – do latim *universus* – diz respeito a um todo universal ou a um conjunto de coisas. Para muitos e muitas de nós, supõe uma comunidade. Uma instituição de longa e comprovada tradição crítica e produção de conhecimento, de estudos superiores em várias áreas do saber, em que se promove a pesquisa, o aprendizado, o conhecimento e o retorno desse conhecimento a incontáveis espaços da comunidade em que ele é necessário.

A universidade tem se mantido firme como espaço de reflexão diante do avanço da desumanização em escala global. Um lugar de fortalecimento de laços, de reserva das autonomias; um lugar de acordos e também de participação plural e democrática, em que a noção de direitos ainda é relevante – direitos em relação ao acesso, ao ingresso irrestrito, a seu cogoverno, à construção de um conhecimento que pode alterar aspectos fundamentais da vida dos demais. O sujeito visto como sujeito de direitos, e não como um “indivíduo” que tem privilégios. A gratuidade e a qualidade acadêmica implicaram o ingresso de estu-

* Facultad de Trabajo Social de la Universidad Nacional de La Plata.

dantes de famílias trabalhadoras de economia modesta e de setores médios que anseiam e desejam fazer parte dela.

Lembramos com pesar os eventos da Noite dos Bastões Longos (1966, Buenos Aires, Argentina); o processo de fechamento foi consequência do que se seguiu à repressão desencadeada por outro ditador, Juan Carlos Onganía. Muitos professores de reconhecida trajetória acadêmica e um número considerável de graduados e graduadas se viram obrigados a emigrar da Argentina, expulsos da universidade.

Há alguns anos, no contexto de uma coleção que publicamos por conta própria com companheiras da Biblioteca Popular La Chicharra¹ – coleção Enriqueta Muñiz, “Libros que muerden”, caderno n. 1 –, no momento de fechar o exemplar, entramos todos e todas numa discussão sobre as palavras e as memórias. Memórias no plural, memória coletiva no âmbito dos processos coletivos, e aí evocamos Martín Kohan (2022), segundo o qual existem nas sociedades lembranças que são ao mesmo tempo atos compartilhados, objetos de disputas, de alianças e até de controvérsias. Isso é o que ele chama de memória coletiva e memórias em luta, uma questão relacionada ao passado argentino recente. Há conflitos em torno do que se lembra e como se lembra, um movimento para interpretar o passado com novos significados, de tal maneira que a memória parece desconforme e impedida de produzir uma totalização.

Nesse caderno, também nos referimos a uma prática que realizamos durante muitos anos e que ainda realizamos sempre que tratamos do tema dos livros proibidos na Ar-

gentina. Em geral, abordamos o tema apresentando uma galeria de livros que foram censurados, partindo de cada palavra que foi cortada, eliminada, suprimida. Na verdade, nós transformamos essas palavras em objetos portáteis que guardamos em malas para repensá-las, colocá-las num novo relato, revisar o texto do qual partiram. Em certa ocasião, diante do convite para participar numa atividade do Museu de Ciências Naturais de La Plata (2015), penduramos numa imensa parede várias dezenas dos milhares e milhares de palavras que em algum momento foram eliminadas, que em algum momento foram apagadas; nós as pusemos numa parede, embora em outras circunstâncias usemos uma lousa ou uma vitrine, ou até as reescrevamos na rua: *alpargata, ventre, guarda-lua [paralunas]*² (palavra que destacaram em *Un libro juntos*, de 1976, da cativante escritora Beatriz Ferro), *Cuba, cubismo, erógeno, abismo, vagina, assembleia, companheiras, sexo, repressão, barba, rock, política, marxismo, peronismo, soviética, militância, discussão* etc. Reuni-las e colocá-las numa grande miscelânea pressupõe nos envolvermos com elas, com cada uma delas, a partir do lugar que cada uma queira, que cada uma possa. A palavra *exílio* não significa a mesma coisa para quem viveu essa experiência diretamente, para quem a escuta pela primeira vez ou para quem a reconhece como parte de um período de nossa história, e isso acontece com cada uma; podemos seguir elencando essas palavras que em algum momento foram proibidas até o amanhecer: *nômades, desarranjar, Nicarágua, lápis, carnaval, retido, hímen, amanhecer, Mascaro, América Latina, elefante, greve*.

As palavras, unidades básicas de comunicação linguística, são escritas e inscritas, incorporadas, definidas e redefinidas; ao serem usadas, se tornam perigosas, se tornam necessárias para processar perdas e vazios, para

tocar o intraduzível, o inexplicável. São fenda e ponte, rio e investida, bálsamo, remédio, conversa. Se pronunciamos determinadas palavras de que precisamos em certos momentos, podemos reparar alguma coisa? Podemos reuni-las em orações para que adquiram sentido no sem-sentido? Podemos entender o que há de singular no uso que fazemos delas, mas também o que elas implicam numa história comum? Quais são as responsabilidades de quem eliminou palavras, projetos, pessoas? Que tensões estão presentes na disputa pelo sentido das palavras? No livro que mencionei antes, *Niños de hoy* (Yunque, 1974), no conto “Insuficiente”, uma aluna consegue compartilhar com uma professora o que está acontecendo, e esta, com sua dedicação, interesse e confiança, escuta o que está deixando aquela tão aflita. A professora não apenas a escuta, mas toma decisões para não prejudicá-la, para contribuir com o cuidado da aluna diante do momento de ruptura que ela está vivendo.

Não é de mim que eu gostaria de falar neste conto verídico, mas de Edgarda Gómez – ou, para ser mais preciso, de um episódio que ela me contou e eu escutei com os olhos da imaginação e os ouvidos do pensamento bem alertas. Porque Edgarda Gómez, poeta e professora, minha amiga, é uma dessas pessoas que eu sei que devo escutar. (p. 22)

Algumas orações antes, o escritor diz:

Apesar de minha parcimônia nas palavras, ela me considerava um bom conversador, por isso... sei escutar, embora eu já advirto que também sei a quem devo ouvir, como se ouve o fluxo de um riacho Montanhês

que desce por entre as pedras, olhando-o sem vê-lo e ouvindo-o sem escutá-lo, com o pensamento e a imaginação longe do que diz e perto de suas palavras. (p. 21)

Por fim – para apresentar e compartilhar uma citação recente e sensível do livro ilustrado *Palabras* (Guridi, 2021) –, podemos ir em direção à intimidade das palavras, especialmente quando colocadas em relação a outro/outra. Cada leitor ou leitora pode projetar nisso o que quiser, lembrar e imaginar. As palavras são evocadas deste modo: o que tentei te dizer, o que não sabia te dizer, o que nunca te disse, o que nunca deveria ter dito, o que me faltava dizer, o que o vento levou, o que guardei – conclui –, eu te ofereço agora.

As palavras, portanto; incluindo aquelas que foram proibidas há muito tempo ou as que vêm sendo maltratadas e são inconvenientes, como uma oferta a outro/outra a quem se gostaria de alcançar pela primeira vez ou novamente.

Referências

- Avellaneda, A. (1986). *Censura, autoritarismo y cultura: Argentina 1960-1983* (vol. 2). Centro Editor de América Latina.
- Cerillo, P. & Sotomayor, V. (ed.). (2016). *Censuras y LIJ en el siglo XX (en España y 7 países latinoamericanos)*. Universidad de Castilla-La Mancha.
- Ferro, B. (1976). *Un libro juntos*. Estrada.
- Guridi, R. N. (2021). *Palabras*. Libre Albedrío.
- Invernizzi, H. & Gociol, J. (2007). *Un golpe a los libros: represión a la cultura durante la última dictadura militar*. Eudeba.
- Kohan, M. (2022, 6 de agosto). “Las memorias son un campo de luchas, un campo de disputas” [áudio]. *La Colectiva*. <https://tinyurl.com/yazpwna4>
- Yunque, A. (1974). *Niños de hoy*. Plus Ultra.

Tradução do espanhol: Ricardo Duarte

1. Biblioteca Popular La Chicharra: espaço ligado às artes e à literatura, situado no Galpón de Encomiendas y Equipajes, bairro Meridiano V, La Plata, ruas 18 e 71. Instagram: Biblioteca La Chicharra. Coleções peculiares são guardadas nesse prédio; entre elas, “Libros que muerden: literatura infantil y juvenil censurada durante la última dictadura cívico militar 1976-1983”, reunida formalmente na biblioteca desde 24 de março de 2006, data em que o golpe civil-militar na Argentina completou trinta anos.

2. N. do T.: o termo em espanhol *paralunas* é um neologismo criado a partir de outros termos, como *paraguas* (guarda-chuva) e *parasol* (guarda-sol).

No anseio pela palavra certa: notas sobre a denominação *realismo* em Stendhal, Balzac, Baudelaire, Flaubert, Proust**

O paradoxo prospera. Por um lado, a inteligência artificial (IA), para além de seus altos e baixos no mercado de ações, se difunde em nossa vida cotidiana, relançando o jogo com a sombra do invisível, reiniciando a confusão barroca entre vida e sonho, animal e homem, palavra e coisa, falsidade e verdade, magia e razão, virtual e efetivo. Desmaterializado, o mundo se torna presente no jogo de luzes da tela, enquanto é atravessado e enredado pelos cabos oceânicos do Google. Por outro lado, oposto e solidário, formando um oxímoro indestrutível, cresce o culto da “realidade”, com sua evidência material e sua obviedade inequívoca. No âmbito da literatura, os gêneros “realistas” se propagam, entendendo-se agora por isso os gêneros em que o referencial – o mundo supostamente “não literário” – pode atestar o valor que apresentam ou, pelo menos, prometem: biografias, autobiografias, testemunhos, correspondências, histórias de vida, memórias, diários. Esse triunfo da referencialidade tende a inibir as dimensões metafórica e metalinguística, favorecendo interpretações meramente redundantes ou pré-fabricadas com material prévio sociológico e psicológico (“ecológico”, ultimamente...). Como se só estivesse disponível o *show* da *reality*.

* Universidad de la República.

** Este trabalho desenvolve e modifica uma primeira versão, apresentada em novembro de 2023 na Facultad de Humanidades y Ciencias de la Educación, Universidad de la República.

Dupla vertente em que o mundo se im-põe – na intermitência da tela que liga e desliga – como virtualidade/imaterialidade/ficção/falsidade, e como positividade que a literatura registra.

Admitido um real de *não coincidência* entre a palavra e a coisa (porque a língua não é uma nomenclatura, mas um sistema de diferenças do qual “a coisa” escapa), da palavra consigo mesma (porque a homonímia geral rege a língua), do emissor e do receptor (porque o inconsciente funciona cindindo cada falante), e do discurso consigo mesmo (porque não há falante adâmico, que tome a palavra pela primeira vez num mundo virgem de dizeres), dada, então, a impossível coincidência, o que acontece com o desejo de conferir verdade ao mundo? Em que se converte o desejo de uma palavra plena, coincidente, sem resto nem falta? Em que se converte o anseio por uma palavra capaz de nomear as coisas com certeza, chamando “pão, pão, queijo, queijo”? A linguista Jacqueline Authier-Revuz (1995/2012, 2020) dedicou duas obras monumentais ao estudo das marcas enunciativas que assinalam a constante “negociação” dos falantes com esse real de não coincidência, com esse impossível.

Na sequência, vou me concentrar nesse paradoxo irredutível – negociar com o inegociável – no chamado *realismo*, denominação que a partir do século XIX pretende nomear a coincidência entre a palavra e a coisa. De maneira ne-

cessariamente restrita e parcial, vou me concentrar em duas ou três metáforas – “espelho sobre um caminho”, “secretário da sociedade”, “observador” – que, também de modo paradoxal, pretendem nomear um estilo (ou gênero, ou corrente, ou movimento), o chamado “realismo”, imaginado como um dizer direto, inequívoco, em relação biunívoca com as coisas nomeadas. Como uma palavra proferida pelas coisas, emanada das coisas e recolhida das coisas.

1. No século XIX, por meio da filosofia, o termo *realismo* chega às artes – em particular, às artes literárias e plásticas. Desde então, e sob o domínio da evidência, engendrou uma família poderosa: *surrealismo*, *realismo socialista*, *nouveau réalisme*, *neorealismo*, *realismo poético*, *realismo maravilhoso*, *realismo sujo*, *realismo mágico*, *hiper-realismo*, *realismos*, *não realismos* etc. Da mesma forma, engendrou o conjunto de seus pretensos opostos: *romantismo*, *romance romântico*, *romance psicológico*, *ficção científica*, *ficção estranha*, *literatura fantástica* etc. Claro está que a literatura, considerada e ensinada como história da literatura (como uma série de períodos, movimentos, escolas ou estilos que reagem ao que veio antes), fez do *realismo* a reação depuradora do *romantismo*, ao qual supostamente sucede. Essa construção remonta ao século XIX e se mantém até hoje.

No entanto, nos anos 1960, atentos à dimensão linguística e discursiva da literatura, pensadores procuraram desmontar e pôr à mostra o chamado *effet de réel*, efeito de real (Barthes, 1982), a chamada *illusion référentielle*, ilusão referencial (Riffaterre, 1982), ou o sistema de constrições constitutivo do gênero (Hamon, 1982). De outra perspectiva, Jorge Luis Borges (1940) destacou a inverossimilhança e os truques grosseiros que sustentam o *realismo*.

É conhecida a boa fortuna que, desafortunadamente, teve e tem na crítica literária a metáfora do reflexo, ou seja, da arte como reflexo de algo que não é arte e que, na falta de nome melhor, se costuma denominar “a realidade”. De

acordo com essa metáfora, a arte, assim como a ciência positiva, propõe uma representação da realidade; por conseguinte, a arte é passível de ser julgada e catalogada segundo a relação que instaura com o que não é ela: relação de adequação, de representação verdadeira, de reflexo fiel ou imprevisível.

2. Um antecedente notório dessa metáfora especular aparece em *Le rouge et le noir* [O vermelho e o negro], romance em que Stendhal (1830/1972) encabeça cada capítulo com uma epígrafe memorável. Como a sentença “Um romance: é um espelho que carregamos ao longo de um caminho”,¹ atribuída a Saint-Réal, homem de letras do século XVII. Essa metáfora foi lida como o reflexo verídico da poética realista, como seu princípio norteador. Por exemplo, a enciclopédia *Universalis online* afirma: “De Balzac a Zola, e a despeito de suas diferenças, o romance pretende ser como que o espelho do século XIX”² (Raymond, s.d., par. 2). No entanto, trata-se de uma citação apócrifa: seu autor atribuído, Saint-Réal, nunca afirmou isso, e provavelmente seu nome – São Real – só tenha servido a Stendhal para completar sua piada. Algo semelhante acontece com a áspera epígrafe que abre o romance, “A verdade, a áspera verdade”,³ atribuída a Danton, que também não disse isso. Em outras palavras, *Le rouge et le noir*, romance cujo subtítulo *Chronique de 1830* anuncia o relato de uma época, abriga em seu seio duas epígrafes que, apócrifas, destroem a verdade representacional que postulam. Decerto, nunca foi fácil para a crítica classificar Stendhal, o que deu ocasião a múltiplas incongruências (“culto da paixão, da energia, dos países mediterrâneos,

1. “Un roman : c'est un miroir qu'on promène le long d'un chemin.” [N. do T.: tradução de R. Prado. Esta citação e a próxima estão, respectivamente, nas pp. 95 e 13 de: Stendhal. (2010). *O vermelho e o negro*. Cosac Naify. (Trabalho original publicado em 1830)]

2. “De Balzac à Zola, et celles que soient les différences qu'il comporte, le roman se propose d'être comme le miroir du XIX^e siècle.”

3. “La vérité, l'âpre vérité.”

do Renascimento, linguagem límpida, espírito analítico lúcido, inclusive irônico, o realismo preciso de sua visão das coisas anuncia as escolas romanescas posteriores”).

O incômodo da crítica com a classificação de Stendhal é compreensível: a metáfora do espelho, tão óbvia e límpida – o romance reflete o mundo –, consegue ocultar o que qualquer um sabe: um espelho pode refletir tudo, exceto palavras, justamente o que constitui um romance.

3. Comparável ao “espelho” stendhaliano é uma metáfora de Balzac, “secretário” da sociedade, tal como aparece, em 1842, em *La comédie humaine* [A comédia humana]:

A Sociedade francesa seria o historiador, eu apenas o secretário. Ao fazer o inventário dos vícios e das virtudes, reunindo os principais fatos das paixões, pintando os caracteres, escolhendo os acontecimentos principais da Sociedade, compondo tipos pela reunião de traços de diversos caracteres homogêneos, pode ser que eu consiga chegar a escrever a história esquecida por tantos historiadores, a dos costumes.⁴ (p. 21)

Convém, penso eu, prestar atenção à função auxiliar que Balzac se atribui: como secretário da sociedade, sua função se restringe a tomar notas, a registrar o que a sociedade diz. Mediante esse serviço – quase que de médium – ouvimos a sociedade falar. Pois bem, a descrição detalhada que Balzac faz de suas tarefas

secretariais o mostram, “subalterno”, ordenando o mundo: dizendo o que é vício e o que é virtude, ao fazer seu inventário; dizendo o que é paixão; dizendo quais são os acontecimentos principais da sociedade etc. Passa assim de secretário imaginário ou porta-voz da sociedade a demiurgo, a criador efetivo de seus personagens e mitos.

A fórmula do romancista como “secretário da sociedade” foi bem-sucedida, adotada e difundida. Em 1849, por exemplo, Alexandre Dumas escreveu em *Le Mois*: “Seremos os estenógrafos do universo”⁵ (Mombert, 2011, p. 1126), fórmula que já tinha adotado e difundido no cartaz publicitário de lançamento desse jornal, um ano antes: “Deus dita, e nós escrevemos”⁶ (p. 1126).

A metáfora balzaciana, secretarial, laica e realista, e a metáfora dumasiana, exaltada, divina e romântica, declaram a continuidade, o solo compartilhado e indivisível de *romantismo e realismo*: em ambos os casos, o escritor se apresenta como subordinado, obediente a uma instância alheia – sociedade/universo/Deus –, dotada de uma voz que dá a ele, o escritor, a palavra. Modesto secretário ou eufórico datilógrafo do universo, ambos os escritores vão agir como ventríloquos, como executantes de uma prosopopeia.

Não é essa faculdade, a de inventar um senhor – sociedade/universo/Deus – do qual dizem ser servidores, que costumam destacar, por exemplo, em Balzac, a quem mais comumente se atribuem talentos próprios a um cientista do século XIX: observação e descrição?

Por sorte, houve quem se esquivasse do estratagema da prosopopeia e, em vez de um observador distanciado, visse em seus heróis uma grandeza maior que a dos heróis homéricos, e em Balzac um “romântico” e um “poético”, semelhante a sua obra e a seus personagens. Foi assim que Baudelaire (1846/2011b) o viu:

5. “Nous serons les sténographes de l’univers.”
6. “Dieu dicte, et nous écrivons.”



Roberto Huarcaya
Deseos, temores y divanes [Desejos, temores e divãs] (1990). Série, foto 1. Impressão analógica, 40 cm x 30 cm.

Pois os heróis da *Iliada* só chegam a seu tornozelo, ó Vautrin, ó Rastignac, ó Birotteau – e o senhor, ó Fontanarès, que não ousou contar ao público suas dores usando o fraque fúnebre e convulsionado que todos vestimos; e o senhor, ó Honoré de Balzac, o mais heroico, o mais singular, o mais romântico e o mais poético entre todos os personagens que o senhor tirou de seu âmago!⁷ (p. 689)

Em outras palavras, para Baudelaire, não é que Balzac tenha vertido sua vida em sua obra,

7. “Car les héros de l’*Iliade* ne vont qu’à votre cheville, ô Vautrin, ô Rastignac, ô Birotteau, – et vous, ô Fontanarès, qui n’avez pas osé raconter au public vos douleurs sous le frac funèbre et convulsionné que nous endossons tous ; – et vous, Honoré de Balzac, vous le plus héroïque, le plus singulier, le plus romantique et le plus poétique parmi tous les personnages que vous avez tirés de votre sein !” [N. do T.: tradução de J. C. Guimarães. Esta citação e as próximas estão em: Baudelaire, C. (2023). *Prosa*. Penguin Classics Companhia das Letras. <https://a.co/d/7Zztcor>]

e sim, muito mais radicalmente, à *la* Dom Quixote, à *la* Madame Bovary, que sua vida é uma criação da literatura – no caso, a sua própria. Extraordinário Baudelaire, capaz de subverter de um só golpe os lugares-comuns que o positivismo impunha e impõe. Do mesmo modo, neste elogio que encerra o *Salon de 1846*, Baudelaire encontra em Balzac o autor capaz de criar – de extrair de seu peito – um “elemento novo”, que é a “beleza moderna” parisiense: “A vida parisiense é fecunda em temas poéticos e maravilhosos. O maravilhoso nos envolve e nos sacia como a atmosfera; mas nós não o vemos”⁸ (p. 687).

Baudelaire é recorrente em sua compreensão admirativa de Balzac, definido como “romancista e sábio”, “inventor e observador”, “naturalista” que conhece “a lei de geração das ideias e dos seres visíveis”:

De fato, Balzac é um romancista e um sábio, um inventor e um

8. “La vie parisienne est féconde en sujets poétiques et merveilleux. Le merveilleux nous enveloppe et nous abreuve comme l’atmosphère ; mais nous ne le voyons pas.”

observador; um naturalista que também conhece a lei de geração das ideias e dos seres visíveis. Ele é um grande homem, com toda a força dessa expressão; é um criador de método e o único cujo método vale a pena ser estudado.⁹ (p. 447)

Consideremos uma última afirmação, em que Baudelaire se volta para o caráter “inventor” de Balzac, dissociando-o explicitamente do romance espelho da sociedade:

Assim como Paris gosta sobretudo de ouvir falar de Paris, o geral das pessoas se compraz com os espelhos em que se vê. Mas quando o romance de costumes não é robustecido pelo alto gosto natural do autor, corre o risco de ser banal, e mesmo, como em matéria de arte, a utilidade pode medir-se pelo nível de nobreza, inteiramente inútil. Se Balzac fez desse gênero popular uma coisa admirável, sempre curiosa e com frequência sublime, foi porque ele aí pôs todo o seu ser. Muitas vezes fiquei espantado pelo fato de a grande glória de Balzac se dever a ele ser considerado um observador; sempre me pareceu que seu principal mérito era o de ser visionário, e visionário apaixonado. Todos os seus personagens são dotados do ardor vital de que ele próprio era animado. Todas as suas ficções são tão profundamente coloridas quanto os sonhos. Desde o cume da aristocracia até o nível mais baixo da plebe, todos os atores de sua *Comédia* são mais duros para a vida, mais ativos e

9. “Balzac est en effet un romancier et un savant, un inventeur et un observateur ; un naturaliste qui connaît également la loi de génération des idées et des êtres visibles. C’est un grand homme dans toute la force du terme ; c’est un créateur de méthode et le seul dont la méthode vaille la peine d’être étudiée.”

astutos na luta, mais pacientes na infelicidade, mais gulosos na fruição, mais angélicos na devoção, do que a comédia do verdadeiro mundo nos mostra. Em suma, todos, em Balzac, mesmo as porteiras, têm têmpera. Todas as almas são armas carregadas de vontade até a boca. Esse é bem Balzac. E como todos os seres do mundo exterior se ofereciam ao olho de seu espírito com um relevo vigoroso e uma careta impressionante, ele fez seus rostos se convulsionarem; ele escureceu suas sombras e iluminou suas luzes. Seu gosto prodigioso pelo detalhe, que tem a ver com uma ambição imoderada de tudo ver, de tudo mostrar, de tudo perceber, de fazer com que tudo seja percebido, o obrigava de resto a marcar com mais força as linhas principais para salvar a perspectiva do conjunto.¹⁰ (p. 502)

10. “Comme Paris aime surtout à entendre parler de Paris, la foule se complait dans les miroirs où elle se voit. Mais quand le roman de mœurs n’est pas relevé par le haut goût naturel de l’auteur, il risque fort d’être plat, et même, comme en matière d’art l’utilité peut se mesurer au degré de noblesse, tout à fait inutile. Si Balzac a fait de ce genre roturier [le roman de mœurs] une chose admirable, toujours curieuse et souvent sublime, c’est parce qu’il a jeté tout son être. J’ai maintes fois été étonné que la grande gloire de Balzac fût de passer pour un observateur ; il m’avait toujours semblé que son principal mérite était d’être visionnaire, et visionnaire passionné. Tous ses personnages sont doués de l’ardeur vitale dont il était animé lui-même. Toutes ses fictions sont aussi profondément colorées que les rêves. Depuis les sommets de l’aristocratie jusqu’aux bas-fonds de la plèbe, tous les acteurs de sa *Comédie* sont plus à l’œuvre, plus actifs et rusés dans la lutte, plus patients dans le malheur, plus goulus dans la jouissance, plus angéliques dans le dévouement, que la comédie du vrai monde ne nous les montre. Bref, chacun, chez Balzac, même les portières, a du génie. Toutes les âmes sont des armes chargées de volonté jusqu’à la gueule. C’est bien Balzac lui-même. Et comme tous les êtres du monde extérieur s’offraient à l’œil nu de son esprit avec un relief puissant et une grimace saisissante, il a fait se convulser ses figures ; il a noirci leurs ombres et illuminé leurs lumières. Son goût prodigieux du détail, qui tient à une ambition immodérée de tout voir, de tout faire voir, de tout deviner, de tout faire deviner, l’obligeait d’ailleurs à marquer avec plus de force les lignes principales, pour sauver la perspective de l’ensemble.”

Nesse retrato que Baudelaire faz da escrita balzaciana, se há “espelho”, ele não se encontra em Balzac, mas em outras obras, com as quais “o geral das pessoas se compraz”, porque a exacerbação e a “convulsão” balzacianas não “se mostram” na “comédia do verdadeiro mundo”. Igualmente, com essa escrita, fica-se muito longe da figura auxiliar do secretário, obediente a um ditame alheio. Não há “observação” distanciada, mas “visão apaixonada”; não há redução e acomodação às proporções do mundo, e sim “ambição imoderada”, uma desproporcional ambição de “tudo”.

Decerto, nessa escrita e nesse personagem que é seu autor, Baudelaire está reconhecendo a sede pelo absoluto, a recusa completa do cálculo burguês, que sustenta e alimenta o desejo romântico.

4. Tempos depois, em sua extraordinária resenha de *Madame Bovary*, Baudelaire (1857/2011a) também evoca Balzac, a quem denomina “esse prodigioso meteoro que cobrirá nosso país com uma nuvem de glória, como um oriente estranho e excepcional, como uma aurora polar inundando o deserto gelado com suas luzes feéricas”¹¹ (p. 478), e diz ainda que, desde sua morte, toda curiosidade pelo romance tinha se esmaecido e adormecido.

O retrato baudelaireano de Balzac – “prodigioso meteoro”, “nuvem de glória”, “oriente estranho e excepcional”, “aurora polar”, “deserto gelado”, “luzes feéricas” – se afasta de um Balzac realista, “secretário da sociedade”. Algo semelhante acontece com a análise baudelaireana de *Madame Bovary*, oportunidade para o poeta desmontar o mecanismo, o artifício, do “procedimento literário chamado realismo”:

E também, como nossos ouvidos foram perseguidos nestes últimos tempos por falatórios

11. “Ce prodigieux météore qui couvrira notre pays d’un nuage de gloire, comme un orient bizarre et exceptionnel, comme une aurore polaire inondant le désert glacé de ses lumières féeriques.”

escolares pueris, como ouvimos falar de um certo procedimento literário chamado realismo – injúria desagradável lançada na cara de todos os analistas, palavra vaga e elástica que significa para o comum das pessoas não um método novo de criação, mas uma descrição minuciosa dos acessórios –, aproveitaremos a confusão dos espíritos e a ignorância universal. Desenvolveremos um estilo nervoso, pictórico, sutil, exato, num plano banal. Encerraremos os sentimentos mais quentes e os mais fervorosos na aventura mais trivial. As palavras mais solenes, as mais decisivas, escaparão das bocas mais tolas. Qual é o terreno de tolice, o meio mais estúpido, o mais produtivo em absurdos, o mais abundante em imbecis intolerantes?¹² (p. 479)

Um pouco à maneira de Poe na escrita de “O corvo”, Baudelaire arremeda o raciocínio supostamente seguido por Flaubert para escolher o tema e a condução de *Madame Bovary*. A despeito da precisão desse arremedo, vou destacar o fato de que, para Baudelaire, o *realismo*, objeto de “conversas escolares pueris”, é uma “palavra vaga e elástica”, é um “procedimento literário” que ele, Baudelaire, encontra ativo, em ação, em *Madame Bovary*.

12. “Et aussi, comme nos oreilles ont été harassées dans ces derniers temps par des bavardages d’école puérils, comme nous avons entendu parler d’un certain procédé littéraire appelé réalisme, – injure dégoûtante jetée à la face de tous les analystes, mot vague et élastique qui signifie pour le vulgaire, non pas une méthode nouvelle de création, mais une description minutieuse des accessoires, – nous profiterons de la confusion des esprits et l’ignorance universelle. Nous étendrons un style nerveux, pittoresque, subtil, exact, sur un canevas banal. Nous enfermerons les sentiments les plus chauds et les plus bouillants dans l’aventure la plus triviale. Les paroles les plus solennelles, les plus décisives, s’échapperont des bouches les plus sottes. Quel est le terrain de sottise, le milieu le plus stupide, le plus productif en absurdité, les plus abondant en imbeciles intolérants?”

Assim, Baudelaire libera o *realismo* do domínio da “realidade” para situá-lo sob o domínio do procedimento, do artifício, do estilo.

A agudeza da análise baudelaireana, sua inteligência para discernir os mecanismos em jogo, não impediu que a crítica posterior a Flaubert lhe conferisse dois atributos bastante incompatíveis: subordinação à “realidade”, isto é, sujeição referencial, e ao mesmo tempo sujeição ao estilo, a busca febril pela palavra que soa bem.

Numa carta de 1856 a sua amiga Edma Roger des Genettes, Flaubert (1998) escreveu:

Tenho vontade de conversar longamente com a senhora (mas quando e onde) sobre a teoria da coisa. Acreditam que estou apaixonado pelo real, quando eu o execro; já que foi por ódio ao realismo que empreendi este romance [*Madame Bovary*]. Mas não detesto menos a falsa realidade com a qual somos afligidos em nossa época.¹³ (p. 310)

Flaubert explicita assim dois grandes mal-entendidos. Se, para alguns, Flaubert está “apaixonado pelo real”, ele declara “execrá-lo”, a ponto de não ter sido o afã de dar conta desse “real” o que o levou a escrever *Madame Bovary*, mas “o ódio” que “o realismo” despertava nele. Por outro lado, Flaubert se regozija com a possibilidade de lhe concederem o prêmio Montyon, destinado às obras “mais úteis à moral e aos bons costumes”. Isso seria, Flaubert escreve, “a peça mais terrível que podem me pregar”. E acrescenta: “Quando a senhora tiver lido o fim, verá que o mereço” (p. 310).

13. “J’ai bien envie de causer longuement avec vous (mais quand et où) sur la théorie de la chose. On me croit épris du réel, tandis que je l’exècre. Car c’est en haine du réalisme que j’ai entrepris ce roman [*Madame Bovary*]. Mais je n’en déteste pas moins la fausse idéalité dont nous sommes bernés par le temps qui court.” [N. do T.: tradução de C. E. L. Machado. Esta citação e as próximas estão na p. 156 de: Flaubert, G. (2005). *Cartas exemplares*. Imago.]

Desse modo, Flaubert está prevenido que o fim de seu romance pode ser entendido como uma mensagem repleta de moralidade (Emma Bovary morre em agonia atroz, seu marido Charles não sobrevive à morte dela, e sua pequena filha Berthe, órfã, precisa ir trabalhar numa fábrica: o castigo pelo crime de adultério recai sobre a culpada e sua família) ou repleta de sarcasmo desolado: o Estado francês acaba condecorando com a Legião de Honra o farmacêutico Homais, um dos personagens mais vis do século XIX.

Esse fim, repleto da moralidade triunfante da ordem burguesa, ou repleto da baixaza corrupta que o Estado celebra em Homais, afasta de uma leitura “realista”, na medida em que “a realidade” é transferida e submetida ao plano da interpretação.

5. Proust, leitor apaixonado de Balzac, Baudelaire e Flaubert, aos quais dedicou análises iluminadoras, foi também cultor consequente, como Flaubert, Ducasse, Rimbaud e Verlaine, da paródia e do pastiche.

Às razões acadêmicas dadas por Proust para cultivar o pastiche – exercício que, por meio da imitação voluntária e consciente, permite evitar a imitação involuntária –, pode-se acrescentar uma razão que envolve a poética proustiana, sua própria convicção literária. Presente ao longo dos sete volumes de *À la recherche du temps perdu* [Em busca do tempo perdido], essa convicção é exposta, à contraluz – de modo irônico –, em *Le temps retrouvé* [O tempo redescoberto] (1927/1999), quando o narrador, depois de ler algumas páginas inéditas do *Journal* [Diário] dos Goncourt, na “realidade” pastichadas por Proust, conclui que ele não poderia escrever, já que, por não saber escutar nem olhar, seria incapaz de contar, com riqueza de detalhes, uma *soirée* na casa dos Verdurin, como os Goncourt supostamente tinham contado nas páginas que o narrador acabara de ler.

A questão é irônica, pois o narrador afirma não ser capaz de contar uma *soirée* mundana, coisa que os Goncourt sim sabem fazer, mas

essas páginas do *Journal*, que comprovariam o talento deles, por serem apócrifas, pastichadas por Proust, demonstram que o narrador pode sim escrever como os Goncourt.

Da mesma forma, o narrador diz ter um olhar de “geômetra”, um olhar que despoja as coisas de suas qualidades sensíveis e vê apenas seu substrato linear, e por isso, quando acreditava estar observando os comensais, ele os estava radiografando.

Por fim, o narrador dá uma razão definitiva, ao se declarar incapaz de ver aquilo cujo desejo não tivesse sido previamente despertado por alguma leitura. A literatura, ao emprestar sua “magia ilusória” às coisas, as tornava desejáveis, tanto que poderíamos nos perguntar se todas essas pessoas que lamentávamos não ter conhecido – dado como Balzac as pintava em seus livros ou dados os versos que Sainte-Beuve e Baudelaire lhes dedicavam –, se as tivéssemos conhecido, não teriam nos parecido insignificantes.

A essa altura, se Baudelaire e Balzac seguem radiantes na reflexão do narrador de *À la recherche du temps perdu*, nada sobrevive do secretário da sociedade ou do espelho que reflete o caminho, a não ser talvez nos Goncourt, diaristas disciplinados, que sim sabem ouvir e observar, embora isso justamente não tenha nada a ver com a literatura e o desejo que sua magia ilusória produz, ou seja, com Stendhal, Balzac, Flaubert, Baudelaire.

Referências

- Authier-Revuz, J. (2012). *Ces mots qui ne vont pas de soi: boucles réflexives et non-coïncidences du dire*. Larousse. (Trabalho original publicado em 1995)
- Authier-Revuz, J. (2020). *La représentation du discours autre: principes pour une description*. Walter de Gruyter.
- Balzac, H. (1855). La comédie humaine. Em H. Balzac, *Œuvres complètes* (vol. 1). A. Housiaux. (Trabalho original publicado em 1842)

Barthes, R. (1982). L’effet de réel. Em R. Barthes, L. Bersani, P. Hamon, M. Riffaterre & I. Watt, *Littérature et réalité*. Seuil.

Baudelaire, C. (2011a). *Madame Bovary* par Gustave Flaubert. Em C. Baudelaire, *Œuvres complètes*. Robert Laffont. (Trabalho original publicado em 1857)

Baudelaire, C. (2011b). Salon de 1846. Em C. Baudelaire, *Œuvres complètes*. Robert Laffont. (Trabalho original publicado em 1846)

Borges, J. L. (1940). Prólogo. Em A. Bioy Casares, *La invención de Morel*. Losada.

Flaubert, G. (1998). *Correspondance*. Gallimard.

Hamon, P. (1982). Un discours contraint. Em R. Barthes, L. Bersani, P. Hamon, M. Riffaterre & I. Watt, *Littérature et réalité*. Seuil.

Mombert, S. (2011). Alexandre Dumas (1802-1870). Em D. Kalifa, M.-E. Thérenty, P. Régner & A. Vaillant (org.), *La civilisation du journal*. Nouveau Monde.

Proust, M. (1999). *À la recherche du temps perdu, 7: le temps retrouvé*. Quarto; Gallimard. (Trabalho original publicado em 1927)

Raymond, M. (s.d.). Roman: de Balzac au nouveau roman. Em *Universalis*. <https://tinyurl.com/27bw7f9a>

Riffaterre, M. (1982). L’illusion référentielle. En R. Barthes, L. Bersani, P. Hamon, M. Riffaterre & I. Watt, *Littérature et réalité*. Seuil.

Stendhal. (1972). *Le rouge et le noir*. LGF. (Trabalho original publicado em 1830)

Tradução do espanhol: Ricardo Duarte

A palavra precisa

Uma palavra, oito jovens estudantes de uma oficina de tradução de poesia sentados no gramado úmido do jardim botânico externo, com seus dois professores. A palavra é *insight*; o contexto, os últimos versos de “Autumn”, poema de Louise Glück (2017):

*Insight, my sister said.
Now it is here.
But hard to see in the darkness.*

*You must find your footing
before you put your weight on it.
(vv. 36-40)*

A irmã aparece antes, na terceira estrofe:

*Life, my sister said,
is like a torch passed now
from the body to the mind.
Sadly, she went on, the mind is not
there to receive it.
(vv. 9-13)*

Alguém opta por “conhecimento”; outro alguém, por “intuição”. Também propõem “compreensão”, “perspicácia”, “perspectiva”. “Temos que ser espertos” é outra proposta. Não é uma discussão; cada estudante expõe as razões pelas quais escolher uma palavra ou outra, e todos, estudantes e professores, ouvem interessados.

Louise Glück tinha uma irmã. As jovens especulam sobre como seria a relação entre as irmãs. Talvez pensem nas próprias irmãs, se as tiverem; talvez pensem em como seria sua vida se as tivessem. Uma imagina uma irmã sábia, outra pergunta se a irmã de Glück era a mais velha; talvez sua imagem de irmã mais

velha implique sabedoria. Cada uma dessas jovens tradutoras poetas plasma em sua tradução uma imagem única, distinta das demais.

A tradução dessa palavra cria um poema único. Os professores almejam que as estudantes estejam conscientes do efeito de sua escolha no poema. Para uma estudante, a irmã é sábia porque é intuitiva; para outra, é sábia porque tem conhecimento. Há para quem a irmã compreenda e há para quem ela observe com perspicácia como a vida se desenrola. O poema abre a possibilidade de uma variedade de irmãs, e cada uma corresponde a uma experiência ou a um sonho.

Glück escreveu “Autumn” antes de perder a irmã mais nova, Tereze; antes teve outra, ou não teve dela mais que uma sensação de vazio e ausência; sua irmã mais velha morreu antes de ela nascer. Quando esse grupo de estudantes leu “Autumn”, Glück já tinha vivido duas perdas; uma delas, pela vida toda. Talvez as jovens leiam e escrevam já pensando nesse vazio. Os professores entendem seu papel como o de guias e não censuram nenhuma versão, ou procuram não fazê-lo: é possível que alguém note um leve sorriso, um movimento quase imperceptível ou um brilho nos olhos, uma maneira de olhar ou de virar a cabeça ou incliná-la. Às vezes, estão nas palavras dos jovens.

Os filósofos refletiram e escreveram sobre esse fenômeno, que Willard van Quine (1960/2013) denominou *indeterminação da tradução*: um enunciado pode ter várias traduções, distintas entre si, de tal modo que todas são corretas, mas as diferenças entre elas não são apenas estilísticas (Hylton & Kemp, 2023). Cabe então perguntar se a tradução “correta” é impossível. Não só isso: um enunciado admite traduções diferentes tanto

no estilo quanto na mensagem somente se houver uma ambiguidade, de forma que a indeterminação da tradução envolve a indeterminação da linguagem; assim, a pergunta é se nos entendemos uns aos outros. A ideia de que a comunicação consiste em transmitir uma mensagem específica (determinada) mediante um enunciado, somada à indeterminação da tradução, parece de fato conduzir à conclusão de que a comunicação entre duas comunidades linguísticas diferentes é impossível e, levando o argumento mais longe, de que a comunicação não é possível.

A tradução “correta” (única) só poderia existir se houvesse sinonímia, ou seja, somente se fosse possível encontrar palavras cujo significado fosse exatamente o mesmo numa língua e na outra: se houvesse uma palavra precisa. No entanto, qualquer tradutor sabe que isso não existe. Nem mesmo na linguagem da ciência. Com efeito, como bem explica Tomás Segovia (2011), a linguagem científica é construída com a linguagem natural; existe uma terminologia, mas os termos são apenas uma parte da sequência de palavras que constituem um enunciado, e isso sem considerar as diferenças na morfossintaxe. Se pensarmos que uma tradução científica correta é uma tradução que transmite corretamente o fato científico em questão, nesse âmbito há sim traduções corretas e incorretas, mas não uma única tradução correta. Embora a mensagem seja transmitida corretamente, dois tradutores sempre vão produzir resultados distintos; a indeterminação da tradução leva a pensar que entre esses resultados não é possível decidir se um é “mais correto” que o outro.

A pergunta, no caso da tradução literária, é o que quer dizer que uma tradução seja “correta”. Essa pergunta é tão antiga quanto a própria tradução. Também já se falou da impossibilidade da tradução literária; Gérard Genette (1989), por exemplo, propõe que a linguagem literária é, por definição, intraduzível. Isso se deve ao fato de que no texto literário o sentido depende não só das palavras que o constituem, mas também, e de modo muito mais importante, de como estão concatenadas. As associações e

relações produzidas por essa concatenação de palavras e sons contribuem para a construção da significação, e as distintas acepções de cada palavra reverberam nela: cada leitor constrói essas associações de maneira única. Segundo Genette, transpor isso para outra língua é impossível. Contudo, traduzimos literatura, e já o fazemos há centenas de anos. Desde Babel.

O fato é que, embora a interpretação de um texto literário exija uma análise crítica rigorosa e nem toda interpretação seja admissível, pode haver sim leituras distintas. Essa é a magia da literatura: todos vamos nos encontrar, em algum momento, em algum poema ou em algum personagem. O trabalho do crítico é decifrar como isso acontece. A indeterminação da linguagem, a ambiguidade inevitável, é o que produz essa diversidade de sentidos que abarca a todos nós. Esta é a principal diferença entre a linguagem especializada e a linguagem literária: aquilo que numa pode ser fonte de problemas é a riqueza da outra.

Assim como a diversidade de sentidos enriquece a literatura, a indeterminação da tradução enriquece a tradução. Já disse Jorge Luis Borges, em “As versões homéricas” (1932/1980):

O *Quixote*, graças a meu exercício congênito do espanhol, é um monumento uniforme, sem outras variações que as deparadas pelo editor, o encadernador e o tipógrafo; a *Odisseia*, graças a meu oportuno desconhecimento do grego, é uma biblioteca internacional de obras em prosa e verso, desde os versos de rimas emparelhadas de Chapman até a *Authorized Version* de Andrew Lang ou o drama clássico francês de Bérard ou a saga vigorosa de Morris ou o irônico romance burguês de Samuel Butler.¹ (p. 88)

Da mesma forma que Borges tem a sua disposição múltiplas *Odisseias*, existem agora oito versões de “Autumn” em espanhol; oito outonos

* Escuela Nacional de Lenguas, Lingüística y Traducción, Universidad Nacional Autónoma de México.

1. N. do T.: tradução de J. V. Baptista. A citação está nas pp. 104-105 de: Borges, J. L. (2008). As versões homéricas. Em J. L. Borges, *Discussão* (pp. 103-110). Companhia das Letras. (Trabalho original publicado em 1932)

com oito irmãs. Borges cita as versões de um fragmento específico e se pergunta qual será a mais fiel, e a seguir responde que nenhuma, ou todas.

É assim: antes de responder, é preciso definir ao que se quer ser fiel. Os professores propõem às jovens tradutoras de “Autumn” que é sua crítica do texto o que responde à pergunta de Borges. Antes de optar por uma palavra ou outra, elas têm que estudar o poema de Glück e oferecer uma interpretação: a precisão da palavra não é absoluta, mas relativa a essa interpretação. Não devem esquecer que a irmã e a relação entre elas, bem como o que os outonos de seu passado lhes ofereceram e lhes deixaram, dependem de sua escolha.

Um exemplo de como a escolha de uma palavra pode mudar a conformação de um personagem na tradução aparece em *Hopscotch* (Cortázar, 1963/1966), a tradução que Gregory Rabassa fez de *Rayuela* [O jogo da amarelinha], romance de Julio Cortázar (1963/2022). Rabassa começou a trabalhar nessa tradução – publicada em 1966 – em 1964, um ano depois da publicação do livro. Durante todo o processo tradutório, autor e tradutor mantiveram comunicação constante; Cortázar esteve a par e aprovou todas as decisões do tradutor.

Ao cotejar *Hopscotch* com *Rayuela*, vemos algumas pequenas (mas talvez grandes) diferenças na conformação de um personagem crucial. Os primeiros capítulos do romance são narrados na primeira pessoa por Horacio Oliveira, o personagem principal; nestes, ele descreve a Maga e a relação que tinham. No capítulo 1, Oliveira descreve o momento em que conheceu a Maga: “Ya para entonces me había dado cuenta de que buscar era mi signo” [Àquela altura eu já tinha percebido que procurar era minha sina]² (Cortázar, 1963/2022, posição 1069). Em *Hopscotch*, Oliveira diz: “It was about that time that I realized that searching was my symbol” (Cortázar,

1963/1966, p. 7). Assim, no texto de Cortázar, ao conhecer a Maga, Oliveira já sabia que para ele a vida era buscar, enquanto na versão de Rabassa foi só então que ele se deu conta disso. A diferença entre “para entonces” [àquela altura] e “entonces” [então] faz com que a aparição da Maga de Rabassa seja crucial na vida de Oliveira.

Mais adiante, no capítulo 4, já narrado em terceira pessoa, há outra diferença. O fragmento conta como Oliveira era feliz, embora o exasperasse a maneira como a Maga fazia as coisas. Entre os exemplos que ele apresenta, está o seguinte:

o parada en medio de la calle (el Renault negro frenaba a dos metros y el conductor sacaba la cabeza y puteaba con el acento de Picardía), parada como si tal cosa para mirar desde el medio de la calle una vista del Panteón a lo lejos, siempre mucho mejor que la vista que se tenía desde la vereda.

[ou parada no meio da rua (o Renault negro freava a dois metros e o motorista punha a cabeça para fora e xingava com o sotaque da Picardia), parada à toa para olhar do meio da rua uma vista do Panthéon ao longe, sempre muito melhor que a vista que se tinha da calçada] (Cortázar, 1963/2022, posição 1302)

Rabassa traduz assim:

or would stop in the middle of the street (a black Renault came to a halt about five feet away and the driver stuck his head out and used his Picardy accent to call her a whore). She would stop as if there was a real view to be seen from the middle of the street, as if the sight of the distant Panthéon was much better from there than from the sidewalk. (Cortázar, 1963/1966, p. 22)

Ao mudar “parada para mirar una vista” [parada para olhar uma vista] para “se pararía como si hubiera una vista” [ela pararia como se houvesse uma vista], em *Hopscotch*, a Maga muda. No texto de Rabassa, a Maga se detém no meio da rua como se pudesse ver o Panthéon dali: só imagina o que seria essa vista. No texto de origem, ela o vê, e ao vê-lo, se esquece de tudo, de onde está e do compromisso público e social de atravessar as ruas com atenção e sem se deter, sob o risco de perder a vida. Em *Hopscotch*, seu compromisso é com sua imaginação, e observa as coisas como se se ajustassem a esta.

Essas alterações podem parecer triviais, mas não são tanto assim. Quando a Maga desaparece de sua vida, a busca de Oliveira se converte na busca pela Maga, ou por aquilo que a Maga tinha e que o fazia feliz, embora o exasperasse. Parece que isso não é exatamente o mesmo em *Hopscotch* e *Rayuela*.

Isso não deve levar a pensar que a tradução de Gregory Rabassa não seja “correta”. Ela não é apenas o resultado de um trabalho comum entre autor e tradutor: *Hopscotch* é um romance que se sustenta por si mesmo como texto literário na cultura anglo-saxã, e foi de grande importância na formação de um novo tipo de leitor nessa cultura. Pôr de lado a ideia de qualificar essas mudanças como erros produziu uma nova disciplina, os estudos de tradução ou tradutologia.

Os estudos de tradução começaram a se constituir como disciplina independente depois da Segunda Guerra Mundial. A mudança fundamental na maneira de estudar ou analisar traduções consistiu em parar de prescrever e passar a descrever. Quanto ao texto literário, a ideia do que é uma boa tradução (ou uma tradução correta) não é a mesma nem em sociedades diferentes nem em épocas diferentes. Toda tradução, literária ou não, se insere no discurso da cultura que recebe, a qual se altera ao longo do tempo. Além disso, o texto literário é um caso especial: por um lado, está sujeito à crítica literária, também inserida no momento social das duas culturas, a de origem e a que recebe; por outro, não se deve esquecer que o que uma sociedade percebe (e aceita) como lin-

guagem literária também não é constante nem histórica nem geograficamente. É por isso que a crítica de tradução e o cotejo com o texto de origem produzem frutos quando não procuram o que se percebe como erro, mas em vez disso se dedicam a estudar, por exemplo, como as decisões do tradutor reverberam no texto traduzido, como uma tradução ou um conjunto de traduções são recebidos numa sociedade, as razões pelas quais se escolhe traduzir um tipo de texto ou um autor. Segundo Patricia Willson (2010), “o cotejo deveria ser uma ferramenta crítica e não prescritiva; deveria servir para ver, nas omissões, acréscimos e paráfrases, entre outros elementos, concepções da tradução, da literatura, do leitor, da língua de tradução” (p. 8).

Sempre que duas comunidades linguísticas distintas se encontraram, houve mediação pela tradução. Estudar quem traduz, o que se traduz, como se traduz e como se recebe pode mostrar como as sociedades e as pessoas que as constituem se relacionam entre si. A função do tradutor é tornar um texto inteligível para um grupo social diferente daquele ao qual se dirigia originalmente, e incide não apenas no fato de ser possível lê-lo, mas também em como vai ser lido. Lawrence Venuti (1998) explica que o tradutor inscreve o texto com valores inteligíveis para determinada comunidade, e assim uma tradução se identifica, e identifica seu autor, com uma comunidade discursiva – não só literária, mas também ideológica, social ou política – na cultura que recebe. O cotejo de tradução é a ferramenta para estudar como se formam essas identidades.

A tradução que o poeta espanhol Luis Cernuda (1938/1993) fez do soneto “Indignation of a high-minded Spaniard” (1810/1995), de William Wordsworth, mostra que acrescentar uma palavra – nesse caso, uma letra – pode identificar o tradutor com uma comunidade ao inscrever nela seus valores ou ideologias (Soberón, 2018). Convidado pelo poeta Stanley Richardson, Cernuda chegou a Londres em fevereiro de 1938, sem conhecer a língua e sem saber que começava um exílio que duraria a vida inteira. Em abril do mesmo ano, “Cólera

2. N. do T.: tradução de E. Nepomuceno. Esta citação e a próxima estão em: Cortázar, J. (2019). *O jogo da amarelinha*. Companhia das Letras. <https://a.co/d/71qPS6t> (Trabalho original publicado em 1963)

de un español altanero” [Cólera de um espanhol altaneiro] e “El roble de Guernica” [O carvalho de Guernica], também tradução de um soneto de Wordsworth, apareceram em Barcelona na revista *Hora de España*, número 16, sob o título “Dos sonetos de William Wordsworth” [Dois sonetos de William Wordsworth]. O escasso conhecimento de inglês de Cernuda faz pensar que houve colaboração de Richardson. Wordsworth escreveu esses sonetos, que falam da tirania e das liberdades perdidas, por ocasião da invasão napoleônica à Espanha. Cernuda os traduziu cerca de dois anos depois do levante de Francisco Franco, quando a República Espanhola ainda resistia, mas já se vislumbrava que o fim estava próximo e que não seria favorável. A escolha desses sonetos é por si mesma suficiente para identificar o poeta espanhol com a luta antifranquista. A tradução do primeiro deles mostra como a escolha de uma palavra, talvez duas, pode inscrever valores facilmente reconhecíveis para determinada comunidade.

Indignation of a high minded Spaniard

*We can endure that He should waste our lands,
Despoil our temples, and by sword and flame
Return us to the dust from which we came;
Such food a Tyrant's appetite demands;
And we can brook the thought that by his hands
Spain may be overpowered, and he possess,
For is delight, a solemn wilderness
Where all the brave lie dead. But when of bands
That he will break for us he dares to speak,
Of benefits, and of a future day
When our enlightened minds shall bless his sway;
Then, the strained heart of fortitude proves weak;
Our groans, our blushes, our pale cheeks declare
That he has power to inflict us what we lack strength
[to bear.*

(Wordsworth, 1810/1995, p. 381)

A decisão mais visível do tradutor é a adoção da forma do soneto espanhol, o qual, diferentemente do soneto inglês, separa o poema em estrofes. Também é fácil notar que, no soneto de Wordsworth, a vergonha não aparece, mas está implícita, enquanto Cernuda a explicita. A mudança mais significativa, porém, acontece no começo da segunda estrofe da versão de Cernuda.

“And we can brook the thought that by his hands/ Spain may be overpowered...”, diz o poema de Wordsworth. De acordo com o *Oxford English Dictionary* (Oxford University Press, s.d.), o termo *brook* significa “put up with, bear with, endure, tolerate”, e é usado em construções negativas ou excludentes. Cernuda opta por traduzir esse verbo como “resistir”, mas escreve “al pensar” [ao pensar], e não “el pensar” [o pensar] ou “el

Cólera de un español altanero

*Podemos soportarle, a él, que arrase nuestras tierras,
Nuestras tierras despoje, y con espada y llama
Nos restituya al polvo del cual hemos surgido;
Tal alimento exige el hambre de un tirano.*

*Podemos resistir al pensar ya vencida
España por sus manos, y que él así posea,
Para deleite suyo un desierto solemne
En el que los valientes yazcan muertos.*

*Mas cuando hablarnos osa de ligaduras rotas,
De beneficios y de un futuro día en que nosotros
Con alma iluminada bendigamos su imperio,
Entonces débil se torna el duro corazón asediado,
Y gemebundos, entre vergüenza y palidez decimos
Que inflige ya lo insoportable a nuestra fuerza.*

(Cernuda, 1938/1993, p. 746)

pensamiento” [o pensamento], para verter “the thought”: “Podemos resistir al pensar ya vencida/ España” [Podemos resistir ao pensar já vencida/ A Espanha]. A introdução da preposição “a” faz com que a aceção de “resistir” seja a intransitiva, que segundo o dicionário da Real Academia Espanhola (s.d.), é “oponerse a” [opor-se a]. Assim, portanto, essa preposição, essa única palavra, introduz a resistência à ideia da Espanha vencida pelo tirano e semeada de cadáveres. O poema muda: agora é vergonhoso não oferecer resistência diante do tirano. O poeta inscreveu em sua tradução esse valor, inteligível para a comunidade dos que ainda resistiam e compartilhado com ela. Cernuda se identifica com a resistência por meio dessa tradução.

Esses exemplos mostram como uma palavra pode alterar o significado de um texto. As línguas, mesmo as mais próximas, não são idênticas; não há sinonímia nem equivalência absoluta nas gramáticas. A indeterminação da tradução é, como bem escreveu Borges, uma fonte de riqueza. É também uma responsabilidade: é grande o poder de uma palavra para definir um personagem ou transmitir uma mensagem carregada com a autoridade de um nome respeitado. É isso que todo tradutor precisa levar em conta, a lição mais importante para quem está aprendendo o ofício.

Referências

- Borges, J. L. (1980). Las versiones homéricas. Em J. L. Borges, *Prosa completa* (vol. 1, pp. 87-92). Bruguera. (Trabalho original publicado em 1932)
- Cernuda, L. (1993). Dos sonetos de William Wordsworth. Em L. Cernuda, *Poesía completa* (vol. 1, pp. 746-747). Siruela. (Trabalho original publicado em 1938)
- Cortázar, J. (1966). *Hopscotch* (G. Rabassa, trad.). Random House. (Trabalho original publicado em 1963)

- Cortázar, J. (2022). *Rayuela*. Real Academia Española, Asociación de Academias de la Lengua Española. (Trabalho original publicado em 1963)
- Genette, G. (1989). *Palimpsestos* (C. Fernández Prieto, trad.). Taurus.
- Glück, L. (2017, 4 de dezembro). Autumn. *The New Yorker*. <https://tinyurl.com/23bv348r>
- Hylton, P. & Kemp, G. (2023). Willard van Orman Quine. Em E. N. Zalta & U. Nodelman (ed.), *The Stanford encyclopedia of philosophy*. <https://tinyurl.com/mwhv75fh>
- Oxford University Press. (s.d.). Brook. Em *Oxford English Dictionary*. <https://tinyurl.com/mrvrrmtb>
- Quine, W. V. O. (2013). *Word and object*. MIT. (Trabalho original publicado em 1960)
- Real Academia Española. (s.d.). Resistir. Em *Diccionario de la lengua española*. <https://dle.rae.es/resistir>
- Segovia, T. (2011). De lengua a lengua. Em M. E. Vázquez Laslop, K. Zimmermann & F. Segovia (ed.), *De la lengua por sólo la extrañeza* (vol. 2, pp. 783-795). El Colegio de México.
- Soberón, S. (2018). Traducción, identidad, resistencia: Luis Cernuda, traductor de William Wordsworth. *Trans: Revista de Traductología*, 22, 47-60.
- Venuti, L. (1998). *The scandals of translation*. Routledge.
- Willson, P. (2010). La crítica y la traducción como versiones de lo foráneo. Em A. Freixa & J. G. Lópex Guix (ed.), *Actas del 2º Coloquio Internacional “Escrituras de la traducción hispánica”*. <https://tinyurl.com/5bthh6f5>
- Wordsworth, W. (1995). Indignation of a high-minded Spaniard. Em W. Wordsworth, *The collected poems of William Wordsworth* (p. 381). Wordsworth Editions Limited. (Trabalho original publicado em 1810)

Tradução do espanhol: Ricardo Duarte

Elida Tessler*

Uma pá lavra: buracos e mundos

Já que a vida não acena além da palavra, o próprio corpo verbal é vivo, circula como sujeito entre sujeitos, não sujeito a nada. Escrever não é recordar, não é armazenar, escrever é viver. Viver é projetar, lance no escuro jogo da vida, equilíbrio na borda do buraco.

Donaldo Schüler

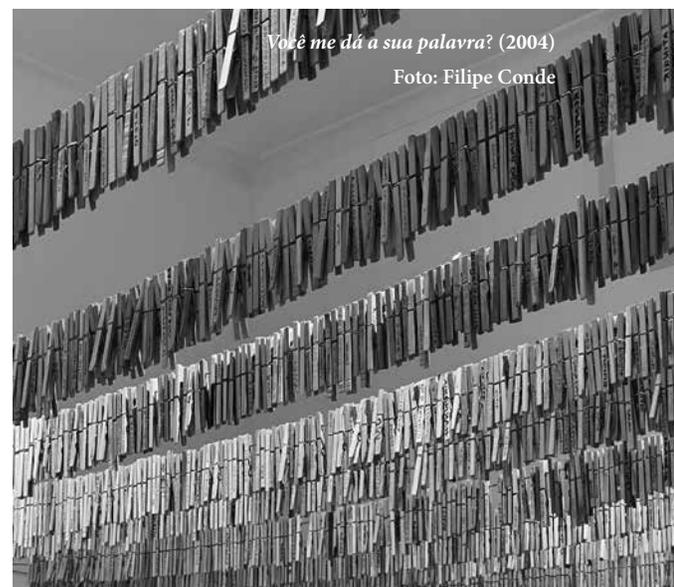
As palavras lavram. As palavras trabalham. As palavras movem mundos além de montanhas. As palavras, o que são as palavras? As palavras orbitam.

Desde que comecei a perguntar “Você me dá a sua palavra?” a diferentes pessoas, em distintos lugares e em contextos os mais inesperados, percebi que um movimento orgânico estava sendo acionado. O clichê cedeu espaço para o autêntico. A curiosidade tomou corpo. A caligrafia pareceu cunhar uma assinatura. Um simples prendedor de roupas, escolhido como suporte para a palavra escrita por seu significante de pinça, como algo capaz de reter e sustentar um instante de escolha, tornou-se uma espécie de papiro. Um grande rizoma estaria sendo traçado – e trançado – pelo ato da inscrição de uma narrativa própria. As folhas de papiro eram usadas na antiguidade para registrar textos científicos, documentos do governo, poemas, cartas, textos religiosos, hinos, literatura, e outras escritas de arquivo. Com o passar do tempo, o papiro foi perdendo espaço para o pergaminho, folhas duradouras produzidas de pele de animais. Hoje, a superfície de madeira do prendedor de roupas assume para mim essa função de registro, aspirando a se tornar, quem sabe, um imenso *palimpsesto* num aceno de futuro.

* Artista visual.

Uma palavra como ponto de partida marca o início de uma longa história que não pretende encontrar o seu ponto final. Qual texto estaria sendo escrito, senão o da própria vida tornada literatura em sua dimensão infinita?

Você me dá a sua palavra? é o título de um trabalho de longa duração. Iniciou em 2004 em Macapá, capital do Amapá, como uma espécie de resposta ao que não se compreende de imediato. O prefeito da cidade foi preso. Sem querer apontar todas as minúcias políticas do problema, fica já antecipado o motivo da detenção: o gestor municipal havia “faltado com a palavra”. Isto foi o que me disse um motorista de táxi, enquanto me levava de volta ao hotel, depois de termos nos deparado com as portas fechadas do centro cultural onde eu deveria me apresentar. No dia seguinte, li a matéria do jornal que nos informava sobre um suposto desvio de verbas. Liguei para o mesmo motorista do dia anterior e, ao invés de indicar um trajeto a seguir, lancei a interrogação: “Você me dá a sua palavra?”



Faltar com a palavra é coisa grave. Ter uma palavra a dar é algo que dignifica uma pessoa, consola outra, antecipa uma ética de vida e abraça a poesia do cotidiano. Melhor fazer um desvio de verbos e fundar um lugar onde a arte possa efetivamente habitar um horizonte provável (Campos, 1969/2020).¹

Ao invés de prender, soltar o verbo. Algo que coloque a palavra em processo e em contato direto com o mundo. Não mais um *work in progress*, como é chamado um trabalho em curso indefinidamente, mas um *Word Work World*, formulação que neste momento assumo como título de uma exposição, anunciando uma rede formada por um *www* que não vem de uma lógica da informática (World Wide Web), mas sim da busca de uma condição ficcional e totalmente intuitiva, como na gramática que venho exercitando ao longo de muito tempo. Uma língua roça outra língua e, nesse atrito, que pode ser também uma carícia, risca (arrisca) a aproximação entre a arte e a literatura. Solicito a palavra na língua materna, o que sempre suscita um retorno às origens, ou a possibilidade de redesenhar mapas afetivos em uma teia do tamanho do mundo. Hoje, um único fio com duzentos metros de comprimento alinha o espaço expositivo e sustenta 7.900 prendedores de roupas com palavras escritas em diversos idiomas

1. Referência ao livro *A arte no horizonte do provável e outros ensaios*, de Haroldo de Campos, conjunto de ensaios publicado em 1969. A partir da leitura desse livro, concebi um trabalho intitulado *Horizonte provável*, com os 581 verbos no infinitivo presentes no texto, que foram impressos por método serigráfico, com tinta preta, em pratos de porcelana branca. Esta obra teve uma primeira exposição em 2004 no Museu de Arte Contemporânea de Niterói, conjugando o espaço interno do museu com o infinito do horizonte da Baía de Guanabara. Hoje esta obra está sendo apresentada na exposição *Palavrar*, no Centro Cultural da Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

e grafias, oferecendo assim um outro horizonte à linguagem.



Um outro trabalho de 2004 convive com o universo dos prendedores de roupas durante estes vinte últimos anos. A rima sonora entre Amapá, mapa e pá fez nascer a obra *Uma pá lavra* constituída por duas pás escavadeiras compradas em uma ferragem de Porto Alegre antes de seguir para o norte do Brasil. Em minha mente, eu desenhava um horizonte vertical: uma linha capaz de ligar Porto Alegre e Macapá, ao mesmo tempo que pudesse inverter o jargão “Brasil: do Oiapoque ao Chui”. Determinada a traçar essa linha, antecipei um primeiro desvio. Desloquei-me munida com as minhas ferramentas para o Chui, no ponto mais extremo do Sul, já quase dentro do Oceano Atlântico, uma ponta de terra de onde se avistava o Uruguai de um lado, e o Brasil de outro. Em uma das hastes, escrevi “PA”. Na outra, “LAVRA”. Duas pás formando um só vocábulo. Escavar é escrever? Podemos arar a terra com o ar da palavra? Sim, podemos e devemos oxigenar a linguagem. A isso chamo: *Palavrar*.

FENDAS
FUNDAM
MUNDOS

82 tercetos, como esse reproduzido antes, compõem *Grafar o buraco*, um trabalho criado em parceria com Donaldo Schüler

em 2013. Para a concepção desta obra, todas as palavras e sinais gráficos presentes em um texto, especialmente escrito por Donaldo Schüler, foram gravadas separadamente em cerca de 2.500 lâminas para microscopia por método de jateamento de areia. Sempre gostei de me referir a esse projeto como um “livro de vidro”, seguindo uma inspiração vinda de *O livro de areia*, de Jorge Luis Borges (1975/2009). Na sua completa transparência e fragilidade, este conjunto foi disposto sobre uma mesa retangular e oferecido ao tropeço do olhar, já que é de uma queda que o ensaio trata. Eis o início do enredo: Tales de Mileto, espantado ao admirar o céu estrelado, depara-se com um buraco e cai; uma mulher ri; nas constelações de palavras, um mundo entra em órbita. Mais recentemente, publicamos um livro em cuja capa foi aberta uma fenda onde se encaixava uma lâmina de vidro com uma palavra gravada em sua superfície. Desta forma, cada um dos cinquenta exemplares de *Grafar o buraco* é único em seu abismo (Schüler & Tessler, 2013/2022).

Uma pá, como uma palavra, cava buracos. Eis o trabalho da arte: abrir fendas, fundar espaços, criar mundos e acreditar no vazio como potência de invenção de novos horizontes para o pensamento.

Ou, como nos diz Donaldo Schüler, em uma das páginas de nosso *Grafar o buraco*:

*Não nos assuste o buraco
sai do buraco
linguagem renovada
baluarte de mundos renovados*

PASSO
A PASSO
PÁS

Referências

- Borges, J. L. (2009). *O livro de areia* (D. Arrigucci Jr., trad.). Companhia das Letras. (Trabalho original publicado em 1975)
- Campos, H. (2020). *A arte no horizonte do provável e outros ensaios*. Perspectiva. (Trabalho original publicado em 1969)
- Schüler, D. & Tessler, E. (2022). *Grafar o buraco*. Azulejo Arte Impressa. (Trabalho original publicado em 2013)

Calibán - RLP, 23(1), 199-203
2025

Augusto Wong Campos*

Dois caminhos para um mesmo ofício

Até poucas décadas atrás, a literatura na América Latina era entendida como uma obrigação escolar, acadêmica, um acúmulo de dados de enciclopédia sobre livros e autores, com a ocasional leitura de fragmentos escolhidos. O autor de literatura era um ser distante, com um ofício incompreensível, que às vezes, ao falecer, recebia a honra de ser homenageado em forma de busto ou estátua num parque, ou dando seu nome a uma rua (nunca uma avenida). As palavras, que haviam sido sua ferramenta de trabalho, tinham – e muitas vezes ainda têm – um único fim para a comunidade a que o escritor pertencia: eram usadas para comunicar, distrair, convencer. Mas que também pudessem ser empregadas para criar experiências através da literatura era algo bem mais acidental. A literatura não era um trabalho “sério”.

Na América Latina, a percepção sobre a profissionalização da literatura ainda não se estabeleceu por completo. Não existe de fato uma indústria, mas lobos solitários que têm amizades e relações com outros lobos solitários, os quais, num esforço descomunal e com distinta sorte, dependendo do país, procuram fomentar *a ideia* de uma indústria editorial, sempre incipiente, e portanto de uma cultura letrada viva. A literatura na região, como em qualquer lugar, depende enormemente do favor de um público que, diríamos, deve ser a princípio de origem popular, mas, diante da ausência desse público ou da preferência dele por livros mais acessíveis de tipo não literário,

a tarefa de apontar o que deve ser levado em conta ou o que é relevante para a cultura em face de entretenimentos mais passageiros recaiu sobre as próprias editoras e algumas (poucas) autoridades da crítica e da academia, que estão mais próximas de uma confraria que de uma comunidade. Existe hoje um divórcio entre o pequeno público que lê de modo exigente (qualidade, “no varejo”) e o público que – por querer ler – lê qualquer coisa (em quantidade, o que às vezes se resume na frequente pergunta “por atacado” de quantos livros ler por ano). Isso pode ser ilustrado por dois dos mais importantes escritores do Chile e da América Latina, Isabel Allende e Roberto Bolaño. Ambos os narradores se dedicaram às letras com igual disciplina e sucesso, mas a sorte se distribuiu entre eles de maneira diferente. Allende é lida pelas massas; Bolaño, pelas pessoas consideradas cultas. Ela é lida em vida; ele foi descoberto sobretudo postumamente. É provável que nenhum dos dois tenha ficado muito contente com essa sorte, mas ela é sintomática do sectarismo e das substanciais divisões e subdivisões entre leitores e promotores da leitura. O favor assimétrico que Allende recebeu – desde seu primeiro romance, ela sempre teve dificuldade de convencer a crítica de suas qualidades – e o favor tardio que Bolaño recebeu – o qual só a partir de um Além pôde desfrutar da recepção que teve – não deveriam nos ocultar o que eles têm em comum: ambos pertencem, queiramos ou não, à história da literatura, tão desprezada pelos hedonistas e, no entanto, tratando-se de nosso passado intelectual e emocional, tão indispensável para compreendermos a nós

* Pesquisador independente.

mesmos. Não há dúvida de que toda a obra de Isabel Allende não merece a mesma consideração, mas a de Bolaño também não: discernir quais livros merecem e quais não é uma tarefa abandonada pela crítica e pelo próprio critério dos leitores, mais interessados na publicidade do “último”, do “novo” de cada um. Esse abandono, ou carência, é especialmente interessante quando se fala de autores com uma obra que vem sendo publicada há pelo menos quarenta anos, no caso de Allende, e trinta anos, no caso de Bolaño.

Mas deixemos por ora esse “estado das coisas” no que diz respeito à recepção dos leitores para desenvolver outra constatação: é evidente que os idênticos métodos de escrita de Allende e Bolaño não garantiram a mesma recepção. Talvez por isso mesmo considerar esses métodos seja uma tarefa superficial. Mas eu acho que não é. Penso que, se tomarmos um exemplo menos controverso e com estrondosa unanimidade, o do Boom latino-americano, poderemos ver uma feliz inversão dos termos, em que dois métodos de escrita distintos tiveram um mesmo resultado bem-sucedido e influente até hoje. Vamos tratar de dois caminhos diferentes para uma mesma palavra.

Na época do Boom latino-americano da década de 1960, a literatura de prestígio e um público amplo passaram a andar de mãos dadas. Primeiro foram os romances que alcançaram sucesso de público e crítica, mas logo esse gênero levaria a reboque outros gêneros da literatura latino-americana, como o conto, a poesia, o ensaio e o teatro. No entanto, seriam o romance e os romancistas que representariam com perfeição o que hoje é conhecido como a profissionalização do escritor latino-americano, que pode ser datada desses anos. Por definição, o romance é um gênero extenso, que requer constância e volume. O que está menos claro é em que consistiria essa profissionalização, razão pela qual tentaremos resumi-la e contrastá-la ao identificar dois métodos: um com cronograma e outro por temporadas.

O peruano Mario Vargas Llosa foi um dos primeiros a revelar seu cronograma maníaco para escrever: não menos que seis horas seguidas, todos os dias, em horas não roubadas ao emprego que lhe dava de comer, num tempo paralelo a este – escrever era o centro de sua vida, e o trabalho, uma mera atividade alimentar. Foi uma disciplina desenvolvida ao chegar a Madri em 1958 e consolidada durante os sete anos em que viveu em Paris (1959-1966). O resultado foi uma série de romances publicados de modo quase cronometrado: *A cidade e os cachorros* (1963), *A casa verde* (1966), *Conversa na Catedral* (1969) etc. O mexicano Carlos Fuentes também transformou o cronograma em lei na escrita de seus romances, pelo menos no começo: *La región más transparente* (1958), *Las buenas conciencias* (1959), *A morte de Artemio Cruz* (1962) e *Aura* (1962). Não devemos esquecer que, tanto no caso de Fuentes quanto no de Vargas Llosa, foi nos primeiros anos de sua carreira que escreveram seus livros considerados “clássicos”; depois, viria a tarefa não menos árdua de se manter na crista da onda, de se manter como criadores. Bem cedo Fuentes teve consciência disso, como se lê em algumas linhas reveladoras a seu colega José Donoso, de 31 de março de 1964, em que se confessa

aterrado pela consciência de que esgotei todo um tema, que me serviu de impulso inicial, e preciso encontrar um novo rumo; prostrado pela clareza com que, por fim, vejo minhas próprias limitações; atordoado porque sei que aquele *élan* juvenil, aquela facilidade original, se acabou, e agora tenho de sofrer mais, esperar mais, me impor paciência e aceitar a distância. (Fuentes & Donoso, 2024, p. 66)

Fuentes e Vargas Llosa resolveram esse impasse com disciplina de escrivão, e embora com

resultados às vezes desiguais – chamem eles *Cambio de piel* (Fuentes, 1967) ou *Pantaleão e as visitadoras* (Vargas Llosa, 1973) –, a constância acabaria levando a importantes romances como *A cadeira da águia* (Fuentes, 2003) ou *A guerra do fim do mundo* (Vargas Llosa, 1981). O sucesso que atingiram criou a ideia de que só assim romances poderiam ser produzidos, e ainda que, como veremos, esse não seja o único caminho, a proposta também não deve ser descartada.

Vale lembrar que os primeiros romances do Boom, aqueles publicados entre 1955 e 1963, não foram escritos com a aspiração de ganhar dinheiro. Isso teria sido uma ilusão. Era uma vocação que se diria pura, de autorrealização, e sem dúvida também um modo de tentar se identificar com uns poucos escritores latino-americanos que já tinham obtido sucesso internacional alguns anos antes, como Miguel Ángel Asturias, Borges e Carpentier. Esses exemplos imediatos e pontuais tinham um objetivo que eles com certeza consideravam então mais elevado e abrangente, um ideal mais explícito, que era o de escrever romances como os dos autores anglo-saxões e europeus da literatura universal e contemporânea. Se escrever não era um meio de subsistência, as exigências da vida, portanto, muitas vezes os obrigavam a postergar um ritmo constante e a fazê-lo por temporadas. Bons exemplos disso são o argentino Julio Cortázar e o colombiano Gabriel García Márquez: ambos alcançaram a independência econômica graças a seus livros (Cortázar, depois dos sessenta anos; García Márquez, depois dos quarenta), mas o privilégio de ser rentista de si mesmo não alterou seu tempo de escrita, pelo menos no que diz respeito ao trabalho com romances, o gênero literário em que firmaram seu prestígio (assinalar isso não pretende subestimar em absoluto a importância capital de seus contos e ensaios, às vezes escritos rapidamente, em tempo roubado a outras atividades). Cortázar e Gabo podiam passar meses e às vezes anos sem escrever uma linha sequer de um romance, somente concebendo-o em fogo lento, nos confins da imaginação. No caso deles, escre-

ver romances não era um trabalho imposto de acumulação diária, mas uma lenta maturação que se convertia num imperativo durante certa temporada, sob determinadas condições de tempo e espaço: assim se entende o fato de que *Cem anos de solidão* (García Márquez, 1967) tenha sido escrito num ritmo exclusivo de doze meses seguidos, e *O jogo da amarelinha* (Cortázar, 1963) tenha resultado de alguns textos recolhidos ao longo de vários anos.

Cortázar não escreveu mais nenhum romance depois de *O livro de Manuel* (1973), embora tenha morrido onze anos depois desejando começar um; García Márquez fez de longos romances como *Cem anos de solidão* e *O amor nos tempos do cólera* (1985) uma exceção em sua obra – de uma brevidade e veemência às vezes mais próxima da poesia que da prosa. Ambos, cada um a seu modo, e diferentemente de Fuentes e Vargas Llosa, “decepcionaram” o mercado com sua inconstância. Mas houve no Boom autores com disciplina de escrivão, que bastaram para criar a ideia de uma literatura em movimento, como Jorge Amado, David Viñas, Mario Benedetti e José Donoso. O *corpus* que cada um deles construiu é tão vasto que não há dúvida de que, como nos casos mencionados de Isabel Allende e Roberto Bolaño, requerem guias, críticos, discernidores que indiquem por onde seria mais urgente lê-los e por onde seria menos urgente fazê-lo.

É claro que em nossa tradição também temos romancistas que tomaram o caminho de Cortázar e Gabo: João Guimarães Rosa, Elena Garro, Guillermo Cabrera Infante, Jorge Edwards, Albalucía Ángel, Marvel Moreno. Todos clássicos com uma obra mais restrita, porém em nada inferior à dos que representam a máxima profissionalização do ofício da escrita. Mas talvez seja inútil assinalar isso: a lenda do escritor profissional se entronizou de tal modo que só os primeiros, os casos de sucesso sistemático e presença regular nas livrarias, se mostram como exemplos a seguir. São os que satisfizeram o mercado e os leitores ávidos de receber, dentro de certo período, uma obra nova de seus autores favoritos.

Muitas vezes, com uma revisão sumária da bibliografia dos autores, pode-se ver que tipo de escritor cada um escolheu ser. Os extremos clássicos europeus seriam o copioso Balzac, com dezenas de romances, e o estrito Flaubert, com três romances publicados em vida. Entre os espartanos contemporâneos está Kazuo Ishiguro, que publicou até hoje apenas sete romances, diferentes entre si em intenção e forma, o que foi suficiente para lhe render prestígio e consideração da Academia Sueca em 2017. É um romancista que escreve em seu próprio tempo. (Há também os que correm atrás do tempo, como José Saramago, que se impôs um ritmo industrial que não tinha tido em seus primeiros cinquenta anos de vida e que não diminuiu até vinte anos antes de morrer.) E entre casos recentes e onipresentes, cuja constância disciplinada desperta desejos recorrentes em seus leitores de que em breve recebam o Nobel, estão autores tão variados quanto César Aira, Stephen King, Joyce Carol Oates e Haruki Murakami.

Mas voltemos à tradição latino-americana e seus métodos na hora de escrever, não apenas romances, mas também explicações deles enquanto intelectuais. É comum passar por alto, ou subestimar, o importante papel desses criadores como críticos literários, explicando livros próprios e alheios. Seu impacto parece ter se definido por oposição, com um léxico eminentemente belicoso, manifestando-se desde o título de algumas de suas críticas literárias: em 1960, García Márquez assinava um manifesto intitulado “La literatura colombiana, un fraude a la nación” (1997) na imprensa de seu país; em 1967, Vargas Llosa lia o discurso “La literatura es fuego” (1983) ao receber o prêmio Rómulo Gallegos; em 1969, Carlos Fuentes concluiu um ensaio sobre o romance da região intitulado “La palabra enemiga”. Entre eles, Vargas Llosa (1983) parecia o maior entusiasta da ideia de destruir para construir de novo quando lançou, naquele discurso, *slogans* como “No domínio da literatura, a violência é uma prova de amor” (p. 135). Havia neles uma dupla intenção: parricida, em relação a alguns de seus ascendentes literários,

e “apocalíptica” (Vargas Llosa *dixit*), em relação à situação política de seus países. O que não se deve esquecer é que essa necessidade de se singularizar diante do passado literário vitimou injustamente figuras que hoje têm relevância não só histórica, mas literária. Seria perigoso aceitar as opiniões dos autores do Boom como afirmações que devem ser simplesmente repetidas. Não: elas são convites à leitura, para verificar quão falsas ou verdadeiras eram. Em 24 de agosto de 1966, García Márquez (Cortázar *et al.*, 2023) diz a Vargas Llosa “não abandonar como gastos os antigos domínios de Gallegos e Rivera, mas antes [...] tomá-los novamente do princípio para colocá-los no caminho certo” (p. 157). Em 22 de julho de 1967, Fuentes diz a Gabo que “Gallegos, Alegría e Icaza tinham nos divorciado de metade da América” (p. 234). Essas diatribes coincidem com a realidade da obra de Rómulo Gallegos, José Eustasio Rivera, Ciro Alegría e Jorge Icaza? Esses nomes são equiparáveis ou há diferenças entre eles? Aqueles que os lerem poderão concordar com as opiniões dos autores do Boom, mas também poderão encontrar grandes divergências. Aqui só podemos mencionar que, em relação ao método de trabalho, o venezuelano Gallegos e o equatoriano Icaza conseguiram publicar romances num ritmo regular (e ambos com mais de um clássico em sua conta), o colombiano Rivera só conseguiu publicar em vida um romance, *A viagem* (1924), um dos maiores do continente (um segundo romance seu se perdeu), e o impulso romancista de Ciro Alegría lhe permitiu escrever três, ainda elogiados – ele viveu 25 anos mais depois de *Grande e estranho é o mundo* (1941), o último que publicou.

É claro que, entre os próprios autores do Boom, não haveria apenas harmonia, uma vez passados seus anos de auge. Para voltar aos exemplos do começo, Fuentes celebrou Isabel Allende e Laura Esquivel em *La gran novela latinoamericana* (2011), um livro de caráter histórico e abrangente, enquanto José Donoso fez o contrário em entrevistas.¹ Bolaño escreveu uma

1. Por exemplo, em 1995, em sua entrevista para *Los Siete Locos*, disponível no YouTube (097locos, 2021).



Roberto Huarcaya
Deseos, temores y divanes [Desejos, temores e divãs] (1990). Série, foto 20. Impressão analógica, 40 cm x 30 cm.

furiosa crítica contra Donoso quando este morreu, e Fuentes lhe retribuiu na mesma moeda, apagando-o do livro mencionado. Mas, diferenças à parte, muitas vezes as frases beligerantes do início se converteram em reconciliação na idade madura, e num anseio de compreensão que se cristalizou, por exemplo, nos longos ensaios de Fuentes sobre Gallegos e de Vargas Llosa sobre Arguedas. Os jovens latino-americanos de outrora não ousavam admitir o que os fatos evidenciavam: que cada um tinha escrito importantes romances por caminhos diferentes, e que a união (permanente) e as rupturas (passageiras) entre eles confirmavam o que entendemos por tradição, tanto literária quanto linguística. A literatura como genealogia do espírito.

Referências

097locos. (2021, 22 de julho). *José Donoso en Los Siete Locos (1995)* [vídeo]. Youtube. youtu.be/oHAiz_arJ-M

Cortázar, J. (1973). *Libro de Manuel*. Sudamericana.

Cortázar, J., Fuentes, C., García Márquez, G. & Vargas Llosa, M. (2023). *Las cartas del Boom*. Alfaguara.

Donoso, J. & Fuentes, C. (2024). *Correspondencia*. Alfaguara.

Fuentes, C. (1969). La palabra enemiga. Em C. Fuentes, *La nueva novela hispanoamericana*. Joaquín Mortiz.

Fuentes, C. (2011). *La gran novela latinoamericana*. Alfaguara.

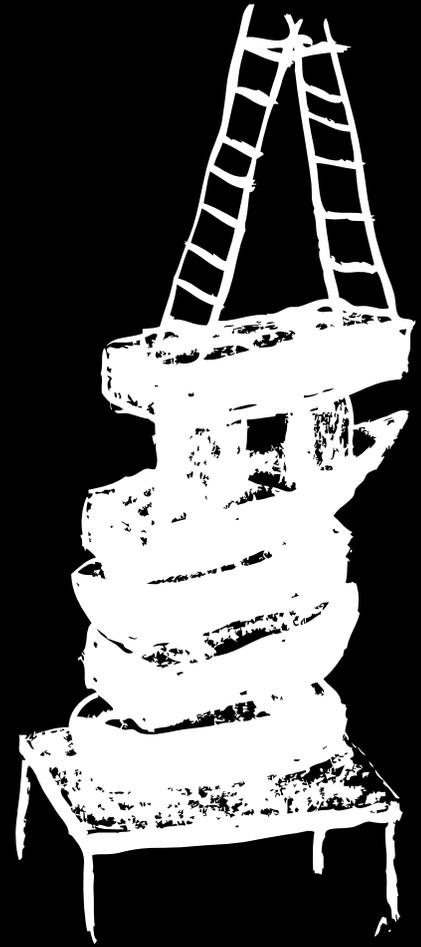
García Márquez, G. (1967). *Cien años de soledad*. Sudamericana.

García Márquez, G. (1985). *El amor en los tiempos del cólera*. Oveja Negra.

García Márquez, G. (1997). La literatura colombiana, un fraude a la nación. Em G. García Márquez, *De Europa y América: obra periodística 3* (pp. 575-579). Norma.

Vargas Llosa, M. (1983). La literatura es fuego. Em M. Vargas Llosa, *Contra viento y marea (1962-1982)* (pp. 132-137). Seix Barral.

Tradução do espanhol: Ricardo Duarte



Extramuros

J. Nicolás Cardona-Santofimio*

Os paradoxos espectrais do desaparecimento forçado: o ressentimento como *haunting* criativo**

Ó anjo de alegria, já viste a desgraça,
Os soluços, o tédio, o remorso, as vergonhas,
E o difuso terror dessas noites medonhas
Que o peito oprimem como um papel que se amassa?
Ó anjo de alegria, já viste a desgraça?
Ó anjo de bondade, já viste o rancor,
As mãos em gesto aflito e as lágrimas de fel,
Quando brande a Vingança o seu apelo cruel
E de nossas virtudes torna-se o senhor?
Ó anjo de bondade, já viste o rancor?¹
Charles Baudelaire, “Reversibilidade”

1. Colômbia: a *fritanga*² feliz

Gostaria de começar apresentando um mosaico de duas tesselas de felicidade. A primeira mostra a imagem do mestre budista Phakyab Rinpoche em sua visita à Universidade Externado da Colômbia, em 25 de setembro de 2019. Com base em sua experiência como vítima de tortura por parte do regime chinês, ele mencionou algumas técnicas de meditação para experimentar uma “verdadeira paz” no desapego pelo mundo dos sentidos e assim fortalecer a reconciliação num país em conflito armado. Especificamente para o caso colombiano, sugeriu a prática da meditação do “dar e receber”, de modo que as vítimas deixem o caminho do ressentimento e estabeleçam “diálogos genuínos” em conexão compassiva com seus agressores. Isso foi complementado pelo ensino da meditação das “nove respirações”, que consiste em inalar “luz branca e energia positiva” pela narina esquerda, e depois exalar doenças, sofrimentos e ressentimentos pela narina direita.

* Sociedad Colombiana de Psicoanálisis.

** Prêmio Psicanálise e Liberdade 2024.

1. N. do T.: tradução de I. Junqueira. A citação está em: Baudelaire, C. (2013). *As flores do mal*. Nova Fronteira. <https://a.co/d/88CFELs> (Trabalho original publicado em 1857)

2. A *fritanga* é um prato típico colombiano, da região cundiboyacense. É uma bandeja composta de batata, alguns tipos de linguiça, banana, carne de porco e torresmo.



Roberto Huarcaya
Objetos Paris (1997). Série de 8 fotos. “Silla” [Cadeira]. Cibachrome, 1 m x 1,40 m.

Tudo isso deveria sair do corpo dos participantes sob a forma de “fumaça negra, sujeira e manchas que se dissolvem no espaço” (Universidad Externado de Colombia, 2019).

A segunda tessela nasce em *Cem anos de solidão* (García Márquez, 1967/1997), quando Fernanda retorna a Macondo e se encontra com um José Arcadio Segundo recentemente transformado em líder sindical. O povoado está sendo palco de revoltas políticas, com os trabalhadores da companhia bananeira exigindo o fim da precariedade a que estavam submetidos. Ao ser decretado estado de agitação social em Macondo, o exército se encarregou de restabelecer a ordem pública e convocou os trabalhadores para uma concentração festiva na estação de trem local. Montaram ali uma feira com música, *fritangas*, bebidas... e um cerco de metralhadoras escondidas. Com a multidão reunida, o capitão do exército deu a ordem de atirar e acabar com todos. Depois desse massacre, uma prática sistemática e silenciosa de extermínio dos líderes sindicais se estabeleceu em Macondo. Quando as pessoas se perguntavam pelo paradeiro dos desaparecidos, quando tentavam lembrar os confusos fatos da feira da matança *fritanguera*, a seguinte versão era gentilmente imposta pelo alto comando do exército: “Claro que foi um sonho [...]. Em Macondo não aconteceu nada, nem está acontecendo nem acontecerá nunca. É um povoado feliz”³ (p. 320).

A união do mosaico mostra um fenômeno que pode funcionar de formas obscenas diante das sequelas de certas catástrofes sociais. A felicidade se apresenta a si mesma como a única alternativa possível a outras afetividades “sujas”, as quais – se supõe – estão fadadas a replicar infinitamente o círculo de destrutividade e vingança. Sob uma narrativa unificadora e voltada para o “interior” dos

3. N. do T.: tradução de E. Zagury. A citação está na p. 295 de: García Márquez, G. (2003). *Cem anos de solidão*. Record. (Trabalho original publicado em 1967)

sujeitos, esse afeto tende a superar as dores, a suprimir as contradições do passado e a obliterar o conflito social. Contudo, haverá uma relação intrínseca entre paz e felicidade? Será que a paz intrapsíquica é suficiente em contextos de violência política marcados pela impunidade e pelo desmentido? Será que as vítimas de violência social deveriam meditar mais e lutar politicamente menos?

O anjo de alegria e bondade não quer saber de punhos crispados, e faz da felicidade seu instrumento de dominação. *Mas deveríamos desconfiar de tanto entusiasmo*. Dado o contexto transicional pelo qual a Colômbia vem passando desde o início dos diálogos de paz, é comum encontrar discursos políticos e científicos que consideram o ódio, a raiva, a indignação e o ressentimento como obstáculos importantes para a reconciliação nacional. Assim, de maneira latente, se estabelece o ideal de uma “boa vítima” como elemento fundamental do cenário transicional: a vítima *resiliente*, da qual se espera ser capaz de perdoar, que não olha para o passado e que “segue em frente”, compadecendo-se de seus agressores. Como é de esperar, com a produção da “boa vítima”, se produz também sua contraparte, a “má vítima”: raivosa, rancorosa, ressentida e irracional. Para essa personagem, se pedirá contenção em seu discurso, se exigirá que não irrompa em cenários de paz com reivindicações indecentes e se solicitará que module sua expressão afetiva em público.

Nesse panorama, a “policia branda” do sistema é acionada contra “o mal” incubado dentro das vítimas: líderes religiosos, psicólogos, *coaches*, especialistas em ioga “sensível ao trauma” e artistas explicam a elas como podem transformar sua resposta afetiva para perdoar o agressor – e, nesse processo, a si mesmas. O torneio discursivo é perverso e típico das relações de poder abusivas: o agressor exorciza sua culpa e responsabiliza a vítima por seu próprio sofrimento. Então, o que se começa a esperar é que a “boa vítima” supere seus conflitos intrapsíquicos em terapias e oficinas, e não que processe sua raiva num plano público-político contra a impunidade, à qual está cada vez mais *felizmente submetida*. O cenário transicional produziu, assim, um tipo de assédio em que as vítimas são pressionadas a perdoar para que se possa dar o tão esperado passo rumo à paz. Em 2018, por exemplo, o general Alberto José Mejía Ferrero (Colômbia +20, 2018) se dirigiu ao coletivo de vítimas Mães de Falsos-Positivos Soacha-Bogotá (Maíapo) de maneira pessoal, por meio de um vídeo publicado no Facebook, em que sugeria o seguinte:

Envio às Mães de Soacha uma mensagem de solidariedade, de reconhecimento. Entendo sua dor, procuro compreender o que pode significar perder um filho. Eu, como pai, acredito que é algo para morrer. Então, eu entendo e compreendo vocês. Mas ao mesmo tempo quero pedir que pensem um pouco no futuro desta pátria, no futuro da Colômbia. O que vai acontecer neste país se os colombianos não se perdoarem e não se reconciliarem? Isso quer dizer que não haverá paz, que o ciclo de violência continuará e que mais mães perderão os filhos no futuro. Isso é uma realidade.

Nesse contexto, em que os afetos das vítimas de crimes de Estado assumiram grande importância para a reconciliação nacional, pesquisei as experiências de ressentimento em vítimas de desaparecimento forçado. Eu me concentrei especificamente na experiência emocional das Mães de Soacha, um coletivo de vítimas cujos filhos foram sequestrados, desaparecidos e assassinados pelas forças militares da Colômbia durante o governo de Álvaro Uribe Vélez (2002-2010). Com isso, procuro oferecer uma compreensão mais contextualizada do ressentimento: os desejos que inspira, os comportamentos que suscita, as reivindicações em que se fundamenta. A partir de uma perspectiva ético-política, pretendo instigar o leitor a pensar numa reconciliação mais complexa, em que sejam possíveis espaços públicos para a manifestação das raivas e dos ressentimentos. A reconciliação deverá ser complexa, contraditória, dinâmica... Caso contrário, ela não será.

De fato, nas pesquisas psi, poucos ousaram explorar os pântanos lamacentos do ressentimento, e se alguma vez se interessaram por essas “más emoções”, fizeram isso com o objetivo de entender as condições de possibilidade do perdão e produzir estratégias na luta contra os raivosos e os ressentidos. O crescente interesse pelo perdão como “forma de cura” é mais uma prova de que a ciência não se secularizou por completo e que a força crítica da psicanálise – sob seus vértices político, clínico e epistemológico – é fundamental.

Desse modo, vou explorar algumas ideias sobre a complexidade do mundo afetivo de familiares das vítimas de um crime de Estado particularmente praticado na Colômbia: os “falsos-positivos”. Nesse mundo que proponho habitam os mais variados ressentimentos... e também alguns *fantasmas*. Assim, procuro relacionar, de maneira exploratória e experimental, essas duas figuras cujos horizontes se tocam e atravessam os lutos que devem ser processados em meio à impunidade. Eu me refiro aos fantasmas em sua acepção culturalmente comum, aquela que designa seres paranormais, personagens liminares que se debatem no espaço intermediário entre a vida e a morte. Nesse percurso investigativo, denominei minha abordagem de *hermenêutica sobrenatural* (Cardona, 2020), isto é, uma metodologia de análise social à qual diz respeito uma militância epistemológica e estética que procura superar as restrições do positivismo e de uma ontologia que estabelece a primazia do visível e do concreto como a única coisa real.

A hermenêutica sobrenatural consiste num pensamento na contramão do que se considera um fato dado, e representa uma tentativa de pensar aquilo que tradicionalmente escapa aos sentidos e às definições mais restritas da matéria sensível. Tomei como objeto de análise as maneiras cotidianas pelas quais os sentidos da percepção e os vínculos são rearticulados de formas inauditas e, junto com outros pesquisadores, postulei certas *materialidades espectrais* como uma possibilidade sensível de resistência micropolítica à violência (Agudelo *et al.*, 2020). Proponho que a hermenêutica sobrenatural seja definida como uma renúncia epistemológica à integração dos paradoxos da experiência (por exemplo: realidade/fantasia, sonho/vigília, vida/morte, mesmidade/outridade, místico/científico) para torná-los habitáveis. Nesse contexto, introduzi a categoria do *haunting*⁴ como fenômeno afetivo e político que descreve a dinâmica segundo a qual *aquele que é perseguido por fantasmas também se torna um fantasma perseguidor*.

O *haunting* é então o modo como os afetos insistem em recuperar a memória de um crime cindido e lançado nas zonas sociopsíquicas do irrepresentável. Assim, o desmentido funciona como um dos instrumentos tanáticos de dominação (Genovés, 2024) que tornam necessária uma aproximação crítica ao assédio produzido pela injunção de felicidade e correção política em tempos de reconciliação. Esse tipo de injunção, como sugeri antes, tenta inscrever os efeitos da violência e da injustiça num plano intrapsíquico, encobrendo seus efeitos sociais e as reivindicações políticas veiculadas nas experiências do ressentimento

2. A violência branca do desaparecimento forçado

Na história do conflito armado colombiano, muitas foram as estratégias de violência empregadas pelos diferentes atores envolvidos. O aterrorizante catálogo inclui o recurso a tortura, massacres, homicídios, violência sexual, sequestro e mutilação em todo o território nacional. Análises mais detalhadas

4. Tive de manter o anglicismo pela dificuldade de sua tradução. Embora tenhamos em espanhol traduções como “assédio”, “espanto” e “perseguição”, nenhuma delas consegue conotar o caráter sobrenatural de uma experiência onde o sujeito é perseguido por fantasmas que induzem, pela força dos afetos, uma capacidade de agência. No que se segue, vou me referir ao *haunting* como “perseguição” quando as formas verbais requererem. [N. do T.: em português, um termo que talvez se aproxime mais de *haunting* seria *assombração*.]

mostram como os repertórios de violência obedecem a táticas e objetivos específicos de cada agente armado (CNMH, 2013). Neste tópico, vou apresentar um breve histórico para a compreensão do desaparecimento forçado, seus objetivos, alcances e funcionamento no psiquismo coletivo como *violência branca*, para depois entender quais são os modos de agência das vítimas nesse contexto.

Violência branca é um termo que proponho para compreender o desaparecimento forçado a partir dos mecanismos psíquicos descritos por André Green em sua obra. Nessa ordem de ideias, Green (1983/2012) desvela a estrutura do complexo da mãe morta por meio de uma diferenciação fundamental entre *angústias vermelhas* e *angústias brancas*. O primeiro tipo de angústia alude a tudo o que se relaciona ao destacamento de “coisinhas” do próprio corpo, o que é vivido como castrações registradas como feridas corporais que sangram. Esse tipo de perda se inscreve no plano de um corpo erógeno, simbólico e simbolizável, que permite ao sujeito recorrer a seus recursos representacionais para elaborar a perda.

Mas a angústia branca é diferente. Nela, o sujeito é vítima de “um desinvestimento massivo, radical e temporário que deixa marcas no inconsciente sob a forma de ‘buracos psíquicos’ que serão preenchidos por reinvestimentos”⁵ (p. 254). O modelo para a angústia branca não é então a perda registrada, mas a ausência irrepresentável. Com isso, a ontogênese do vazio se situa nas dinâmicas do complexo da *mãe morta*, que desinveste o filho, produzindo uma ausência radical de sentido. O sujeito fica vazio e sem capacidade de articular novas representações. O que Green (1993/2006) está propondo é sua concepção de pulsão de morte como *função desobjetalizante*, ou seja, a perda extrema de todo investimento significativo, em que são atacadas as relações com o objeto, o eu e o investimento em si mesmo:

Por mais destrutiva que seja sua ação, é sobretudo enquanto ataque contra os vínculos que se manifesta seu objetivo fundamentalmente desobjetalizante. O sucesso do desinvestimento desobjetalizante manifesta-se pela extinção da atividade projetiva, que se traduz sobretudo pelo sentimento de morte psíquica.⁶ (p. 125)

Com isso em mente, procuro incluir certos tipos de violência e seus efeitos dentro da “série branca” de Green (1983/2012): alucinação negativa, psicose branca, luto branco. De maneira mais detalhada, proponho que *o mecanismo social pelo qual o desaparecimento forçado se torna operativo é a função desobjetalizante da violência branca*. Aqui um grupo social precarizado é vítima de um primeiro desinvestimento massivo – um desaparecimento social – que possibilita um desaparecimento forçado posterior (Aranguren *et al.*, 2020). Com base nessa ideia, entendemos a violência branca como um *percepticídio*, isto é, um ataque aos sentidos que faz do outro uma vítima social da alucinação negativa e, portanto, uma perda que não merece ser lamentada, sofrida..., ressentida (Agudelo *et al.*, 2020):

Os “falsos-positivos” se tornaram produtores de mortes que ninguém lamentaria, que não representariam uma perda para a paisagem social. Miraram a vida de pessoas marginalizadas, sob o pressuposto de que – como no caso dos guerrilheiros – por suas circunstâncias não mereciam dignidade. Em certa medida, visaram uma população que já habitava

5. N. do T.: tradução de C. Berliner. A citação está na p. 244 de: Green, A. (1988). *Narcisismo de vida, narcisismo de morte*. Escuta. (Trabalho original publicado em 1983)

6. N. do T.: tradução de F. Murad. A citação está na p. 101 de: Green, A. (2010). *O trabalho do negativo*. Artmed. (Trabalho original publicado em 1993)

o terreno do desaparecimento social (Gatti, 2017) e a transformaram em vítima de um segundo desaparecimento: um corpo sem nome, uma identidade sem corpo. (p. 8)

No desaparecimento forçado não há um corpo que sangra porque, em princípio, não há um corpo: o aprimoramento das tecnologias de violência política tem o objetivo de produzir vários desaparecimentos com o desaparecimento. A história desse aprimoramento nos leva ao sistema racionalizado de desaparecimento produzido sob o nazismo com o decreto Noite e Neblina, de 1941, com o qual se introduziu uma nova prática: “Os opositores deveriam ser detidos durante ‘a noite e a neblina’ e levados clandestinamente a outro lugar sem dar nenhuma informação de seu paradeiro ou destino, sem deixar rastro” (Porcel, 2014, p. 21). Era uma tática de dominação que procurava efeitos específicos nos movimentos de resistência franceses, belgas e noruegueses: “[Em] vez de empregar oficialmente a pena de morte – e produzir assim potenciais mártires –, os membros da resistência deveriam ser levados secretamente para a Alemanha e assassinados ‘num momento e num lugar que seriam mantidos em segredo’” (Mahlke, 2017, p. 79). Desse modo, a ocultação da vítima tinha por objetivo pôr em circulação uma violência que, ao mesmo tempo, era impossível perceber.

No entanto, embora costumemos associar a palavra *desaparecimento* à vítima desaparecida, o tenebroso pleonasma Noite e Neblina contém em si mesmo a reduplicação da escuridão. Segundo Kirsten Mahlke (2017), para batizar o decreto, Hitler se inspirou em Richard Wagner. Assim, em *O ouro do Reno* (Wagner, 1869/s.d.), Alberich manda fabricar um elmo que o torne invisível; com essa invisibilidade, obtém poder sobre os nibelungos e, a partir do anonimato, do desaparecimento onipresente, os obriga a explorar as minas de ouro do Reno:

*Pérfido anão!
Vou moê-lo
de pancadas se você
não terminar em tempo
a minha encomenda,
a joia fina! [...]
O elmo coube na cabeça; será que o feitiço funciona?
[Baixinho]
“Noite e neblina – diferente de tudo!”
[Sua forma desaparece; no seu lugar há uma coluna de vapor]
Está me vendo, irmão? [...]
Hoho! Hoho!
Todos os nibelungos têm que se curvar a Alberich!
Ele está em todas as partes para vigiá-los:
Paz e tranquilidade acabaram para vocês;
vocês têm que trabalhar para ele mesmo sem vê-lo;
mesmo sem percebê-lo, saibam que ele está lá!
Vocês estão submetidos para sempre!⁷
(cena 3)*

7. N. do T.: tradução de I. F. Perpetuo. A citação está nas pp. 61 e 63 de: Wagner, R. (2013). *O ouro do Reno*. Theatro Municipal de São Paulo. <https://tinyurl.com/4xfsvre9> (Trabalho original publicado em 1869)

É assim que as palavras mágicas de Alberich mostram que, no desaparecimento forçado, não apenas a vítima desaparece; antes, é um ato de dominação em que o agressor também desaparece: “O significado que propaga a noite e a neblina [...] tem como objetivo envolver na neblina todas as partes: encobri-los como agressores, ocultar suas vítimas e seus delitos, e subscrever assim a impunidade do método criminoso” (Mahlke, 2017, p. 81).

O duplo envolvimento na neblina foi então uma das razões pelas quais o desaparecimento forçado se instaurou como tecnologia de violência política na América Latina; sobretudo, foi uma modalidade de violência derivada das prisões massivas e arbitrárias levadas a cabo nas ditaduras do Cone Sul:

A legitimidade do regime militar não poderia se sustentar em curto e médio prazo se expressões ostensivas de violência, como a tortura e o assassinato, se generalizassem, o que acabaria produzindo, com o tempo, uma percepção de insegurança e incerteza na opinião pública, razão pela qual era preciso assegurar a ocultação dos meios ao mesmo tempo que a exaltação dos fins. (CNMH, 2016, p. 99)

Na Colômbia, por exemplo, só foi possível estabelecer a responsabilidade dos perpetradores em 48,6% dos casos. Segundo o relatório *Hasta encontrarlos: el drama de la desaparición forzada en Colombia* [Até encontrá-los: o drama do desaparecimento forçado na Colômbia], do Centro Nacional de Memória Histórica (CNMH, 2016), foram documentados⁸ 60.630 desaparecidos no contexto do conflito armado na Colômbia, entre 1970 e 2015. Por outro lado, na integração documental que a Comissão da Verdade propiciou, foram registradas cerca de 121.768 pessoas desaparecidas à força entre 1985 e 2016, estimando-se um total de 210 mil vítimas de acordo com as análises estatísticas de subnotificação potencial.

Embora o desaparecimento forçado tenha sido usado especialmente pelas ditaduras do Cone Sul com o objetivo de eliminar, sem rastros, o inimigo interno (comunistas, insurgentes, sindicalistas, líderes sociais etc.), na Colômbia a situação adquiriu uma especificidade aterradora: o perfil predominante das vítimas está associado a circunstâncias de vulnerabilidade e precarização social, *personas em estado de desinvestimento social massivo*. Desse modo, as “mortes ilegítimamente apresentadas como baixas em combate por agentes do Estado”, como foram rebatizados os “falsos-positivos” na Jurisdição Especial para a Paz (JEP), aconteceram entre 2002 e 2010 na Colômbia, chegando a pelo menos 10 mil vítimas civis (Rojas & Benevides, 2017). Já chamamos a atenção para a origem incerta do termo “falsos-positivos”, pois seu uso não foi registrado em outras partes do mundo (Aranguren *et al.*, 2020). As Forças Armadas da Colômbia, porém, o introduziram para se referir às baixas civis em combate que, “por engano”, eram apresentadas como combatentes guerrilheiros. O desmentido se torna operante quando um termo da computação e da medicina – em ambos os casos, em referência à falsa identificação de um vírus – começa a circular para encobrir a eliminação imunitária da população civil.

Assim, esse crime foi uma prática sistemática por parte das Forças Armadas da Colômbia, em que um “recrutador” – ou seja, um militar aposentado, um civil ou um combatente de grupos armados ilegais – enganava suas vítimas – jovens de poucos recursos, moradores de rua, pessoas de setores marginalizados da sociedade – com a oferta de empregos em que ganhariam dinheiro fácil. Os civis eram levados a regiões remotas do país, onde eram assassinados, disfarçados de integrantes de grupos armados ilegais e apresentados como guerrilheiros mortos em combate. Por fim, os corpos eram sepultados em valas comuns, dificultando com isso a identificação das vítimas. O desaparecimento

8. O CNMH sistematizou a informação de 102 fontes: 56 institucionais e 46 pertencentes a grupos sociais diversos.

e assassinato desses civis foi o efeito de uma política de segurança em que se pretendia mostrar, em termos numéricos, a efetividade militar na luta contra o “terrorismo” (Aranguren *et al.*, 2020).

3. Metodologia

Para explorar a problemática apresentada, realizei uma pesquisa qualitativa a respeito da experiência de ressentimento em quatro familiares de pessoas desaparecidas sob a modalidade dos “falsos-positivos”. O contato inicial com as participantes aconteceu por meio de Doris, a quem vou me referir mais adiante. A partir daí, foram construídas pontes de contato com as outras participantes. Elas ficaram cientes do objetivo da pesquisa, e receberam toda a informação necessária e as garantias de confidencialidade para que pudessem decidir livremente sua participação. Nesse processo, as participantes me pediram que mantivesse os nomes reais, como forma de manifestação política pela visibilização dos crimes cometidos pelo Estado colombiano. As mulheres que participaram da pesquisa integram a fundação Mafapo: Soraida, Beatriz e Doris são vítimas do desaparecimento e assassinato de seus filhos; Jacqueline, atual diretora da fundação, é vítima do desaparecimento e assassinato de seu irmão.

Doris Tejada é mãe de Oscar Morales, desaparecido em Cúcuta em dezembro de 2007 e reportado como morto em combate por tropas do Batalhão de Artilharia “La Popa” em El Copey, Cesar. Seu corpo não foi recuperado.⁹ Beatriz Méndez é mãe de Weimar Castro e tia de Edward Rincón, ambos desaparecidos e assassinados em Ciudad Bolívar, Bogotá, em julho de 2004. Jacqueline Castillo é irmã de Jaime Castillo, desaparecido em 2008. Seu corpo foi encontrado numa vala comum em Ocaña, Norte de Santander. Soraida Muñoz é mãe de Matías Soto, desaparecido em Bogotá em 2008 e reportado como guerrilheiro morto em combate em Ocaña.

Fiz várias entrevistas entre 2017 e 2022, em meio a um espaço cotidiano que fomos construindo junto com as participantes. Durante esse tempo, e pelo período de um ano, analisei uma integrante da Mafapo, com quem não tinha vínculos anteriores. O processo chegou ao fim quando ela recebeu asilo político em outro país. Com as demais integrantes, compartilhamos espaços políticos de manifestação, atividades de busca no território e encontros em nosso dia a dia. Assim, nossas conversas, além de acontecerem nos espaços formais para as entrevistas, também se deram nos espaços políticos e artísticos de memória e luta contra a impunidade. Conversamos no cemitério central de Bogotá, em meio à hostilidade das valas comuns de Las Liscas e na praça central de Soacha. Eu as acompanhei na “adoção” dos NN¹⁰ do cemitério central de Ocaña e visitei, com um grupo de pesquisa internacional, os fornos crematórios de Juan Frío, em Norte de Santander.

Dentro do esquema que proponho, as entrevistas foram concebidas como um espaço aberto de livre associação de ideias, enquadrado pela problemática da pesquisa. Pus à disposição do encontro uma atitude psicanalítica fundamentada na neutralidade e na abstinência (Freud, 1912/2017a), assim como no sem memória e sem desejo (Bion, 1967), o que permitiu explorar conteúdos desconhecidos, inesperados e enigmáticos da experiência emocional das participantes. A partir de uma *conceção ampliada* da transferência-contratransferência, o vínculo afetivo construído com as participantes foi atravessado por acordos, desacordos, conflitos e identificações inconscientes. Contudo, essas manifestações transferenciais-contratransferenciais, embora me informassem constantemente do vínculo que eu construía com as participantes, encontravam grandes limitações no

9. Enquanto eu escrevia este artigo, o corpo de Oscar foi encontrado, em 6 de maio de 2024. A luta de Doris e de seu marido levou à descoberta de outros 62 desaparecidos no cemitério alternativo de El Copey, Cesar.

10. N. do T.: em alguns países hispanofalantes da América do Sul, a sigla NN (*nomen nescio*) é usada para se referir a uma pessoa desconhecida, da qual não se tem nenhuma informação.

momento de tentar compreendê-las, interpretá-las e atribuir-lhes um sentido, porque a relação de pesquisa não é propriamente uma relação clínica que permita estabelecer um *campo psicanalítico*.

O diálogo aberto possibilitou o surgimento de múltiplos temas que não estavam inicialmente propostos no enquadre da pesquisa. Com frequência, as participantes solicitavam uma pauta de entrevista diferente, centrada não apenas nos efeitos mencionados, mas também nas distintas formas de aparecimento de seus filhos desaparecidos. Inesperadamente, isso fez com que as entrevistas se estabelecessem numa atmosfera paranormal, em que eram apresentadas histórias de fantasmas, sustos e almas errantes.

4. Paradoxos espectrais

Em 27 de abril de 2018, visitei Jacqueline em sua casa para realizar uma entrevista. Nesse dia, as mães estavam reunidas para uma “sexta de feijoada”. Soraida estava ali como *chef* principal. Beatriz também se juntou a nós por um momento. Durante o almoço, surgiram algumas histórias sobre como as mães foram se envolvendo no processo de procurar os filhos:

Soraida: Quanto à procura, eu passei a procurar o meu filho quando me disseram que ele tinha morrido. Coisa de um ano e dois meses depois. De resto, não, porque eu não sei se isso... Aquele programa *Ellos Están Aquí*¹¹ meio que coincide com o que eu vivi. Porque o meu filho, quando desapareceram com ele, algumas pessoas o viam pelo bairro. E por isso eu não procurava por ele, porque o viam por aqui. Então eu dizia: “Por que o Matías não volta para casa?”. E nós saíamos para procurá-lo, percorríamos o bairro à procura dele. E os vizinhos me diziam: “Olha, Soraida, a gente viu o Matías em tal lugar”, e eu ia correndo com os irmãos para procurar, mas nunca era ele. Então, eu não sei se isso também tem a ver com essa coisa, com esse programa *Ellos Están Aquí*, mas viam o meu filho pelo bairro.

Jacqueline: Esse programa de televisão, *Ellos Están Aquí*, em que há presenças! Acho que todas nós vivemos algo parecido.

Quando saí da entrevista, liguei para Beatriz, porque ela precisou sair mais cedo. Eu lhe disse: “Deu tudo certo”, ao que ela respondeu com alegria: “Viu só? Viu? Todas as mães veem seus anjinhos”. Beatriz esperava que eu acreditasse nela. Esperava ansiosamente que eu pudesse confirmar que as mães aprenderam a viver com os fantasmas de seus familiares. Foi ela que, por meio de suas histórias, me introduziu no mundo do paranormal; sem perceber, eu me transformei em cronista de seus fantasmas.

A primeira história que ela me contou foi sobre quando Weimar e Edward desapareceram. Naquele noite, a família se reuniu apreensiva diante da notícia de que os jovens não atendiam o telefone. As horas se passavam, e eles não chegavam em casa. O que teria acontecido? Enquanto a preocupação aumentava, a sobrinha de Beatriz decidiu subir no terraço, qual sentinela que aponta a luz de seu olhar para a escuridão. Ficou ali esperando. Ao cabo de algum tempo, duas figuras brincalhonas se desenharam no horizonte: “Olha, mãe, lá vêm eles, lá vêm eles! Olha, eles vêm brincando, vêm se empurrando, vêm numa agitação!”. A família, emocionada, correu para a porta principal: “As sombras chegaram até a porta, e nada... Nada... Nada... A gente abriu a porta: nada. Onde eles se meteram? Estavam vindo para cá! O que aconteceu?”. As presenças vieram para anunciar seu desaparecimento.

11. *Ellos Están Aquí* é um programa de televisão nacional, transmitido pelo canal RCN, em que um grupo de famosos se dedica a investigar fenômenos paranormais.

Jacqueline tinha experiências similares em casa, onde via sombras passando ou ouvia assobios do lado de fora. Jaime, seu irmão, costumava se anunciar assim quando ia visitá-la. Então, no período em que esteve envolvida na investigação do desaparecimento do irmão, a presença dele vagava por sua vida cotidiana: o via em casa, o escutava na rua, o sentia no ônibus, o sonhava como uma visita noturna.

A extensa investigação de Jacqueline fez com que ela encontrasse uma das mais importantes valas comuns para casos de “falsos-positivos” em Ocaña. Ali, além do corpo de Jaime, estava o de Matías. Depois de identificar os corpos, e com isso abrir novos caminhos de investigação, retornaram a Bogotá. Na estrada rural de Las Liscas, Jacqueline sentiu uma sombra tentando se agarrar com força ao carro em três ocasiões. Assustada, ela olhou pelo espelho retrovisor: na terceira vez, notou que a sombra conseguiu alcançá-los. O medo a paralisou, mas algo lhe dizia que estava segura. Pensando bem..., ela me deu a entender, a presença da sombra não era tão ameaçadora, parecia uma companhia afetuosa. Com tranquilidade, me contou que foi assim que Jaime viajou o tempo todo com eles, feliz por ter sido encontrado. De fato, sua exumação permitiu que a família realizasse os serviços funerários pertinentes, e os encontros espectrais foram se tornando cada vez menos frequentes:

Jacqueline: Nos dias seguintes, uma noite, eu sonhei com ele. Eu estava lá em cima, na casa do meu pai, e bateram na porta. Então descí as escadas, e quando abri a porta, lá estava ele, morrendo de rir. E no sonho ele me disse: “Eu fiz vocês chorarem muito com aquelas fotos, não é?”.¹² E foi isso. Eu nunca mais voltei a sonhar com ele.

Como no caso de Jacqueline, é comum as vítimas verem os sonhos com os desaparecidos como um espaço intersubjetivo de comunicação com os espectros (Agudelo *et al.*, 2020; Cardona, 2020). Esses sonhos se caracterizam pela sensação de que a experiência não é da ordem da fantasia, mas do paranormal. Contudo, antropólogos forenses e pesquisadores dos grupos de procura de pessoas dadas como desaparecidas na Colômbia não descartam por completo a informação onírica apresentada pelas vítimas (Quintero, 2019). Beatriz, por exemplo, contribuiu para um dos desenlaces mais importantes de seu caso quando se comunicou com Weimar em sonhos, fato que documentamos em detalhes em outro lugar (Aranguren *et al.*, 2020).

O desaparecimento forçado organiza a realidade a partir do paradoxo e da ficção, de tal modo que as formas habituais de representação entram em crise quando se lida com um ser que é, por sua vez, um “não vivo-não morto, um ausente-presente. Um absurdo” (Gatti, 2017, p. 16). O desaparecido estabelece, assim, um estado de coisas espectral, em que as dicotomias deixam de ser operativas e que exige do sujeito rearticular sua percepção e sua cotidianidade para lhe dar um lugar paradoxal em que possa habitar. Nessa ordem de coisas, os sujeitos habitam uma *zona mística da experiência*,¹³ onde os fantasmas “são tão convincentes quanto qualquer experiência direta dos sentidos e, como regra geral, são muito mais persuasivos do que os resultados estabelecidos pela lógica” (James, 1902/2017, p. 83).

Considero essas presenças fantasmiais um tipo de objeto subjetivo com o qual a pessoa se comunica silenciosamente (Winnicott, 1965, 1971/1993). No estudo das fases iniciais do desenvolvimento emocio-

12. Referência às fotos que Jacqueline teve de investigar para explicar a crueldade com que seu irmão foi torturado.

13. Propus esse conceito com base em algumas ideias de William James e Donald Winnicott (Cardona, 2020). Esse último sugere que, “ao pensar na psicologia do misticismo, é comum se concentrar na compreensão da reclusão mística para um mundo pessoal interno de introjetos sofisticados. Talvez não se tenha prestado a devida atenção ao recolhimento do místico para uma posição em que ele pode se comunicar secretamente com fenômenos e objetos subjetivos; a perda do contato com o mundo da realidade compartilhada sendo contrabalançada por um ganho em termos de se sentir real” (Winnicott, 1965, p. 185). [N. do T.: tradução de I. C. S. Ortiz. A citação está em: Winnicott, D. W. (2022). *Processos de amadurecimento e ambiente facilitador: estudos sobre a teoria do desenvolvimento emocional*. Ubu. <https://a.co/d/djNtulH> (Trabalho original publicado em 1965)]

nal, Winnicott afirma que os objetos subjetivos – aqueles objetos que, *já estando ali*, são ao mesmo tempo *criados* pelo bebê – são as bases fundamentais da criatividade em sua relação com a *sensação de viver uma vida real e significativa*. Eles seriam os alicerces de uma criatividade primária (apercepção criativa), o que explicaria sua indestrutibilidade, mesmo em estados de conformidade extremos, como a dominação familiar, os campos de concentração e a perseguição política (Winnicott, 1971/1993). Não seria talvez essa rearticulação espectral do cotidiano uma vitalidade criativa em meio à destruição da violência branca? O fantasma age aqui como um objeto subjetivo que torna a vida das vítimas digna de ser vivida.

Doris: Eu enfatizo isto e digo em qualquer lugar: *que é verdade, é verdade, eles continuam com a gente*. [...] Quando existe tanto amor, quando a gente os tem aí presentes..., eles ficam aí. Eu ainda não o deixo ir... até... que haja justiça. Aí sim vou lhe dizer: “Bem, agora, eu vou deixar você... *eu vou deixar você partir*”.

Contudo, argumentamos que o caráter espectral do desaparecido põe em apuros o modelo tradicional do luto (Aranguren & Cardona, 2022). Nele, Freud (1917/2017b) conceituou o *trabalho* que o sujeito deve realizar diante da perda de um objeto amado, cujos efeitos “desviantes” passam com o tempo e cujo processo foi pensado da seguinte maneira:

O exame da realidade mostrou que o objeto amado não mais existe, e então exige que toda libido seja retirada de suas conexões com esse objeto. Isso desperta uma compreensível oposição – observa-se geralmente que o ser humano não gosta de abandonar uma posição libidinal, mesmo quando um substituto já se anuncia. Essa oposição pode ser tão intensa que se produz um afastamento da realidade e um apego ao objeto mediante uma psicose de desejo alucinatória. *O normal é que vença o respeito à realidade*. Mas a solicitação desta não pode ser atendida imediatamente. É cumprida aos poucos, com grande aplicação de tempo e energia de investimento, e enquanto isso a existência do objeto perdido se prolonga na psique. Cada uma das lembranças e expectativas em que a libido se achava ligada ao objeto é enfocada e superinvestida, e em cada uma sucede o desligamento da libido.¹⁴ (p. 2092, grifo meu)

Mas então qual é a realidade que o familiar de um desaparecido deve respeitar? Existe um substituto libidinal para a perda de um objeto amado? No fim das contas, o caráter espectral do desaparecido impede a submissão de sua figura a uma “prova de realidade” que constate que *o objeto amado não existe mais*, justamente porque o desaparecimento se mantém como uma ambiguidade que não pode ser resolvida em nenhuma das dimensões afetadas pela neblina. É importante observar, porém, que a prioridade atribuída por Freud ao respeito à realidade teve interpretações clínicas problemáticas em relação ao luto por um desaparecido. Alguns chegaram a propor que, para “mobilizar” um “luto congelado”, o processo psicanalítico teria de mudar o estatuto de “desaparecido” para “assassinado”:

A particularidade do rito pelo desaparecimento está no fato de que, quando um sujeito decide realizar uma cerimônia desse tipo, é porque já houve uma modificação interna, a partir da qual ele opta por *parar de esperar* e assume uma nova posição diante da perda. Aqui o ritual adquire a dimensão daquilo que mobiliza o enlutado a se afirmar no “não mais” da esperança e a renunciar ao desaparecimento. A partir daí, *o sujeito ressignifica o objeto e muda psiquicamente seu estatuto de desaparecido – suscetível de reaparecer – para morto – radicalmente perdido*. Propomos que o que acontece nesse movimento é uma passagem da dor permanente para o início da elaboração do luto. (Díaz, 2008, p. 12, grifo meu)

14. N. do T.: tradução de P. C. Souza. A citação está nas pp. 173-174 de: Freud, S. (2010). Luto e melancolia. Em S. Freud, *Obras completas* (vol. 12, pp. 170-194). Companhia das Letras. (Trabalho original publicado em 1917)

Por que insistimos em ver um luto congelado ali onde parece haver tanto movimento? Como argumentei, a vítima rearticula sua cotidianidade, cria novos vínculos e se mobiliza politicamente. O pensamento dicotômico baseado numa compreensão errônea da “prova de realidade” encobre uma total ignorância do que está em jogo no fundo: que a prova de realidade consiste em *assumir o paradoxo espectral do desaparecido sem resolvê-lo* (Winnicott, 1971/1993).

5. O ressentimento além da pulsão de morte: desfazer o terror

O problema do ressentimento que quero propor está representado em *Hamlet*, de Shakespeare (c. 1600/2006). A meu ver, essa obra mostra a complexa relação entre o ressentimento e a impossibilidade do luto quando a impunidade assume protagonismo. A história se passa na Dinamarca e narra os acontecimentos posteriores ao assassinato do rei Hamlet pelas mãos de seu irmão Cláudio. Logo aparece o príncipe sombrio, que será constantemente retratado como “louco”. Impõe-se a Hamlet uma “lei natural” que ele não pode aceitar: que as pessoas morrem e os lutos devem ser concluídos. “O destino é o mesmo – tudo que é vivo morre” (p. 67),¹⁵ lhe diz a rainha Gertrudes. Cláudio é mais explícito:

*Mas persistir
Nessa lamentação ostentosa é de uma
Teimosia obstinada, um lamento inviril,
Demonstra vontade desrespeitosa aos céus,
Um coração fraco, uma alma impaciente,
Uma mente ingênua e indisciplinada;
[...] É um insulto aos céus,
Um insulto aos mortos, um insulto à natureza,
Uma afronta à razão.*
(p. 68)

Embora essa ordem seja sugerida a partir da “neutralidade” de um tio que deseja o bem-estar de seu novo filho, no decorrer da narrativa vemos que o luto impossível de Hamlet se torna uma tempestade politicamente perigosa para o rei. É por isso que Cláudio “não gosta” da melancolia de Hamlet, nem a considera “conveniente para sua segurança”, de modo que convoca os melhores amigos do príncipe para acalmar seus ânimos e “Proteger as muitas e muitas vidas/ Que dependem de vossa majestade” (p. 147). De repente, a vida afetiva de Hamlet deixa de ser um assunto particular e passa a ser uma preocupação nacional: o futuro da Dinamarca vai depender de o príncipe concluir seu luto de maneira adequada e natural.

Sabemos, no entanto, que a situação do príncipe é complicada. Pelas revelações do Fantasma, percebemos que a morte do pai por si só não é suficiente para produzir ressentimento, e o *modus operandi* do crime, baseado no estabelecimento de uma mentira institucional, adquire grande importância: “A notícia oficial foi de que, dormindo em meu pomar,/ Fui picado por uma serpente. O ouvido de toda a Dinamarca/ Crê no processo forjado de minha morte/ E se engana violentamente” (p. 86). É assim que o Fantasma comunica a verdade de seu assassinato a Hamlet, transmitindo a este a necessidade de uma busca incansável por justiça que só ele pode encarnar.

Hamlet tem sido comumente retratado como um ser vingativo e ressentido, e várias análises o usam como exemplo para demonstrar o sadismo da melancolia. Mas com isso perderíamos de vista a com-

15. N. do T.: tradução de B. Beber. Esta citação e as próximas dessa obra estão em: Shakespeare, W. (2019). *Hamlet*. Ubu. (Trabalho original publicado c. 1600)

plexidade do assunto. Aqui, o assassinato é tão importante quanto seu desmentido, e o ressentimento de Hamlet não poderia ser entendido sem referência às tentativas fúteis de Cláudio e à luta infrutífera do príncipe para revelar a verdade do crime. Na continuação da peça, mais que uma encenação da vingança, vemos uma encenação da esperança de contrariar as mentiras e encontrar justiça. A violência só aparece como ato quando a esperança sufocada se estabelece inexoravelmente como desesperança.

Desse modo, não podemos passar por alto que um dos primeiros recursos de Hamlet foi o teatro, que segundo ele é um “espelho da vida”. O príncipe então contrata uma companhia itinerante de atores em Elsinore para que representem, diante dos reis, a morte de seu pai. Assim, depois de escutar uma comvente fala do ator principal, Hamlet se pergunta: se alguém tivesse que encenar os próprios sentimentos, o que faria? Para o ator que o interpretasse, não restaria outra alternativa a não ser a seguinte:

*Ele inundaria o palco de lágrimas
E suas palavras estremeçeriam o ouvido público,
Enlouqueceria o culpado e aterrorizaria o inocente,
Confundiria o ignorante e desorientaria
Suas faculdades de visão e audição.
[...] Ouvi dizer
Que criaturas criminosas, assistindo a uma peça,
Ficaram tão impactadas pelo realismo dramático
Que confessaram seus crimes no ato;
Pois o assassinato, embora mudo, falará
Por milagrosa voz.
(pp. 121-122)*

Como vemos, a obra de arte busca produzir um efeito no público para revelar uma verdade aterrorizante enterrada pelo desmentido. “Enlouqueceria o culpado e aterrorizaria o inocente”, diz Hamlet, que não procura o assassinato de Cláudio, mas sua confissão pública. Mas é justamente no sufocamento de qualquer tentativa de revelar a verdade que se apresenta o famosíssimo dilema: ser ou não ser. O príncipe deve agir com nobreza e *suportar* todas as flechas, arriscando-se a morrer em vida com isso, ou deve se armar contra as adversidades e enfrentá-las. “Morrer, dormir – e só”; seu dilema é aquele já apresentado por Winnicott (1971/1993): viver de forma criativa ou que a conformidade seja a base doentia da vida. *Suportar, morrer, dormir – e só.*

*Pois quem suportaria os escárnios do tempo,
O ultraje do opressor, a vaidade do arrogante,
O desprezo no amor, a lentidão da lei,
A insolência dos políticos e o desdém
Que o habilidoso recebe dos inúteis,
Se lhe fosse possível encontrar a paz
Num simples punhal?
(Shakespeare, c. 1600/2006, p. 125)*

Por que deveria ser considerado louco aquele que denuncia a injustiça desmentida? A análise requer especial atenção às relações de poder, de modo que a ênfase que eu gostaria de propor como chave de leitura recai sobre o segundo momento do trauma: o desmentido. Tomo esse modelo de Sándor Ferenczi, que em “Confusão de língua entre os adultos e a criança” (1933/2002) formula uma virada relacional na compreensão patogênica do trauma. Nesse texto, o autor denuncia a negligência generalizada por parte da psicanálise dos fatores exógenos traumatogênicos, o que tende a produzir explicações simplistas apoiadas na afirmação de predisposições constitucionais do indiví-

duo à patologia psíquica. José Jiménez Avello (2024) argumentou muito bem sobre como a concepção inatista da pulsão de morte encobre, em termos de uma análise relacional complexa, o agressor.

Nessa ordem de ideias, Ferenczi constata em sua clínica que mais crianças do que se gostaria de admitir eram vítimas reais de agressão sexual. Tomando esses casos como ponto de partida, ele esboça uma dinâmica relacional em que há um primeiro momento de choque psíquico produzido por um excesso que o sujeito não é capaz de assimilar ou metabolizar. O sujeito fica então submerso num estado de desesperança físico-psíquica, em que experimenta a destruição de suas capacidades de pensar, sentir e resistir à violência. Mas Ferenczi vai além: essa destruição não se deve apenas à vivência excessiva, mas à *força avassaladora da autoridade* do adulto sobre a criança, que, sequestrando seus sentidos (*senses*), a deixa sem palavras (*meaning*).

Num segundo momento, a criança recorre a outro adulto para tentar entender o que aconteceu, mas percebe que o trauma passa despercebido e sua vivência é tratada como um *sem-sentido*. Assim, com o desmentido do mal, a criança perde a confiança no testemunho de seus sentidos e, com isso, se produz uma paralisia expressa na subordinação automática ao outro (Ferenczi, 1933/2002). Embora Ferenczi comece com o modelo da criança abusada, ele bem sabe que está propondo uma hipótese teórica geral, operativa para pensar as relações de poder em que há uma pessoa em estado de desamparo e um agressor, inscrevendo assim o trauma na ordem do relacional, do político e do social.

Nessa linha de ideias, Jô Gondar (2021) explica o trauma social a partir de suas relações com o terror como forma de paralisia psíquica causada por um perigo para o qual o sujeito não estava preparado. O choque provocado pelo terror atenta contra a *arte de viver juntos*, fragmentando as possibilidades de autodeterminação de um sujeito político e produzindo a perda da autoria sobre a própria vida. Desse modo, a descrição de Gondar do terror é congruente com a proposta que esbocei antes, em torno da *violência branca*, pois, segundo a autora,

o estado de paralisia e confusão em que a criança abusada se vê submersa pode ser substituído, no plano político, por uma sensação de neblina generalizada. O terror impede que os acontecimentos traumáticos se inscrevam na memória de um país. (p. 84)

A neblina funciona então como um branco psíquico, como uma ausência de inscrição que não permite uma percepção clara da submissão e da paralisia. O desmentido social se revela um *instrumento tanático de dominação*, por meio do qual os sujeitos se veem forçados a se adequar a uma mentira para sobreviver, e “com isso ficaria instituído um modo perverso de relação com a realidade” (Genovés, 2024, p. 13).

Em minha pesquisa, pude constatar como o terror se consolida como um momento estrutural do trauma. Na implementação dos instrumentos tanáticos de dominação, o terror desempenha um papel fundamental: o de garantir que os sujeitos se refugiem em si mesmos, na vida privada, a fim de não permitir nenhum tipo de reivindicação pública coletiva. Explorando a história de Beatriz, evocamos o momento em que ela ainda não pertencia a nenhum coletivo de vítimas. Ela recorda essa época com profundo terror, um sentimento paralisante que não lhe permitia buscar justiça por seus familiares.

Beatriz: Foi difícil. Ah, eu chorava muito! Estava lutando comigo mesma, porque eu morava com a minha mãe, que estava doente. A minha mãe não queria que eu viesse para Bogotá: “Minha filha, não vá. Veja, eles vão acabar com tudo”, ela me dizia. Onde quer que eles nos encontrassem, iriam matar todos nós. E eu respondia: “Mãe, eu tenho que ir”. Ela me dizia: “Não vá! Que coisa! Os mortos, a gente deixa em paz. Já receberam o deles. Que coisa!”

No entanto, é importante ressaltar que o terror não é tanto uma *sequela* psicológica da violência, mas um modo relacional sistemático. As vítimas na Colômbia são confrontadas com toda uma maquinaria que age por meio de intimidações constantes e silenciosas. Por isso, em 2005, depois de ser ameaçada de morte, Beatriz se mudou de Bogotá para um pequeno povoado de Boyacá. Entre as vítimas, são recorrentes histórias de ameaças, intimidações, mudanças e auto-exílios. Todas as mulheres com as quais conversei foram vítimas do terror – um terror que vai se disseminando pelas diferentes camadas da sociedade, desde as profundezas do sujeito até a estrutura social mais sutil. Desse modo, a dominação se faz carne, se internaliza, se converte em afeto e age dentro do sujeito. “A primeira luta é contra si mesmo”, diz Beatriz.

O terror vai isolando os sujeitos, obrigando-os a se refugiar na solidão. É por isso que as mães, a princípio, lutam sozinhas. Preferem resguardar o que lhes resta, proteger os vivos sob o risco de obliterar os ausentes:

Beatriz: Tem os meus irmãos, que... Eu não os envolvo nisso. É que o medo está sempre aí. Eu digo: pronto, se eu cair, vou cair sozinha, como dizem. Se alguma coisa acontecer comigo, eles podem continuar..., eles podem continuar com a sua vida.

A sociedade também não é capaz de responder ao apelo da mãe que procura por respostas. Isso porque o desaparecimento forçado se torna um sistema de produção de terrores:

Beatriz: Então eu fui nesse lugar verificar, ver se alguém, depois de tanto tempo, dizia alguma coisa. Mas eles não dizem nada, têm medo, porque a única coisa que têm é a sua casinha, e se disserem a verdade, vão acabar com eles. Para onde iriam? Seriam outros a ficar deslocados.

A violência branca estrutura assim toda uma atmosfera de impunidade, em que os sujeitos, mais que viver, sobrevivem. Não é possível reivindicar justiça pelo crime sofrido, porque fazer isso significa se expor à aniquilação. Desse modo, como o terror tende a paralisar, as vítimas precisam lutar contra essa imobilização, e uma de suas ferramentas é o ressentimento.

O ressentimento tem uma longa história conceitual, já discutida a partir de diferentes perspectivas. Luis Kancyper (2001, 2010), por exemplo, situa o ressentimento como uma das possíveis decantações do rancor. Esse afeto já tinha sido investigado por Agamben (1977/2006) dentro da constelação da acídia medieval, que designa “a revolta da má consciência contra os que exortam ao bem”¹⁶ (p. 27). Apoiando-se nessa tradição, Kancyper conceberá o *ressentido* como um ser sanguinário, fetichista, arrogante, cruel e psicótico. Para o psicanalista, o ressentido é um mnemonista implacável, que não consegue perdoar nem esquecer: sua memória se enraíza numa injúria particular, cuja reparação deseja vingativamente. Dessa forma, por meio de um eterno re-sentir o mal, o futuro do ressentido se consolida como a possibilidade de um castigo impossível. Por isso, para Kancyper (2010), o ressentimento é a expressão própria do luto fracassado:

A vivência do tempo suspensa pelo poder do ressentimento e do remorso é a permanência de um ruminar indigesto de uma afronta que não cessa, expressão de um luto que não se logra processar, não somente no próprio sujeito e na dinâmica intersubjetiva, mas que como sede de vinganças taliônicas pode chegar a perpetuar-se pela transmissão das gerações, selando um inexorável destino na memória coletiva.¹⁷(p. 14)

16. N. do T.: tradução de S. J. Assmann. A citação está na p. 25 de: Agamben, G. (2007). *Estâncias: a palavra e o fantasma na cultura ocidental*. UFMG. (Trabalho original publicado em 1977)

17. N. do T.: tradução de E. B. Rossi. Esta citação e a próxima dessa obra estão nas pp. 13-14 de: Kancyper, L. (2018). *Ressentimento terminável e interminável: psicanálise e literatura*. Blucher. (Trabalho original publicado em 2010)

O ressentido, *escravo da pulsão de morte* e guardião compulsivo da memória, não consegue realizar o trabalho do luto porque, ao procurar martirizar o ofensor com a promessa de sua vingança, cria uma realidade substituta, produto da negação do princípio da realidade. Assim, segundo esse ponto de vista, o ressentimento é um afeto sombrio, cujo principal objetivo é destruir o outro.

Mas isso é contar apenas metade da história. Embora, para Kancyper, coexistam no sentimento as duas dimensões antagônicas da passividade corrosiva e da atividade criativa, sua análise se concentra predominantemente no sujeito que parece um refém viciado na memória do rancor. No entanto, conforme o quadro de entendimento que propus, podemos inverter o argumento para pensar além da pulsão de morte e inscrever o ressentimento numa trama relacional complexa, em que impera o abuso de poder. As participantes expressam sua experiência afetiva assim:

Jacqueline: Ressentimento é algo que você tem por um mal que lhe causaram. Esse mal que nos causaram, para mim, isso é ressentimento.

Beatriz: Ressentimento... é como que sempre guardar essa dor aqui. [...] Ressentimento é... estar muito ressentido com o que fizeram. O ressentimento é isso, como a frustração, como a impotência. Quando você de repente tem uma rixa com... o mundo, com a sociedade. Eu me pergunto: isso vai devolver o meu filho? Isso vai devolver a vida que eu perdi lutando? Porque a cada dia que você vai numa marcha, num protesto, ou sai gritando na rua, na praça Bolívar..., isso vai acabando com você.

Para Beatriz e Jacqueline, o ressentimento é uma *dor guardada* diante do mal perpetrado pelos agentes do Estado. Isso parece estar de acordo com a definição de Kancyper do ressentimento como o afeto resultante da lembrança enraizada de uma injúria particular. Em contraste com o luto por um objeto amado perdido, o ressentimento expressa o luto não elaborado *por um mal* produzido depois de múltiplas humilhações em que as respostas contestatórias foram sistematicamente sufocadas (Kancyper, 2006). Diante disso, o sujeito acumula um acerto de contas que, pelo caráter abstrato da violência estatal, não pode resolver com clareza:

Jacqueline: É uma impotência ver a realidade e não poder fazer alguma coisa. No começo, quando eu via esses militares, sentia uma raiva e uma impotência por tê-los ali e não poder pegá-los e torcê-los. Eu queria ter um porrete para dar neles: que sentissem a dor que nós sentimos, para expulsar toda essa raiva que a gente tem aqui acumulada.

O ressentimento é uma das formas pelas quais a fixação da libido se manifesta, pois o sujeito encontra razões para manter uma fidelidade estrita ao investimento de objeto, sustentada ao mesmo tempo pelo compromisso com a memória dos desaparecidos e pela impossibilidade sociopolítica de responder ao mal sofrido. A libido se nega então a abandonar seus objetos ofensores e guarda para si uma mobilização canalizada na constante tentativa de restaurar o passado:

Doris: Eu trago o ressentimento guardado aqui comigo. Ele está aqui quietinho, para eu liberá-lo numa manifestação política que vai acontecer. E é ali que eu preciso dele de fato, para poder liberar esse ressentimento que eu tenho e transformá-lo melhor.

Nessa linha de ideias, Doris mostra que o ressentimento, embora apresente a lógica de um afeto guardado, também é suscetível de ser fonte de um movimento criativo, sobretudo na esfera pública, quando se deve exigir verdade e justiça. A viscosidade da libido no ressentimento, sua reutância ao desinvestimento de objeto, revela uma necessidade política de tornar o sentimento um espaço de insistência afetiva contra a impunidade. Nas palavras de Kancyper (2010):

O poder do rancor não apenas promove fantasias e ideais destrutivos como também pode chegar a propiciar fantasias e ideais trópicos, favorecendo o surgimento de uma necessária rebeldia e de um poder sublimatório, criativo, que tendem a estancar as feridas provenientes dos injustos poderes abusivos originados por certas situações traumáticas. (p. 15)

Mas como o ressentimento se articula com os repertórios de resistência política à violência estatal? No diálogo de Hamlet com o Fantasma, Derrida (1993/2012) lê o estabelecimento de um *estado de dívida*, que o príncipe deverá acolher num ato de compromisso com o espectro. A dívida, explica o autor, se revela um enigmático compromisso ético com a situação de injustiça que orienta a vida dos vivos de maneira prática e performativa. Por isso, os fantasmas *desajustam* o presente dos vivos com suas injunções, pois invocam o crime que já foi e o futuro que virá. A possibilidade humana de habitar um espaço cheio de presenças espectrais exigiu de Derrida re-colocar o trabalho do luto como fenômeno ético interminável, sem limites precisos, que responde a um apelo por justiça que os vivos acolhem por seus mortos, em diálogos em que “os vivos mantêm os mortos, ocupam-se deles, agem como eles; são mantidos ocupados e agidos pelos mortos, falam-nos e falam-lhes, portam seu nome e conservam sua linguagem”¹⁸ (p. 131).

Nesses diálogos intermináveis com os ausentes, o sujeito ressentido vive uma experiência temporal regida pelo *princípio do tormento* (Kancyper, 2010), ou seja, uma memória que não só persegue com sua dor o ressentido, como também procura atormentar o ofensor com a promessa de seu castigo. Mas, como Hamlet, as vítimas de violência política não procuram, em princípio, vingança sanguinária, e sim *enlouquecer o culpado e aterrorizar o inocente; que o assassinato fale por milagrosa voz*.

Este é o sentido que procuro apresentar para a compreensão do ressentimento como *haunting* criativo: *o afeto pelo qual aquele que é perseguido por fantasmas também se torna um fantasma perseguidor*. É a experiência persecutória de uma dívida não paga e o compromisso ético com os ausentes que emana dela. Assim, o presente do sujeito é habitado por um passado que retorna, uma *memória viva* que volta intempestivamente para exigir que algo seja feito com sua presença, demonstrando que a memória do ressentimento tem como horizonte relacional o outro ausente e é cultivada como uma busca por justiça no plano político pela não repetição do desaparecimento forçado:

Beatriz: O meu filho está em tudo. Eu digo que ele está presente em tudo, em tudo, em tudo. Como? Na justiça, que é o que todas nós reivindicamos: justiça! Que esses casos não se repitam! Em nome dos rapazes, de todas as vítimas, não só dos “falsos-positivos”, mas de todas as vítimas. Não sei quantas são neste país [...]. Todas as vítimas, de Guajira ao Amazonas, de Chocó a Orinoquia... Todas as vítimas! E mesmo fora da Colômbia! [...] Todos, todos!

No âmbito do desmentido da violência branca, o ressentimento funciona como estratégia vital para reinvestir criativamente as memórias do desaparecido. As vítimas mantêm abertas as feridas do trauma, de modo que o crime permaneça vigente, à espera de ser reconhecido e percebido pela sociedade.

6. Conclusões

O ressentimento e suas formas de cultivar a memória indicam a possibilidade de habitar *desajustadamente* o próprio tempo histórico na relação com os fantasmas e sua reivindicação de justiça.

18. N. do T.: tradução de A. Skinner. A citação está na p. 155 de: Derrida, J. (1994). *Espectros de Marx*. Relume-Dumará. (Trabalho original publicado em 1993)

Por isso, o trabalho da memória se torna um exercício fundamental de mobilização do ressentimento, em que a agressão contra o objeto ofensor se instaura na esfera pública de luta e denúncia social da violência branca. As vítimas, então, são afetivamente convocadas a falar publicamente de seus ausentes, a lembrá-los para romper com o estigma social que lhes foi imposto:

Doris: Claro que existe uma relação entre o ressentimento e a busca por justiça! Está tudo junto. E tudo faz com que coisas venham à tona, acionando o que a gente tem. É que a gente tem tudo! A gente tem a verdade. A gente pode continuar trabalhando nisso, e precisamos fazer isso porque é muito importante que a memória não morra. Nós temos a memória. Enquanto nós tivermos a memória e estivermos falando do meu filho, vou estar nesta luta e vou trazê-lo. Ele está comigo. Ele está vivo comigo. Ele vive comigo.

Na Colômbia, onde as “narrativas oficiais” situaram os “falsos-positivos” num lugar indigno de luto, o ressentimento expressa a impossibilidade sociopsíquica de concluir lutos que devem ser processados em meio à impunidade. O *haunting* criativo, nessa proposta, exprime uma importante *aposta pulsional* (Marucco, 2007), que se contrapõe à função desobjetalizante do duplo desaparecimento. Desse modo, “as ressentidas” se apresentam como a memória *atormentadora* de uma sociedade: estão sempre dispostas a nos lembrar as fissuras daquilo que vamos esquecendo, assinalam com precisão cirúrgica onde o perigo volta a aparecer e lutam contra o alegre disciplinamento das lembranças que pretende nos dizer, como em Macondo: “Aqui não aconteceu nada, nem está acontecendo nem acontecerá nunca. A Colômbia é um país feliz”.

Resumo

Neste trabalho, o autor discute os resultados de uma pesquisa qualitativa em que foram explorados alguns afetos da vida emocional de vítimas de violência política na Colômbia. Parte da experiência afetiva de mães de vítimas de uma modalidade particular de desaparecimento forçado na Colômbia – os “falsos-positivos” – para analisar o lugar do ressentimento em sua vida cotidiana. Considera os “falsos-positivos” um produto da violência política branca, que tende a desinvestir massivamente populações marginalizadas da sociedade para dispor impunemente de suas vidas. Nesse contexto, sugere que o ressentimento é um afeto que tende a desfazer o terror político por meio de um funcionamento que produz um *haunting* criativo. Conclui então que o *haunting* é uma modalidade de relacionamento do sujeito com a memória do crime que lhe permite manter abertas as feridas do trauma, a fim de se opor ativa e criativamente ao desmentido social.

Palavras-chave: *Repressão política, Trauma, Experiência emocional.*

Abstract

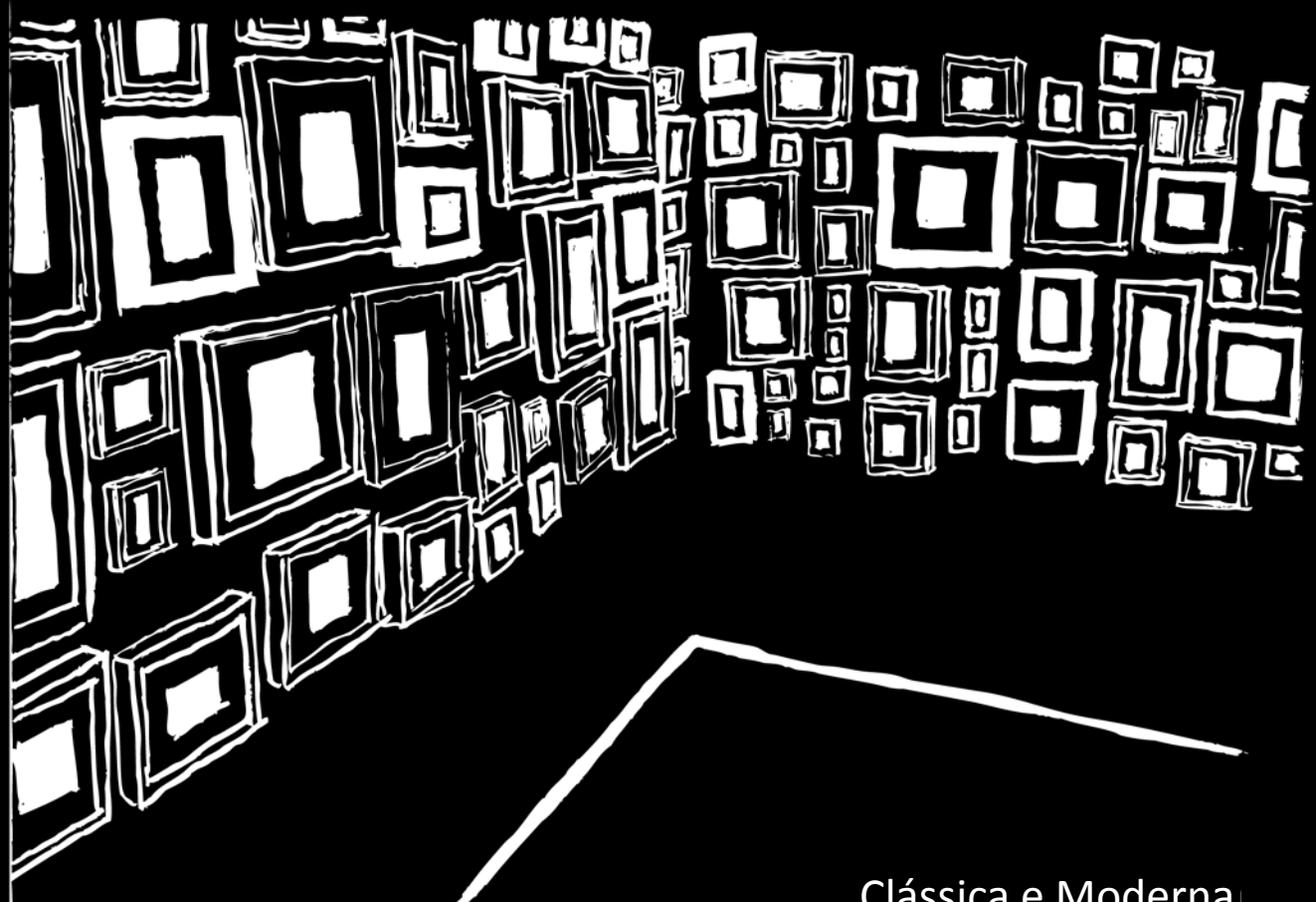
This paper discusses the results of a qualitative research that explores some aspects of the emotional life of victims of political violence in Colombia. In detail, I start from the affective experience of mothers of victims of a particular modality of forced disappearance in Colombia – “false positives” – to analyze the place of resentment in their daily lives. I consider “false positives” as the product of white political violence that tends to massively disinvest marginalized populations of society in order to dispose of their lives with impunity. In this context I suggest that resentment is an affect that tends to undo political terror through a functioning that produces creative haunting. I conclude that haunting is a modality of the subject’s relationship with the memory of the crime that allows him/her to keep the wounds of trauma open in order to actively and creatively oppose social denial.

Keywords: *Political repression, Trauma, Emotional experience.*

Referências

- Agamben, G. (2006). *Estancias: la palabra y el fantasma en la cultura occidental*. Pre-Textos. (Trabalho original publicado em 1977)
- Agudelo, J. A., Cardona, J. N. & Bello, A. C. (2020). Materialidades espectrales: resistencias sensibles a la desaparición forzada en Colombia. *Razón Crítica*, 9, 103-130.
- Aranguren, J. P. & Cardona, J. N. (2022). From “work of mourning” to “spectral figurations”: contributions of psychoanalysis to the listening of the emotional management of absence in cases of political violence in Latin America. Em P. Bohórquez & V. Garibotto (org.), *Psychoanalysis as social and political discourse in Latin America and the Caribbean* (pp. 69-82). Routledge.
- Aranguren, J. P., Cardona, J. N. & Agudelo, J. A. (2020). Inhabiting mourning: spectral figures in cases of extrajudicial executions (false positives) in Colombia. *Bulletin of Latin American Research*, 40(1), 6-20.
- Bion, W. R. (1967). Notas sobre la memoria y el deseo. *The Psychoanalytic Forum*, 2(3), 679-691.
- Cardona, J. N. (2020). *Fantasmagorías: un mosaico filosófico sobrenatural*. Fallidos.
- Centro Nacional de Memoria Histórica [CNMH]. (2013). *¡Basta ya! Colombia: memorias de guerra y dignidad*. CNMH.
- Centro Nacional de Memoria Histórica [CNMH]. (2016). *Hasta encontrarlos: el drama de la desaparición forzada en Colombia*. CNMH.
- Colombia +20. (2018, 24 de abril). *El mensaje del general Alberto José Mejía Ferrero a las madres de Soacha* [vídeo]. YouTube. <https://tinyurl.com/3tzaz6r>
- Derrida, J. (2012). *Espectros de Marx*. Trotta. (Trabalho original publicado em 1993)
- Díaz, V. (2008). Del dolor al duelo: límites al anhelo frente a la desaparición forzada. *Affectio Societatis*, 5(9).
- Ferenczi, S. (2002). Confusion of tongues between adults and the child. Em S. Ferenczi, *Final contributions to the theory and technique of psychoanalysis* (pp. 156-167). Karnac. (Trabalho original publicado em 1933)
- Freud, S. (2017a). Consejos al médico en el tratamiento psicoanalítico. Em S. Freud, *Obras completas* (L. López-Ballesteros y de Torres, trad., vol. 2, pp. 1654-1660). Biblioteca Nueva. (Trabalho original publicado em 1912)
- Freud, S. (2017b). Duelo y melancolía. Em S. Freud, *Obras completas* (L. López-Ballesteros y de Torres, trad., vol. 2, pp. 2091-2100). Biblioteca Nueva. (Trabalho original publicado em 1917)
- García Márquez, G. (1997). *Cien años de soledad*. Norma. (Trabalho original publicado em 1967)
- Gatti, G. (2017). Prolegómeno: para un concepto científico de desaparición. Em G. Gatti (ed.), *Desapariciones: usos locales, circulaciones globales* (pp. 13-31). Siglo del Hombre.
- Genovés, A. (2024, abril). *De Freud a Ferenczi: la apertura de un nuevo espacio psíquico y sus consecuencias para la teoría, la técnica y la institución* [apresentação de trabalho]. 2º Encontro Virtual Ferenczi: A Pulsão de Morte em Ferenczi.
- Gondar, J. (2021). Enfrentar el miedo, deshacer el terror. Em O. Elvira (org.), *Sándor Ferenczi: lo instituido y lo instituyente* (pp. 79-90). Ricardo Vergara.
- Green, A. (2006). *El trabajo de lo negativo*. Amorrortu. (Trabalho original publicado em 1993)
- Green, A. (2012). *Narcisismo de vida, narcisismo de muerte*. Amorrortu. (Trabalho original publicado em 1983)
- James, W. (2017). *Variedades de la experiencia religiosa*. Trotta. (Trabalho original publicado em 1902)
- Jiménez Avello, J. (2024, abril). *Pulsión de muerte y subjetividade* [apresentação de trabalho]. 2º Encontro Virtual Ferenczi: A Pulsão de Morte em Ferenczi.
- Kancyper, L. (2001). Resentimiento, memoria y duelo. *Revista Uruguaya de Psicoanálisis*, 93, 28-50.
- Kancyper, L. (2006). *Resentimiento y remordimiento*. Lumen.
- Kancyper, L. (2010). *Resentimiento terminable e interminable: psicoanálisis y literatura*. Lumen.
- Mahlke, K. (2017). Figuraciones fantásticas de la desaparición forzada. Em G. Gatti (ed.), *Desapariciones: usos locales, circulaciones globales* (pp. 75-98). Siglo del Hombre.
- Marucco, N. (2007). Entre el recuerdo y el destino: la repetición. *Psicoanálisis*, 29(1), 101-122.
- Porcel, B. (2014). Deshumanización del cuerpo, desaparición, muerte. *Revista Eopolítica*, 9, 13-24.
- Quintero, K. (2019, novembro). *Los itinerarios de la búsqueda: desaparición forzada y antropología forense* [apresentação de trabalho]. 2º Simpósio Internacional A Ética da Escuta: Silêncios, Sonhos e Espectros: Escutar o Desaparecimento Forçado, Universidade dos Andes, Bogotá, Colômbia.
- Rojas, O. & Benavides, F. (2017). *Ejecuciones extrajudiciales en Colombia 2002-2010: obediencia ciega en campos de batalla ficticios*. Universidad Santo Tomás.
- Shakespeare, W. (2006). *Hamlet*. Austral. (Trabalho original publicado c. 1600)
- Universidad Externado de Colombia. (2019, 25 de setembro). *Phakyab Rinpoche: 2* [vídeo]. YouTube. <https://tinyurl.com/4snurvzs>
- Wagner, R. (s.d.). El oro del Rin. *Wagnermania*. <https://tinyurl.com/ykmyuh97> (Trabalho original publicado em 1869)
- Winnicott, D. W. (1965). *The maturational processes and the facilitating environment: studies in the theory of emotional development*. Hogarth.
- Winnicott, D. W. (1993). *Realidad y juego*. Gedisa. (Trabalho original publicado em 1971)

Tradução do espanhol: Ricardo Duarte



Clássica e Moderna

Validade e desafios da teoria da sedução generalizada de Laplanche na atualidade

A sedução ocupou um lugar proeminente nos primórdios da psicanálise e viu sua importância teórica e clínica se eclipsar desde então, até ser exumada por Jean Laplanche já nas últimas décadas do século passado. Esse retorno da sedução à cena psicanalítica não significou apenas uma nova atenção concedida ao fenômeno em questão; foram os próprios fundamentos da psicanálise que precisaram ser revisitados nesse movimento. De fato, é preciso levar em conta a permanente necessidade de retomar o projeto de descentramento do ser humano iniciado por Freud para que se possa avaliar o alcance e a importância da teoria da sedução generalizada (TSG). Para Laplanche (1987/1992), a grande força copernicana da psicanálise não foi propriamente a descoberta do inconsciente, mas sua origem inteiramente dependente do outro e do pulsional. A associação necessária do inconsciente e da pulsão com a comunicação inter-humana, invariavelmente afetada por ruídos sexuais, faz da teoria da sedução uma peça fundamental da metapsicologia e da prática psicanalítica.

Alguns fundamentos da TSG

Aos olhos de Laplanche, a revolução copernicana da psicanálise repousa sobre uma condição antropológica universal, caracterizada por uma assimetria entre o adulto e a criança que ultrapassa o simples estado de absoluta dependência vital desta última com relação ao primeiro. Trata-se de uma assimetria que se manifesta prioritariamente no campo da comunicação, no qual a sexualidade inconsciente do adulto compromete sua interação com a criança, confrontando-a com enigmas. A mensagem enigmática, veículo por excelência da sedução

* Universidade Federal de Minas Gerais.



Roberto Huarcaya

Lima la de ayer, la de mañana [Lima, a de ontem, a de amanhã] (1991). Série de 36 retratos de pessoas que trabalham na rua – ambulantes, como são conhecidos em meu país. Na foto, Pedro Fernández, sorveteiro. Cópia analógica, 40 cm x 50 cm.

generalizada, é um conceito que pretende dar conta da suscetibilidade do adulto à sua própria sexualidade inconsciente. O adulto se revela assim emissor de mensagens, cujo teor sexual ele desconhece, da mesma forma que desconhece o efeito enigmático e potencialmente traumático que elas têm sobre a criança a quem são endereçadas. A sedução da criança pelo adulto mostra-se então inevitável, fato que resulta na generalização da inoculação desses fragmentos de alteridade, cujo caráter enigmático impõe um trabalho hermenêutico, equiparado por Laplanche ao trabalho de tradução.

A teoria tradutiva do recalque, inspirada na Carta 52 de Freud a Fliess (Freud, 1896/1986), é um dos pilares da TSG. Ela se baseia na ideia de que as mensagens



Roberto Huarcaya

Lima la de ayer, la de mañana [Lima, a de ontem, a de amanhã] (1991). Série de 36 retratos de pessoas que trabalham na rua – ambulantes, como são conhecidos em meu país. Na foto, Susana Sánchez, varredora. Cópia analógica, 40 cm x 50 cm.

enigmáticas têm o poder de provocar na criança a busca de significados capazes de apaziguar seu efeito perturbador. A tentativa de integrar a alteridade ao domínio subjetivo revela-se, no entanto, uma tarefa impossível de ser completada. A tradução é sempre parcial e invariavelmente deixa restos não traduzidos que se tornam verdadeiros corpos estrangeiros internos, descritos por Laplanche como “significantes dessignificados” (1993/1999b, p. 87) ou “representações-coisa” (1993/1999b, p. 76), que funcionam como objetos-fonte da pulsão (1987/1992, p. 239).

Dois aspectos decisivos da teoria tradutiva do recalque devem ser ressaltados. O primeiro diz respeito à temporalidade bem particular envolvida na constituição do inconsciente pelo recalque. O poder perturbador da mensagem só se realiza a partir do esforço de tradução, fazendo com que a fonte da pulsão só se constitua e adquira efetividade *après-coup*, para utilizar a excelente tradução francesa de *Nachträglichkeit*. Isso equivale a dizer que há uma espécie de armadilha no enigma sexual do outro: ele só se torna um elemento atacante uma vez internalizado pelo esforço tradutivo; como se o trabalho de integrá-lo a uma história subjetiva depurasse seu potencial traumático.

O segundo aspecto está relacionado ao realismo do inconsciente e à proposição, por Laplanche (1987/1992), de um terceiro domínio da realidade, distinto tanto da realidade material quanto da realidade psicológica. A realidade da mensagem constitui esse terceiro domínio. Essa proposição, ao admitir a existência de conteúdos no inconsciente e defini-los como restos não traduzidos de fantasias sexuais inoculadas na criança pelo adulto, traz uma delimitação precisa do objeto da psicanálise e contribui para sua inserção no campo científico, o que sempre foi uma preocupação de Laplanche. Para ele, a mensagem não é necessariamente verbal e pode não estar integrada em um sistema semiótico, embora não possa prescindir da materialidade que a aproxima do significante e lhe assegura um potencial polissêmico. Porém, seu poder de interpelação e sua característica de endereçamento são mais importantes do que sua capacidade de significar alguma coisa. Antes então de representar algo, ela representa um outro para alguém.

Esse último aspecto é fundamental para entender o poder enigmático da mensagem: antes que a criança possa apreender o significado da mensagem do adulto, o simples fato de ser o destinatário já é parte do enigma, já coloca em cena a existência de um outro que quer comunicar alguma coisa. Esse efeito é ilustrado por Laplanche com uma metáfora que expressa a pergunta do bebê ao ser amamentado: “O que quer de mim esse seio?” (1987/1992, p. 238). A propriedade de “significar a” antes de significar algo remete, em última instância, à sexualidade inconsciente presente no adulto e inexistente na criança. É esse excesso de significação – que parasita a mensagem do adulto e contra o qual a criança ainda não possui barreiras – que impulsiona a busca de recursos de interpretação e simbolização. Em seguida à tradução parcial da mensagem, a exigência permanente de trabalho imposta pelos restos não traduzidos é o que justifica situá-los como objetos-fonte da pulsão e considerá-los como “a medida da diferença ou desequilíbrio entre o que é simbolizável e o que não é nas mensagens enigmáticas levadas à criança”. Em síntese, esses objetos podem ser tomados como “a medida da quantidade de traumatismo” (Laplanche, 1987/1992, p. 240).

Princípios da clínica psicanalítica na TSG

A partir dessa concepção realista do inconsciente, na qual a pulsão se vincula aos limites da simbolização/tradução, Laplanche desenvolve uma teoria da clínica baseada na busca do restabelecimento da situação inicial de exposição da criança ao enigma do outro. Vista por esse ângulo, a análise deve se aproximar

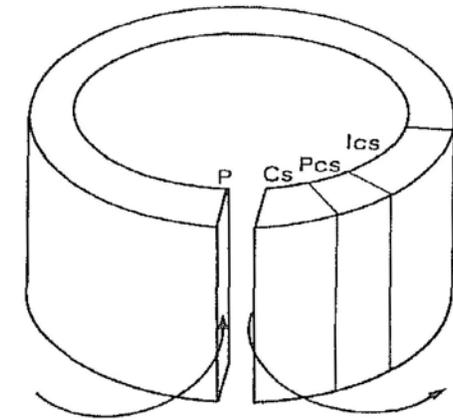
ao máximo da sedução originária, criando uma situação na qual o analista, ao ser visto pelo analisando na posição do outro sedutor (o que quer de mim esse analista?), reativa o confronto com os enigmas originários e, ao mesmo tempo, coloca-se como guardião do enigma. Manter esse lugar e essa função requer do psicanalista a recusa sistemática de acolher ou de oferecer ao analisando esquemas preestabelecidos de tradução, tanto os construídos pelo próprio analisando quanto aqueles que fazem parte do campo teórico psicanalítico. Édipo e castração, por exemplo, não são vistos como manifestações do inconsciente, mas como esquemas mito-simbólicos que buscam dar racionalidade e assim conter os efeitos traumáticos dos corpos estrangeiros internos resultantes da sedução originária. Nesse sentido, a análise pode ser considerada uma anti-hermenêutica (Laplanche, 1994/1999c), ou seja, um processo de desarticulação das traduções que sempre se apresentam como “*mise en histoire*” e com as quais cada pessoa tenta se defender dos efeitos da alteridade.

Esses princípios gerais da prática psicanalítica se desdobram em reflexões importantes sobre a transferência e a condução da análise. A abordagem laplancheana da transferência respeita integralmente o princípio da permanente vigilância contra as manobras defensivas que sempre trabalham a favor das ligações, do estabelecimento de nexos, trazendo assim a marca do narcisismo e de seu principal representante, o Eu. Considerando que o movimento de desligamento promovido pelo analista não poderá ser mantido de forma constante devido à resistência narcísica, Laplanche (1987b) descreve duas modalidades de transferência, plena (*en plein*) e oca (*en creux*), que se referem, respectivamente, à busca de preenchimento das falhas de sentido e à preservação do enigma na condução da análise.

Se do lado do analisando prevalece a utilização dos recursos hermenêuticos, que são quase sempre parceiros dos sintomas; do lado do analista deve prevalecer a recusa de qualquer esquema tradutivo, de qualquer teoria, mito ou ideologia. A transferência em oco permite reinstaurar a transferência originária, que Laplanche concebe nos seguintes termos: “Se, de fato, a transferência se caracteriza por uma duplicação (*dédoublement*) do outro e, por assim dizer, pela presença da alteridade no outro, a situação originária criança-adulto já pode ser dita, nesse sentido, transferencial” (1996/1999a, p. 237). Dessa forma, o método analítico mostra-se um método de “livre dissociação” (1996/1999a, p. 237), no qual a transferência se dá com o não saber do analista, o que pode ser equiparado à desconstrução/destruição das narrativas forjadas pelo Eu. Consequentemente, as construções em análise descritas por Freud são vistas por Laplanche como reconstruções – possivelmente mais permeáveis ao inconsciente – de construções defensivas feitas e mantidas pelos interesses narcísicos do paciente.

Outro aspecto clínico abordado por Laplanche no âmbito da TSG diz respeito ao ambiente em que a análise acontece. A ideia de tina (*baquet*) psicanalítica (Laplanche, 1987b) procura definir as condições de instauração do espaço onde o restabelecimento aproximado da situação de sedução originária pode ocorrer. Tomando como referência o esquema espacial de representação do aparelho psíquico proposto no capítulo 7 de *A interpretação dos sonhos* (Freud, 1900[1899]/2012),

Laplanche associa o enquadre psicanalítico com o círculo que resulta da aproximação dos polos da percepção e da consciência no referido esquema.



À semelhança do circuito fechado de representações em que o sonho se desenrola, a tina delimita o ambiente no qual a circulação do sexual fantasmático se encontra ao abrigo das interferências e das inibições do campo autoconservativo. O respeito aos aspectos contratuais e também materiais do *setting* psicanalítico, como a constância do local de atendimento, a observância dos horários estipulados, a garantia do sigilo e o manejo criterioso do pagamento de honorários, é um regramento necessário para que o desregramento aconteça onde ele é imprescindível, a saber, na fala e nos afetos relacionados às fantasias, sonhos, desejos, temores, conflitos e demais derivados das coisas estrangeiras internas produzidas pela sedução originária.

Essas breves considerações sobre a clínica psicanalítica no âmbito da TSG já permitem constatar a primazia do sexual infantil, caracterizado principalmente por forças de desligamento que prevalecem sobre as forças de ligação. Dessa forma, os momentos da análise em que elementos autoeróticos se manifestam tornam-se mais desejáveis do que os momentos nos quais prevalecem os interesses narcísicos. Isso quer dizer que, do ponto de vista da TSG, as desestabilizações produzidas pela análise contam mais do que os momentos de *holding* e contenção vividos na transferência. Quando comparamos esta proposta clínica da TSG com várias outras correntes psicanalíticas, principalmente as que têm como referência central os pensamentos de Melanie Klein, Bion e Winnicott, percebe-se rapidamente um grande contraste entre o evidente interesse da TSG pelos conteúdos – como as fantasias inconscientes, os significantes dessignificados ou representações-coisa e os objetos-fonte da pulsão – e o interesse predominante nessas outras correntes pelo continente e pelos conceitos que a ele se ligam mais diretamente, como envelope psíquico, função continente, função simbolizante, ego auxiliar, entre outros.

Paralelamente à ênfase dada por essas correntes ao continente em detrimento do conteúdo, percebe-se também uma inegável dessexualização, tanto do objeto quanto dos objetivos da psicanálise, e uma nítida perda de importância de conceitos como recalque e inconsciente recalado. Diante desses fatos, torna-se necessário assinalar que a TSG se apresenta também como guardião da primazia do sexual infantil recalado na psicanálise.

Não se trata, contudo, de negar a importância da função continente, e sim de afirmar que ela não existe sem investimento libidinal da criança; sem que haja, portanto, função sexualizante e ação sedutora do adulto sobre a criança (André, 1999, p. 15).

Desafios a serem enfrentados pela TSG

A justa medida entre a inevitável ação sedutora do adulto sobre a criança e o papel que o primeiro desempenha na contenção dos efeitos traumáticos da sedução é uma questão que se impôs desde os primeiros anos que se seguiram à publicação dos *Novos fundamentos para a psicanálise* (Laplanche, 1987a), quando a TSG foi formalmente apresentada. Silvia Bleichmar (1998) foi uma das primeiras interlocutoras de Laplanche a assinalar a importância do duplo papel do adulto no cenário da sedução originária. Além do lugar de sedutor, é preciso dar o devido peso à participação do adulto na criação de mecanismos capazes de conter a carga de excitação gerada por ele próprio na criança, quando ela ainda não dispõe de recursos para essa contenção. O conceito de “narcisismo transvazante”, criado por Bleichmar (1993/2012), coloca em evidência a função continente do adulto e sugere que o trabalho de tradução da mensagem enigmática não pode ser feito exclusivamente pela criança. Laplanche, embora tenha reconhecido que o papel do adulto não se limita à inoculação do sexual, insistiu em ver a criança como um ser autoteorizante e como principal agente tradutor dos enigmas que lhe são apresentados.

Esse contraste evidente entre a passividade da criança frente à inoculação do sexual pelo adulto e a capacidade supostamente inata de lançar mão de recursos próprios de simbolização/tradução tornou-se um ponto de discordância entre Laplanche e Bleichmar. Paralelamente ao debate sobre os papéis da criança e do adulto nas primeiras traduções, outro problema se apresentou em torno da concepção laplanchiana do recalque originário, responsável pela criação da tópica psíquica. Considerando que a hipótese tradutiva do recalque se aplica também ao recalque originário, seria necessário admitir que o bebê, antes de ter o Eu constituído, já se mostra capaz não só de perceber o caráter enigmático da mensagem do adulto, como também de traduzi-la. A pressuposição dessa capacidade de comunicação e interpretação, para a qual Laplanche busca apoio na teoria do apego de Bowlby (Laplanche, 1999d, pp. 310-311), pode ajudar a entender por que a TSG concedeu relativamente pouca importância à função continente e, conseqüentemente, ao papel do adulto nas primeiras simbolizações e demais formas de ligação envolvidas na constituição do sujeito psíquico. Tudo se passa como se o bebê viesse ao mundo apto a se reconhecer como um indivíduo e predisposto a interagir com o outro, a traduzir suas mensagens e a teorizar sobre si mesmo.

Seguindo a trilha aberta por Bleichmar, desenvolvi minha própria crítica dessa concepção do bebê tradutor e propus que o recalque originário deveria levar em conta a identificação passiva (Ribeiro, 1992, 1993, 2007) da criança pelo adulto como o principal mecanismo na formação do Eu e do inconsciente recalçado. Desse ponto de vista, caberia ao adulto o trabalho de tradução narcísica/unifi-



Roberto Huarcaya
Lima la de ayer, la de mañana [Lima, a de ontem, a de amanhã] (1991). Série de 36 retratos de pessoas que trabalham na rua – ambulantes, como são conhecidos em meu país. Na foto, Claudia e Lucía, prostitutas. Cópia analógica, 40 cm x 50 cm.

cadora da dispersão autoerótica/fragmentadora inerente à sedução originária. Em outras palavras, ao mesmo tempo que as mensagens do adulto, carregadas de ruídos sexuais inconscientes, participam da criação de zonas erógenas e produzem excitações no corpo ainda fragmentado do bebê, esse mesmo adulto se encarrega das ações de contenção das excitações e de unificação corporal necessárias ao surgimento do Eu corporal e de sua representação psíquica, a saber, o Eu instância.

A ideia de identificação passiva que propus em 1992, e que não foi bem acolhida por Laplanche, à época meu orientador de tese, encontrou finalmente um lugar na TSG em 2003, quando a publicação do artigo “O gênero, o sexo, o sexual”

(Laplanche, 2003/2007a) introduziu a designação de gênero como parte da sedução originária. Nesse artigo, encontra-se uma expansão do conceito de mensagem enigmática, de forma a abranger, além das mensagens relativas à “linguagem do corpo” e dos cuidados corporais associados ao “código do apego” (pp. 169-170), as mensagens originadas no código social, isto é, mensagens que definem posições da criança no pequeno “*socius* familiar”. A designação de gênero passa assim a ser considerada por Laplanche como “identificação por” (em oposição à forma ativa da “identificação a”), cuja incidência sobre o bebê tem efeito de enigma,

uma vez que é portadora de ruídos da sexualidade inconsciente dos membros desse pequeno *socius*.

Ao considerar a designação de gênero pelos adultos como mensagem enigmática passível de produzir restos não traduzidos, Laplanche avança nitidamente no reconhecimento do teor de alteridade dos aportes narcísicos por meio dos quais o ambiente participa da constituição psíquica da criança. Porém, esse movimento da teoria significa, acima de tudo, uma atenção tardia voltada para a importância do adulto nos processos que, de acordo com a concepção laplanchiana do recalque originário, equivalem à tradução responsável pela formação do Eu e do inconsciente na criança.

Encontrar um ponto de equilíbrio na participação da criança e do adulto nesses processos, que culminam com a unificação corporal e a aquisição de uma consciência reflexiva, é um passo imprescindível para que a TSG enfrente as grandes questões que a clínica psicanalítica atual impõe. De fato, se por um lado a teoria laplanchiana do recalque, baseada na capacidade tradutiva da criança, pode funcionar muito bem quando se trata de pensar o recalque secundário e seu papel nos casos clássicos de neurose, por outro lado todo o campo das patologias não neuróticas, notadamente o campo das psicoses, exige reflexão sobre o fracasso do recalque, sobre a relação desse fracasso com as particularidades das mensagens dos adultos e com a inexistência ou deficiência de recursos de tradução, tanto da criança quanto do adulto.

Em seus últimos anos de vida, quando a discussão sobre as psicoses e os transtornos narcísicos ganhou força entre seus interlocutores, Laplanche propôs o conceito de inconsciente enclavado (*enclavé*) e uma nova tópica, na qual a clivagem do psiquismo veio ocupar o primeiro plano. Denominada por ele de “modelo unificado do aparelho da alma”, essa nova inflexão teórica da TSG teve como precursores os trabalhos de Marta Rezende Cardoso (2002) e Luís Carlos Tarelho (1999), que haviam explorado, em suas respectivas teses de doutorado, as ideias de enclaves psicóticos e mensagens intraduzíveis. A esses trabalhos precursores do inconsciente enclavado veio se juntar a contribuição de Christophe Dejours (2001) sobre a clivagem psíquica e os mecanismos relacionados aos estados extremos de sofrimento psíquico, nos quais se observa uma ausência de mentalização. Insatisfeito com a designação de “inconsciente amencial” proposta por Dejours, Laplanche propôs nomear de inconsciente enclavado o *tópos* psíquico onde são mantidas as mensagens refratárias à tradução.

Para responder à pergunta inevitável sobre a origem das mensagens intraduzíveis, uma primeira formulação já havia sido feita em um artigo intitulado “Implantation, intromission” (Laplanche, 1987/1992), quando foram distinguidas duas categorias de mensagem enigmática: aquelas que são *implantadas* na “derme psicofisiológica” da criança e aquelas que são *intrometidas* no psiquismo infantil. Enquanto as primeiras acionam os recursos de tradução, as últimas impedem o funcionamento desses recursos por estarem associadas às partes não elaboradas e, possivelmente, clivadas já no próprio adulto. Trata-se então de mensagens que, por não terem sido traduzidas, não podem ser consideradas inconscientes propriamente ditas, e por isso dependem de “defesas operatórias”, como a recusa (*Verleugnung*), para se manterem “à flor da consciência” (Laplanche, 2003/2007b, p. 202).



Roberto Huarcaya
Lima la de ayer, la de mañana [Lima, a de ontem, a de amanhã] (1991). Série de 36 retratos de pessoas que trabalham na rua – ambulantes, como são conhecidos em meu país. Na foto, Victor Zevallos Sullón, vendedor de brinquedos infláveis. Cópia analógica, 40 cm x 50 cm.

Retomando o que foi mencionado anteriormente sobre o desafio de encontrar um ponto de equilíbrio na participação da criança e do adulto no trabalho de tradução do enigmático sexual, pode-se constatar que Laplanche tende a conceder mais peso às características da mensagem do que aos recursos de tradução, quando se trata de lidar com o intraduzível. É nesse ponto preciso que me parece essencial insistir na ideia de que uma maior atenção dirigida ao papel do adulto como tradutor originário pode se revelar decisiva para o futuro da TSG. Para responder aos desafios impostos pelos adoecimentos psíquicos mais severos, a saber, aqueles em que a agonia, a passivação e o vazio anulam ou, pelo menos, prevalecem sobre a capacidade de produzir conflito, ansiedade e sintomas neuróticos clássicos (Figueiredo e Coelho Jr., 2018), a hipótese do inconsciente encravado e a nova tópica que daí resulta só poderão se mostrar realmente úteis na medida em que se atentarem para a necessidade de repensar os lugares e as funções atribuídas à criança e ao adulto nas origens do sujeito psíquico. Retomar, de um ponto de vista crítico, o papel de tradutor originário concedido à criança na teoria tradutiva do recalque é, a meu ver, o ponto de partida, não só para que a TSG contribua de forma robusta com os avanços da clínica psicanalítica, mas também para que a revolução copernicana inacabada avance cada vez mais na tarefa infundável de descentramento do ser humano.

Referências

- André, J. (1999). Entre angoisse et détresse. Em J. André & C. Chabert (org.), *États de détresse*. PUF.
- Bleichmar, S. (1998). *Mi recorrido junto a Jean Laplanche* [apresentação de trabalho]. 4º Colóquio Internacional Jean Laplanche.
- Bleichmar, S. (2012). *La fundación de lo inconsciente, destinos de pulsión, destinos de sujeto*. Amorrortu. (Trabalho original publicado em 1993)
- Dejours, C. (2001). *Le corps d'abord*. Payot.
- Figueiredo, L. C. & Coelho Junior, N. E. (2018). *Adoecimentos psíquicos e estratégias de cura: matrizes e modelos em psicanálise*. Blucher.
- Freud, S. (1986). Carta 52 de 6/12/1896. Em J. M. Masson (ed.), *A correspondência completa de Sigmund Freud para Wilhelm Fliess: 1887-1904* (pp. 208-216). Imago. (Trabalho original publicado em 1896)
- Freud, S. (2012). *L'interprétation du rêve*. PUF. (Trabalho original publicado em 1900[1899])
- Laplanche, J. (1987a). *Nouveaux fondements pour la psychanalyse*. PUF.
- Laplanche, J. (1987b). *Problématiques V: le baquet, transcendance du transfert*. PUF.
- Laplanche, J. (1992). Implantation, intromission. Em J. Laplanche, *La révolution copernicienne inachevée: travaux 1965-1992* (pp. 335-358). Aubier. (Trabalho original publicado em 1987)
- Laplanche, J. (1999a). Buts du processus psychanalytique. Em J. Laplanche, *Entre séduction et inspiration: l'homme* (pp. 219-242). PUF. (Trabalho original publicado em 1996)
- Laplanche, J. (1999b). Court traité de l'inconscient. Em J. Laplanche, *Entre séduction et inspiration: l'homme* (pp. 67-114). PUF. (Trabalho original publicado em 1993)
- Laplanche, J. (1999c). La psychanalyse comme anti-herméneutique. Em J. Laplanche, *Entre séduction et inspiration: l'homme* (pp. 243-261). PUF. (Trabalho original publicado em 1994)
- Laplanche, J. (1999d). Sublimation et/ou inspiration. Em J. Laplanche, *Entre séduction et inspiration: l'homme*. PUF.

- Laplanche, J. (2007a). Le genre, le sexe, le sexual. Em J. Laplanche, *Sexual: la sexualité élargie au sens freudien (2000-2006)*. PUF. (Trabalho original publicado em 2003)
- Laplanche, J. (2007b). Trois acceptions du mot "inconscient" dans le cadre de la théorie de la séduction généralisée. Em J. Laplanche, *Sexual: la sexualité élargie au sens freudien (2000-2006)*. PUF. (Trabalho original publicado em 2003)
- Rezende Cardoso, M. (2002). *Superego*. Escuta.
- Ribeiro, P. C. (1992). *Identification, refoulement et castration: étude sur les effets du refoulement de l'identification à la mère dans la constitution de l'inconscient chez l'individu et dans l'élaboration de l'œuvre de Freud* [tese de doutorado]. Université Paris 7. <https://www.sudoc.abes.fr/cbs/xslt/DB=2.1//SR-CH?IKT=12&TRM=013037854>
- Ribeiro, P. C. (1993). Identité et séduction chez Heinz Lichtenstein. *Psychanalyse à l'Université*, 18(72), 71-79.
- Ribeiro, P. C. (2007). Identification passive, genre et séduction originaire. *Psychiatrie Française*, 38(4), 21-48.
- Tarelho, L. C. (1999). *Paranoïa et théorie de la séduction généralisée*. PUF.



De Memória



Calibán -
RLP, 23(1),
242-245
2025

Wania Maria Coelho Ferreira Cidade*

Sobre Joyce Goldstein

*Eu sei que determinada rua que eu já passei
Não tornará a ouvir o som dos meus passos
Tem uma revista que eu guardo há muitos anos
E que nunca mais eu vou abrir
Cada vez que eu me despeço de uma pessoa
Pode ser que essa pessoa esteja me vendo pela última vez
A morte, surda, caminha ao meu lado
E eu não sei em que esquina ela vai me beijar
Com que rosto ela virá?
Será que ela vai deixar eu acabar o que eu tenho que fazer?
Raul Seixas, “Canto para minha morte”*

Enquanto penso no que escreverei, posso escutar o sorriso dela e a sua voz vigorosa, posso imaginar as tantas coisas que ainda tínhamos para conversar quando um corte

* Sociedade Brasileira de Psicanálise do Rio de Janeiro.

seco abafou o ar. Despedimo-nos carinhosamente ao telefone. Mais tarde nos falaríamos para ela me contar como foi a apresentação do seu trabalho. Não houve mais tarde. Viva, lúcida, corajosa e amável, assim ela partiu.

É sabido que a existência pressupõe o fim. Vida e morte são consequências naturais, e todas as culturas têm rituais para lidar com a inexorabilidade da morte. Cada uma delas recorre ao seu modo de encarar a perda ou acentua os seus rituais religiosos na tentativa de elaborar esse fenômeno irrepresentável. Do que eu conheço e onde fui banhada, o processo de simbolização atravessa (ou não) um terreno de dor e sofrimento que tem gradações e cores árduas, pesadas e trabalhosas. Na realidade, um elo se rompe, tendo que haver um desgastante investimento psíquico de integração do objeto perdido no eu. Ao longo desse trabalho, lembranças, crises de choro e uma dor enorme pelo que perdemos, um superinvestimento no que era tão bom e se foi. É nesse ponto que estamos. É nesse ponto que estou.

A morte de Joyce é muito recente. Acabo de perceber, hoje, que se completam três meses de sua partida, em 16 de setembro de 2024. Era então uma tarde como outra qualquer e, assim, com um grito sufocado no peito, dei-me conta de que fora a última vez, sem aviso, sem adeus, de maneira surda, como pensava o poeta Raul Seixas.

Ela deixou um rol de coisas por fazer, não porque estivesse atrasada, mas porque amava a vida e tinha planos, porque era tenaz, dedicada, e não deixava nada pela metade... Ela sabia que “o valor da transitoriedade é o valor da escassez. A limitação da possibilidade de uma fruição eleva o valor dessa fruição” (Freud, 1916[1915]/1976, p. 345). Então, levou muito a sério a ideia de que a beleza da vida *está fadada à extinção* e viveu intensamente, até ser beijada e dormir um sono profundo e tranquilo.

Ela era alegre, inteligente, tinha sensibilidade aguçada, escuta afinada, era feminina e vaidosa, profundamente ligada à sua família: ao marido, Renato Goldstein, e aos filhos, Júlia e Pedro Goldstein. Tinha uma característica marcante: era verdadeira e franca e, com habilidade, encontrava uma maneira de dizer o que pensava. Nela, a agressividade e a amabilidade se misturavam de um modo bom o bastante; entretanto, sabia ser dura e teimosa quando o tema em questão a havia desgastado.

Joyce não passava despercebida, fosse pela sua postura e sua beleza, fosse pelos seus posicionamentos e sua participação ativa no movimento psicanalítico institucional e científico, no Brasil e na América Latina. Foi uma psicanalista bastante atuante. Trabalhou longos anos no Centro de Estudos, Atendimento e Pesquisa da Infância e da Adolescência (Ceapia). Nessa instituição, que conta em seu quadro com muitos psicanalistas das sociedades gaúchas, ela fez a formação em psicoterapia de crianças e adolescentes e ocupou os cargos de diretora científica, supervisora, coordenadora de seminários e, ultimamente, coordenadora do Projeto Bantu, que tem por finalidade o estudo das relações raciais e a implementação de ações afirmativas (políticas que visam à inclusão e ao combate à discriminação de grupos excluídos social e economicamente) para a população negra.

Ela não só implementou o programa de cotas para negras e negros no Ceapia, que já inicia a sua segunda turma, como o seu último ato foi a apresentação do programa na instituição com o texto “É preciso que os brancos quebrem o pacto: reconhecendo a branquitude e ampliando perspectivas” (2024). Logo de início, ela diz:

Ser sujeito branco antirracista passa por se colocar disponível para se reconhecer e se construir nesta interdependência, ou seja, enfrentar o desconforto das conversas sobre o racismo e refletir criticamente como a branquitude se constrói na nossa história de vida, nas nossas relações, nas nossas práticas sociais e nas nossas instituições. Reconhecer que fomos educados(as) para não nos reconhecermos como pessoas brancas, mas como seres humanos que representam a universalidade, o padrão e a norma como o lugar de poder.

Mais sobre esse tema vocês saberão na continuidade da leitura. Eu gostaria de continuar falando da trajetória dela na psicanálise. Joyce ingressou nos seminários teóricos da Sociedade Psicanalítica de Porto Alegre (SPPA) em 1997, graduou-se em 2003 e tornou-se psicanalista e membro associado em 2007.

Entre 2002 e 2020, ocupou inúmeros cargos na instituição: foi componente da Comissão de Biblioteca, da Comissão da Diretoria Financeira, da Comissão Editorial do *Jornal da SPPA*, da Comissão de Psicanálise da Infância e da Adolescência, da Comissão de Publicações; foi coordenadora do *Boletim Eletrônico*; foi componente da Comissão da Diretoria Científica, da Comissão de Divulgação e Relações com a Comunidade, da Comissão da Diretoria Administrativa. De 2016 a 2022, coordenou o Projeto Smed, parceria da Secretaria Municipal de Educação de Porto Alegre com a SPPA. Foram dezoito anos dedicados à SPPA, quando então foi eleita secretária científica da Federação Brasileira de Psicanálise (Febrapsi), tendo feito junto com seu diretor um excelente trabalho, coroado pela realização do Congresso Brasileiro de Psicanálise de 2022.

De 2018 a 2020, Joyce fez parte da Comissão de Trabalho da Coordenação de Infância e Adolescência da Federação Psicanalítica da América Latina (Fepal), o que a estimulou a fundar a comissão equivalente na Febrapsi. No mesmo período, integrou o grupo de estudos Psicanalistas na Comunidade e, como psicanalista, o SOS Brasil (2020). Como se vê, era uma psicanalista preocupada e engajada nas causas e nos diversos desafios que a América Latina enfrenta, especialmente no que diz respeito à violência, ao racismo e à pobreza.

A sua paixão pela psicanálise e a sua capacidade de trabalho e de reflexão psicanalítica fizeram com que eu a convidasse para ser secretária-geral da Fepal, último cargo que ela ocupou (2022-2024), acumulando com as atividades no grupo de estudos Psicanalistas na Comunidade e no SOS Brasil. No entanto, os seus movimentos tinham humor, curiosidade e jovialidade. No seu trabalho transparecia o seu olhar aguçado e crítico sobre os passos e a execução das tarefas (que ela exercia de modo impecável), e igualmente o seu compromisso com a transmissão das ideias que elegemos para nortear a nossa gestão. Detalhista, competente e amiga leal, ofereceu contribuições fundamentais para a administração da Fepal e para a realização do 35º Congresso Latino-Americano de Psicanálise.

Brava, redigiu um texto sobre branquitude no qual expôs os seus preconceitos e as suas ideias racistas, em um impressionante trabalho de elaboração dessas questões em si mesma. Vocês terão a oportunidade de mergulhar nesse ensaio literário. Recomendo fortemente a leitura.

Com o silêncio do seu sorriso, da sua voz e da sua presença, apagou-se uma luz importante, mas não a força da sua existência na vida das gentes.

“De uma maneira ou de outra essa beleza deve ser capaz de persistir e de escapar a todos os poderes de destruição” (Freud, 1916[1915]/1976, p. 345).

A sua vida e a sua coragem podem ser uma inspiração e sustentar amorosamente a saudade.

Referências

- Freud, S. (1976). Sobre a transitoriedade. Em S. Freud, *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud* (J. Salomão, Trad., vol. 14, pp. 345-348). Imago. (Trabalho original publicado em 1916[1915])
- Goldstein, J. (2024, 13 de setembro). *É preciso que os brancos quebrem o pacto: reconhecendo a branquitude e ampliando perspectivas* [apresentação de trabalho]. Centro de Estudos, Atendimento e Pesquisa da Infância e da Adolescência, Porto Alegre, RS, Brasil.
- Seixas, R. (1976). Canto para minha morte [música]. Em R. Seixas, *Há 10 mil anos atrás*. Philips.

Quando roubamos a humanidade do outro: branquitude e psicanálise**

Após receber o convite para falar sobre *Branquitude e psicanálise*, pensei em muitos conteúdos e em maneiras de transmitir o que é branquitude. Trata-se, por exemplo, de um lugar de poder do homem branco, uma posição de privilégios materiais e simbólicos, uma postura de destituição e apagamento do outro, mantendo a ideia de que o branco é concebido como categoria universal do ser humano, enquanto os não brancos são vistos como seres racializados e inferiores. A maioria do conteúdo dos meus estudos se pauta nos livros de Lia. Relendo alguns textos, o leque de opções foi se abrindo, ocorrendo-me iniciar contando uma experiência pessoal, que intitulei “A minha branquitude: racismo e vergonha”.

A minha branquitude: racismo e vergonha

Apresento parte de um trabalho-diálogo, escrito por mim e pela minha amiga Wania Cidade, cujo título é “Entre nós: branquitude e negritude”. Em certa altura do texto, Wania me faz a seguinte pergunta: “Quando você se deu conta da sua branquitude?”. Na tentativa de respondê-la, eu contei uma história que passo a recontar para vocês.

Em 2019, eu e um grupo de colegas recebemos o convite para participar da mesa intitulada “Psicanálise e comunidade: o analista fora de casa”, no 27º Congresso Brasileiro de Psicanálise. A partir daí fomos pensar com o que se defronta o psicanalista quando “sai de casa”.

Entre as tantas ideias que nos ocorreram, nos deparamos com o racismo da sociedade brasileira em relação aos negros, o que “dentro de casa” tem sido desmentido, já que na época, assim como nos tempos atuais, esse tema era pouco ou quase nada debatido nas instituições psicanalíticas. Então, fomos nos organizar para estudar o racismo e escrever sobre os negros.

* Sociedade Psicanalítica de Porto Alegre.

** Este trabalho foi apresentado em uma mesa de debate sobre branquitude na Sociedade Psicanalítica de Porto Alegre a convite de Luciana Secco, diretora de Ações na Comunidade. Dessa mesa participaram Joyce Goldstein, psicanalista membro da instituição, e a psicóloga social, professora e pesquisadora de relações raciais Lia Vainer Schucman. Goldstein agradeceu entusiasticamente pelo convite e falou sobre a sua admiração e alegria por dividir a mesa com Schucman, intelectual cujos estudos sobre branquitude a inspiravam. Nesse debate, Schucman fez uma exposição histórica e conceitual, e Goldstein, corajosamente, apresentou uma experiência pessoal de branquitude e racismo, com a intenção de promover o debate sobre o assunto.

Casualmente, naquela semana, vimos no jornal que na Cidade Baixa (um bairro de bares mais alternativos na cidade de Porto Alegre, Brasil) aconteceria um sarau de mulheres negras do Movimento Negro de POA. O sarau incluía música, poesia, arte e dramatização. O evento tinha a proposta de reunir artistas descendentes da diáspora africana para discutir, através da arte, a presença minoritária da mulher negra em espaços de produção intelectual e de consumo. Nos organizamos e lá fomos nós, quatro mulheres brancas.

É importante ressaltar que esse sarau aconteceu, coincidentemente, em 8 de abril de 2019, um dia após a morte de Evaldo dos Santos Rosa, músico de 51 anos, que tinha saído de casa com a família para ir a um chá de bebê e foi assassinado com oitenta disparos desferidos “por engano”. Repito: oitenta disparos desferidos por soldados do exército brasileiro. Evaldo foi citado e homenageado, e foi sublinhado que ele não havia cometido qualquer transgressão, a não ser “ser negro” – portanto, um suspeito em potencial.

A minha ida ao sarau foi uma experiência que eu chamaria de emocional. Foi intensa. Múltiplos sentimentos e emoções me envolveram, me afetaram. Eram sentimentos ambíguos, como me sentir deslocada, fora de lugar. Adorei ver e conhecer a força de fala das muitas mulheres negras que eu não conhecia. Achei as negras bonitas (*eu as racializava*), me surpreendi com a inteligência delas (*meu racismo vindo à flor da pele*), me vi querendo parecer natural, normal naquele ambiente onde nunca havia estado antes, ou seja, um universo no qual o predomínio era de pessoas negras. Cantei junto com todas, mas confesso que tive uma noite de sono extremamente agitada. Algo saía do lugar. Entretanto, fiquei muito animada para escrever sobre a força das mulheres negras e para estudar o racismo.

No sarau, citaram o nome de Sandrali de Campos Bueno, mulher negra com um vasto e importante currículo em prol do Movimento Negro. Coincidentemente, uma de nossas colegas que esteve conosco no sarau disse que a conhecia, que tinham sido colegas de faculdade. O que me veio à mente? *Sandrali é psicóloga como nós!?*

Bem, resolvemos ir atrás de Sandrali. Enviamos a ela uma mensagem no WhatsApp, explicando nosso desejo de abordar o assunto do racismo no painel de um congresso e dizendo que gostaríamos de conversar com ela a esse respeito. Ela prontamente nos respondeu. Reproduzo exatamente o que ela nos escreveu:

Acho importante a branquitude tratar o tema do racismo, desde que tratem dos privilégios de serem brancos. Acredito no trabalho em que Lia Vainer Schucman trata a branquitude. Fora disso, penso que sempre seremos tratados, nós negros, como a população a ser estudada. Minha sugestão é que vocês estudem a branquitude. Nós negros estamos cansados de sermos objeto de estudo. Estudar a branquitude é coisa que poucos fazem.

Confesso que fiquei surpresa e muito irritada com a resposta. O que ela estava tentando nos dizer? O que era branquitude? Pensei: *certamente ela não entendeu nada do que escrevemos para ela*. Achei a resposta meio petulante... e tentei manter esse sentimento em segredo. O grupo resolveu convidar Sandrali para um encontro na casa de uma das colegas, e ao escutá-la, senti-la mais de perto, fui tomando contato com as minhas emoções, com o meu racismo, e a partir daí posso dizer que fui aos poucos me dando conta da minha branquitude.

Com certa estranheza, certo mal-estar, fui me aproximando de um padrão meu do qual me envergonho, do racismo que estruturei ao longo da minha vida. Ainda oscilo entre conhecer e desconhecer, entre me aproximar e me distanciar, entre falar e silenciar.

Então, fomos estudar a branquitude e escrever o trabalho “Dentro e fora de casa: a branquitude do analista”, para o posterior debate. Pensei que seria importante perguntar: *quem tem consciência da sua branquitude para nos contar?*

Na mesma linha de fala de Sandrali, Alberto Guerreiro Ramos (1957/1995) foi o primeiro sociólogo brasileiro a observar que apenas o negro se tornou tema e objeto de investigação. Ele segue dizendo: “Mas uma coisa é o negro-tema; outra, o negro-vida” (p. 215). Guerreiro Ramos foi um precursor em falar da branquitude e dos brancos brasileiros como objeto de estudo para o entendimento do racismo. Seguindo a premissa dele, disponho a experiência que relatei antes como objeto de estudo e de debate.

Sandrali me pôs à prova.

Ela apontou, interrogou e denunciou a minha posição de branca, de poder. Por exemplo, eu a considerei petulante, atrevida, por me dizer o que eu tinha que estudar. E é justamente esse lugar de poder que o branco exerce e que quer manter. Não admitimos que esse outro (negro) nos interrogue. Internamente não admiti que me interrogasse, questionando a minha posição e a minha demanda. O que eu pensei: *quem é ela para ficar me dizendo o que eu devo estudar e escrever?*

Outra questão que me ocorreu foi que, para mim, ela não havia entendido nada do que escrevemos para ela, ou seja, não admiti que ela me deslocasse do meu lugar de superioridade, poder, inteligência, capacidade e privilégios, e a desumanizei através de uma atribuição negativa. Aqui se instalou a questão superior/inferior construída pelos brancos, ou seja, subtrair dos negros sua capacidade e colocá-los no lugar de subalternidade.

A convivência com os negros e a inclusão causam tensão. Foi uma experiência desafiante, sentida como ameaça à minha vida, na medida em que ela reivindicava um lugar, um direito, uma posição, e isso é quase impossível de tolerar.

Isso é branquitude!

Vale ressaltar que, quando falamos em branquitude, é para promover três importantes mecanismos: *consciência, tensão e mudança*. A descolonização do pensamento depende desses três mecanismos.

O assunto é difícil, provocador, e exige que tentemos conhecer, interrogar, entender, nos aproximarmos do outro (população negra), abrindo espaço para uma ação que promova convivência e mudança.

O que a psicanálise tem a ver com branquitude?

A psicanálise tem como objeto a investigação das ideias e dos sentimentos inconscientes. O processo psicanalítico nos leva a reconhecer em nós mesmos zonas desconhecidas. Por outro lado, desenvolvemos a capacidade de auto-observação, que nos dá acesso ao nosso mundo interno. No cotidiano, tentamos lidar com o nosso racismo. No entanto, não nos damos conta da sua extensão e de que contribuimos para a sua manutenção. A nossa branquitude sustenta e mantém isso.

O instrumento psicanalítico pode escutar e nomear os silêncios, as subalternizações e as dessubjetivações sofridas pelos não brancos. Sabemos que a invisibilidade e o silenciamento podem ser os piores destinos na estruturação da subjetividade.

Algumas perguntas se impõem para que pensemos juntos:

Até que ponto estamos disponíveis para revisar nossos valores pessoais, preconceitos, privilégios, e viver verdadeiramente transformações internas vinculadas à branquitude – ou seja, ver o diferente em mim mesmo e não no outro?

Até que ponto os nossos valores pessoais influenciam o *modus operandi* de nossas instituições?

Subtrair, destituir, roubar, invisibilizar a humanidade do outro em níveis tão profundos é um projeto perverso de naturalização de um padrão, desconsiderando vidas e roubando a dignidade humana do outro.

Vidas negras importam!

Importam as Rebecas, Beatrizas, Anas, Dudas e quem mais vier

Para aproveitar o clima das Olimpíadas, e lembrando que amanhã, 28 de agosto de 2024, iniciam-se as Paralimpíadas, faço uma homenagem à jovem atleta olímpica brasileira Rebeca Andrade, mulher negra, que encantou o Brasil – negros, brancos, adultos, crianças – e nos transmitiu um recado importante sobre o que *importa* para as suas conquistas e as das suas demais colegas negras:

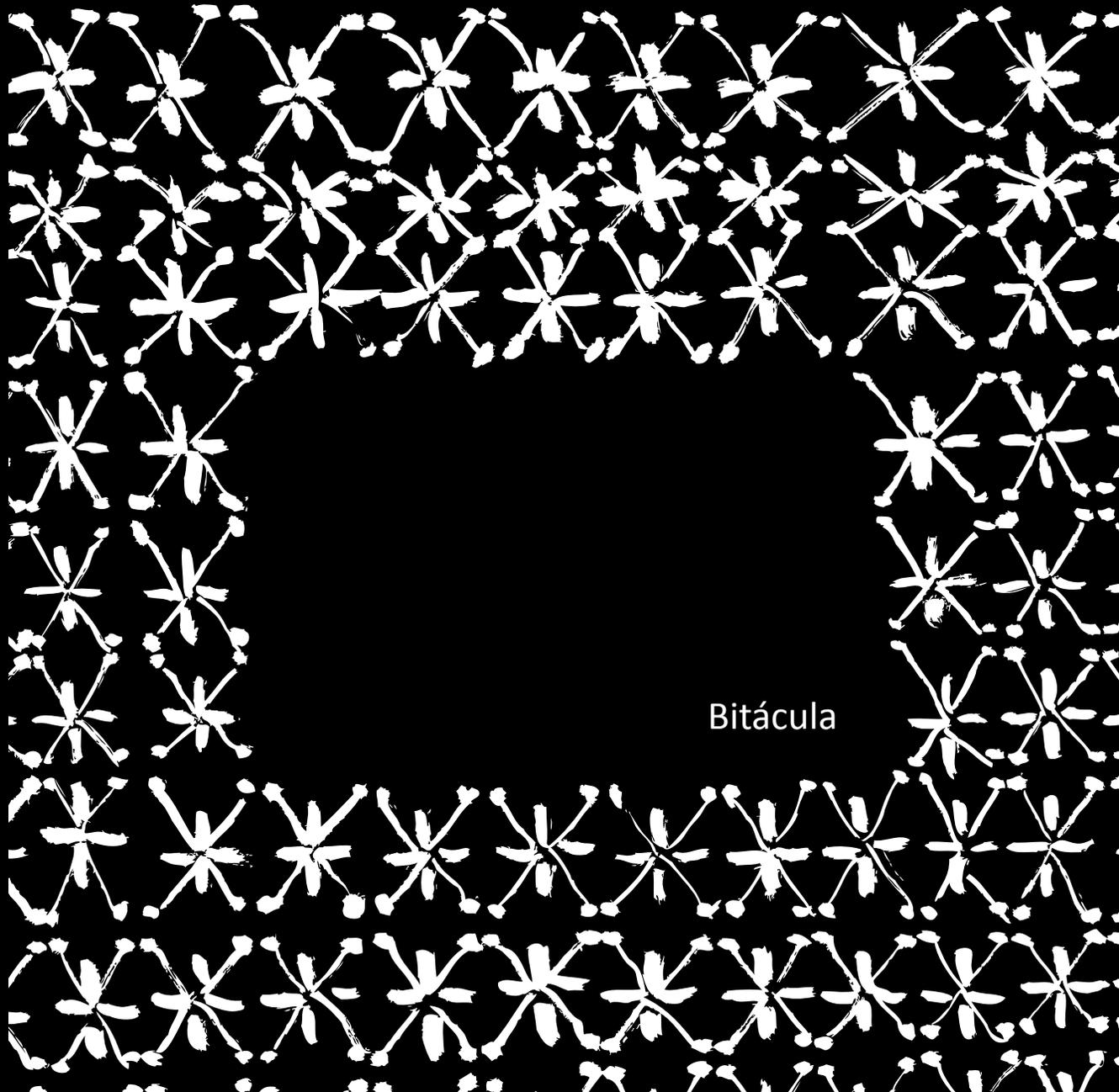
- A maior atleta olímpica brasileira é uma mulher negra, e isso *importa*.
- Representatividade *importa*.
- *Importa* que Rebeca tenha superado dois homens brancos.¹
- *Importa* que ela seja periférica.
- *Importa* porque isso avisa para a gente que, com investimento, se pode conquistar o universo. Imaginem com um monte de investimentos!
- *Importa* o Bolsa Atleta.²
- *Importa* que o Estado ofereça esporte como direito básico universal. E não somente esporte.
- *Importa* ver nossa bandeira acima de duas bandeiras de um país imperialista como são os Estados Unidos.
- *Importa* que Rebeca tenha cantado o hino com orgulho, embora seja o hino de um país que mata o negro diariamente, no ritmo das guerras, um hino que contém nele a denegação: “Dos filhos deste solo és mãe gentil, pátria amada, Brasil”.
- *Importa* que o talento dela tenha se sobressaído, apesar de todas as dificuldades que ela passou.
- *Importa* tudo isso para que a gente se constitua como nação.
- *Importam* as mães pretas, porque sem elas não haveria Rebeca e não haveria Brasil.
- *Importa* a cultura das frestas.
- *Importa* que nós pensemos seriamente a respeito desses graves fenômenos nas instituições e no Brasil.

Obrigada!

Referências

Guerreiro Ramos, A. (1995). *Introdução crítica à sociologia brasileira*. UFRJ. (Trabalho original publicado em 1957)

1. N. da E.: como atleta brasileiro com maior número de medalhas olímpicas.
2. N. da E.: programa governamental de patrocínio a atletas de alto rendimento.



Bitácula



Calibán -
RLP, 23(1),
252-254
2025

Mariana Mantiñán*

A sombra dos objetos

Roberto Huarcaya (Peru, 1959) conduz uma narrativa que se expande para além do fotográfico. O olhar e a escuta que ele desenvolveu, também por meio de sua formação como terapeuta, são postos em ação em seu trabalho como fotógrafo e experimentador. As mudanças de perspectiva e os diferentes jogos na observação do entorno se traduzem em seu trabalho e no percurso que pode ser identificado em sua obra. Um ponto de vista que surpreende por alterar as perspectivas.

Talvez um ponto de ruptura na obra apareça no momento em que ele é seduzido pelo

intangível e estabelece uma aliança com os fotogramas, uma foto sem câmera, num papel fotossensível em que imprime a sombra dos objetos.

É a partir de uma posição particularmente analítica de abertura ao incidente, à surpresa, assumindo a postura de fomentar o inesperado e habitá-lo, que se materializa o cruzamento dessas disciplinas em Roberto Huarcaya. Isso implica duvidar do estabelecido para se pôr num lugar de não saber e manter vivo o exercício da liberdade e da arte.

Parece um jogo com outra forma de *capturar e revelar* objetos. É a captura da imagem numa espécie de câmera sem estrutura,

Roberto Huarcaya

Oceanogramas, olas del Pacífico [Oceanogramas, ondas do Pacífico] (2019). Foto 3. Papel fotossensível, 5 m x 1,10 m.

explorando, ao mesmo tempo, o laboratório de fotografia analógica. Um papel em branco, líquidos, sequências e especialmente uma luz para fazer essa transposição. Huarcaya levou essa bela lógica para outro plano, adentrou na natureza e a convidou a fazer sua parte junto com ele. Um retrato *com* a natureza, afastando-se da ideia de que a “razão de ser da cultura é nos defender contra a natureza”¹ (Freud, 1927/1988, p. 15) e aproximando-se do pensamento do filósofo brasileiro Ailton Krenak (2020): “Não consigo nos imaginar separados da natureza. A gente pode até se distinguir dela na cabeça, mas não como organismo” (p. 58).

Huarcaya desafia a ideia de autoria, abandonando a tentativa de reconhecer o autor da obra; assim, a necessidade de sistematizar uma ordem é descartada diante da imensidão do todo em movimento e colaboração. Num jogo de cocriação, o incerto se revela; embora tudo o que é revelado tenha esse aspecto de surpresa, aqui o inesperado é protagonista e assume um caráter estrutural.

Ao contrário do que acontece com a figura do *trompe-l'œil*,² aqui não há um ponto exato onde situar o jogo do oculto a ser descoberto; tudo é descoberto. O fotograma parece ter algo da descoberta da experiência em cada ângulo.

1. N. do T.: tradução de P. C. Souza. A citação está na p. 246 de: Freud, S. (2014). O futuro de uma ilusão. Em S. Freud, *Obras completas* (pp. 231-301). Companhia das Letras. (Trabalho original publicado em 1927)

2. Técnica artística que procura enganar por meio de efeitos ópticos como a perspectiva, particularmente popular na pintura dos séculos XVI e XVII, e que Lacan (1964/1993) abordou no quadro *Os embaixadores*, de Hans Holbein.

Ele se afasta do imediato e nos convida a abrir espaço para o sensível. O vínculo estabelecido com a peça é o que conforma a peça, o que torna a obra um tipo de *performance*. O movimento parece um fio condutor de todo o processo criativo, no resultado, na montagem e na aposta do encontro do material com esse outro que o percorre. É um convite para travar contato com o movimento enquanto posição inerente ao ser; o estático, por sua vez, não tem lugar, nem sequer como ferramenta de investigação. É uma espécie de dança entre a luz e o movimento.

As sombras dos objetos se transformam em objetos. O fotograma é apresentado, como objeto em si mesmo, numa sala de exposição. O corpo se torna parte dele, a perspectiva deixa de ser uma, e o objeto é habitado ao mesmo tempo que se é habitado por ele.

O percurso proposto por *Calibán* pela obra de Roberto Huarcaya tenta dar conta do trabalho do artista ao longo de seu processo criativo, mostrando seus diferentes momentos e interesses, enquanto dialoga com os textos de *Sedução*.

Neste número, a fascinante obra que ilustra a capa, de *Objetos París* (Huarcaya, 1997), capta a essência dos objetos abandonados pela cidade, que Huarcaya costura com os conflitos em torno da saúde mental e com os seres abandonados que não conseguem satisfazer a demanda atual de utilidade. Ele brinca com os contrastes ao aplicar a lógica da fotografia comercial a esses objetos, conferindo-lhes o tratamento dispensado àqueles objetos que estão no início de sua jornada, mas ressaltando as histórias que trilharam.

Em *Lima la de ayer, la de mañana* [Lima, a de ontem, a de amanhã] (Huarcaya, 1991), onde adquire importância o vínculo com aqueles que serão retratados, apostando na escuta como ferramenta, a presença do protagonista ganha peso em seu olhar: mostra pessoas em seu ofício e, brincando com sua letra de mão, conta um fragmento de cada uma dessas histórias.

A possibilidade de aparecer/ser em outras dimensões é vista numa série posterior, em que

Huarcaya usa a técnica dos fotogramas com referências à fotografia latino-americana. Os fotogramas deixam rastros, são *outra* marca do papel fotossensível. Em *Cuerpos develados* [Corpos desvelados] (Huarcaya, 2017-2021), o trabalho é feito num quarto escuro, emitindo-se três feixes de luz para criar uma única sombra com limites difusos, que ganha *corpo* no plano.

Em *Deseos, temores y divanes* [Desejos, temores e divãs] (Huarcaya, 1990), há uma invasão do espaço analítico, diluindo-se a fronteira analista/analizando, e a repetição é proposta no enquadramento usado nas fotografias, onde o que muda são os personagens, os desejos e os temores. Talvez a armadilha [trampa] agora consista em tentar nos fazer acreditar que o divã é sempre o mesmo, embora a repetição não seja idêntica e as sombras deixadas por nossos objetos o manchem vez após vez, seja qual for o lugar que nos caiba habitar.

Referências

- Freud, S. (1988). El porvenir de una ilusión. Em S. Freud, *Obras completas* (J. L. Etcheverry, trad., vol. 21, pp. 1-56). Amorrortu. (Trabalho original publicado em 1927)
- Huarcaya, R. (1990). *Deseos, temores y divanes* [série de fotos]. <https://tinyurl.com/3wp43jkb>
- Huarcaya, R. (1991). *Lima la de ayer, la de mañana* [série de fotos]. <https://tinyurl.com/mr3dcfn2>
- Huarcaya, R. (1997). *Objetos París* [série de fotos]. <https://tinyurl.com/2xvdaaj6>
- Huarcaya, R. (2017-2021). *Cuerpos develados* [série de fotos]. <https://tinyurl.com/57d488dn>
- Krenak, A. (2020). *A vida não é útil*. Companhia das Letras.
- Lacan, J. (1993). *El seminario de Jacques Lacan, libro 11: los cuatro conceptos fundamentales del psicoanálisis*. Paidós. (Trabalho original publicado em 1964)

Tradução do espanhol: Ricardo Duarte

Autores neste número

David Antolínez Uribe

Psicólogo, Pontificia Universidad Javeriana (PUJ). Mestre em ciências humanas, Universidad de la República (Udelar). Pesquisador independente.

d.antolinez.uribe@gmail.com

María Alejandra Arango R.

Sociedad Colombiana de Psicoanálisis (Socolpsi). Psicóloga e psicanalista. Formada em filosofia e medicina ayurvédica. Entusiasta de artes antigas e iconografia. Tem interesse em trabalhos clínicos, individuais e comunitários. Realiza pesquisas psicanalíticas com foco no desenvolvimento de teorias inclusivas.

regeneravida.mar@gmail.com

Franco Berardi

Filósofo, Università di Bologna (UniBo). Participou em movimentos estudantis e foi membro da organização Potere Operaio. Ensina na Accademia di Brera. Fundador da revista *A/traverso* e da Radio Alice. Últimos livros publicados: *Il terzo inconscio e Disertate*.

franberardi@gmail.com

Alma Bolón

Professora sênior de literatura francesa e professora associada de linguística aplicada, Universidad de la República (Udelar). Autora de obras sobre análise do discurso, estilística e literatura comparada, e também sobre ciências humanas – em particu-

lar, a linguagem e suas obras na dinâmica das sucessivas “reformas educacionais” do neoliberalismo triunfante.

abolon@vera.com.uy

J. Nicolás Cardona-Santofimio

Psicanalista em formação, Sociedad Colombiana de Psicoanálisis (Socolpsi). Membro da Asociación Sándor Ferenczi de Investigación. Psicólogo e filósofo, Universidad de los Andes.

jnicolas_cardona@outlook.com

Wania Maria Coelho

Ferreira Cidade

Sociedade Brasileira de Psicanálise do Rio de Janeiro (SBPRJ). Ex-presidente da SBPRJ. Ex-diretora de Comunidade e Cultura, e fundadora da Comissão de Psicanálise, Racismo e Práticas Antirracistas da Federação Brasileira de Psicanálise (Febrapsi, 2019-2020). Ex-presidente da Federação Psicanalítica de América Latina (Fepal, 2022-2024). Membro do comitê Pace-IPA.

waniacidade@globo.com

Boia Efraime Júnior

Membro fundador do Círculo Psicanalítico de Moçambique (CPM) e da associação Reconstituindo a Esperança. Psicólogo clínico e psicanalista. Doutor pela Universität zu Köln. Interessado na prevenção da violência militar e da violência sexual contra crianças e adolescentes.

boia@post.com

Adela Escardó

Psicanalista em função didática da Sociedad Peruana de Psicoanálisis (SPP). Graduada em psicologia clínica e mestre em estudos teóricos em psicanálise, Pontificia Universidad Católica del Perú (PUCP). Membro do Comité Científico Internacional, Encuentros de Psicoanalistas de Lengua Castellana. Tesoureira da International Psychoanalytical Association (IPA).

adelae@gmail.com

Cassandra Pereira França

Professora titular do Departamento de Psicologia, Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG). Doutora em psicologia clínica, Pontificia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP). Coordenadora do Núcleo de Pesquisas Cavas/UFMG: Estudos Psicanalíticos sobre Violência Sexual contra Crianças e Adolescentes. Membro do Grupo Brasileiro de Pesquisas Sándor Ferenczi e do Instituto Sedes Sapientiae (SP).

cassandrapfranca@gmail.com

Ruben Gallo

Professor da cátedra Walter S. Carpenter Jr. de Letras Espanholas e Latinoamericanas, Faculdade de Literatura, Princeton University.

gallo@princeton.edu

Susana García Vázquez

Psicanalista em função didática da Asociación Psicoanalítica del Uruguay (APU). Mestre em psi-

canálise. Graduada em psicologia, Universidad de la República (Udelar). Ex-presidente da APU. Ex-reitora do Instituto Universitario de Psicoanálisis da APU. Ex-diretora científica da APU. Ex-membro da Comissão de Ensino da APU. Publicou artigos na *Revista Uruguaya de Psicoanálisis*, na *Calibán* e na Asociación Psicoanalítica Argentina. sgarvaz@gmail.com

Constance Keuroglián Gómez
Asociación Psicoanalítica del Uruguay (APU). Graduada em psicologia, Universidad de la República (Udelar). Psicóloga forense do Instituto Técnico Forense (ITF), Judiciário. constancek84@gmail.com

Alicia Killner
Psicanalista em função didática da Asociación Psicoanalítica Argentina (APA). Médica, Universidad de Buenos Aires (UBA). Ex-professora de psiquiatria, UBA. Professora de seminários no Instituto Ángel Garma e no Centro de Estudios José Bleger. Coautora de *Psicoanálisis, ficción y clínica*. Publicou vários artigos sobre literatura e psicanálise. alicia.killner@gmail.com

Jennifer Levy
Sociedad Peruana de Psicoanálisis (SPP). Graduada em psicologia clínica e mestre em literatura hispano-americana, Pontificia Universidad Católica del Perú

(PUCP). Editora da *Revista Peruana de Psicoanálisis*. jenniferlevy@gmail.com

Bruno Paes Manso
Doutor em ciências políticas, Universidade de São Paulo (USP). Professor de jornalismo na Fundação Armando Alvares Penteado (Faap). Jornalista e pesquisador do Núcleo de Estudos da Violência, USP. Autor dos livros *A guerra: a ascensão do PCC e o mundo do crime no Brasil* (com Camila Nunes Dias), *A república das milícias: dos esquadrões da morte à era Bolsonaro* e *A fé e o fuzil: crime e religião no Brasil do século XXI*.

Viviane Sprinz Mondrzak
Psiquiatra e psicanalista em função didática da Sociedade Psicoanalítica de Porto Alegre (SPPA). Professora e supervisora do Instituto de Psicanálise da SPPA. Ex-presidente da SPPA. Ex-diretora do Instituto de Psicanálise da SPPA. Prêmio Fepal 2024. vimondrzak@gmail.com

Tiago Mussi
Sociedade Brasileira de Psicanálise do Rio de Janeiro (SBPRJ). Mestre em psicologia, Université Paris 13. Autor de *O ano em que me tornei psicanalista* (Blucher, 2023). tiagoofranco@gmail.com

Gabriela Pesclevi
Professora na Facultad de Trabajo Social, Universidad Nacional de La Plata (UNLP). Membro da

Biblioteca La Chicharra. Diretora da Biblioteca Central de la Provincia de Buenos Aires. gabrielapeslevi@gmail.com

Jorge N. Reitter
Psicanalista, Universidad de Buenos Aires (UBA). Ex-professor de clínica de adultos, UBA. Ex-professor na Universidad Autónoma de Zacatecas (UAZ). Professor visitante na Universidad de la República (Udelar). Autor do livro *Edipo gay: heteronormatividade y psicoanálisis*. Publicou um livro narrativo, *Mi educación sentimental*. jrreitter@gmail.com

Paulo de Carvalho Ribeiro
Médico e psicanalista. Doutor em psicanálise, Université Paris 7. Professor aposentado do Departamento de Psicologia e do Programa de Pós-Graduação em Psicologia, Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG). pcarvalhoribeiro57@gmail.com

Mónica Santolalla
Asociación Psicoanalítica de Córdoba (APC). Especialista em psicanálise de crianças e adolescentes, International Psychoanalytical Association (IPA). Professora do Instituto de Formación da APC. Coordenadora (2016-2018) de Crianças e Adolescentes da Federação Psicoanalítica de América Latina (Fepal). Ex-presidente da APC (2020-2024). santolallamonica@gmail.com

Jonathan Sklar
Psicanalista com formação independente, British Psychoanalytical Society (BPAS). Ex-consultor do Departamento de Psicoterapia, Addenbrooke's Cambridge. Desenvolveu a Conferência Psicanalítica anual por dez anos na África do Sul, e ensinou psicanálise em Chicago por dez anos. Ex-vice-presidente da European Psychoanalytical Federation (EPF). Ex-membro do board da International Psychoanalytical Association (IPA, 2015-2019). jonathan@sklar.co.uk

Socorro Soberón
Graduada em língua e literatura inglesa, Facultad de Filosofía y Letras, Universidad Nacional Autónoma de México (Unam). Professora de tradução, El Colegio de México. Candidata a doutorado em letras inglesas, Unam. Professora na Escuela Nacional de Letras, Lingüística y Traducción (Unam) e tradutora autônoma. socorrosoberon@gmail.com

Laurent de Sutter
Professor de teoria do direito, Vrije Universiteit Brussel (VUB). Professor de direito internacional e literatura, École de Droit Sciences Po. Pesquisador principal, The Global Center for Advanced Studies (GCAS). Editor chefe de *Perspectives Critiques e Theory Redux*. lidesutter@hotmail.com

Jaime Szpilka
Psiquiatra e psicanalista em função didática da Asociación Psicoanalítica Argentina (APA) e da Asociación Psicoanalítica de Madrid (APM). Membro da International Psychoanalytical Association (IPA). Ex-presidente da APA e ex-vice-presidente da APM. Autor de *Bases para una psicopatología psicoanalítica*, *La realización imposible*, *La cura psicoanalítica*, *Creer en el inconsciente*, *La razón psicoanalítica*, *una razón edípica*, entre outros. jaimeszpilka@gmail.com

Elida Tessler
Artista visual. Foi professora do Programa de Pós-Graduação e do Departamento de Artes Visuais, Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). Doutora em história da arte, Université Paris 1, Sorbonne. Pós-doutorado pela École des Hautes Études en Sciences Sociales (EHESS). Exposições individuais recentes: *Palavrar* (2022) e *Word Work World* (2024), em Porto Alegre. elidatessler@uol.com.br

Adriana Villarreal
Asociación Psicoanalítica Mexicana (APM). Doutora em psicoterapia psicanalítica (APM). Diretora do Centro de Estudios de Posgrado, APM (2020-2024). Criadora e coordenadora do programa Jugar y Criar, em cooperação com a fundação Reinsera, implementado em prisões

com crianças menores de três anos e suas mães (de 2017 até o presente). Cofundadora da Seguridad Afectiva y Vínculos. Prêmio Comunidade e Cultura, Fepal, 2024. adrianav8@gmail.com

Augusto Wong Campos
Graduado em literatura, Universidad Nacional Mayor de San Marcos (UNMSM). Coeditor de *Las cartas del Boom* (2023) e de *Correspondencia* (2024), que reúne as trocas entre José Donoso e Carlos Fuentes. wongcampos@gmail.com



Orientações aos autores

Calibán

Revista Latino-Americana
de Psicanálise

Calibán é a publicação oficial da Federação Psicanalítica da América Latina (Fepal), organização vinculada à Associação Psicanalítica Internacional (IPA). Vem sendo editada de forma regular desde 1994, antes sob o título *Revista Latino-Americana de Psicanálise*.

Sua proposta editorial tem o objetivo de propiciar a difusão e o desenvolvimento do pensamento psicanalítico latino-americano em sua especificidade, bem como promover o diálogo com a psicanálise de outras latitudes. Procura estimular a reflexão e a discussão através da inserção das questões pertinentes à psicanálise nos contextos científico, cultural, social e político contemporâneos. Sua periodicidade é semestral.

Cada número incluirá em seu conteúdo artigos em formato de ensaio, artigo científico, entrevista, resenha ou outros que os editores considerarem pertinentes. A publicação de artigos em *Calibán* não reflete o pensamento dos editores ou sua concordância com os conceitos emitidos, sendo de exclusiva responsabilidade de cada autor ou entrevistado as opiniões constantes em cada um dos trabalhos ou entrevistas publicados na revista.

1. Os trabalhos a serem publicados em Argumentos deverão ser inéditos. No entanto, se os editores os considerarem de especial interesse, trabalhos que já tenham sido publicados ou apresentados em congressos, mesas-redondas etc. poderão ser editados, com a especificação do local e da data originária de exposição.

2. Caso o trabalho inclua material clínico, o(s) autor(es) tomará(ão) as mais estritas medidas para preservar a identidade dos pacientes, sendo de sua exclusiva responsabilidade o cumprimento dos procedimentos para alcançar esse fim ou para obter o consentimento correspondente.

3. Os trabalhos apresentados serão objeto de uma avaliação independente com características do método duplo-cego, feita por pelo menos dois pareceristas do Comitê de Pareceristas da revista, que poderão fazer recomendações voltadas à eventual publicação do artigo. A avaliação será feita com base em critérios parametrizados, e a resultante aceitação, rejeição ou pedido de alterações ou ampliações do trabalho constitui a tarefa dos pareceristas da revista, que remeterão suas sugestões à Equipe Editorial. Os editores definirão, em função da pertinência temática e das possibilidades da revista, a oportunidade da publicação. A equipe editorial se reserva o direito de não tornar públicas as avaliações dos trabalhos recebidos, assim como cabe à equipe editorial a decisão final acerca da publicação ou não de um trabalho, a partir de uma análise criteriosa das avaliações.

4. Os trabalhos deverão estar redigidos em espanhol ou em português. Em casos específicos, poderão ser publicados trabalhos originais em outros idiomas.

5. Deverão ser enviados por *email* aos endereços eletrônicos revistacaliban.rlp@gmail.com e editorescaliban@gmail.com em duas versões:

- a) Artigo original com nome do(s) autor(es), instituição à qual pertence(m), endereço eletrônico (no rodapé da primeira página) e breve descrição curricular em até 45 palavras.
- b) Uma versão anônima com pseudônimo(s) e sem menções bibliográficas que permitam eventualmente identificar o(s) autor(es). Deverão ser eliminadas as referências nas propriedades do arquivo digital que identifiquem o(s) autor(es).

Ambas as versões deverão ter o seguinte formato: documento Word, folha A4, fonte Times New Roman, tamanho 12, entrelinha dupla. Nenhuma das versões deverá exceder 5.500 palavras. Seções específicas da revista poderão incluir um número menor de palavras.

6. A bibliografia, que não será considerada na extensão máxima de palavras permitida, deverá ser apenas a imprescindível e ajustar-se às referências explicitadas no texto. Todos os dados de referência das publicações citadas serão incluídos, com especial cuidado de esclarecer quando se trata de citações de outros autores e de ser fiel ao texto original. A bibliografia e as citações bibliográficas se ajustarão às normas internacionais da American Psychological Association, disponíveis em <https://normas-apa.org/wp-content/uploads/Guia-Normas-APA-7ma-edicion.pdf>.

7. Também se anexará um resumo na língua original do artigo, redigido em terceira pessoa e de aproximadamente 100 palavras, junto à sua tradução para o inglês.

8. Deverão ser acrescentadas na língua original do artigo e em inglês, palavras-chave do Tesouro de Psicoanálise da Asociación Psicoanalítica Argentina, disponível para consulta em <https://www.apa.org.ar/Media/Files/alfabeticosimple>.

Caso o trabalho seja aceito para publicação, o(s) autor(es) deverá(ão) assinar um formulário de autorização mediante o qual cede(m) legalmente seus direitos. Pela mencionada cessão, ficará proibida a reprodução escrita, impressa ou eletrônica do trabalho sem autorização expressa e por escrito dos editores.

Uma vez que o artigo tenha sido aprovado para publicação, o autor terá o prazo de 30 dias para enviar sua tradução para o inglês, caso tenha interesse em participar da edição *online* da revista.



Calibán

Revista Latino-Americana
de Psicanálise

Agradecimientos

Julia Alonso (APU)
Alejandro Beltrán (SPM)
Luis Bibbó (APU)
Guillermo Bodner (APMadrid)
Alberto Cabral (APA)
Victoria Cane (APC)
Arnaldo Chuster (SPRJ)
Teresa Ciudad (SPP)
Gley Silva de Pacheco Costa (SBPdePA)
Gladys Franco (APU)
Carlos Frausino (SPBsb)
Gabriela Gadea (APU)
Marta Labraga (APU)
Alicia Leisse de Lustgarten (SPC)
Marion Minerbo (SBPSP)
Oscar Paulucci (APA)
Beatriz Pereira (APU)
Aurora Polto (APU)
Ema Ponce de León (APU)
Cristiane Paracampo Blaha Rangel (SBPRJ)
María Luisa Silva Checa (SPP)
Marcelo Toyos (APA)
Débora Regina Unikowski (SPRJ)
Laura Verissimo (APU)
Yubiza Zárate (ASOVEP)

Argumentos: **Sedução**

Fora de Campo

O Estrangeiro

Vórtice: *Infâncias roubadas*

Incidente: *A potência da sedução*

Dossiê: A palavra

Extramuros

Clássica e Moderna

Artista: Roberto Huarcaya



Calibán

Revista Latino-Americana
de Psicanálise

